

Luisinho Fávero
Organizador

Poesias

Juiz de Fora
Editor
2019

Copyright by © Pe. Luisinho Fávero (Org.)
2019

Capa

Márcia Rosário

Dados internacionais de catalogação na publicação

F272p

Fávero, Luisinho

Poesias / Pe. Luisinho Fávero. Org. Juiz de Fora: Olps Gráfica,
Volume 3, 2019.

ISBN: 978-85-7851-253-8
488p

CDD B869

CDU 82-1

Todos os direitos reservados

Poesias no Lampadário

Colaborador

Pe Luis Antônio Baldi Fávero

INTRODUÇÃO

A Diocese de Juiz de Fora, desmembrada da Arquidiocese de Mariana – MG, no ano de 1924, na pessoa do 1º Bispo, Dom Justino José de Sant’Ana, teve a grande preocupação de comunicar-se entre os trâmites eclesiais e com a sociedade em geral.

No ano de 1926 foi criado, entre os 04 (quatro) grandes tesouros diocesanos, o Jornal “O Lampadário”. Este foi editado semanalmente até o ano de 1969, todavia no Arquivo Arquidiocesano faltam alguns números. Havia uma grande diversidade no noticiário: eram notícias da Igreja Particular, nacional e internacional. Bem como, existiam notícias da sociedade de Juiz de Fora e de todas as regiões.

Diante do “O Lampadário”, em muitas pesquisas realizadas, por ser um pesquisador, deparei-me com muitas poesias e escritos de cunho poético. Comecei a folhear o semanário e lia uma poesia aqui e outra ali. Na sensibilidade percebi o grande valor daqueles escritos. Terminando uma das pesquisas que estavam em meu projeto, resolvi folhear as páginas do Jornal e fazer o recorte das poesias, colocando-as num conjunto que abaixo está à disposição. A tudo dei o nome de ‘Poesias’.

As “Poesias”, esta pesquisa aqui exposta, tem o objetivo de ser divulgada e conhecida pelos amantes de poesias ou mesmo pelos pesquisadores. Elas estarão à disposição de quem quiser manuseá-las, desfrutando deste grande número de belos escritos. Em momento algum, esta coletânea foi constituída para ser divulgada com a finalidade financeira, sobretudo, porque, existem algumas poesias que são de escritores conhecidos. É apenas uma forma de divulgar o material existente no Jornal Diocesano para futuras pesquisas.

Finalizo esta minha pesquisa com o intuito de abrir páginas deste livro, ou mesmo do Jornal “O Lampadário”, para que exista continuidade neste trabalho. As portas para a pesquisa estão abertas. Bem como para os amantes de poesias é oferecido uma grande coletânea de poesias para ser saboreado.

Padre Luisinho Fávero
01.11.2018

. Ano I, 07/11/1926, nº 37, página 02

A MINHA OFERTA

A Sua Exa. Revma. o Sr., D. Sebastião Leme.

Era uma vez um rei que ia declarar guerra:
Queria conquistar a seu Deus toda a terra...
Lança bandos, pregões, por todos seus estados,
Afim de convocar em legiões os soldados.
Junta seus generaes;
Abre seus estaleiros,
Abre seus arsenaes...
As machinas de guerra
Fazem tremer a terra...
Resôam fanfarras, trombetas, clarins,
E o rei pregoa seus planos, seus fins...
Em meio do marcial e bellico apparatus
A filhinha do rei traz a seu pae – num acto
De puro amor filial e puro amor divino –
Tudo quanto ajuntou num cofre pequenino...
É bem pouco, porém com que prazer o dá!
Pensa que só com isso a guerra se fará!...

Sois vós, meu caro pae, o rei dos misiionários:
Quereis por modos vários,
Plantar por toda a terra o estandarte da Cruz.
Ganhar o mundo inteiro ao amor de Jesus.
Eu sou a filha
Que se humilha...
Trago-vos, meu bom pae,
Um óbolo... Acceitai!
O que eu quizer dar só meu Jesus conhece,
Elle que lê n'alma e que ouve a minha prece.
Ai! pelo meu Jesus, por minha Fé querida
Quizer dar meu sangue a minha própria vida!

M. D.

Vocação quase perdida

I

Ouvindo attento os Santos chamamentos
disse: “falaê, Senhor” – qual Samuel,
E, sempre, ao deparar impedimentos,
eu te escutav, oh! Grande Emmanuel!

II

E dentro d’alma um delicioso mel,
- a crença – eu jamais tive pensamentos
que tão cedo transformassem em fé!
estes meus castos risos, e em lamentos!

III

A mesma voz tornei a ouvir – “Confiança”!
“a escura trilha hás de seguir tristonho...
“Aquelle que em mim crê e espera, alcança.

IV

“E quando ouvires minha porta abrindo,
“dentreas penumbras vesperaes de um sonho
“alegre, então, despertarás, sorrindo...

Um bom christão

I

Caminhava aos domingos mais de légua
Cumprir da Igreja o alto preceito,
um bom velho, no dorso de uma egua,
feliz, voltando com Jesus no peito.

II

Foi nesse heroico labutar, sem trégua
q um belo dia, disse satisfeito:
- “Vossa doutrina, ó meu Senhor, eu prego-a
“e escuto-a com aor e com respeito.

III

“E ditoso serei, quando julgado
“por Vós, que o premio daes ao que o merece
“e o castigo applicaes ao condemnado...”

IV

“Hei de seguir-vos, com sinceridade
“e hei de incensar-vos com minha prece
Hoje e, ó Senhor, por toda eternidade!...”

SOU EU MESMO

. *Ano II, 17/04/1927, nº 59, página 01*

A lampada

Sentinella velando, sem cessar,
Á porta de Jesus na Eucharistia;
Companheira do sol durante o dia
De noite, companheira do luar!...

Olhar da treva, accêso na bugia,
Caindo terno, em cheio, sobre o altar!
Estrella dos Reis magos a guiar
A humanidade ao culto de latria!

Ó lâmpada bem dita do sacrário,
Derrama dentro d'alma o clarão!
Ah!... quanta gente que entre no sanctuario

Co'a lampada da fé na escuridão!...
A lâmpada é semáphoro de luz,
Guiando as multidões para Jesus!...

Conego Marcolino Dantas
Bahia, Seminario, 10 de julho de 1925.

Maio

Maio sorri... A terra redimida
Em flôres e perfumes refloresce
Cada jardim é uma oração florida;
De cada flor exhala olente prece.

É o incenso do amor que a Mãe querida
A natureza em galas, oferece
É o cântico da luz, o hymno da vida
Que o sol lhe entoa e os corações aquece.

Ó Virgem! ao calor de teu carinho!
Quanta flor desabrocha no caminho!
Quanta luz, quanta paz, quanta alegria!

A quantas almas, Mãe, que dor tortura
Trazes o sol de uma alegria pura,
De teu amor e célica harmonia!

F. M.

O MEZ DE MAIO

Já ameiga os céos a doce primavera,
Já veste os bosques, esparzinho odores
Repinta a Veiga das mimosas flores,
Que a algente neve desbotára austera.

Cantam os organs orações sinceras
No ledro tempo que evapora odores,
E a natureza ao côro dos cantores
Responde em hymnos que, espontânea, gera.

Porém minha alma jaz em duro inverno,
No inverno cru da tibiez que gela
O amor do peito para o bem mais terno!

Oh! vem Maria! Tu serás, Donzella,
Tu hás de ser, oh! Virgem Mãe do Eterno,
Desta alma fria a primavera bella!

D. AQUINO CORRÊA

. Ano II, 05/06/1927, n^o 66, página 03

O SACERDOTE

Ao Exmo. Mons. J. de Barros

Desvelado cultos em seu jardim,
Cuidadoso das flôres no alcor,
Ora quer uma rosa aqui dispor,
Ora tece a grinalda do jasmim.

Leva dias e noites sempre assim
Descuidado de si, seja onde for;
É a flor seu encanto, seu amor,
O seu rico thesouro, vida, emfim.

Faz o mesmo também o sacerdote,
Quando quer em nossa alma cultivar
Da virtude o casto myosote.

Trabalha carinhosos, sem cessar,
Pedindo que mais alvo o lírio brote,
E faz dos corações um níveo altar.

SEPOL

AOS SEMINARISTAS

“Gigante do porvir, ó mocidade”
“Armar-vos de virtude e de saber”
O mal haveis, por certo, de vencer,
Levar dentro do peito a caridade!...

Aqui, ali, no campo ou na cidade,
Onde vos chame o brado do dever,
Na dor sereis a fonte do prazer,
Tereis por guia o facho da verdade!...

Alegre e venturosa caravana
Nas solidões do velho seminário,
Lá fora é a miragem deshumana.

Que perde o caminho do santuário;
Por pouso a cella vale uma choupana,
Vale oásis o pouso do sacrário!...

CONEGO MARCOLINO DANTAS

. Ano II, 19/06/1927, n.º 68, página 03

A MINAS GERAES

Nobrememente, invocando o Todo Poderoso
De Minas a Constituição,
Proclama que da Fé o sacrosanto gozo
Há no mineiro coração.

Tiradentes queria estampar da bandeira
Da Patria livre que sonhou
O emblema da Trindade, a que a terra mineira
Sempre devota se mostrou.
A modéstia, a lhaneza, a constancia, a prudência,

São predicados que produz
De minas o ambiente e que formam a essência
Dos bons soldados de Jesus.

A Minas, venha, pois, do Senhor o reinado!
Mineiros, Minas transformai
Num cimo, por clarões do Céu iluminado
Como o Thabor, como o Sinai!

Afonso Celso

Á MINHA MÃE

Quer viva alegre, quer me punjam dores
Jámais esqueço minha mãe querida
Pois trago dentro de mim, como esculpida,
A imagem della ornada de fulgores.

E, de continuo mysticos ardores,
Se eleva aos Céos minha alma enternecida,
Pedindo a Deus que lhe prolongue a vida
E lhe conceda sempre seus favores.

E quando eu vou rezar á Virgem pura,
Sucede que seu nome me mistura
Ás minhas preces com frequência tanta,

Que eu temo, ás vezes, não se manifeste
Enciumada a minha Mãe celeste
Do grande amor que tenho áquella santa.

Pe. A. Thomaz.

. Ano II, 26/06/1927, n° 69, página 02

A Oração

Escada de Jacob ao céu alçada
Com degrãos que parecem de velludo,
Por onde, sem rumor, nossa alma a miúdo
Afflicta sobe... e desce conformada.

Podem todos subir por essa escada,
Mesmo o pequeno á frente do graúdo;
Lá em cima há remédio para tudo,
Não há dor que não seja lá pensada.

Uns sobem carregados de virtudes,
Os juro dos talentos recebidos;
Outros descem ... chorando em alaúdes.

A perda de seus días mal vividos.
Nesse livro – a oração – mesmo os mais rudes
Apprendem a calar os seus gemidos.

CONEGO MARCOLINO DANTAS
Seminário, 12 de abril de 1927.

. Ano II, 03/07/1927, n° 70, página 02

AS TRES VIRTUDES

Todas três são irmãs insepareveis,
Jovens, gentis, de cândida pureza;
Não há virgens mais puras do que as mesmas,
Nem quem lhes leve a palma na belleza!

A primeira, de rosto alegre e meigo,
Segura a cruz que traz sempre a seu pé;

Para o christão é symbolo da crença
E seu nome fagueiro é este: - Fé!

A segunda, de olhar terno e severo,
Qual piloto em tempo de bonança,
Segura sempre um'ancora, que traz,
E tem o doce nome de – Esperança!

A terceira, risonha como um lírio,
Singela e grave como uma saudade,
Numa das mãos segura um coração,
Que é figura do amor; - é a Caridade!

Pe. M. M.

. Ano II, 10/07/1927, n° 71, página 02

Aos pés de Cristo Crucificado **SANTAS RESOLUÇÕES**

Para alcançar a paz que tanto aneio,
Dulcíssimo Jesus, que hei de fazer,
Si vae o mundo de maldade cheio?
- Calar e soffrer.

E quando força injusta me assoberba
Nem me deixa, um instante, em paz viver,
Que remedio me dás á dor acerba?
- Calar e soffrer.

E si vier do Céu ferir-me o açoite,
E for o mesmo Céu surdo ao gemer.
Às dores da alma em tenebrosa noite?
- Calar e soffrer.

E si a calumnia vil, com seu veneno,
Da vida me tirar todo o prazer,

Como farei para seguir sereno?

- Calar e soffrer.

E si, por me calar, o mundo ingrato
Mais abusar de mim, mais abater,
Que farei ao julgar-me de insensato?

- Calar e soffrer.

Essa é, meu Jesus, vossa doutrina.
O Vosso exemplo assim nol-o faz ver;
Vejam no sacrário como ensina.

- Calar e soffrer.

E, nesse amor imperturbado asylo,
No vosso coração quero viver
E, dentro d'elle, saberei tranquillo
Calar e soffrer.

. *Ano II, 10/07/1927, n° 71, página 03*

Aos pés do tabernaculo

Que silencio, Senhor, profundo, doce e raso
Impera aqui no templo. Ah! dá que eu entre. Venho
De inhospitas regiões, ínvias, combustas. Trago
Nos hombros a sangrar um ominoso lenho.

Da paz sou o peregrino. Estólido, preságo,
Busquei-a ora na sciencia e ora no amor. Mas tenho
E dolorosa e rude e atrocemente pago
Esse gesto fatal e de empenho.

Eis-me a teus pés, alfim, lívido, nu, faminto,
Débil de um caminhar, incerto assim e vario;
Na mente extincta a luz e o amor no peito extincto.

Na calma deste templo augusto e solitário
Repousa emfim minh'alma. A paz (o vejo, o sinto)
Aqui é que se encontra aos pés do teu sacrário.

Pe. Nestor Alencar.

. *Ano II, 07/08/1927, n° 75, página 02*

Sabei soffrer

Ao santo espírito do Exmo. e Revmo. sr. Bispo de Juiz de Fóra

Oh, martyres do mundo: a vossa cruz,
Que tão pesada achaes, em larga estrada,
É um pedaço do lenho de Jesus!
Um pedaço, sem cravos e mais nada!

Vos revoltaes contra o que vos conduz,
Da salvação, em tão suave escada,
Onde cada martyrio augmenta a luz
De um céu que desabrocha, em alvorada.

É grande a vossa dor, fitae o céu,
Com pura fé em Deus, pura, sem véo!
E vereis, entre estrellas, balbuciando,

O grande Deus que para o céu envia,
Almas, que preces fazem n'agonia,
D'aquelles que com o céu morrem sonhando!

Juiz de Fóra , 15 – 12 – 1926.

THOMAZ FIGUEREDO.

. Ano II, 14/08/1927, n° 76, página 02

Conversão de um ateu

Sonha que vae morrer, grande tortura!
Quer salvar-se, não resta uma esperança,
Em espiraes se estorce, não descansa,
Porque no inferno avista a sepultura.

Grande afflicção, tão grande desventura,
Vendo a terra fugindo, na esquivança,
Estampidos, fumaça, o inferno lança,
Dos bocejos do diabo p'ra alma escura

Pede a Deus a salvação o moribundo,
E um filhinho que mal conhece o mundo,
Breve prece, entre risos, balbucia.

E o ateu desperta em prantos, convertido,
Vendo o filhinho, seu, enternecido,
Entre risos, rezando Ave Maria.

THOMAZ FIGUEREDO.

. Ano II, 28/08/1927, n° 77, página 02

Porque não sou triste

Ao meu grande amigo, snr. Henrique de Sá Miranda

Sorvo a taça da dor indifferente
Bem como aspiro as auras da alegria;
Nada me priva de viver contente,
Pois sei que ao nada hei de volver um dia.

Prefiro o goso e nada espero crente
Nos grandes braços da philosophia;

E o Grande Deus e Deus sempre me guia
Transpondo tudo que me fica á frente.

Calumniado, não maldigo a sorte
E sigo o meu destino satisfeito
E abraço a infâmia que não fere ao forte.

Que na treva do mundo friorento,
Por mais que nos prometta a vida incerta
Nunca chega a valer um soffrimento.

THOMAZ FIGUEREDO.

. *Ano II, 04/09/1927, n° 78, página 02*

A VIDA

*Ao meu presado e digníssimo chefe, Exmo. Sr. Dr.
Arthur Napoleão Gomes*

Vamos envelhecendo, o tempo corre
Num fozoso corcel desenfreado,
Deixa tudo esquecido no passado
Dentro do esquife da illusão que morre.

Sem saber do futuro o que discorre,
Vemos a sorte num sonhar dourado
E seguimos talvez um desgraçado
Junto a benedicta fé que nos soccorre.

Assim vamos na estrada da incerteza
Ao lado da esperança abençoada
Cumprir a triste lei da natureza
E quando a morte chega indesejada,
Quer seja rico ou pobre sem defesa
Na cova tudo cae desfeito em nada!

THOMAZ FIGUEREDO.

. Ano II, 18/09/1927, n° 80, página 02

Saudade á beira do mar

Vae-se sumindo a vela alva de neve
Pomba celeste em solidão marinha
E minh'alma tristonha se definha
Ante as lembranças que as saudades escreve.

Recordo-me de ti, princeza minha,
Na esperança de ver-te dentro em breve
E na vaga ou no céu lento se aninha
Triste rumorejar de um sonho leve

Ausente diz-me um echo do horizonte
E uma tristeza vem curvar-me a fronte
Neste abysmo sem fim de soledade

E a scismar e a soffrer só n'um desejo
Eu vivo e penso que te vejo
Escutando a surdina da saudade!

THOMAZ FIGUEREDO.

. Ano II, 02/10/1927, n° 82, página 01

HYMNO DOS FOOT-BALLERS

O mundo é um “ground”, e do homem a vida
É um “match” entre os “team” do bem e do mal;
O seu coração é igual bola batida,
“Shootada” por um ou por outro rival.

Sus jovens! ao campo, ao “match” da vida,
Athletas do “team” do bem contra o mal;
Avante, campeões! Já sorri-nos na lida

O “goal” da Victoria do nosso ideal.

Embalde o inimigo nos “soota” e convida
Ao torpe “offside” do erro fatal,
Oh! nunca jamais nossa alma trepida!
Bafejam-n’ a os louros da gloria immortal.

A nossa bandeira é bandeira querida
Que cifra os lauréis do valor nacional;
A nossa esperança é na Cruz lá erguida,
Que borda de luz o nosso céu tropical.

Sus, jovens! ao campo, ao “mach” da vida,
Athletas do “team” do bem contra o mal;
Avante, campeões! Já sorri-nos na lida
O “gool” da victoria de nosso ideal.

Dom Aquino Corrêa
Da Academia Brasileira de Letras

. *Ano II, 23/10/1927, n° 85, página 02*

Águia ferida
Á memória de meu pae

Foste na vida esbelta águia da serra,
Que deseja se alar muito p’ a cima,
Gosar de larga vista e novo clima
Mais salubre e agradável que o da terra.

Porém, da parca o dardo sorratoiro
Feriu-te bem de cheio o coração...
Cahiste nobremente em duro chão,
Exhalando o suspiro derradeiro...

De triumpho serás á deusa astuta,
Se ufana de ferir os mais ousados,
E é a águia real morta na luta!...

Feliz porém, na gloria dos amados
De Jesus, não terás nova cahida,
Pois, p'ra sempre serás na eterna vida.

Seminário de Juiz de Fóra, 12 – 10 - 927

J. ARAUJO.

. Ano II, 30/10/1927, n° 86, página 02

O Christo Redentor

Á noite, debruçado na janella,
Olhar vagando incerto no horizonte
De Juiz de Fóra, procurando o monte
Em que Jesus se pôz de sentinella,
Scisma na minha alma, a contemplar o Christo
Surgindo solitário da montanha,
Que o homem fez, cyclopica peanha,
Donde reina e por todos sempre é visto.

Extasiada, asisim fica em hora quieta,
Minh'alma sonhadora de poeta,
Que o Christo, rei da paz ama e adora

Parece então a estatua, silhueta,
De Deus cortando as settas, toda hora,
E, em flor de graça, atira em Juiz de Fóra.

Seminário de Juiz de Fóra, 16 – 10 - 927

J. ARAUJO.

. Ano II, 06/11/1927, n° 87, página 02

Supplica
À Exma. Sra. D. Maria Cândida da Silva

Ave Maria,
Santa das Santas
De graças tantas
Divina luz.
Aos peccadores
Salvae agora,
Nossa Senhora,
Mãe de Jesus

Oh, mãe de Deus,
Luz da esperança,
Tão forte e mansa
Que ampara e guia
Ao rude, cego
Sem cruz, sem nada,
Mostrae-lhe a estrada,
Santa Maria.

Qual mariposa
Que a luz offusca,
Morre e não busca
Uma outra via,
Assim aos cegos
Sem oração
Dae-lhes a mão,
Santa Maria,

O pensamento,
Bem como as flores
Cheias de odores,

Na lama cae.
E o homem blasphema
Por um martyrio,
Foge em delírio
Do Eterno Pae.

A dôr o sopra
Da luz p'ra longe,
Nem vê que o monge
Tudo supporta,
Desmudo, ás setas
E o olhar fixo
No Crucifixo,
Que lhe conforta

Dae-nos o pallio
De uma oração
E a salvação,
Celeste guia,
P'ras nossas almas,
Ao céu voando,
Irem cantando:
Ave Maria.

Juiz de Fóra, 1 de Novembro de 1927.
THOMAZ FIGUEREDO.

. Ano II, 20/11/1927, n° 89, página 02

O ceguinho

Que voz celeste, doce, e tão sentida
Lhe sae do peito ao pobre do ceguinho!
Dúzias de jovens chegam de mansinho
A ouvir o canto da “illusão perdida”.

Que sympathy no seu olhar sem vida,
Que melodia nesta voz de anjinho
A cantar ao ar livre, no caminho,
O “Bimbalhar de Nupcias” lá na ermida.

Contrasta a voz alegre e prazenteira
Com o olhar velado, inquieto, e a girar;
Os andrajos, co’a loira cabelleira.

Sua idade, da aurora o despontar,
A sina que carrega da cegueira,
São dois mares, abysmos a sondar.

Seminário de Fora de Fóra, 31 – 10 - 927.
J. ARAUJO.

. *Ano II, 27/11/1927, n° 90, página 02*

A D. Guilherme Muller

De jubilo transborda o Seminario
Em receber o nobre visitante.
Que traz a fronte unguida e no semblante
Amigo, a paz alegre do seminário.

É grande o prazer. Jovens estudantes,
Mas de corações quentes, palpitantes,

Se sentem captivos
De terem a dita
De vossa visita.
Qual a flor mimosa
Grácil e olerosa
Que afagada, solta

O perfume doce
No que está em volta
Tal queria fosse
Nest' hora fagueira
Num todo reunidos,
Botões escolhidos
Os Seminaristas,
Que em vós põem as vistas.

Então vereis com certeza agora
Transbordar de perfume este recinto,
Espalhar-se também á porta a fora
Para melhor provar o que eu vos pinto.

Seria perfume o nosso canto,
O nosso viva, forte e tão fremente
Que aos céus se erguendo, subiria tanto
Que attingiria os pés do Omnipotente.
E das alturas, logo em ricochete
Seria arremessado á vossa mão
Transformando num bello ramilhete,
Symbolo do amor de jovens - em botão

*(Poesia feita e recitada por ocasião da visita do Exmo. e Revmo. Sr.
Bispo de Barra do Pirahy ao Seminario Diocesano de Juiz de Fóra.*

Seminário de Fora de Fóra, 11 – 11 - 927.

J. ARAUJO.

. Ano II, 04129/1927, n°918, página 02

FERIAS

Uma por uma as aulas se findaram
Um por um acabaram-se os exames,
E os alumnos alegres se preparam

P'ra voar ao regaço das famílias.
Vão partir para as férias tão ditosas,
A fruir do lar paterno as alegrias,
A rever as famílias já saudosas,
E gosar as delicias do lazer.
Com frouxo, poeirento viandante,
Que, em meio de esfalfante caminhada,
Descansa, depois segue mais adeante
Até ver alvejar o quieto lar,
O estudante um fim tem a conquistar.
Na mente um futuro sorridente
Desde agora começa a se mostrar:
Parece-lhe da rota ver o fim.
E depois dumas longas caminahdas
De dez meses contínuos de fadigas,
As forças corporaes já alquebradas
Um repouso e quietude estão pedindo.
Oh! férias, férias, lindas e queridas
Quão breves e velozes que vós sois!...
Mas neste breve tempo as perdas tidas
Em um anno de estudo reparaes.
Sois, qual rocio benéfico e vital,
Que sobre a terra secca á noite cae,
Sumindo á luz do sol matutinal,
Morrendo, mas á terra dando viço.
Sois férias, como aurora orvalhada
Que, como chega, logo se dissipa:
Nunca importuna, sempre desejada,
A todos agradando, nunca farta.
Férias! sede bemvindas!

Seminário de Fora de Fóra, 19 – 11 -1 927.

J. ARAUJO.

. Ano II, 11/12/1927, n° 92, página 01

**Dedicada ao 12 deste, anniversario natalício de S. Exa.Revma.,
Sr. D. Justino de sant'Anna, DD. Bispo de Juiz de Fóra**

Trabalha o clero inspirado
Para ver Juiz de Fóra,
Como um sorriso de aurora,
Cheia de bênçãos, de luz,
Pregando, para que os crentes,
Da peleja no calvário,
Não deixem o extraordinário,
O santo nome Jesus!

Que este nome é a via-lactea,
Proctetora em toda a treva
Do peccador que se eleva,
Chamando sempre por Deus;
Que, no escavado da vida,
Em vez de espinhos, as flores,
Brotando, cheias de odores,
Annullam martyrios seus!

Oh irmãos, nesta jornada,
Cedei ao destino, ao guia”
Lembrai-vos de que Maria,
N’uma lagrima de dor,
Os olhos, ao céu volvendo,
Sem um grito, sem um ai,
Aos pés de seu Filho cae
Pelo nosso Redemptor,

Dando o maior dos exemplos,
Fonte de bênçãos, de luz,
Não se revoltou com a cruz
Que os hombros de Deus calcou.
E Jesus, resignado.
Soube soffrer com Maria,
Para nos dar a alforria
Que na morte conquistou.

Juiz de Fóra, 10 de dezembro de 1927.
THOMAZ FIGUEREDO.

. Ano II, 18/12/1927, n° 93, página 02

A canícula da estrada

Ao trote cadenciado do Cavallo,
No rythmico tic-tac sonoro e brando
As horas voam, a estrada vae ficando,
E o solo geme ás patas a pisal-o,

O céu sem nuvem, limpo, o sol sem halo,
A descoberto, sempre caminhando,
Exhausto pára o viajente, quando em quando,
Buscando sombra e lympha nalgum vallo.

E queima o sol, cadinho da inclemência,
Queima, queima sem dó viajor e estrada,
Faz tremer o ar, tão forte a sua essência.

A Mantiqueira vê-se enfumaçada,
Também Ella a tremer, dá apparencia
De cahir – é miragem e mais nada.

Palmyra, 7 de – 12 – 1927
J. ARAUJO.

PALMYRA AO LONGE

Como é atroz a dor, demais pungente,
O ver-se o bem e tel-o a dous passos,
A estender-nos carinhoso os braços
Sem que possamos dar um passo em frente.
Que o diga tântalo, que o diga a gente,
Que, tendo perto a fonte, caem lassos,
Sem beber, sem vencer esses espaços,
Quanto mais curtos, ferem mais à mente.

Que eu o diga, distante de Palmyra,
Deste ninho tecido nas montanhas,
Onde o goso sorri, o amor suspira.

Quanto mais perto a sinto, mais as sanhas
Fazem-me pensar longe, longe estar,
Longe fugindo, fuge com meu lar.

Seminário de Juiz de Fóra, 20 – 11 – 927
J. ARAUJO.

. Ano III, 11/03/1928, n.º 104, página 01

MEU DIVINO PASTOR (A propósito do Evangelho do passado domingo).

Bom Jesus, amador das almas puras,
Bom Jesus, amador das almas mansas!
De Ti vêm as serenas esperanças,
De Ti vêm as angélicas doçuras.

Em toda parte vejo que procuras
O pecador ingrato, e não descansas,
Para lhe dar as bem-aventuranças
Que is espíritos gozam nas alturas.

A mim, pois, que de magua desatino,
E, noite e dia em lagrimas me banho,
Vem abrandar o meu cruel destino.

E, terminado este degredo estranho,
Tem compaixão de mim, Pastor Divino,
Que não falte esta ovelha ao teu rebanho!

JOSÉ ALBANO.

. *Ano III, 15/07/1928, n.º 122, página 03*

O LAR DOS POBRES

Ao Excellentissimo Sr. D. Justino José de Sant' Anna,
Preclaro Bispo de Juiz de Fóra,
homenagem do povo de Lima Duarte.

Branca, do alvor da neblina,
Que os altos visos encobre,
Nesta ridente collina,
Levanta-se o lar do pobre.

É a casa da caridade
Mansão de amor e ternura,
Donde jorra claridade
Do Bem sobre a vida escura.

É dos céos, na terra, um canto;
Arca celeste, perdida
Sobre o dilúvio do pranto
Das amarguras da vida.

Templo de todas as crenças,
É nelle que Deus habita,
Por entre as naves immensas
De uma bondade infinita.

Aqui, irmãos, todos falam
A mesma língua em sentidos,
Gementes ais, que se exalam
Dos lábios em fel ungidos.

Virão aqui numa faina
Bôas mulheres piedosas,
Com **dê**dos de sêda e paina
Tocar as carnes chagosas.

Anjos de olhar que irradia,
Baixando as azas serenas,
Deixaram na terra, num dia,
O arminho das brancas penas.

*

E hora nesta collina alveja o grande templo,
Que a caridade erguem como um formoso exemplo,
De fraternal amor
Virão bater-lhe á porta os malaventurados,
Os que vão pela vida em fora, recurvados
Sob o peso da dor

E a porta compassiva á magua dolorada
Sobre os gonzos rangendo, há de dar-lhes guarita
Contra as lufas do mal, ...
Há de abrir-se, franqueando aos órfãos da ventura
A cathedral do amor, em cujo altar fugura
Um círio divinal.

Esta é a mansão do Bem, jardim no qual floresce,
Pelo pranto orvalhado, o roseiral da prece,
Que sobe aos pés de Deus ...
Edifício de pedra, em cada pedra vibra
De um crente o coração, que pulsa, fibra a fibra,
Desmentindo os atheus!

Que importa o refervor, lá em baixo, das misérias?
O insensato folgar das paixões deleterias,
 Revolvendo os paúes;
Se a alma daqui fitando a luz dos céos, radiosa,
Em doce paz repousa, á sombra carinhosa
 Dos braços de uma cruz?

A cruz de Christo, em cujo olhar divinizou-se
A lagrima do Bem, num brilho suave, doce,
 Dos mysticos clarões...
A cruz de Christo, o meigo, o emblema da Bondade,
Que passou pela terra, o amor, a caridade,
 Pregando aos corações.

Jesus! O templo teu é nesta Casa Santa,
E delle a prece ungida e toa se levanta
 Num effluvio aromal;
Daqui aos céos se alteia a luminosa escada
Que as almas leva á Crença, á rutila alvorada
 Da esperança immortal.

Sua mansão do amor, aos naufragas da sorte,
Pelo oceano da vida, errantes e sem norte,
 Almo conforto dás;
Aqui, novo vigor recobra o enfermo peito,
E a alma, que vem fugindo ao vendaval desfeito,
 Encontra a doce paz

Na horrenda bacchanal da horrenda força bruta,
Nessa noite do mal que a Humanidade enlucta,
 Com o mais sinistro véo,
Conforta o ver brotar dentre escombros de ruínas
A flor – *Piedade* – a flor de pétalas divinas,
 Que nos fala do céo

Bemdicto seja, pois, o nobre sentimento
Que actuou nos corações, erguendo o monumento
 Que nos deslumbra o olhar!...
Bemdicta seja a mão que, num gesto amável,
Desparge a esmela a lux, no anseio insaciável
 De dar e sempre dar!

Pedro Mendes da Paz.
Lima Duarte, 10 de julho de 1928.

. *Ano III, 22/07/1928, n.º 123, página 02*

Saudação

Soneto recitado pela alumna Celeste Gouvêa
na festa de aniversário natalício da Irmã
Adelaide Andrade, directora do Collegio
De Marianna, em 31 – V – 928.

Feliz quem, pela vida, em meio dos espinhos
Da maldade, pelustra e colhe sempre flores,
Olhos fitos além, nos vivos esplendores
Do céu, onde almas sãs encontram seus arminhos.

Feliz quem, desde o berço, aos gosos seductores
A virtude, apurada em celestiaes cadinhos,
Oppõe, e ao soffrimento alheio, em mil carinhos
Se desfaz, em lenir do pobre as agras dores.

Feliz sois, a grande Mãe e Mestra sempre amiga,
Porque feito de amor é vosso coração,
Que somente bondade a mais sincera abriga.

Por isso, neste dia, a todas nós loução,
Na alegria sem par que as almas nos colliga,
Respeitosa acceitai a nossa saudação.

CARMO GAMA.
Rio Novo, maio de 1928.

. Ano III, 02/09/1928, n° 126, página 02

AS TRES AVES
Ao meu ilustre amigo, professor Lindolfo Gomes

Quando Deus fez o mundo, a immensidade,
Três aves sacudiu ás virações:
A Fé, a esperança e a caridade
Para irem pousar nos corações.

Uma adeja, indecisa, entre os abrolhos,
Onde esmolam na dor filhos sem pão,
Onde não vão da fidalguia os olhos,
Onde o orgulho não leva o coração.

É bem capaz que esta ave, muito em breve,
Da impiedade rompendo o negro véo,
Desprese o mundo e suba em voo leve
Para ir pousar nas roseiras do céu!

THOMAZ FIGUEREDO.
Juiz de Fóra, Agosto de 928.

. Ano III, 23/12/1928, n° 142, página 01

Os magos em Belém

Alegre festa vai por toda a aldeia;
No lar brilha o amor, por neste dia
Vermos Jesus, de goso a alma cheia,
Recostado nos braços de Maria.

Sobre o presépio estrella peregrina
Vertendo luz, as palhas torna de ouro;
Dos Reis a fronte ante Jesus se inclina;
Nas tenras mãos depõem-lhe o seu thesouro.

Para a Jesus cantar a creançada
Em divino louvor a língua solta;
De instrumentos sonoros à toada
Vai repetindo da cantiga a volta.

Na pessoa dos Reis, a Deus seu preito
Rende cada nação, junto com ellas
Dás, Brasil, a Jesus tributo acceito
De tuas adorações não menos bellas.

Do redemptor os povos junto ao throno
Todos a Fé professam, sem differença:
Não póde haver entre mortaes entôno,
Unidos entre si na mesma crença.

F. de U. S. J.

SANTO NATAL

Roseo menino,
Feito de Luz,
Lirio Divino,
Santo Jesus!

Meu cravo olente,
Côr de marfim,
Pobre innocente,
Branco jasmim!

Entre as palhinhas,
Pequeno amor,
Das creancinhas
Tu és a flor.

Cabello loiro,
Olhos azues...
És meu thesouro,
Manso Jesus!

Estrella pura,
Santo pharol,
Flôr de candura,
Raio de sol...

Dá-me a esperança
Num teu olhar,
Loura creança,
Me ensina a amar.

Senhor formoso
Cheio de luz,
Jesus piedoso,
Meu bom Jesus.

Como eu te adoro,
Pequeno assim!
Jesus, eu choro,
Tem dó de mim.

No doce encanto
De um riso teu,
Jesus tão Santo,
Leva-me ao céu!

Em ti espero,
Mostra-me a luz...
Leva-me, eu quero
Ver-te, Jesus.

AUTA DE SOUZA.

. Ano IV, 03/03/1929, n° 152, página 03

SAUDANDO

Hoje é o dia feliz do anniversario
Dos dois irmãos que eu saúdo agora.
Um, é de Juiz de Fóra o Seminario,
Fonte de luzes nascida em boa hora.

O outro, é o “Lampadario”,
Que, pelejando pelo mundo afora,
Como um fiel e bem hebdomadário,
Vae levando a semente que vigora.

Ambos trabalham e seguem o itinerário,
Traçado por Jesus no breviário,
Que o sacerdote, recolhido, ora.

Sejam, pois, sempre, sempre abençoados
No descanso ou na lucta bons soldados,
É isso que minh’alma a Deus implora.

ECILA PESSOA.

. Ano IV, 21/04/1929, n° 159, página 03

Saudação feita as Irmãs Servas de Maria pelo Director do Grupo Escolar de Lima Duarte por ocasião de entregar as mesmas, as chaves da Santa Casa

Boas Irmãs, archanjos de Bondade!
Que pela selva escura
Da vida caminhaes, os lyrios de ternura
Esparzinho por sobre a humanidade!...
Ancillas do Senhor.
Que através os penhaes.

Da Blasfemia do mal dos uivos de rancor
Atravessaes
Como visões do Bem, levando á Treva immensa
O luar da crença
O clarão da Bonança
A branda luz etheréa
Que faz brotar nos chãos da Miseria
O lótus da Esperança!...
Núncias do Bem, do Amôr, da caridade
De par em par as portas da cidade
Abertas são.

Entrae!... O vosso lar é o coração.
Deste povo que, em meio anhélos suaves
Ora nas vossas mãos depões as chaves
Da nossa e vossa Santa Casa
Casa de Deus, Palacio das Virtudes,
Erecto da eminência,
Onde não chega a vasa
Das intrigas do Mal dos ludrosos paludes.
Singello o Templo, mas que importa á essência
Seja a urna de barro, ou de christal?
Aqui perenne divinal
Numa harpa eolea tange a mão de Piedade
O cântico dos céos o psalmo – Caridade
Jesus sublime Evangelisador
Da renuncia do amor
Do summo bem da perfeição – Jesus!
Que a estrada do Martyrio perlustrando
Até chegar á Cruz
Jamais de peito brando
Uma palavra de ódio ou maldição
Escapar deixastes!!...
Oh! tu que acrisolastes
Na flamma irial do teu Sagrado Coração

O mais formoso ideal, a mais pura doutrina!
Jesus!... Fonte divina
D'agua excelsa da vida!
Jesus!!!...

Ao pé da tua Cruz
Confiante, agradecido,
Minha alma agora se prosterna
E dos lábios. Sem resabios
De hypocresia, ou gesto contrafeito
Aos céos superna
De humilde humano Preito
Remonta a prece ardente
A supplica fremente:
Jesus acolhe sob os braços teu divino
Esta mansão amada;
Faze-a medrar Senhor, a luz dos christalinos
Ideaes que o mundo tu trouxeste
Faze-a celeste
Na Missão sagrada
De repartir o Bem com todo ser humano
Como mo fasia outro'ora o bom Samaritano.

. Ano IV, 28/07/1929, n° 173, página 01

Ser vicentino
HYMNO DOS SOCIOS DA SOCIEDADE
SÃO VICENTE DE PAULO
Letra do Dr. Otavio F. de Mello

Ser Vicentino é, na vida,
Imitar a S. Vicente:
A consolar quem soffre,
A esclarecer o descrente.

CORO

Quando, contente, preciso

O lar do pobre transpor,
Levo commigo o sorriso
Da Caridade e do Amor;
Entrevejo o Paraiso,
Pois, da Fé o resplendor,
Na choupana quem diviso
É Jesus, o meu Senhor!

Ser Vicentino é ter a alma
De verdadeiro Christão
Levando aos lares mendigos
A Fé, a Esperança e o pão.

Ser Vicentino é ter dotes
De Justiça e Caridade
Par, com Jesus, sorrindo,
Consolar a humanidade.

Ser Vicentino é ao pobre
Saber como se consola,
Espargindo meigamente
As flôres santas da esmola.

Ser Vicentino é a volúpia
De uma alma serena e pura,
Florindo o seu sacerdócio,
Com prodígios de ternura.

Ser Vicentino é uma gloria
Em pleno mundo attingida,
Que nos perfuma a existência
E nos dulcifica a vida.

Ser Vicentino é por certo
A mais completa ventura,

Que, neste Valle de pranto,
Pode ter a creatura.

Ser Vicentino é ter posse,
Com segurança e verdade,
De um passaporte eficiente
Á Eterna Felicidade.

Sendo assim, ó Deus bondoso,
Ó Senhor do meu destino
Faço solenne promessa
De sempre SER VICENTINO.

RIO - 1928

. Ano IV, 18/08/1929, n° 176, página 03

Ave Rex

... E, depois das denuncias mais injustas
Das pseudo-testemunhas conjuradas,
Dos ludíbrios, escarneos, bofetadas,
Em faces divinaes e tão augustas,

Inda não satisfeitas do ódio as custas,
Um velho manto às costas flagelladas
Mais um sceptro de canna ás mãos atadas
E uma c'rôa impuzeram mãos robustas;

Emquamto o grupo ardendo de prazer,
Recurvava-se, no irônico, a dizer:
“Ave, rex judaeorum – salve, rei!”
Já crestes na zumbaia ou distincção
Do detractor hypocrita? Ilusão...
Pois era o simples “Ave, rex!” – sabeí.

PADRE J. SEVERO.

. Ano IV, 20/10/1929, n° 185, página 03

Janua Coeli

Quanta vez a nortada da desgraça
Empola o mar sereno de nossa alma,
Em marulhos, que a fé, por mais que faça,
Bruxoleia, medrosa e não acalma!?!...

Quanta vez o Ideal, então, se embaça
Como o sol, num poente, que se espalma
Fagulhado de sombras... e se amordaça
A razão com os sophismas da desc alma!?!...

E, quando a crença, então, já combalida,
Moribunda, nas vascas da agonia,
Parece aniquilar-se abandonada...

No profundo vazio desta vida
O céu se abre nos olhos de Maria
E desce a paz em rutila rajada...

H. J. Hargreaves.

. Ano IV, 03/11/1929, n° 187, página 02

Maria Mãe de Deus

Maria, mãe de Deus, dos christãos,
Abençoe quem soffre e triste chora
Rogae pelos afflictos n'essa hora;
Iris celeste, com vossas puras mãos
Afastae-as dos males vis pagãos.

Mesmo no erro que o mundo explora
Ãcias bem sentem elles, oh Senhora!
E não são maus, e são nossos irmãos.

De mil apenas um, mais desgraçado,
Encontra-se no inferno condemnado.

Dos outros, porem, do seu passado,
E depois de arrependidos do peccado,
Uma esperança sois, flor de Sião,
Salvae-os, Mãe de Deus e dos christãos

Juiz de Fóra, 31 de outubro 1929
Ecila Pessôa.

. *Ano IV, 08/12/1929, n° 191, página 02*

A Virgem da Conceição

Maria, boa Mãe, quanta ternura
Não tem teu doce, teu materno olhar!
Enche de soes a noite mais escura,
Muda em prazer o mais atroz pesar,
Maria, boa Mãe, Mãe de ternura!

O coração que em ti tem confiança,
Não teme as amarguras desta vida,
Pois vive enflorescido da esperança
Na celeste ventura promettida
Áquelles que em ti, mãe, tem confiança

Por isso, neste tétrico momento,
Atravessado pela Humanidade,
Todos temos poisado o pensamento
Em ti, celeste Mãe, cuja bondade
Conforto nos será neste momento

Acceita, Mãe, de nosso coração
A ardente prece neste lindo dia
Da tua Immaculada Conceição:
E faz para sempre fugidia
Toda a magua do nosso coração.

BENTO ERNESTO JUNIOR.

. *Ano IV, 26/01/1930, n° 198, página 02*

A morte que passa

A morte, acompanhando a victima indefesa,
perambula na rua, envaidecida e ufana...
Vão, com ella, formando uma trindade arcana.
a Saudade, o Pavor e a fúnebre Tristeza...

Não blasfemeis, mortaes, contra essa audaz tyranna,
si Ella vos trouxe, um dia, uma fatal surpresa,
- porque, na sua faina, eternamente accesa,
não poupando ninguém, - Ella é mais que humana.

E Ella, grave e solenne, á frente do ataúde,
onde a Saudade se debruça soluçando,
passa, com o septro á mão, nimbada de proeza...

Mas, (ai! della!...) – depois, lembrando o golpe rude,
Parece Ella ficar, com remorso, chorando
por sobre a lapida da victima indefesa...

BLAIR DE ABREU.

. Ano V, 20/04/1930, n° 210, página 03

Dialogo

- Porque desceste, bom Jesus, ao Mundo?
Quem a tal passo te obrigou, Senhor?
A levantar do pântano profundo
A miséria lethal do peccador?

A feridas ungir, sanar a dor
Do triste cego, do leproso immundo;
Tantos milagres do divino amor,
Amor santo infinito, sem segundo?

- Cumprira-me vencer o mal, o Inferno,
E tomar posse do meu reino eterno
Pelo supplicio redemptor da Cruz.

Eis que venci! E agora te convido
A receber o nupcial vestido
No banquete sem fim da eterna luz.

HERCULANO HORTA.

. Ano V, 27/04/1930, n° 211, página 01

DEUS

Quer nas águas de nin lago crystallino,
Quer nas ondas revoltas do alto mar,
Nos suspiros do vento matutino,
E das aves no terno pipilar.

Como na anciã, na dor, no desatino
Em que vejo o perverso agonisar,
Ou nas maguas acerbadas que o destino
Não se esquiva de ao justo reservar.

Noto em tudo um poder supremo e nobre
Uma força divina que dirige
Os destinos do rico e ampara o pobre...

Logo, há um Deus! negue embora o tresloucado
Porque a voz do remorso á noite o afflige,
Nas ciladas do goso e do peccado...

OSCAR PINHEIRO

. *Ano V, 25/05/1930, n° 215, página 02*

Maio

Bello mez de Maria, do ver-te entre os primores
Da pompa que te envolve em galas ideaes,
Eu penso que tu és, ó bello mez das flores,
Um sorriso de Deus aos míseros mortaes!

Encerras a belleza augusta, os esplendores
E o mystico dulçor d'aurora aromaes;
Evola-se de ti, em ondas de fulgores,
Um vago, estranho odor de flóridos rosites.

Trazes contigo o esmalte, a tinta inimitável
Que tem a primavera, a quadra incomparável
De castas illusões, de luz, de paz, de amor.

E como que sorri ao coração da gente
A claridade azul do céu resplandecente
Deste risonho mez de maio encantador!

LEODEGARIA DE JESUS

. Ano V, 29/06/1930, n° 220, página 02

Sonho de junho

Há dias, sonhei
Com um rei mui formoso
Suspenso do chão.
Seu manto era um sol,
Brilhante, radioso,
Com grande clarão.

Do seu coração,
Maior do que o mundo,
O sangue corria.
Depois, gotta a gotta,
No seio profundo
Das almas, cahia.

Um grande tremor
Senti, n'esse instante,
Em todo o meu ser.
Banhou-me uma gotta
Febril, palpitante,
Pensei de morrer.

E Ella, aumentando,
Cresceu, fez-se lago,
De balsamo e flôr.
Senti as delicias
De um celeste afago
Repleto de amor.

Depois, acordando,
Olhei a imagem
Do doce Jesus.

O Seu coração
Me trouxe a miragem
Do sonho de luz.

Que grande consôlo
Que paz, que bonança,
Até mesmo os sonhos
Contêm esperança
De fé e perdão.

ECILA PESSOA

. *Ano V, 13/07/1930, n° 222, página 02*

Memorare

Lembraí-vos, doce Mãe, terna Maria
Que nunca foi porvós, desamparado
Quem vosso auxílio e maternal cuidado
Com fé vos implorou, como devia.

Nesta esperança, que me atenta e guia,
Venho buscar, de culpas carregando,
Refugio e proteção contra o peccado,
Em vosso brando seio, ó virgem pia!

Não aparteis a luz benigna e pura
Dos vossos meigos olhos protectores
De quem, to confiado, vos procura.

Pois essa luz de radiações serenas
Não sómente dissipa os meus temores,
Mas em goso converte as minhas penas.

PE. ANTONIO THOMAZ.

. Ano V, 20/07/1930, n° 223, página 01

Maria Auxiliadora

Minha Nossa Senhora Auxiliadora,
Mãe de misericórdia e de perdão,
Sê, por piedade, a minha protectora,
Nas amarguras deste mundo vão.

Em minha alma teus zelos enthezoura...
Nunca ouvistes meu pobre coração,
E fulge, sempre, ó luz consoladora,
Em meio ás trevas que a envolvendo estão.

Ó milagrosa virgem de D. Bosco,
Ouve a supplica humilde, o verbo tosco
De um frágil peccador, misero réo...

Acompanha na vida o meu fadário
E seja, á hora da morte, o teu rosário
A escada augusta que me leve ao céu!

MARIO DE LIMA

. Ano V, 27/07/1930, n° 224, página 01

S. Vicente de Paulo

Consagrava á pobreza amor profundo,
Era do pobre o balsamo, a esperança
Foi uma estrella que nasceu na França,
Para ensinar a caridade ao mundo.

Nunca tivera a mínima esquivança,
Para levar consôlo ao moribundo.

De sua alma pura, o luminoso fundo
Era feito de amor e de bonança...

Tomemos de Vicente o exemplo nobre:
Dêmos o pão! A esmola não neguemos!
Soccorramos, por Deus, á gente pobre!

Enxuguemos o pranto da irmandade!
E, sem cessar, modestos, espalhemos
Por toda a parte a luz da caridade!

. *Ano V, 03/08/1930, n° 225, página 02*

Renuncia

Renunciar. Todo o bem que a vida trouxe,
Toda a expressão do humano soffrimento,
A gente esquece assim como se fosse
Um voo de andorinha em céu nevoento...

Anoitece de súbito. Acabou-se
Tudo... A miragem do deslumbramento...
Se a vida que rolou no esquecimento...
Era doce, a saudade inda é mais doce.

Soffre de animo forte, alma tranquilla.
Resume na lembrança de um momento
Teu amor. Olha a noite: Ella scintilla

Que o grande amor, quando a renuncia o invade,
Fica mais puro, porque é pensamento,
Fica muito maior, porque é saudade.

Olegário Marianno

Ano V, 17/08/1930, n° 227, página 01

A esmola

Dar esmola não é lançar sómente
Algum dinheiro ao pobre desgraçado!
Não é só mitigar-lhe a fome ardente,
Cobrir-lhe o pobre corpo esfarrapado!

Quantas vezes se póde, facilmente,
De um triste coração aniquilado,
Consolar a amargura e a dor pungente
Que lhe tortura o seio atribulado!

Um sorriso piedoso de ternura,
Um olhar de bondade e doçura,
Quando bem faz á mente dolorida!

Como o sol, entre as nuvens, fulgurante,
Uma palavra amiga e confortante
Traz a luz entre as trevas desta vida!

. Ano V, 12/10/1930, n° 235, página 01

PRECE

Minha Nossa Senhora do Rosario,
Padroeira divina do meu mez!
Si eu tiver de subir algum Calvário,
Ajuda-me na minha pequenez.

Minha Nossa Senhora do Rosario,
Ao pé do teu altar, hoje me vês.
Espalha o teu poder extraordinário,
Transforma em força a minha timidez.

O meu destino em tuas mãos deponho.
Si tu quizeres, tornarás risonho
O caminho da vida que me alargas.

Escuta a prece, que te faço agora:
Não me ponhas na mão, Nossa Senhora,
O rosário das lagrimas amargas.

LOLA DE OLIVEIRA

. Ano V, 26/10/1930, n.º 237, página 01

Santa Ignez

Como um lírio que nasce entre os espinhos,
Assim surgiste, ó cândida donzella,
E tua alma de luz, radiosa e bella,
Floriu por entre as urzes do caminho.

Do esposo divinal entre os carinhos
Entreabriu-se a virginal umbrella
De tua alma em botão, doce gazella
Que teu pouso fizeste entre os arminhos!

Foi um sorriso meigo de candura
A tua vida angelical e pura,
Mimosa e terna, perfumada flor!

E sorridente feliz entre as torturas,
Antegosando as célicas doçuras
De teu profundo e divinal amor!

. Ano V, 02/11/1930, n° 238, página 01

À VIRGEM DE LOURDES

Saúde dos enfermos, Mãe piedosa,
Esse teu doce olhar, tão complacente,
Volve a nós, nesta vida tormentosa
E dá-nos força ao coração doente!

Tu que foste sem mancha, ó Mãe formosa,
E que vês a miséria repellente
De nosso pobre ser, Virgem bondosa,
Dá-nos a luz do teu olhar clemente.

A lucta é forte e no lidar renhido
Ensanguentado e triste, mal ferido,
O coração te invoca com fervor.

Cura-lhe a chaga e dá-lhe, ó Mãe querida,
Dá-lhe o pão da Verdade e água da Vida
Em teu materno e compassivo amor!

. Ano V, 09/1/1930, n° 239, página 02

SER PAE

Ser pae é ter um peito generoso
Capaz de se immolar pelo Dever,
E se julgar feliz, ser orgulhoso,
Sentindo o próprio sangue reviver...

Ser pae é achar o céu sempre formoso,
Reflectido nos olhos de outro ser!...
Não desejar na vida maior goso
Do que vê-lo cercado de prazer!...

Ser pae é querer bem á Natureza
Que, corporificando o pensamento,
Nos faz reviver um mundo de belleza!...

É colher mais um grão de perfeição...
É ter, quer na alegria ou no tormento,
O cérebro ligado ao coração!...

Ricardo Azevedo

. *Ano V, 16/1/1930, n° 240, página 01*

SER MÃE

Ser mãe é ter no peito, transbordando,
Toda a ternura, todo o sentimento;
Viver ora sorrindo, ora chorando
Um misto de prazer e soffrimento!...

É passar a existência procurando
De outro ser, afastar qualquer tormento.
Sempre attenta, jamais se descuidando
Um instante sequer, um só momento!...

É padecer, se acaso elle padece...
É ter a sorte d'elle á sua unida,
Soffrendo dôr talvez que não merece!...

É lembrar-se, fazendo-se esquecida
É ter sempre nos lábios uma prece...
N'uma vida viver mais de uma vida!...

Ricardo Azevedo

. Ano V, 30/11/1930, n° 242, página 01

Á MINHA MÃE

Eu, minha Mãe, que, neste mundo,
Colhi sómente venenosas flores, inteiro,
Quero, a teu lado, amigo e verdadeiro,
Seguir-te os passos, mitigar-te as dores.

Quero dormir um somno derradeiro
Na mesma campa em que dormir tu fores,
Ser teu fiel, teu certo companheiro
Neste paiz de sombras e pavores.

É que eu, oh! minha Mãe e meu carinho,
Bemdigo a mão que em minha estrada planta
Fundos pesares do mais fundo espinho,

Só por sentir que me perfuma e encanta,
- Única rosa aberta em meu caminho –
O teu amor de Mãe piedosa e santa.

Paulo Setubal

. Ano V, 07/12/1930, n° 243, página 01

CHRISTO CRUCIFICADO

(A Sta Thereza de Jesus)

Não me move, meu Deus, para querer-Te
O Céu que a mim, por premio, hás promettido,
E nem me move o Inferno tão temido
Para deixar, por isso, de offender-Te.

Tu me moves, Senhor, move-me ver-Te
Pregado n'uma cruz e escarnecido,

Move-me ver Teu corpo tão ferido
E a alma mais ferida perceber-Te.

Move-me, enfim, o amor, de tal maneira,
Que, si Céu não houvesse, inda Te amára,
Te temêra si Inferno não houvera.

Nada tens que me dar por que te queira
Pois si o que espero, Amôr, não esperára.
O mesmo que Te quero te quizêra.

Ibelagar Senlar

. Ano V, 14/12/1930, n° 244, página 02

Amor de Mãe

Dois filhos ao collo, sorridentes,
Cada um descansando em cada braço...
Bemdito amôr que em tão pequeno espaço
Abriga dois destinos innocentes!...

São milagres maternos transcendentés,
Dois filhos, um só leite, o mesmo laço;
Aquecem-se ao calor do mesmo abraço,
Com direitos iguaes ambos contentes!...

E tão felizes como eu nunca vi!
Até julgam que o mando acaba ali!
Nem mais á larga se sentiam bem:

De certo, porque a Patria sem barreiras,
Sem guarda, sem muralhas, sem fronteiras,
Foi sempre o coração da nossa mãe!...

Martha Mesquita da Camara

. Ano V, 21/12/1930, n.º 245, página 01

Ao Divino coração

Andou num coração batendo, porta em porta,
E não pode encontrar abrigo protector;
Mas agora, aos teus pés, de nada mais me importa,
Pois és, de agora em diante, o meu único amor.

A beleza é de um dia e, de tarde, eil-a morta,
Como lá no jardim a mais bonita flor;
Mas tua formosura eterna nos conforta
E tu és da beleza o divinal primor.

O beijo da paixão deixa amargoso travo...
Oh dá me de teu beijo o dulçoroso favo,
Esse beijo de amor, de paz e de perdão.

Não quero mais trilhar a estrada percorrida...
És todo meu amor, meu bem e minha vida,
Pertenco só a ti, Divino Coração.

Pe. José Landim

. Ano V, 18/01/1931, n.º 249, página 01

Velhinha

Religiosa, enrugada e tremula velhinha
Que as contas do rosário andas triste passando,
De ti as illusões vão todas se afastando
E a morte ao teu encontro apressada caminha!

Teu coração vasou todo o bem que continha
De sonhos, de esperança e risos borbulhando,
É um sacrário fechado; e vive recordando

Talvez um grande amor que dantes entretinha.

Sinto ao te ver assim, caminhando aos arrancos,
Uma piedade imensa e um breve impulso louco,
De ir um beijo depor em teus cabelos brancos;

É porque no teu vulto eu julguei ver, a medo,
A imagem fiel, de quem me amparou por tão pouco,
De minha pobre Mãe, que se findou tão cedo.

J. J. Guimarães

N. SENHORA APARECIDA

Virgemzinha, pequenina, moreninha,
Do Brasil padroeira milagrosa,
Quanta veneração, quanta Fé ardorosa.
Dos Teus múltiplos fiéis o peito aninha!

A minha vida errante de andorinha
Deu-me a ocasião, a sorte venturosa,
De poder admirar a fervorosa
Devoção que inspiras, Celestial Rainha.

Si as almas simples (as que Deus prefere)
Quando o infortúnio cruel as fere,
Em Ti procuram refugio protector,

O *espírito forte*, a quem a dor maltrata,
Torna-se simples, e com angustia trata
De obter também Teu magnânimo favor.

Reynaldo de la Paz

. Ano V, 25/01/1931, n° 250, página 01

Contrição

Qual peregrino que em tormentosa noite escura
Procura,
A senda que o conduza a um Templo de piedade
E caridade,
Minh'alma immersa num chãos de negrura
E amargura,
O caminho busca, com afan, com ansiedade,
Da VERDADE.

Mas em vão minha mente n'esta empreza,
A FÉ despreza,
Pois como o Príncipe Hamlet, quanto mais medito
No Infinito,
Tanto mais meu espírito se abysma na tristeza
Da incerteza;
Forçado, emfim, a dirigir-me a Ti, Oh! Deus bemdito!
Tudo contrito.

Reynaldo de la Paz

. Ano V, 01/02/1931, n° 251, página 01

ORAÇÃO A S. MATHEUS *AO RVDO. PE. GUSTAVO FREIRE*

Evangelista esforçado,
Que em crentes tem transformado
Innumeraveis atheus,
Não deixes que arteiramente,
Escureçam minha mente,
Do peccado os negros véus,
Divino S. Matheus!

Tu que a tantas criaturas,
Nas Sagradas Escrituras,
Mostraste a senda dos Ceus,
Mantém minha Fé ardorosa
Para que assim seguir possa
Os santos exemplos teus,
Divino S. Matheus!

E quando na hora da morte,
De animo sereno e forte,
Dê ao mundo o supremo adeus,
Confio na Tua clemência
Me encomendes ao Bom Deus,
Divino S. Matheus!

Reynaldo de la Paz

. *Ano V, 08/02/1931, n° 252, página 01*

Paradoxo

A existência se afirma num vagido...
Ao vir ao mundo o homem vem chorando:
E o ser inconsciente, protestando
Já, talvez, contra o mal de ter nascido.

E, no entretanto, (assim é a vida) quando
Sente chegar o fim, desiludido,
Já mais de um moribundo tem sorriso
Serenos, a Morte, impávido, encarando.

Esse mesmo que chora, pequenino,
Na previsão fatal do seu destino,
Mais tarde, a rir, a Morte desafia...
Certo é – (e a causa disso não deslindo) –
Que, si a Vida sem sempre acaba rindo,

Sempre é chorando que ella principia.

HORACIO GUIMARAES

. *Ano V, 22/02/1931, n° 254, página 01*

CHUVA DE ROSAS

Bem dita sejas, Santa Therezinha
Do Menino Jesus, - tão caridosa,
Que, desde a infância, foste a linda Rosa
Do céu, que as bênçãos de Jesus continha!

Venho a teus pés, - linda santinha,
Alma grata, feliz, esperançosa,
Agradecer-te a fôrma milagrosa
Com que me escutas, na desgraça minha.

Com teu suave amor, que se insinua
Por toda parte, a conduzir a Deus,
Como nuvens de Rosas lá nos Céos.

Oh! Santa Therezinha, continúa
Com teu Amor e a caridade tua
A proteger-me e a proteger os meus.

SOUZA E SILVA

. *Ano VI, 15/03/1931, n° 249, página 01*

DESPEDIDA

Já vou deixar a terra amiga e boa;
Onde encontrei hospitaleiro abrigo.
O meu adeus nestes versos,
A gratidão, porém, irá commigo.
 Não sei se volto, e por isso eu digo

A toda a gente o que sinto agora:
Parto, levando um tão grande magua,
Parto, deixando o coração que chora!

Qual peregrino sem um pouso certo,
De plaga em plaga, de velhice perto,
Vejo passar a minha vida assim.

Por isso peço ao Redemptor que ainda
Eu possa vir a esta terra linda,
Pois nella eu quero repousar por fim.

ALICE FONSECA

. Ano VI, 19/04/1931, n.º 262, página 01

Supplica á Virgem

Lyrío sidéreo, emblema da pureza,
Consolação dos tristes como eu,
Tu, que és a Estrella de grandeza
Cuja aureola deslumbra lá no Céu,

Na Terra foste a imagem da tristeza
Pela dor que teu Filho padeceu;
Supportaste dos homens a crueza,
Quando o meigo Jesus na cruz morreu.

Pois bem, Senhora! agora eu te imploro
Por todo esse martyrio que deploro,
Indulgencia e piedade para mim.

Meu rosário de lagrimas vertidas
Tem-me aberto no peito mil feridas
E preciso o tem amparo, p'ra ter fim.

J. MONTEIRO GOMES

. Ano VI, 14/02/1932, n.º 304, página 01

Mater Dolorosa

Ó todos que sabeis o que é tristeza
E andaes em busca da illusão perdida,
Tende pena da magua sem medida
Numa alma contra as dores indefesa.

Olhae quanta afflicção, quanta aspereza
A Virgem casta conheceu na vida,
Estando ao Filho eternamente unida
Só no divino e puro amor accêsa.

Vêde esse piedoso sofrimento
E acompanhae Maria no seu pranto,
Que eu mesmo os próprios males não lamento.

Ouvi-lhe a doce voz no templo santo,
Pois nunca houve martyrio tão cruento,
Nem coração que padecesse tanto.

JOSÉ ALBANO

. Ano VI, 21/02/1932, n.º 305, página 01

ACTO DE CARIDADE

Djalma de Andrade

Que eu faça o bem, e de tal modo o faça,
Que ninguém saiba o quanto me custou.
- Mãe, espero de ti mais essa graça:
Que eu seja um bom sem parecer que sou.

Que o pouco que me dês, me satisfaça,
E se do pouco mesmo, algum sobrou,
Que eu leve esta migalha onde a desgraça
Inesperadamente penetrou.

Que a minha mesa a mais tenha um talher
Que será, minha Mãe, Senhora Nossa
Para o pobre faminto que vier.

Que eu transponha tropeços e embaraços,
Que eu não coma sosinho o pão que possa
Ser partido por mim em dois pedaços.

. *Ano VII, 06/03/1932, n° 307, página 01*

Nas paginas de Goffiné

Já estaes tão velhinho e amarrotado
ó caro Goffiné de minha irman!...
mas te conservo sempre idolatrado
para as preces da noite e da manhan.

Preciosa lembrança ... Do passado
tu recordas-me a quadra mais louçan,
e o olhar de minha mãe, immaculado.
e o riso virginal de minha irman.

Quando íamos nós, os três risonhos,
á igreja de Deus de quando em quando,
quem é que te levava nos caminhos?...

eis porque, tuas paginas abrindo,
penso vêr minha mãe por mim rezando
penso ver minha mãe sempre sorrindo.

DOM AUGUSTO ALVARO.

Ano VII, 02/04/1932, n° 311, página 02

COMPENSAÇÃO

Rigberto de Almeida

Foi em dia de luz que me encontrei;
Foi um dia de sol que eu te encontrei;
Eu não te conheci, mas tu me amaste
Depois te conheci, mas não te amei.

Mas amor puro que És, me segredaste
No ouvido, a voz do amor que eu bem não sei
Falar, porque no amor com que me amaste,
Intenso que é meu Deus, eu não amei.

Lança d'Achilles, teu olhar feriu
Meu coração, que então a dor sentiu
De não saber te amar, Eterno Amor.

Mas, se o pranto dum peito, soluçado
Compensar póde amor abandonado,
Eu quero compensar – Meu Redemptor.

Juiz de Fóra, 20 – 3 – 032.

. Ano VII, 09/04/1932, n° 312, página 01

Judas

Á sombra da folhagem verde, escura
De um galho preso, ao mastro – levantado
Um Judas pelo vento balouçado
Da força pende em cômica postura.

Um bando em frente á exótica figura
Exulta ao vê-lo em semelhante estado,
E aos vozeios do povo acelerado

O bimbalar dos sinos se mistura.

Eu fico estando a meditar e penso
Ante o festivo e insólito alvoroço
Que é falta de critério e de bom senso.

Uma tolice arrematada, emfim
Tantos Judas havendo em carne e osso
Levar-se á força um Judas de capim.

Pe. Antonio Thomaz

. Ano VII, 30/04/1932, n° 315, página 02

PROFISSÃO DE FÉ

VARGAS DE LIMA

Homem, sê forte e nunca te maldigas.
Se acúleos encontrares no caminho,
Toma o exemplo das abelhas e das formigas
E vê que a sua vida é um torvelinho.

Se acaso fores fraco, não maldigas
A vida. Também soffre o passarinho
Que, occultando os tormentos nas cantigas,
Bem diz as alvoradas no seu ninho.

Não tema os tropeços. Tem seguro
O ideal que suppões afortunado
E sereno, confia no futuro

Sê calmo; pois Jesus, sem ter chorado,
Soffreu também, tornando-se mais puro
Na gloria de morrer crucificado.

. Ano VII, 04/06/1932, nº 320, página 01

A ULTIMA ROMARIA

*“Os pobres que tivermos soccorrido no mundo, virão,
eles mesmo, abrir-nos as portas do Céu”.*
(Palavras de S. Vicente de Paulo)

HOMENAGEM AO SAUDOSO VICENTINO

Dr. JOSÉ AGOSTINHO DOS REIS

Certa manhã, num dia azul, primaveral,
Mãos em cruz sobre o peito, aspecto patriarcal
Ao paraíso chega uma alma peregrina,
Bate, de leve... Então, S. Pedro, o venerável
Porteiro de Jesus atende, e inquire afável:
- “Quem é?... Quem busca a paz desta mansão divina”

O recémvindo explica, em tom humilde e meigo:
“ – Senhor, eu fiz na terra o apostolado leigo,
Praticando as lições de meu Mestre divino!
O pranto eu enxuguei de inumeros aflitos!
A nudez eu vesti, apaziguei conflitos!
Fome e sede matei!... Senhor, fui vicentino!

S. Pedro ia falar ... Mas, não lhe foi possível!
Pois um rumor enorme, um alarido incrível!
Por todo o Azul ecoou, continuo, sem cessar!
Eram preces lyriaes, numa supplica imensa,
Pedindo, com calor e afervorada crença,
Que aquela alma de escol no Céu pudesse entrar!
Surpreso, o Santo olhou, e vio, então, aos lados,
Fremente mutidão de bemaventurados,
De joelhos, a implorar, com os braços estendidos...
Era aquela pobreza, era aquela orfandade,
Aqueles que, no mundo, á luz da Caridade,

Foram, do vicentino, os pobres socorridos!

S. Pedro disse alfim; - “de injusto engeito a pecha!
Para a alma vicentina o Céu jamais fecha
E, assim, dilecto amigo, entrar aqui podeis!
Mas, falo-me o vosso nome, é para o meu registro.
E aquela alma falou, falou apenas isto;
- “Eu me chamo José Agostinho dos Reis”.

Nessa hora, todo o Céu fremio em plena festa!
Arcanjos, serafins, em ronda álaçre e mestra
Puzeram-se a cantar hossanas ao Senhor!
Tudo era luz e som no páramo divino,
Em horna ao bom, ao justo, ao santo vicentino
Que fora, em romaria, aos pés do Creador!

Rio, 19 – VII – 1931
Octavio Ferreira de Mello
Dia de são Vicente de Paulo.

. *Ano VII, 02/07/1932, nº 324, página 01*

A Cristo do Corcovado

(A Sua Em. Exmo. e Revmo. Snr. Cardeal D. Sebastião leme)

Lá do alto magestoso e sombranceiro
do gigante de Pedra, o Corcovado,
serás, ó Redemptor Crucificado,
o Protector do Povo Brasileiro.
Descoberto o Brasil, Manso Cordeiro,
nos abençoaste em uma Cruz pregado.
E, desde então, ó Redemptor Amado,
tens sido do Brasil o Padroeiro.

Pátria do Meigo Redemptor, Jesus,
aos seus ensinamentos obediente,

já se denominou da “Sancta Cruz”.

Braços abertos, Christo, complacente
- Irradiação de amor, de paz, de luz –
protege a nossa pátria, eternamente.

Rio, outubro, 931.
OSCAR RODARTE

. *Ano VII, 20/08/1932, n° 331, página 02*

Hymno do Congresso

Sobre os mares azues da Bahia,
Foi que outrora raiou, toda em luz,
A Hostia santa, qual sol que allumia
O amo berço da Terra da Cruz.

CÔRO

Ó Jesus! Ó divino Cordeiro!
Hóstia e sol! Sol de vida e de amor!
Illumina o Brasil todo inteiro,
Do oceano aos sertões sempre em calor!

Passam séculos, e hoje, de novo,
Nestes céus, como um vivo fanal,
Ergue-se a Hostia, e a seus pés, todo um povo
Canta o hymno da fé nacional!
Em ti cremos, Senhor, firmemente,
Em ti Hostia de união e de paz,
Que num só coração, puro e crente,
Os teus fieis do Brasil unirás!

Abençoa a nação que ante os brilhos
Do teu throno, aqui vem se prostar;

Dá-lhe bons e magnânimos filhos,
Dá-lhe santos ministros do altar.

Ouve a prece do povo, que implora,
Pela virgem, que é Mãe tão gentil.
E sorriu nestas praias, outrora,
Seu primeiro sorriso ao Brasil!

D. AQUINO CORRÊA.

. *Ano VII, 24/09/1932, n° 336, página 01*

SER PADRE

Ser padre é ser o sol o lampadário,
Ardendo em chama junto do sacrário:
Cae-lhe dos lábios puros o perdão;
E bom sempre o padre, o coração;
Rebento em viço da arvore da cruz,
Deus o fez á imagem de Jesus;
O mundo não conhece o teu valor
Sacerdote, ministro do Senhor.

. *Ano VII, 03/12/1932, n° 347, página 02*

A Bandeira

Ao General Liberato, relembrando um
dos seus preciosos ensinamentos.

Quando eu a vejo tremulando aos ventos,
Reflexionando toda a minha terra,
Eu rememoro nos meus pensamentos
Todo o valor que sua historia encerra.

Um orgulho sem fim nestes momentos,
Enche-me o coração. Ela descerra,

Em suas cores lindas, sentimentos,
Da história feita sem o horror da guerra.

E vendo-a flutuar pelo infinito,
Espargindo por nós o seu poder,
Em pensamento vejo nela escrito.

Além de “Ordem e Progresso” este dizer:
“Nosso Brasil, para ser grande invito
Quer que cumpras sem falha o teu dever”.

‘BIG’ Ltda

. Ano VII, 17/12/1932, n° 348, página 02

Ao SS. Coração de Jesus

Coração de Jesus, imenso oceano
De amor e caridade, em Ti habita,
Com toda a perfeição do ser humano,
A eterna majestade da infinita.

Em Ti se refugia uma alma afflicta
Na paz de um puro e luminoso arcano;
Em Ti resurge a fé que periclita
E repousa do seu labor insano.

Encontre em Ti o mundo no perigo,
Na dor e no infortúnio um forte abrigo,
Terno, santo, divino Coração.

A água que dessedenta, água da vida,
Jorra de Ti, fonte do Céu descida,
Amor e luz, verdade e salvação.

Herculano Horta

. Ano VII, 24 e 31/12/1932, n° 350, página 02

Meu breviário
TRADUÇÃO

Et robur, ET pietas!

Meu breviário! Minha Lyra d'ouro
Que vibra e chora, e canta em melodia,
Lôas de Deus, dos Santos, de Maria...
Meu santo e doce amigo, meu thesouro!

Horas divinas do divino officio
Que enches de todo o encanto, e perfumaes
De graça e de conforto, divinaes,
Das outras horas vãs, o desperdício...

Hymnos do dia, cantos da estação,
Cantares d'alva, e échos vespertinos,
Licções de paz, de luz, e descortinos,
Preces de sempre, incensos de oração!

Nas horas de tormenta sois bonança;
Na paz, mimoso affãgo do Senhor:
A prece que Lhe diz – Amor! Amor!
E a força aviventando minha esp'rança!

PE. J. CAROLINO.
Juiz de Fóra, junho, 1928.

. Ano VII, 24 e 31/12/1932, n° 350, página 02

Machado Sobrinho,
ESPIRITO ILLUMINADO E
CORACÃO IGUAL DE SI MESMO

A symphonia agônica da morte,

Expira todo um anno de esperança!
Deixando-nos apenas na lembrança
A fria pallidez da humana sorte.

Dias sonhados, luz, delírio forte
Visão, tudo passou – sinistra herança
Dos que somos mortaes; fugaz pujança
Do que parece bem, mas é dessorte.

E nem por isso, o coração se fecha,
Ás angustias mortaes de amarga endecha:
A sonhar sempre e sempre a suspirar.

É que no sonho vive a mocidade,
Que o ampejo da fé na Eternidade,
Immortaliza para o verbo – Amar.

Rigberto de Almeida.
Juiz de Fóra, 29 – 12 – 1932.

. *Ano VII, 24 e 31/12/1932, n° 350, página 03*

O silencio de Maria

Jesus a resurgir, com a Divindade,
Como um perfume á humana carne unida,
Foi procurar a funda soledade,
Onde a Virgem se achava recolhida.

Transportada na immensa alacridade
De ver no seu Senhor a sua vida,
Caindo aos pés do Verbo da Verdade,
Ficou muda, pasmada e confundida!

... era o Natal. Deitado á mangedoura,
Seu lindo filho... Que ventura fora

Possuil-o ainda todo seu!... Temente,

Em face á gloria de Jesus, Maria,
Na visão da saudade resurgia
Aquelle esboço tremulo de gente.

DURVAL DE MORAES.

. *Ano VIII, 19/08/1933, n° 383, página 01*

No Alto da Ibitipoca

A S. EXCia. O SR. BISPO, D. JUSTINO SANT'ANNA.
LEMBRANÇA DO DIA 6 DE AGOSTO

Salve! gigante – altar eterno de granito –
Que dos caos emergiste e a nevoa milenaria
Do caos atravessando, a fronte legendaria
Para os céos elevaste em busca do infinito.
Ninho de águia, o teu viso eternamente fito,
Onde troneja o raio e canta a procelária,
Resplende á luz em pompa e gloria multifária,
Como um titan lavrado em vivo monólito.

As grutas que a erosão veio abrindo em seus flancos,
Os alcantis bordando a orla dos barrancos,
As tuas quedas de água soltas sobre o abismo,

Teu todo emfim de esforço e de deslumbramento,
Guarda eterna e impressão dantesca do momento
Em que o Sol te arrojou, convulso, o cataclismo.

PEDRO PAZ.

6 de agosto 1933

O soneto supra offerecido à S. Excia. Revma. por ocasião da missa festiva na Cappelinha do Senhor Bom Jesus no alto da Serra de Ibitipoca, a 1.750 metros de altitude.

. Ano VIII, 18/11/1933, n.º 396, página 01

PADRE HENRIQUE BRANDÃO
(A seus amigos e a seus irmãos em Religião)

Amigos do Padre Henrique,
Cuja morte lamentaes,
Suspendei os vossos ais,
Ponde fim a vosso pranto,
Que na terra perdestes
Um amigo, um mestre, um guia,
Tendes no Céu hoje, em dia,
Com certeza mais um Santo.

Um Santo que não se esquece,
Nem póde esquecer jamais,
Essas provas que lhe daes
Da vossa dedicação;
Um Santo que pede e roga
Lá no Céu a Deus, agora,
Que vos leve em feliz hora
Ao porto da Salvação.

E que Deus todo bondade,
Todo amor, todo ternura,
Há de ouvir prece tão pura,
Creio bem que posso crer;
Pois não sei como Deus possa
Deixar de escutar aquelle,
Que toda a vida por Elle
Trabalhou até morrer!

Padre J. Rocha
Juiz de Fóra, 7 – XI - 933

. Ano VIII, 19/08/1933, n° 396, página 02

**Hymno a Santa Therezinha
Para o “O Lampadario”**

1

Therezinha incita as almas
Ao mais terno e santo amor,
E acena-lhe com as palmas
Do mais súbito valor.

2

Pela fé, pela humildade
E pureza virginal,
Mereceu na eternidade
Uma corôa immortal.

3

É na doce luz do Empyreo,
Justo do throno do Senhor,
Um albente e casto lyrio
Do mais súbito valor.

4

Flor immarcescivel, rosa
Do celestial jardim,
Subiu, venceu gloriosa;
Seu reino não terá fim.

5

Pede a Deus que nos proteja,
Roga do Menino Jesus,
Dilecta filha da Igreja,
Do Carmo fulgente luz.

Côro

Nós, que entoamos no templo
Louvores á bem-amada,
Queremos seguir-lhe o exemplo,
Palmilhando a mesma estrada.

Herculano Horta

+Ano IX, 29/03/1934, n.º 415, página 01

Jesus no alto do Calvário

Á sombra do infortúnio entristecera
O vago azul do Céu da Palestina
Quando o meigo Jesus na Cruz pendêra
Sobre o peito a cabeça peregrina.

Banha-lhe o rosto a pallidez da cera
Visível ao clarão da luz divina;
No peito o coração não mais batêra,
Não mais fulgira a lúcida retina.

No corpo frio, macilento, enxague,
Viram-se as rubras manchas desse sangue,
Que brotara das chagas de Jesus!

Não sei que foi mais forte no supplicio:
Se Maria, assistindo ao sacrificio,
Se Jesus, expirando sobre a Cruz!

PADRE X.

+Ano IX, 29/03/1934, n° 415, página 01

Últimas palavras de Jesus

Jesus ao morrer, inclina a face pura
E celeste, agora já quase sombria,
Fitando, com olhos tristes, a Maria
Que o contempla cheia de dor e amargura.

Do cimo da cruz o salvador queria
Dar-nos a final prova de sua ternura.
Com débeis palavras Elle, então, murmura
O desejo que do coração sahia.

Do mar procelloso do mundo, na lida,
Deixar-nos sós Jesus não quis e abrasado
De amor, um fanal certo nos deu por guia.

Olhando sua Mãe diz, com voz tremida:
“Senhora, eis ahi teu filho muito amado”!
Depois a João: “Por Mãe dou-te Maria”!

SYLVIO RIBEIRO

. Ano IX, 12/05/1934, n° 421, página 01

O Mez de Maria

- Já ameiga o céu a doce primavera,
Já veste os bosques, desperzindo olores;
Repinta a Veiga das mimosas flores,
Que a algente neve desbotara, austera.

- Cantam os órgãos oração sincera,
No ledro templo que evapora olores;
E a natureza ao coro dos cantores

Responde em hymnos que, espontânea gera.

- Porém minh'alma jaz em duro inverno,
No inverno cru da tibiez que gela
O amor do peito para o bem mais terno!

- Oh! vem, Mria! Tú serás, Donzella,
Tu hás de ser, oh! Virgem Mãe do Eterno,
Desta alma fria a primavera bella!

D. AQUINO CORRÊA

. *Ano IX, 07/06/1934, n.º 429, página 02*

Salve, Rainha!

Salve, Regina Coeli!
Maria!
Estrella – Palinura do Pastor!
Virgem excelle!
- Genitora do Martyr do Amor!
Mãe de Jesus!
És a fonte do Bem e da Candura,
donde promana idiomal doçura
á mais sagrada Luz!

Salve, na Dôr, na paz, salve na guerra!
Salve, sempre, na vida!
Illibada piedade em Ti se encerra,
ó Preferida
por Deus
dentre as Mulheres!
Os Cantos meus
Attende, os Miseréres
dos mortaes:
- Tu que trescalas
perfumes sem rivaes,
e docemente embalas

imcomparavel graça,
a Justiça, a Virtude,
o Amor sem jaça,
a Angelitude...

Salve, nos mares,
Estrella Guia.
dos navegantes!
E, nos altares,
doce Maria,
Visão sem par de clássicos instantes
Immaculada!
Rosa sem par,
nunca igualada!
Floriparo do Céu a perfumar
o gremem das cousas puras!
Rebento de Venturas!
Virgem Maria!...
Custodia sempiterna da Clemencia!
Perenne Harmonia:
Parenchim sublime á quint'essencia
do Conforto!
Fanal que a alma alumia
o derradeiro Pôrto!

Ás fimbrias do teu manto
immaculado,
e puro, santo,
eu – filho do Peccado
Mãe da Misericordia!
- ó Perola de Deus,
de Luz e de Concordia -
quizera os Versos meus
como estrellas errantes do Talento
do Bardo que suspira;
como vozes de luz do Pensamento
pelas cordas da Lyra!

E então teria em o meu viver
um lance de Ventura;
nem mais Dezares, Penas e Soffrer,
e Maguas, Desventura.

DOS SANTOS LEMOS

+Ano IX, 21/07/1934, n.º 431, página 02

O SALUTARIS HOSTIA

Hóstia branca da cor de um lyrio aberto
E menor do que uma estrella pequenina,
Tens dentro de ti a luz divina,
Assim perto de nós... assim tão perto...

Perfeito como está nos céos, é certo,
Sob tua fôrma e cor, a fé me ensina,
Está quem fez os montes, a campina
O céu, a terra, os mares, o deserto.

Hóstia divina, essencialmente pura,
Hóstia branca da mesma cor do lyrio,
Vida das almas... cheia de candura.

És o alimento d'alma, que, em delírio
De mais ardente amor, o Céu procura,
Cândida, limpa, como a luz de um cyrio.

PADRE A. THOMAZ

O Amor em Deus

No Espelho – Divino
Meu amor retrato...
Com os olhos dá fé,
Lá, diviso um facto;

No meu ser humano
Amar é paixão;
E na Essencia Altissima,
Pura perfeição!

A tudo ama Deus
De maneira igual;
Sobre certo aspecto,
Porém, desigual...

Todo ser é bom,
Como creatura;
Eis, pois, a razão
Da grande ventura!

Nesta sorte incluo
Animaes e cousa
E até, peccadores!
Negal-o, quem ousa?

E da outra faz parte
Toda alma de Luz,
Mais ainda.. Seu – Filho,
Bondoso Jesus.
Pe Antonio Thomaz de Castro

. Ano IX, 28/07/1934, n° 432, página 02

PORQUE

Meu Deus, porque me deste um coração...
Porque consentes, Deus, que eu saiba amar?...
Porque hei de assim viver sempre a chorar
Pelo mundo e por sua ingratidão?...

Porque receio os dias que virão,
E há de o futuro, enfim, me preocupar...
Porque sempre, meu Deus, me lamentar,
Se a minha vida está na Tua mão?...

Nem sei porque ando aborrecida...
Se vivo sempre sob os olhos Teus;
Se só de Ti depende a minha vida!
É que me esqueço, às vezes, oh! meu Deus,
Que é de Ti que me vem cada ferida,
Para curar-me dos peccados meus!

MARIA AUGUSTA RODRIGUES

. Ano IX, 04/08/1934, n° 433, página 02

Mãe

Quando pequeno eu era, mãe querida,
Dormia ao som da musica mui pura
Que tu cantavas, terna, commovida,
Qual santa, com fervor, preces murmura.

Às vezes, me dizias com doçura:
- Reza, filhinho, a prece – bem da vida –
Suavisa a dor cruel que nos tortura
E a paz celeste dá a quem não duvida.

Á tarde, quando o sino replangia,
Instillando tristeza, devaneio,
Eu rezava contigo a Ave Maria.

Saudade d'esse tempo hoje me veiu
Ao rever o teu lábio que sorria,
Dos pássaros ao som do garganteio.

B. A. RIBEIRO

. *Ano IX, 04/08/1934, n° 433, página 02*

Soneto

Este mundo é um mysterioso mar...
Por onde fluctua, sem perder o norte,
Apressadamente e sem poder parar,
O batel da vida em direcção á morte!
E não há retrocesso, neste fluctuar,
Ora passivo, já procelloso e forte,
Buscando sempre, em seu veloz singlar,
O immutavel porto da eterna sorte!

Nós que empreendemos tal viagem pois,
Aproveitar nos resta a presente hora,
Que nos foge célere sem tornar jamais...

Porque será inútil deplorar depois...
A oportunidade dissipada agora,
Lá na eternidade, sem recurso mais...

A. RODRIGUES

+Ano IX, 01/09/1934, n° 437, página 02

QUADRAS

A S. Excia. D. Justino

Nas almas, em que brilha a santa luz
Da justiça, do Bem e da Verdade;
Existe Amor, existe Caridade
E mais respeito ao nome de Jesus.

Quem pratica a bemdicta Caridade,
Segue os santos preceitos de Jesus.
Pois não duvides que a felicidade
Nos vem daquelle que morreu na Cruz.

Sê sincero, leal, trabalhador,
Sempre humilde e probo, em tua vida.
Cumpre bem teus deveres, com fervor,
Que lá no Céu encontrarás guarida!

Adelino Rodrigues

. Ano IX, 08/09/1934, n° 439, página 02

FÉ

Ouvindo a voz divina, que o chamava,
Seguiu Abrahão, sem ver para onde ia;
Mas, firme, resoluto, e de alma altiva,
Foi, confiado em Deus, que o conduzia.

Toma o cajado, e, em demanda ao Oreb,
Calmamente, o seu olhar erguia;
E atrás de si, então, ia deixando,
O testemunho de que a Deus servia.

Mostrando a sua sã obediência,
Levou Isaac alli, e, onde Deus pede,
Sem vacillar, o filho lhe concede,

Confiante no Senhor, todo clemência.
Mesmo ferido no seu grande amor,
Provou, assim, a Deus o seu fervor!

+Ano IX, 15/09/1934, n° 439, página 02

A NOSSA CASA

A nossa casa, branca como linho
Ou como um lyrio branco, perfumado,
Repousa mesmo à beira do caminho,
Olhando, ao longe, o mar encapellado.

O sol brilhante, louco, enamorado,
Doura-a num beijo ardente de carinho;
Ave Maria! ... e o luar magoado
Sobre Ella desce, manso, de mansinho.

Não tem riquezas o bemdito lar,
Onde palpita a chamma singular
Do mais ardente e do mais puro amor.

Brotam, em torno, cravos e boninas,
E em tudo, até nas coisas pequeninas,
Cáe, lentamente, a benção do Senhor.

+Ano IX, 15/09/1934, n° 439, página 03

JESUS

Senhor, emfim, vossos pés deponho
Meu coração... Eu vo-lo trago, emfim,

Não desolado, pálido, tristonho,
Mas integrado fortemente em mim.

E eu, que, através de todo o humano sonho,
Alguma coisa mais buscando vim,
Em vós, agora, em nosso amor supponho
Ter encontrado o necessário fim.

Abri-me as portas d'ouro da Esperança;
Acolhei-me na paz da vossa luz;
Pois, afinal, meu coração descansa.

Tão docemente como não supuz,
Na alegria serena, ingênua e mansa
De pertencer, apenas, a Jesus.

PASSOS CABRAL

. Ano IX, 29/09/1934, n° 441, página 03

AVE MARIA

Ave Maria! O sino bate ao longe.
É hora da oração crepuscular...
Há nostalgia em toda a Natureza,
Perfume de bonina pelo ar...

Na matta, o trino unisono das aves
Os ninhos, tão queridos, adormecem
E, em nossa alma, uma saudade doce
Dá suave consôlo aos que padecem...

Vou revivendo toda a minha infância,
Os dias preciosos da innocencia,
A quadra sem igual, da mocidade...

Que diferença enorme: esta dolencia
Dos sonhos que sonhei na adolescência...
Que mudança, meu Deus, quanta saudade!...

Rosa Maria

. Ano IX, 13/10/1934, n° 444, página 02

Grupo “Fernando Lobo”

No grupo escolar da Rua São Matheus cuida-se verdadeiramente da educação moral da criança, que aprende também a ser grata aos seus bemfeitores.

Disso temos a prova nos seguintes versos dedicados por uma alumna à professora Anna Maria Nunes, no dia do seu natalício:

Á querida professora,
Que é tão boa e tão modesta,
Mesmo aqui dentro de sala,
Vamos fazer numa festa.

Com toda a simplicidade,
Pois, para nós, foi surpresa,
Por isto é que a nossa beleza...

Arranjamos umas flores,
Muito cheirosas e lindas,
Para a nossa boa Mestra,
Que é querida entre as queridas!

Dou, agora, um grande “viva”,
Que todas responderão,
Á boa d. Ninita,
Todo o nosso coração!

Agora, homenageado o director do Grupo com o seguinte acróstico, por ocasião do auditório semanal naquella casa de ensino:

Perito educador da petizada,
Elle, desta missão no exercício,
Luctando, vence e espalha o beneficio
Immenso da Instrucção aprimorada
Na nossa mente. Assim, a gratidão
O mestre impõe ao nosso coração.

+Ano IX, 20/10/1934, n.º 444, página 02

Pena eterna

Hermes Fontes

Creio que está completo o meu castigo:
Do meu Orgulho, que mais resta? pó...
E o meu desejo vão? supplicio antigo:
- Que diria de mim tântalo, ou Job?

Tantos amigos... nem um só amigo!
Tanto amor, tanto amor – e eis-me tão só!
Rio das minhas lágrimas... que digo?
Digo o que vos escuto: angústia e dó.

Digo que as vossas fontes anteriores
que rebentam nos olhos, como flores,
já não dão força ás mós do coração.

E que há nas vossas mudas cantilenas
penas, só penas, e, depois das penas,
a pena eterna da recordação!

+Ano IX, 20/10/1934, n° 444, página 03

Grupo “Fernando Lobo”

Outras homenagens

O teu gracioso,
Lindo sorriso
Guia a minh’alma
Ao paraíso

Muito suave harmonia
Escuto, quando ella vem,
Ligeira como a alegria,
Incitando para o Bem...
Tudo fica arrebatado
Ás suas mãos no teclado!...

MARIA ROSA

+Ano IX, 03/11/1934, n° 446, página 02

A menina triste

Adelino Rodrigues

Aquella menina triste,
Que passa pela Avenida,
A Esmolar, todo o dia,
Já foi rica nesta vida.

Mas, a inconstância da sorte
Atirou-a á orphandade.
A morte levou-lhe os Paes
Para o Além da eternidade...

Teve fortuna, era rica,
Vestia bem, era amada,
E, hoje, a pobre coitada
Um pão a todos supplica.

O mundo dá muita volta,
E a sorte é traiçoeira,
Quando a ave o voo solta,
Não vê a setta ligeira.

Assim, aquella creança,
Ao raiar da mocidade,
Vive só, sem esperança,
Implorando a Caridade.

É um exemplo tão triste
P'ra quem ri de quem padece,
Vendo a desgraça que assiste,
Onde a belleza floresce...

Aquella menina triste,
Que passa pela Avenida,
A esmolar, todo o dia,
Já foi rica nesta vida.

+Ano IX, 03/11/1934, n° 446, página 03

Acróstico

É tão graciosa,
Meiga e radiosa,
Inteligente...
Lembra uma rosa
Inda orvalhada,
Ao sol Nascente...

FRANKLIN FERREIRA PINTO

+Ano IX, 10/11/1934, n.º 447, página 03

Um sonho

Noite nupcial. Cheia de encanto e vida,
Transbordante de luz, de risos e de flores,
Aonde apparecia a deusa dos amores,
A noiva triumphal, visão desconhecida.

Um bardo desferia uma canção sentida,
Enchendo de harmonia os longos arredores.
Vinham também, de longe, as vozes dos pastores,
Que eram brindes de paz á noiva estremecida.

Da immensidão dos Céos, anjos tangiam harpas,
Tal como pura lymphá a correr nas escarpas
Da terra sacrosanta e bella da Judéa.

Do sonho despertei... mas no meu pensamento,
Perdura ainda assim este deslumbramento
Como um raio de luz a reflorir-me a idéa.

Bom humor

Guardando, no forte peito,
Um boníssimo coração,
Moço, educado e perfeito,
É, em summa, um partidão!
Raramente se enamora,
Com medo de se amarrar.
Impossível, diz, agora,
Nesta crise, me casar.
Deixem que ella se vá embora,
Outra me vai conquistar.

JOTA ERRE

+Ano IX, 17/11/1934, nº 448, página 02

José de Anchieta

Trocou o clima ameno da Andaluzia
Pela grande floresta brasileira,
Vindo ensinar, aqui, na selva bruta,
A doutrina e a fé mais verdadeira.

Intrépido, embrenhou-se em matta
Sem temer a serpente traiçoeira,
Indo levar á pobre gente bruta,
O consôlo da graça alviçareira.

Luctou com as feras e os elementos,
Ensinando o Evangelho, entre tormentos,
Com a calma doce de um predestinado.

Hoje, elle, nos altares, tem a palma
Que tão bem conquistou sua grande alma
De catechista e heroe abnegado.

+Ano IX, 24/11/1934, nº 449, página 01

Primeira comunhão

PARA O CUSTODINHO

Manhã de Primavera, embalsamada.
Céo azul. Sol de ouro, fulgurante,
Banha a cidade, toda engalanada,
Que desperta, radiosa e triumphante.

Nesta hora matinal, toda de encanto,
Soam hynnos de gloria e de alegria.

E vozes infantis, aos céos, elevam
A cadente, suave symphonia...

São creanças, de alma emocionada,
A face pequenina, illuminada;
Vão receber a Santa Communhão.

Entre ellas, gentil, compenetrado,
Caminha o Custodinho , todo enlevado,
Trazendo um lyrio junto ao coração...

MARIA ROSA

+Ano IX, 24/11/1934, n.º 449, página 03

Olhos verdes

Moços, depois de me lerdos,
ide ver se o vosso amor
tem olhos pretos, ou verdes,
Castanho ou de outra Côr.

Se forem verdes, cuidado!
Também verde é a côr do mar,
e o mar – tranquillo ou agitado –
sempre nos causa pezar...

Sabeis que é verde a esperança,
mas deveis saber também
que aquelle que um dia a alcança
outra esperança não tem...

Olhos verdes... Em taes olhos
só há perfidia... Ai de mim!
Verde é o mar cheio de abrolhos
onde todo o amor tem fim...

Olhos verdes... E eu sei de uma
certa jovem de olhos taes
que tem um'alma de pluma,
que a ninguém mente jamais.

Assim, moços que me lerdas,
não ouvi mais versos, não;
são falsos os olhos verdes,
mas em tudo há uma excepção...

Olhos verdes... Teimo ainda
nessa excepção, porque vi
que essa cor é uma cor linda,
vendo os olhos da Gaby.

B. B.

. *Ano IX, 27/10/1934, n.º 450, página 02*

À EXMA. SNRA. D. ERNESTINA DE OLIVEIRA

Genio calmo, prudente, reservado,
Une os dotes Moraes á sympathia.
Modesto, sem comtudo a fidalguia
Eximir do seu trato aprimorado.
Recorda ainda um grande amor passado
Como um sonho feliz, mas indeciso.
Ideal que durou como um sorriso.
Na vida, elle encontrou um novo encanto:
Do maternal affecto, o gesto santo
O transposta em risonho paraíso.

X X

. Ano IX, 27/10/1934, n° 450, página 03

Hymno a Isabel Bastos

Salve, mestra devotada!
Sua saudosa memória
Fulja, sempre abençoada,
Nas justas folhas da História.

Si Santa Isabel da Hungria
Transformou o pão em flores,
Ella tornou almas rudes
Em corações promissores.

Deus, que coroe de flores,
Em horizontes mais vastos,
Nossa santa e querida amiga,
A saudosa Isabel Bastos.

MARIA ROSA

Dizem os filhos de Candinha,
Embora eu não acredite.
Vale bem contar a história:
Amando certa mortal,
Noutro dia, por palpite,
Indo a uma festa na Gloria,
Reparou ter um rival.

JOTA ERRE

+Ano IX, 12/11/1934, n° 450, página 01

Coração de Jesus

Acolhe-me, Jesus, nas dobras de teu manto.
Estende sobre mim o teu divino olhar.
Escuta, um só momento, o meu sentido pranto

E a minha ardente prece aos pés do teu altar.

Nesta vida, Senhor, tenho soffrido tanto!
Os meus olhos estão cansados de chorar...
Transforma a minha dor num hynno sacrosanto.
Quero a glória de deus no meu verso exaltar.

Ampara-me, senhor, nesta minha desdita!
Eu espero do céu a piedade infinita,
Forças para vencer a rude provação.

Só espero do Além o celestial auxílio
Para termo final deste tremendo exílio.
Abre as portas desta minha prisão!

LOLA DE OLIVEIRA

+Ano IX, 15/12/1934, n.º 452, página 01

Tarde de chuva

Nesta tarde sem sol, chuvosa e fria,
De céu de nuvens negras carregado,
Eu sinto dentro da alma a nostalgia,
E vou, triste, revendo o meu Passado.

Recordo-me da infância, da alegria
Bem junto do irmão idolatrado.
Naquella idade, a dor não conhecia...
Passou depressa o tempo descuidado.

Nesta tarde de chuva impertinente,
Relembro, com saudade, a Mãe ausente,
E choro, sem consôlo, a minha dor!

E, num canto da cella, ajoelhada,
A face pelo pranto rorejada,
Eu envio uma prece ao Redemptor!

LOLA DE OLIVEIRA

. Ano IX, 22/12/1934, n° 453, página 01

NATAL

Jesus nasceu! Na abóboda infinita
Soam cânticos vivos de alegria;
E toda a vida universal palpita
Dentro daquella pobre estrebaria...

Não houve sedas, nem setins, nem rendas
No berço humilde em que nasceu Jesus...
Mas os pobres trouxeram offerendas
Para quem tinha de morrer na cruz.

Sobre a palha, risonho e illuminado
Pelo luar dos olhos de Maria,
Vêde o Menino-Deus, que está cercado
Dos animaes da pobre estrebaria,

Não nasceu entre pompas reluzentes;
Na humildade e na paz deste logar,
Assim que abriu os olhos innocentes,
Foi para os pobres o primeiro olhar.

No emtanto, os reis da terra peccadores,
Seguindo a estrella que ao presepe os guia,
Vem cobrir de perfumes e de flores,
O chão daquella pobre estrebaria.

Sobem hymnos de amor ao céu profundo;
Homens! Jesus nasceu! Natal! Natal!
Sobre a palha está quem salva o mundo,
Quem ama os fracos, quem perdoa o mal.

Natal! Natal! Em toda a natureza,
Há sorrisos e cantos neste dia...
Salve, Deus da Humanidade e da Pobreza,
Nascido numa pobre estrebaria!

OLAVO BILAC

. Ano IX, 29/12/1934, n° 454, página 03

Sagrado Coração de Maria
Soneto

Nesta manhã de sol, limpida e calma,
Nesta manhã azul da Primavera,
Eu sinto uma saudade dentro d'alma
Que as fibras do meu peito dilacera.

Tive da vida a verdejante palma...
Volver ao meu Passado, ai quem me dera!
Um mudo pranto a minha dor acalma
Nesta linda manhã de Primavera!

Recalco, heroicamente, as minhas dores,
E, em meio de outros seres sofredores,
Busco abrandar a desesperação.

E contemplando o céu azul sereno,
E pensando no meigo Nazareno,
Envio para o Além uma oração.

LOLA DE OLIVEIRA

. Ano IX, 19/01/1935, n° 457, página 01

Sursum Corda

Ergue-te, coração, ás regiões amenas
Onde reina a virtude, onde paira a bondade.

Deixa este mundo máo e as misérias terrenas
Que envolvem sem cessar a pobre humanidade.

Ergue-te, coração, ás alturas serenas
E não mais sentirás o travo da saudade...
E fica lá no céo, naquella immensidade,
Ouvindo angelicaes e doces cantilenas.

Coração! Coração! Tu já soffreste tanto!
Ergue-te para o Além... e no refugio santo
Consôlo encontrarão, as tuas grandes dores...

Ergue-te, coração! É lá que Deus habita!
Naquella vastidão, na abóboda infinita
As almas acharás dos justos soffredores!

LOLA DE OLIVEIRA

. *Ano IX, 19/01/1935, n° 457, página 01*

Borboletas

Borboletas subtis em bandos multicôes,
Azas brilhando ao sol qual doirada fumaça,
Vão saltitando aqui, alli, por entre as flôres,
Palpitantes de vida, esplendentes de graça.

Deste mundo infeliz, onde impera a desgraça,
Descuidosas viveis sem conhecer as dores...
Sois de todo o Universo a venturosa raça
Errando pela Terra, em meio de esplendores.

Nestas lindas manhãs, azuladas, serenas,
Doucejam no jardim, aos pares, ás dezenas...
Borboletas gentis, borboletas formosas!

Que felizes vós sois, adejando no espaço!

Nós morremos de dôr, de trabalho e cansaço...
Vós morreis a sonhar na corólla das rosas!...

LOLA DE OLIVEIRA

. *Ano IX, 26/01/1935, n° 458, página 01*

O ROSARIO

Conta por conta, passo, entre os meus dedos,
O meu rosário, que tanto me seduz.
Depois, vou meditando os mil segredos
Dos passos firmes da vida de Jesus.

Quantas doçuras há nestes mysterios
Que compõem o rosário, e a cruz pendente,
Os povos passam, e o luxo dos impérios
Não consegue destruir a prece ardente.

E quem no infortúnio e na aflicção
Quizer um pouco de consolação,
Traga comsigo os elos do rosário.

Elles, unidos, unirão também
A alma crente que esperança tem,
De unir-se a Deus em puro santuario.

Alice Pessôa da Fonseca

. *Ano IX, 02/02/1935, n° 459, página 02*

Caminho Incerto

A vida é sempre a duvida pesada
em que luctamos – míseros mortaes –
de passo a passo, a Dôr, em duros ais,
sempre a amargura em rígida nortada!

Si a calma desce, rápido, à pousada,
brilha o prazer em doces madrigaes,
mancha a tortura os dias lyriaes,
os lances da existência contentada!

 Emtanto Deus existe, na verdade,
 o seu olhar immenso de piedade,
 almo fulgor da sua luz espalha...

O homem, porém, se esquece das Virtudes,
lança-se aos vícios, ás paixões mais rudes,
do mal tecendo a cota, a negra malha!...

. Ano IX, 16/02/1935, n.º 461, página 01

A Dôr

É no instante em que a dor vem de improviso
Ferir-lhe o coração maravilhado,
Que o homem põe-se a pensar com mais cuidado,
A agir e proceder com mais juízo.

 Se não fosse esse golpe inesperado
 Vir quando tudo é sonho, ou festa, ou riso,
 O bom talvez perdesse o paraíso,
 E o máo nunca deixasse o vil peccado.

A dor é o mal que chega de repente,
E muito poucas vezes vae-se embora
Sem transformar o coração da gente.

 Chega, põe-se a ferir, queima, aprimora,
 E, quando parte, deixa geralmente,
 O coração tão lindo como a aurora!

CAMILO GOMES

. Ano IX, 23/02/1935, n° 462, página 04

Minha mãe

Amor como te dou tão grande e puro,
Ninguém no mundo poderá te dar.
Noraldino de Lima.

Mulher celeste, incomparavel, santa,
Brilho mais doce que o dos olhos teus,
Vésper não tem nos azulados Céos,...
Mais que a dos anjos tua voz me canta.

Ao proprio Amor o teu amor supplanta,
Pela ternura e immensidade; Deus
Poz-se no peito um relicário, e seus
Dons lá deixou num transbordar que encanta...

Não é possível te cantar direito;
Pois, teu affecto saturou meu peito,
Teu nome tanto a meus ouvidos soa,

Que eu só quizera repetil-o amante.
De dia, á noite, agora, a todo instante,
- Mãe adorável, minha Mãe tão boa.

GODOFREDO BARSEL

. Ano X, 02/03/1935, n° 463, página 01

**Lola de Oliveira vae publicar “Saphiras”, seu novo livro de versos.
A elle, pertence o bello soneto que segue:**

SUPPLICA

Amparae-me, Jesus, com a vossa bondade;
Derramae sobre mim as bênçãos infinitas;
Consolae-me, Jesus, nesta adversidade
E transmudae em paz estas horas afflictas.

Minha alma fervorosa e cheia de humildade,
Vencendo a propria dôr, surgindo das desditas,
Prosterna-se fiel, invocando a piedade
Do Supremo Senhor das paragens bemdictas.

Estendei sobre mim vossos olhos amigos
E livra-me do mal. Desviae dos perigos.
Do caminho da vida, os meus passos incertos.

Fortalecei a fé que no meu peito mora,
A fé que nos alenta, a fé que revigora.
Acolhei-me, Jesus, nesses braços abertos!

LOLA DE OLIVEIRA

. Ano X, 09/03/1935, n° 464, página 01

ESTRELLA D'ALVA

Já no céu as estrelas vão surgindo;
Vae uma, depois outra e outra embora...
Dançaram toda a noite. O céu é lindo.
Houve orgia de luz. Dormem agora.

No salão do horizonte, azul, infindo,
Vão se apagando as luzes; vem a Aurora,
Decerra-lhe a cortina, entre sorrindo.
Apenas uma estrella inda demora.

Na mocidade a vida é noite bella,
Lindo horizonte que de amor se estrélla,
De onde a Crença não sae ás vezes salva.

Fugis, estrelas? que me importa, em summa,
Si das mais bellas me ficou ainda uma:
- A minha amada, a meiga estrella d'alva?

HEITOR GUIMARÃES

. Ano X, 09/03/1935, n.º 464, página 02

A JESUS

Jesus a te occultar no amoroso sacrário,
Permitte-me que venha adorações trazer
E, com toda a humildade, aqui, agradecer
Esse divino amor tão extraordinário!

Quão bello se tornou da vida o itinerário,
Desde que decidiste entre os homens viver,
Sendo-lhes companheiro e amigo no soffrer,
Sem recusar jamais o amparo necessário!...

Ah! quem dera prestar á Santa Eucharistia
Homenagem de amor, durante a noite e o dia,
Na mais pura, fervente e completa oblação!

Jesus, meu Redemptor, escuta-me o pedido:
Teu corpo com meu corpo esteja sempre unido,
Meu coração e o teu formando um coração.

M. Luiza de Souza Alves

. Ano X, 30/03/1935, n.º 467, página 01

QUADRAS

Emquanto vires estrellas
Do Céu do immenso Sacrario,
Na terra flores singelas
E uma cruz sobre o Calvario:

Emquanto mansa pousar
A prece nos lábios teus
E souberes murmurar
Com as mãos unidas: Meu Deus!

Não digas que á luz vieste
Para chorar e soffrer,
E, como a plantinha agreste,
Sonhar um dia e morrer.

Não digas, pobre querida!
Mesmo se a dor te magôa,
É sempre feliz na vida
A alma que é pura e boa.

. *Ano X, 06/04/1935, n° 468, página 03*

MAIS LUZ

Poento, pela estrada avança o peregrino
em busca da verdade, a procurar nesse almo
campo da sapiencia o fluido crystallino.
Vae só e fatigado, a murmurar um psalmo.

É dura a lucta, emtanto, afronta-a ledó e calmo,
batalhador audaz, invicto paladino;
conquista da sciencia os loiros, palmo a palmo,
ao transmutar a treva em jorro adamantino.

Feita para o infinito a alma se não sacia,
é aquelle viajor pedindo, sempre, luz:
- Luz! Luz em profusão me aclare a trega via!

E Ella sobe, e se eleva, e se altana. Reluz,
além, como um pharol, resplendendo alegria,
o alvorejar do amor sublime de Jesus.

B. A. RIBEIRO

. Ano X, 27/04/1935, n° 471, página 01

CONTRASTE

Tranquilo estava o mar... No firmamento
Nem um signal se via da procella...
Era suave, manso e doce o vento,
Fugia mansamente e doce a vela.

Havia luz... Porém, n'um momento,
Cobrindo-se de crepe a azul umbrella,
Cahiu a tempestade, e então, violento
Torna-se o mar, a fêra horrenda e bella.

Comtigo, oh coração! dá-se o contrario:
- Eras tranquillo e calmo, solitário
Repousando nas trévas de meu peito;

E, hoje, que a luz brilhante, doce e rara,
Dos olhos della o teu asylo aclara,
Cáe sobre ti um temporal desfeito!

FRANCISCO LINS

. Ano X, 27/04/1935, n° 471, página 03

DEUS

Oh! bella! oh! rica! oh! excelsa! Natureza!
Quanto esplendor conténs, quanta grandeza,
Que só vinda dos Céos!
Que só de um ser divino, omnipotente,
Que tudo sabe e de tudo está sciente,
- O nosso Rei e Deus

Só de um Deus, verdadeiro, de bondade,
Que é para toda a grande Humanidade
 Balsamo Salvador.
Adoremol-o, é aquelle mesmo Christo
Que, no seu verbo ardente, inda é visto
 Pregando a fé, o amôr.

Aquelle humilde Filho de Maria,
O nosso Redemptor, o nosso guia,
 Que fez o mundo e tudo;
Aquelle que operou tanto portento,
Que os mortos deu vida, ao rude talento,
 O dom da fala ao mudo;

Um Deus sublime e cheio de candura,
De alto poder e de tanta ternura,
 De luz e magestade;
O ente cujo sangue jorrou a flux
Que padeceu e expirou numa Cruz
 A bem da Humanidade!...

E. A. LINS

. *Ano X, 04/05/1935, n° 472, página 01*

A uma fiandeira
(Versos da adolescência)

Quando te vejo com fuso,
Fiando, presto atenção,
Ponho-me a olhar mui confuso,
Olho, penso e parafuso;
“Como é ligeira de mão!”

Trabalhas lesta, ligeira,
No fuso, com tanto ardor,
Que contigo fora asneira
Falar, gentil fiandeira
Coisa estranha a teu labor.

Se precisas, pois, pr'o fuso,
Para fiar, algodão,
Não tenho, porém profuso
De amor é meu coração.

1884
Heitor Guimarães

. *Ano X, 01/06/1935, n° 476, página 01*

À Argentina

(Ao Pelino de Oliveira)

Argentina! Patria irmã,
que generosa te expandes
da Buenos Aires louça
- á cordilheira dos Andes...

Patria irmã, terra gentil,
como o sol amanhecendo
Tu brilhas e estás presente
no lindo sol do Brasil...

Patria irmã, raça preclara,
- meu Brasil pulsa por ti...
És maior que te sonhára
Solis, Azaca, ou Orbigny!

Unidas nossas fronteiras,
Nossa historia, nossa gente,
unamos nossas bandeiras
- pela paz do Continente!

Sigamos juntos! Ahi está
nosso destino glorioso:
pois correm no Prata airoso
- as águas do Paraná!

Juiz de Fóra, Maio d 1935
EDMUNDO LYZ

. Ano X, 08/06/1935, n° 477, página 02

DIA TRISTE

Chove lá fora... Além, na serrania,
Pia a jurity... mas pia tão dolente,
Que uma profunda melancholia
Invade, logo, o coração da gente!

A passarinhada, hoje, está arredia...
Um ou outro pássaro voa e, de repente,
Embrenha-se pela densa mattaria!
E a chuva cáe... cáe... vagarosamente.

Até o céu, hoje, está mais triste,
Todo nublado, cheio desta tristeza
Que minh'alma sente e o olhar assiste.

Dia triste, sim! Mas cheio de poesia!
E a chuça cáe... cáe... impertinente...
Emquanto na matta a jurity pia! pia!

MARINHO GIOVANNINI

. Ano X, 15/06/1935, n° 478, página 04

Semana Argentina

(Á prof. Anna Gonzaga de Barros)

Festeja-se esta semana
A Republica Argentina,
- Nação sul-americana
Que com o Brasil se confina...

Nossa vizinha do Prata
Bôas intenções reúne,
E se algo comnosco trata,
Sente que “tudo nos une”...

Referindo-se ao Brasil
Amizade nos declara,
E desse modo gentil,
Diz “que nada nos separa”...

Somos sul-americanos
Com os ideaes irmanados,
Viveremos muitos annos...
Sempre confraternizados!...

Com o calor da mocidade.
A homenagem se destina
Fortalecer a amizade
Entre o Brasil e a argentina!...

Maio – 1935
JOAQUIM SILVA

. Ano X, 22/06/1935, n° 479, página 02

Maravilhas

(A Belmiro Braga)

Belmiro, enlevam-me as “Rosas”,
E também as “Montezinas”.
Eu acho as “Rosas” – cheirosas -,
As “Montezinas” – divinas!

Tuas “Rosas” – maviosas -,
De cujo valor declinas,
Têm o perfume das rosas
E a frescura das boninas.

Vês, poeta, aquelas flores?
- Espalham os seus olores
Pelas campinas além.

Igualmente, quando declamas,
Nos corações tu derramas
O teu perfume também...

E. A. LINS

. Ano X, 27/07/1935, n° 484, página 04

O Pão Nosso

“Nem só de pão vive o homem”,
- Diz o provérbio sagrado.
Mas, preciso é, não o tomem
Por um simples desgraçado...

Porque o pão de cada dia,
Mendigado para viver,
Não satisfaz com alegria
A quem o tem de comer...
Pois é o pão que anda á caça

E delle vive, implorando,
Tendo o sabor da desgraça,
Na fome que vae matando...

Graças a Deus, que, sómente
Por nos haver abençoado,
O pão nosso é diferente
Desse pão amargurado...

Mas, alguém, com farta mesa
Do nosso pão trivial,
Passa fome, com certeza,
D'outro pão... o espiritual...

Joaquim Silva

. *Ano X, 03/08/1935, n.º 485, página 02*

MARIA

Quão linda me pareces, ó Maria,
toda vez que te vejo num altar!
Quando és a Virgem-Mãe, a te exaltar,
dos Anjos sinto toda a jerarchia.

Quando és a Immaculada, em teu olhar
encontro sempre amor, sempre alegria:
porém, se a Mãe das Dôres, a chorar,
tens de quem soffre a estranha symphatia.

Mas, inda vejo em ti maior encanto.
É quando, aos pés da Cruz, immersa em pranto,
demonstras ter virtude em nós tão rara,

pois, tendo traspassado o coração,
ainda a Jesus supplicas o perdão
de toda gente que o martyrizára.

J. DE PAULA DIAS

. Ano X, 10/08/1935, n° 486, página 02

Madrugada no campo

Vae-se clareando, aos poucos, o occidente...
É a fresca e somnolenta madrugada
Que se approxima por entre a estridente
Algazarra da alegre passarada...

A brisa sopra agora, brandamente...
A Natureza toda está impregnada
De um perfume agradável, envolvente...
Há vozes e risadas pela estrada,

Que, pouco a pouco, vão se approximando...
São os trabalhadores. Passam, os mais moços
Rindo e os mais velhos, graves, conversando...

O sol se desponta agora, e as lavadeiras
Reunidas em redor de grandes poços,
Lavam roupas, alegres, cantadeiras...

MARINHO GIOVANNINI

. Ano X, 24/08/1935, n° 488, página 01

Assumpção de Nossa Senhora

Neste asylo de caridade,
Os mendigos encontram o pão,
Encontram amor, fraternidade,
Dos seus males consolação,

Também os innocentes
Da primeira Communhão,
Recebendo o pão celeste

Que lhes dá a salvação.

Hoje, este dia tão singelo,
De divina contemplação,
Tão glorioso e tão bello,
Que palpita o coração.

Gloria a Deus nas alturas,
E aos homens de boa vontade,
Que terão do Bem a fartura,
Paz, saúde e felicidade.

. Ano X, 24/08/1935, n.º 488, página 02

Uma lenda

Neste teu álbum, dolorida amiga,
Nesta pagina branca que me deste
 Para uns versos deixar,
Quero uma encantadora lenda antiga
 Agora recordar.
Lenda vinda da Santa palestina,
Quiçá composta por algum asceta
 Da epopéa Christã
Ou que talvez nasceu, muito em surdina,
Em meio das canções de algum poeta
 Numa bella manhã:
Quando, no topo agreste do Calvario,
Morreu, braços abertos, para o mundo,
 O pallido Jesus,
Mais lívida que um lívido sudário
Uma mulher, num soluçar profundo,
 Chorava aos pés da Cruz.

Os legionários ríspidos de Roma

Que jogavam a túnica do morto,
De brônzeo coração,
Quedaram-se – que a dor a tudo doma –
E ante a magua daquelle desconforto
Tremeram de emoção.

Descendo a encosta da paixão sublime,
Cabisbaixos, soturnos, pensativos,
Os ásperos judeus
Mediam a grandeza de seu crime
Por aquelles soluços pungitivos
Que subiam aos Céos...

E quando apagou o ultimo raio
Do sol daquelle tarde inolvidável,
Do luar o candor
Inda encontrou, em languido desmaio,
Chorando aos pés da Cruz, inconsolável,
A mãe do Redemptor.

Mas, no dia seguinte, ao romper da alva,
Os que forem ao monte do martyrio
Pararam de tremer,
Vendo que sobre a pedra fria e calva
Abria o cálice fulgente um lyrio
De prata a florescer...

O pranto mais amargo de Maria
Fecundára a aspereza do granito
Desabrochando em flor,
E do lyrio nascido da agonia
Ascendia aos mysterios do infinito
O perfume da dor...

ANDRADINA DE OLIVEIRA

. Ano X, 21/09/1935, n.º 492, página 03

Mãe

Tu, mãe, que foste um modelo
De carinhosa afeição,
Não morreste, - eu sei dizel-o,
Vives no meu coração.

- Coração desconsolado.
Que, desde quando partiste,
Ficou sempre amargurado,
E a minh'alma sempre triste.

Coração amargurado,
Transbordando magua e dor,
- Só se sente confortado,
Relembrando o teu amor.

E sempre, sempre a chorar-te,
Nesta afeição tão querida,
Viverei a recordar-te
O resto da minha vida.

Tu, mãe, que foste um modelo
De carinhosa afeição,
Não morreste, eu sei dizel-o,
Vives no meu coração.

Joaquim Silva

. *Ano X, 12/10/1935, n° 495, página 01*

A VIDA

Negra montanha, a Vida. Vão seguindo
por Ella, dia e noite, os caminheiros,
- uns, afrontando os íngremes ladeiros,
Outros, do lado opposto se sumindo.

Quando a montanha, alegres, vão subindo,
em ledo grupo os validos guerreiros,
a passos largos, firmes e ligeiros,
uns, caminham cantando; outros rindo.

Mas, quando já cansados e afanosos,
vão descendo a montanha e contemplando
do nada os vastos ermos tenebrosos,

o quadro é bem diverso; em triste bando,
trêmulos, curvos, tristes e morosos, -
uns, vão gemendo; outros, vão chorando...

Padre Antonio Thomaz

. *Ano X, 19/10/1935, n° 496, página 02*

Stella Matutina

Estrella da manhã, fulgente estrella,
Que illumina da vida a senda escura,
Quanto mais brilhas, scintillante e bella,
Mais a minh' alma anciosa Te procura.

Ó fulgurante, ó *matutina Stella!*
Com tua branda luz, serena e pura,
Aclara a minha estrada que se vela
De densas sombras, de mortal tristura.

Estrella da manhã! Virgem Maria:
Mostra-me o mal, occulto no caminho,
No caminho do Bem meus passos guia!

E que eu possa seguir, entre escolhos,
O meu destino, assim, calmo e sozinho!
Á doce luz dos teus bemedictos olhos!

ANTONIO DE CASTRO

. *Ano X, 26/10/1935, n° 497, página 01*

CHRISTO REI

Christo vence! Christo reina! Christo impera!
Palavras ressoadas na Terra e no Céu,
Pois toda a humanidade assim espera,
A sublimidade de um sobreano Deus.

Palavras de amor inescurecível,
Que vibram em nossos corações;
Thesouro, bello e inestimável,
Palavras de sciencia e emoções.
Tardes de Outubro, cheias de encantos,
Assim invocamos a Virgem do Rosario:
Que nos conceda os dons mais santos,
De adorarmos a Christo-Rei, no Sacrario.

Com a esperança em nossos peitos,
Junto á perseverança, o mundo passaremos...
Depois, com o jubilo mais perfeito,
A gloria de Christo-Rei cantaremos.

D. KNEIPP

. Ano X, 02/11/1935, n° 498, página 01

NO CAMPO SANTO

Trago á vossa morada, entes queridos,
Todo o sentir de uma alma desolada,
Que lembra, a soluçar, os tempos idos
E rosa da Esperança amortalhada.

Feliz do que, a rever dias volvidos,
Não encontra uma página molhada
De lagrimas, de prantos doloridos,
No livro da existência descuidada.

Feliz quem conheceu apenas flores,
Quem nunca disse o adeus de despedida
A'quelles a quem deu santos amôres...

Inditosos os martyres da vida
Que sepultam no peito atrozes dores,
Como as que eu trago a esta mansão dorida.

JULIETA M. MONTEIRO

. Ano X, 02/11/1935, n° 498, página 03

JESUS

Jesus, - por essa corôa de tormentos
que cinge a tua frente sacrosanta;
pela magua que o teu olhar quebranta,
pelo ardor dos teus lábios tão sedentos:

pelos martyrios cruciantes, lentos,
da Cruz que a ingratição vil te alevanta,

pelo amor de tua Mãe tão Santa;
do teu penar, pelos cruéis momentos;

tu que as virtudes todas abençôas,
que tanta culpa esqueces e perdoas,
tu que tens um remédio a cada dor;

- no mar de fel em que me afogo aos tragos,
Dá-me uma estrella como deste aos Magos...
No meu viver, ampara-me SENHOR!

E. FERREIRA FRANCO!

. Ano X, 09/11/1935, n° 499, página 01

Santa Maria

Santa-Maria! Mãe terna e boa
que nos reanima, que nos perdôa.
Que aos pobresinhos sempre consola,
quando lhes falta pão na sacola.
Que o fraco ampara, que busca o hereje,
que a humanidade toda proteje.
Que acorda as aves, á luz do dia,
enchendo os bosques de melodia.
Que deu aos campos tantos matizes,
para o consôlo dos infelizes.

.....
Oh! dae-me um sonho! Dae-me um amor!
Mãe carinhosa do Salvador.

.....
Séccae meu pranto... Dae-me alegria
Mãe dos afflictos... Santa-Maria!

RISOLETA DA SILVEIRA

. Ano X, 09/11/1935, n° 499, página 03

“Transeat”

Tu és dona de mim, tu me pertences
E, neste delicioso captiveiro,
Não queres crer que, ingrato ou bandoleiro,
Possas eu noutra pensar, ou noutro penses...

Doce cuidado meu, não te convences
De que tudo na terra é passageiro,
Frívolo, fútil, rápido, ligeiro...
E a pertinácia do erro teu não vences!

Num bello dia – hás de tu ver – desaba
Esta velha affeição, funda e comprida,
Que tanta gente nos inveja e gaba...

Choras? Para que lagrimas, querida?
Naturalmente o amor também se acaba,
Como tudo se acaba nesta vida.

ARTHUR AZEVEDO

. Ano X, 23/11/1935, n° 501, página 02

Oração á Bandeira

Meu pedaço de panno idolatrado
Pagina heroica, escripta a quatro cores,
Selva e sol, céu azul, globo estrellado,
Namorada gentil de meus amores.

Symbolo augusto, vindo do passado,
Presente em nossos júbilos e dores,
Que para a gloria foste desfraldado,
Para um povo guiar de vencedores.

Nossa bandeira... não, minha bandeira,
Assim dirá cada alma brasileira,
E eu de outra fôrma não direi também...

A pátria fez de ti um catecismo
Para ensinar o credo do civismo
Por séculos de séculos! Amen.

LINDOLPHO GOMES

. *Ano X, 14/12/1935, n° 504, página 02*

A D. Justino

*(A S. Excia. Rema., por motivo de seu
feliz aniversario que hoje transcorre).*

D. Justino hoje faz annos,
E um dos seus diocesanos,
Em commovente oração,
Roga a Deus que, neste dia,
Transborde em sã alegria
O seu magno coração...
 Pois como chefe da Igreja,
 Na santa missão, peleja,
 Sem dia certo nem hora.
 Ministro de Deus, bondoso,
 Salve! oh! Bispo virtuoso
 De nossa Juiz de Fóra!...

Na sua missão divina,
Pregando a christã doutrina,
Transforma a treva na luz...
Do que viu nas sacras leis
Vae ensinando aos fiéis
As palavras de Jesus.

D. Justino José de Sant'Anna ,
Vossa bondade dimana
Dum mui nobre coração...
Permitti, pois neste instante,
Que uma prece ao Céu levante
Na minha saudação.

12- 12 – 1935
JOAQUIM SILVA

. Ano X, 14/12/1935, n° 504, página 03

Immaculada Conceição

Salve, oh! Virgem Mãe Immaculada,
Pansophia do amor materno;
Esposa do Espirito Santo, amada
Mãe de Jesus, filha do Eterno!

Sois tão pura, bella e formosa,
Sois a Mãe de todos nós;
Na hora triste, desventurosa,
Só achamos consôlo em Vós.
8 de Dezembro, sois proclamada
No Vaticano, com toda extasia,
O dogma de Virgem Immaculada
Conceição, porque sois pura, oh! Maria!

Também neste venturoso dia,
Commemoro a consagração
Que fiz de amar a Maria,
Enquanto palpitar meu coração.

D. KNEIPP

. Ano X, 21/12/1935, n° 505, página 01

Noite de Natal

Oh! noite de natal! Oh! noite de magia!
Na aldeia de Belém a estrella do Pastor
Inundava de luz a humilde estrebaria
Onde havia nascido o filho do Senhor.

O rosto angelical e lindo de Maria
Tinha a doce expressão do maternal amor.
De joelhos José, commovido, sorria,
Contemplando Jesus, o meigo Salvador.

Os anjos pelo Céu, num hymnario divino,
Cantavam o natal do loiro Deus Menino,
E descia do azul a celestial canção,

Envolvendo Jesus, o ser extraordinário,
Que havia de morrer no cimo do Calvario
E aos homens ensinar a verdade, o perdão!

LOLA DE OLIVEIRA

. Ano X, 28/12/1935, n° 506, página 02

NATAL

Noite de Natal, noite de alegria,
Por todos os séculos festejada,
Minh'alma em ti, de jubilo banhada,
Humilde, adora o Filho de Maria.

A prenda sem igual que nos envia
O Céu, por nosso bem, eil-a chegada,
Christo, martyr puro, joia sagrada,
Renovador do mundo, nosso guia.

Da morte dissipa-se o grande horror –
Nos Céos entrar já nos é facultado –
Já entre nós está o Redemptor.

Vinde co'amôr, oh! povo sublimado,
Adorar o Messias Salvador,
Excelso culto render-lhe, ajoelhado.

E. A. LINS

. *Ano X, 04/01/1936, n° 507, página 03*

JESUS

Muito soffreste, oh! dulcido Rabbino!
Quizeste redimir a humanidade
E pregaste, em teu verbo peregrino,
A religião do amor e da bondade.

Exalteste a beleza da humanidade,
Dando o reino do céu ao pequenino.
O humano ser, repleto de maldade,
Buscaste transformar num ser divino.
Deste o perdão á pobre peccadora
Espalhaste a justiça salvadora,
E expiraste no cimo do Calvario.

A fereza dos homens foi maior
Que tua grande fé e o teu amor,
Oh! glorioso e sublime visionário!

LOLA DE OLIVEIRA

. Ano X, 18/01/1936, n° 509, página 01

DATA FELIZ

Data sublime, 20 de janeiro,
Em ti nos deu Jesus, com todo amor,
Bispo exemplar, ministro verdadeiro
De Christo, nosso Rei, nosso Senhor!

Do Céu nos veiu aos braços de Maria,
Em ti sagrado eis o digno pastor;
Ouve, portanto, cheio de alegria,
Nosso canto de gloria e de louvor:

Prosegue oh! sim, prosegue oh! mensageira
Feliz, no teu labor; nunca te olvides
Desta terra do Brasil, terra mineira,
E a seu Bispo ampara sempre em suas lides.

Juiz de Fóra, 20 – 1 – 1936
JV.L.

. Ano X, 01/02/1936, n° 511, página 04

POEMA EM FÓRMA ACROSTICA AO BISPO DE JUIZ DE FÓRA

A primeira prece

Doira do Céu o sol num ultimo clarão,
Já não tarda num crepusculo o dia terminar
Ungido por um suave perfume que faz pairar no ar,
Saindo de tudo o que cerca a natureza
Tanto encanto, que a cândida beleza,
Indo nos tocar directa ao coração,
Nos torna a alma em doce communhão,
O espiritual da terra num dia a findar!

JESUS! JESUS infante e pequenino,
O DEUS prometido, o DEUS menino,
Se aproxima de MARIA a VIRGEM amada
E faz a sua primeira prece immaculada.

De que serviria oh! MãE da terra assim todo esse encanto
E a humanidade viver nella sempre em pranto?!

SENHOR!

A minha vida eu vos consagro e offereço,
Nada me parece a soffrer que não mereço,
Todo o soffrimento para o meu coração é pequeno!

A causa é tão grande! Salvar a humanidade pelo meu amor,
Na afronta da injuria, no sacrificio do meu sangue,
Nada melhor ao vosso DEUS menino,
Ainda bemdirei SENHOR todo o soffrer e dor!

S. PAULO, 20 – 1 – 1936
Abigail Horta Cavenaghi

. Ano X, 15/02/1936, n° 513, página 03

A lição do Natal (Acrostico)

Ia a noite plácida abaixando,
Linda e estrellado era o céu como para os fugitivos festejar,
Vagarosos fatigados mas esperançosos, iam, caminhando
A procura de um abrigo para descansar.

Virgem Maria, olhando um pequenino estábulo, então dissera:
Achamos finalmente aqui, meu bom companheiro, aqui n'esta humildade
Logar propicio para lembrar a toda humanidade,
Logo que o orgulho máo a vaidade impára
E falsamente a desvie da felicidade,

De que o Filho de Deus, sem grandezas e orgulhos veio ao mundo,
E que na pobreza de um estábulo, deu ao nascer o exemplo maior
(e mais profundo!

Mais vale oh! Virgem Mãe! É bem verdade! Um lar pobre e feliz
Aonde o amor e a paz dêem claridade qual phanal
Com o lume do trabalho que bem diz,
E engrandece aos homens de moral
Do que num palácio e ouro aos milhões,
Onde a maldade e descrença matando as almas ennegreçam corações!
Abigail Horta Cavenaghi

. Ano XI, 01/03/1936, n° 515, página 03

O PRANTO

Chorar... O pranto é bom... É o balsamo bemdicto
que traz consôlo a paz ás dores dum afflicto...
Filho da vida, o pranto, em berço recebemos,
porque em verdade foi chorando que nascemos...

O pranto é um lenitivo, é um mágico condão
que dentro em nosso peito afaga o coração.

Feliz de quem chorar... de quem puder chorar...
de quem a sua dor em lagrimas abafar...

A lagrima sincera, a lagrima fervente,
depura o peccador e eleva o innocente.

A lagrima é bem dita, a lagrima é divina...
Por isso é sempre pura, é sempre criystallina...

Bem haja o pranto bom, amargo, immaculado,
E a lagrima divina – o pão do torturado!

FERNANDO A. DA ROSA

. Ano XI, 07/03/1936, n° 516, página 02

Olhando para o céu

Maria immaculada, abriga-me em teu seio
P'ra que eu possa levar esta pesada cruz
Ao caminho de dor que á vida me conduz
Muito além desse abysmo onde cansado anseio.

Dá-me em tua benção a immorredoura luz
Que venha illuminar a estrada que ando em meio...
Dá-me fé. Faze-me crer mais do que ainda creio
Na bondade sem par do teu Filho – Jesus!

Sem ter nada no mundo eu vivo caminhando
Captivo a esta masmorra onde há perturbações,
Mas enfim vivo alegre, o amor a Deus cantando...

E, agora, que contemplo o azul de estrellas cheio,
Eu te peço constricto em minhas orações:
- Maria Immaculada, abriga-me em teu seio!...

ELOY BARRETO

. Ano XI, 28/03/1936, n° 519, página 01

São José

Numa das mãos o lirio da pureza,
Com sua bella e immaculada alvura;
De sua vida a maxima grandeza,
De sua gloria a excelsa formosura!

Em seus braços, radiosos de candura,
Fulgurante, de célica belleza,

Um Deus repousa com filial ternura,
Entre as faixas da humana natureza!

Filho de reis, o misero operário
Transformou a officina num sacrário,
Fez do trabalho uma ardorosa prece!

Quanta grandeza e quanta santidade
Sob os véos da pobreza e da humildade,
Na vida desse justo transparece!

. *Ano XI, 28/03/1936, n.º 519, página 02*

A VOZ DA IGREJA

Peccadora, peccadora!
Oh! não te deixes perder!...
Foge ao abysmo da morte!
Ainda podes viver...

Não digas que é muito tarde...
Não duvides de Jesus!
Elle perdoou Magdalena!
Consolou Dimas na cruz!

Recorre á Mãe da Bondade,
Que na infância te sorria...
Só desanima na vida
Quem não conhece Maria!

Lieda Cristina

. Ano XI, 04/04/1936, n° 520, página 02

SONETO

Quer viva alegre, quer me punjam dôres,
Jamais esqueço minha mãe querida,
Pois trago dentro de mim, como esculpida,
A imagem della ornada de fulgôres.

E, de continuo, em mysticos ardores,
Se eleva aos Céos minha alma enternecida,
Pedindo a Deus que lhe prolongue a vida
E lhe conceda sempre os seus favores.

E, quando vou rezar á Virgem pura,
Succede que seu nome se mistura
Ás minhas preces, com frequencia tanta,

Que eu temo, ás vezes, não se manifeste,
Enciumada, a minha Mãe celeste,
Do grande amor que tenho áquella santa.

PADRE ANTONIO THOMAZ

. Ano XI, 11/04/1936, n° 521, página 01

Crepúsculo da agonia

Cobre-se a terra de tristeza,
de luto e de pezar.
Chora toda a natureza
na cor sombria
e crepuscular
de um fim de dia!

Christo no Calvario,
para o gênero humano salvar,
acaba de morrer!

E naquelle sudario
cheio de injuria,
que o seu corpo envolveu,
redimiui pelo seu sangue,
do peccado, aquella fúria insana
e desatinada
de massa humana!

Christo no Calvario acaba de morrer!...
E a dôr profunda, suprema, de Maria,
acompanha toda a natureza,
no trovejar soturno deste dia!

Abigail Horta Cavenaghi

. Ano XI, 18/04/1936, n° 522, página 01

Therezinha de Jesus

Teve, na vida, apenas um cuidado:
- Subir ao céu e, das mansões radiosas,
ver cair sobre o mundo desolado
uma chuva de pétalas de rosa.

As almas soffredoras, desditosas,
têm para Therezinha o olhar voltado,
e Ella, a santa das santas milagrosas,
ouve os rogos de todo desgraçado.

Pequenina morreu e se fez grande
por todo o immenso bem que d'alma expande
em risos, flores, cânticos e luz.

Que essa chuva do céu em rosas desça,
e as almas resequidas reverdeça,
oh! doce Therezinha de Jesus!

BELMIRO BRAGA

. Ano XI, 09/05/1936, n° 525, página 02

SAUDADE

Como é antiga esta saudade!
Um dia desceu, triste e sombria
como as brumas cinzas d'esta cidade
sempre poeirenta de garoa fria!

Desde então, quanto tempo já correu!...
Na minh'alma, sempre enevoadada,
ficou saudade que não mais morreu,
na dor da tua ausência cruciada.

Quando São Paulo fica garôento,
triste, pallido o céu de opala,
no meu coração tenho soffrimento.

A dor da saudade, em mim, alto fala.
Suffoca o coração sem piedade,
nas brumas pesadas da tua saudade!

ABIGAIL HORTA CAVENAGHI

. Ano XI, 09/05/1936, n° 525, página 03

MAIO

Mez de Maria! Mez dos esplendores!
Mez que nas almas traz muita alegria!
Dos fieis, em dulcíssima harmonia,
Aos céos se elevam vozes de louvores.

Tudo é mais bello neste mez! As flores,
Das mais simples ás mais lindas, a Maria
Parecem desferir a melodia
Da gloria e do triumpho, em seus odores!

A natureza inteira vibra e canta
Neste mez tão risonho de ternura,
Cheio de vida, de alegria santa!

És o mez da mais rutila ventura,
A que nos satisfaz e tudo encanta!
Mez de Maria! Ó mez de formosura!

NEMO

. *Ano XI, 16/05/1936, n.º 526, página 01*

No sorriso de Maria

É o lindo mez á Virgem consagrado...
De flores mil pintalga-se a campina;
Sonhando, a lua, á noite, se reclina
No azul coxim de nuvens rendilhado.

Nas florestas, de um verde avelludado,
Os passarinhos cantam em surdina;
E na capella branca da collina,
Badalam sinos de metal doirado.

Passeiam harmonias pelos ares...
E as luzes multicores, estellares,
Sorriem, scintillando de alegria.

Mas o brilho das flôres e o perfume,
E o céu, e os mares, tudo se resume
No divinal sorriso de Maria...

BELMIRO RIBEIRO

. Ano XI, 06/06/1936, n° 529, página 04

Suplica ás nuvens

Oh! nuvens que, por um céu azul, vejo passar
semelhantes ás ondas que, na praia, se vão arrebentar!

Sois, para mim, como as verdes illusões
que, na primavera da vida, enfeitam corações.

Pareceis tão grandes! tão solidas e volumosas,
e vos desfolhaes como, após a primavera, as rosas.
Sentimos, muitas vezes, em vós, um cheiro de maresia,
que nos torna scepticos, e da vida nos enfastia.

Ou, então, em nossa alma fica o vosso perfume ameno
de um jasmineiro que floriu, orvalhado de sereno,

e que, pela madrugada, quando, no horizonte, o sol forte surgiu,
viu que a illusão, na vida, foi breve sonho de hora que dormiu.

Nuvens que, aos meus olhos, vejo tão rápidas se desfazendo,
conservae-me, na vida, a poesia de tudo o que estou dizendo!

Abigail Horta Cavenaghi

. Ano XI, 11/07/1936, n° 534, página 02

Resignação

Não te revoltas mais contra o teu fado
Carrega a tua Cruz, humildemente;
Não revolvas as cinzas do Passado,
E segue pela vida, mansamente.

E não maldigas nunca o teu presente.
Tendo a esperança e a fé sempre a teu lado,
E pensamentos bons na tua mente,
O coração terás reconfortado.

A resignação é força imensa
Que faz, sempre, acalmar a dor intensa,
Qu, ás vezes, a nossa alma toda invade.
 Enxuga esses teus olhos doloridos...
 Suffoca no teu peito esses gemidos,
 Não te deixes vencer pela saudade.

LOLA DE OLIVEIRA

. Ano XI, 18/07/1936, n° 535, página 02

Inverno

(Para o Geraldo Monsoldo)

Já o Inverno passou. De novo, as flores
Se desabrocham, lindas, perfumosas,
Enchendo a Natureza de fulgores,
Tornando as manhãs mais radiosas.

Já o Inverno se foi, com seus rigores,
Com suas noites frias, manhãs brumosas...
Tudo se veste, agora, de esplendores!
Retornaram as tardes cor de rosa.

Entretanto, na gente, o Inverno,
Que é dor, que é magua e é tormento,
Não passa nunca... Nunca! É eterno!

E ele transforma o gôso em desgosto,
Infiltrando-nos n' alma o sofrimento,
Espalhando-nos sulcos pelo rosto

MARINHO GIOVANINNI

. Ano XI, 19/09/1936, n° 544, página 04

Tudo passa

É nada o tempo em vista á eternidade
A vida é nada em vista ao tempo inteiro;
E nella o homem, mesmo grande obreiro,
É branda *sombra* em frouxa claridade.

A luz suprema de Deus verdadeiro,
Este ambiente umbroso, um dia invade...
Desmaia a *sombra* em sua intensidade
Chamando o homem a seu fim primeiro.

Antes do tempo eis que a *sombra* esmaece...
Mas a posteridade nunca a esquece
Si della resplendeu virtude rara...

Mais uma *sombra* Augusta hoje desmaia
Á luz divina que do alto raia,
No inolvidável vulto de D. LARA.

+Ano XI, 05/09/1936, n° 542, página 02

Sacerdote

Oh! firme sustentáculo da Igreja;
da Eterna Lei, divulgador fecundo;
és o pharol bemdito que alvoreja
em meio ás tempestades deste mundo!

De triste, o peccador tornas infecundo,
ao perdoares o erro que negreja;
dispensas um consolo ao moribundo
que, só, nas vascas da agonia, arqueja.

Escrinio de favores divinaes,
que em pompas se transmudam auroraes,
pois que da fé o lábaro desfraldas.

Brilhante candelabro de Jesus,
á crassa escuridão levas a luz,
em chispas, em fulgores de esmeraldas!

BELMIRO RIBEIRO

. *Ano XI, 07/11/1936, n° 551, página 01*

TUMULO ABANDONADO

(Para D. Justino)

Num cemitério de aldeia, em canto occulto
pelo matto que crescia,
mal se via o vulto
do tumulo esquecido que elle envolvia.

De branco mármore fora elle formado,
mas o tempo ingrato ennegrecera,
e já do sol não era illuminado,
pelo mattagal que ao lado lhe crescera.

Mas outr'ora fôra também de lagrimas banhado,
e também do sol recebera elle o calor;
hoje o sombrio tumulo abandonado,
é a imagem symbolica da dor.

Está todo elle triste, antigo, envelhecido!
onde foram as mãos piedosas
que deixaram o mármore ennegrecido
e não mais lhe cobriram de perfumadas rosas?!

Quem sabe se talvez alli já descansem também?

Se assim não fora, o matto não crescera,
e nos supportes das velas, as lagrimas de cera
estariam a correr por alguém que se quis bem.

Vê-se que fora outr'ora tão cuidado.
Hoje traz em tudo um aspecto de tumulto vasio.
E quando vem Finados, torna-se mais frio,
na dor de ser assim abandonado.

Oh! vós alma christã que a elle avistar,
que as vossas mãos caridosas afastem-lhe o matto ao lado,
e que ao menos neste dia, dê-lhe o consôlo de não ser abandonado,
murmurando-lhe uma prece ao passar!

Abigail Horta Cavenaghi

. Ano XI, 14/11/1936, n° 552, página 01

MANHÃ CHUVOSA

Chove muito... Uma tristeza
Invade as cousas e a mim.
A chuva, monótona e lenta,
Parece não ter mais fim.

Os galhos cantam, tristonhos,
Em tom de melancholia.
De quando em quando, uma ave,
Tristemente, passa e pia.

Das vidraças das janellas,
Descem cortinas de água;
Dos meus olhos também descem
Chuviscos feitos de magua.

Parece que a natureza
Se dispôz, hoje, a chorar

As loucuras dos maus homens,
Que não querem se emendar...

Chove muito, mas tão mansa
Cáe a chuva, devagar.
É que na terra, há fogueira,
Á qual precisa apagar.

Chove muito... Uma tristeza
Invade meu coração,
Por ver que a chuva tão mansa,
Não apaga os males! Não.

A. F.

. *Ano XI, 21/11/1936, n° 553, página 03*

REFLEXÕES

A vida começa-se com choro,
na vida se passa chorando,
a vida termina-se em prantos...

Nada exprime ou em nada importa
toda vida mal vivida,
si vivida só por viver;
tal vida é folha cahida
da arvore ao sol resequida,
e qual um sonho se esváe.
Deve a vida ser vivida
para o bem, não para o mal,

Se viver se resumisse
em nascer,
viver,
morrer,

ai do mundo! – o que seria.
mui pior viria a ser...
A vida foi Deus quem a fez,
duas vidas foram feitas
para de ambas se escolher
a que nos pareça melhor.
E, emfim, a vida não se resume
em nascer para morrer:
viver é fazer que também viva
o “quid” de eterno e divino
que Deus para bem nos legou...

E. A. LINS

. Ano XI, 05/12/1936, n° 555, página 02

Madrugada

Para meu pae

Bailam, em rodopios, alvos flocos de neblina.
Sobre o velludo da noite, que findou,
vai clareando o dia, como uma grande turmalina.

Transpira a rubra terra
o sereno que tombou,
n'um cheiro morno de seiva que encerra.

Há lantejoulas de boninas
brilhantes como joias de valor.
entre gottas orvalhadas, crystallinas.

Sentimos, na pureza da hora, alleluia, em revoadas.
É apothose do mundo, feita ao Creador,
no despontar do dia, em bellas matinadas.

Porque na terra, sem o plantio obrigatório da semente,

oh! misteriosa beleza das manhãs orvalhadas!
só tu és a Vida, que Deus fez eternamente.

Tocam sinos, enchendo a madrugada de sons vivos,
e os meus olhos, extasiados, admiram o primor
do bailado da neblina n'um rendilhado de crivos...

Abigail Horta Cavenaghi

. Ano XI, 26/12/1936, n° 558, página 03

NATAL

Ao som cadente, altivo, ao bimbalar dos sinos,
Eis que se alvoroça o povo todo da Villa;
Já lá na capella uma viva luz rutila,
Em tons suaves se elevam vozes, doces hynnos.

É Jesus que nasceu, por isso até os meninos
Dão mostras na alegria, e porque não sentil-a,
Se são do Deus-Jesus semelhança, a pupilla
De seus olhos, na terra excelsos paladinos!

O Salvador do Mundo, há tanto e tão esperado,
Eil-o num pobre berço humildemente visto,
Ao lado a Virgem-Mãe, e o casto e bom José.
É que, aos Homens, quis ficasse comprovado
Que aqui não há conforto, e que, sendo elle Christo,
Pobremente nascia, expondo o Mundo o que é.

E. A. LINS

. Ano XI, 02/01/1937, n° 559, página 02

À minha mãe

(Para os meus irmãos)

Mãe minha, a morte, para te brindar,
Levou-te deste mundo de tormento,
Onde o coração soffre sem cessar
Penas cruéis até o final momento.

Dor, decepção, tendo de arrostar,
N'um mundo tão cruel e tão nojento,
Jamais te deixaste exasperar,
Grande que foste no teu soffrimento.

Assim como nasceste, assim viveste,
Presa ao ideal simples de ser pobre,
Mas pura e mansa e boa como nasceste!

Nossos corações guardam, hoje templos,
O livro do passado teu, tão nobre,
Illustrado com teus sábios exemplos!

Marinho Giovannini

. Ano XI, 09/01/1937, n° 560, página 03

CHRISTO REDEMPTOR

(Para Diva Horta)

Quando nuvens negras anunciam uma tormenta
de uma enorme magua ou dissabor,
a amarga e dorida tristeza me afugenta,
piedosa, a tua lembrança, Christo Redemptor.

Quando de uma esperança é illusão perdida,
e no coração afflicto acalmar procuro a dor

que a alma ainda me sangra tão ferida,
tua consolação me vem, oh! Christo Redemptor.

Mas, tudo em mim volta a ter tal tranquilidade,
quando os meus olhos buscam no Morro Imperador,
a Jesus, Pae de suprema bondade,

que, quando a noite chega, vejo como estrella que fulgura
n'um clarão luminoso, abençoando toda Juiz de Fóra
sobre o poético morro, em nebulosa altura.

ABIGAIL HORTA CAVENAGHI

. Ano XI, 16/01/1937, n.º 561, página 02

QUEIXA Á DÔR

A dor, que me vae n'alma e me atormenta,
Horrífica, cruel e impiedosa,
Não uma dor, muitas dores, dor cruenta,
Dor d'alma, dor moral e cancerosa...

Si vivo – soffro, e a dor e, mim augmenta;
Soffro, morro, e não vivo; em suspirosa
Vigília eu passo, vida de tormenta,
Si vivo estou, não com vida. Horrorosa!

Dor fatal, dor cruel, insana, indigna,
Mesmo assim tão aduncas, feias garras
Vens cravar-me no ser, não me allivias?...

Um momento ao menos, menos ferina
Sê, allivia-me, oh! dor! – p'ra que agarras
Um corpo deste, minh'alma atrophias?!...

Do confrade, amigo e admirador,
Emilio Augusto Lins
Pedro Teixeira (de Lima Duarte), 23 – 12 – 1936.

. *Ano XI, 06/02/1937, n° 564, página 03*

ANGELUS

São seis horas da tarde. O sol expira
Lentamente por traz da verde matta.
Por sobre o lindo céu azul saphira
Lua nova a brilhar – foice de prata.

Uma doce tristeza se desata.
Um vagalume pelo espaço gira.
Morrem no poente as nuvens de escarlata
E a própria natureza então suspira.

As sombras descem, envolvendo a terra.
Paira um silencio sobre a grande serra.
É a hora santa da melancolia!

A noite pouco a pouco vae descendo.
Um sino de uma igreja está batendo.
É a hora da oração... Ave- Maria!

Lola de Oliveira

. *Ano XII, 06/03/1937, n° 568, página 03*

ÉS-ME PRESENTE!

Á saudosa irmã Clorinda Polini

Vejo teu vulto orvalhado e sereno
A bocca, e língua lívida e tolhida;
Semi-cerrados cílios vejo o aceno,

Do braço em cuja artéria há alguma vida!...

Nítido ainda eu ouço flébil threno
Do espasmo do teu peito, o da ferida
Do transito imminente do terreno
Ultimo “Adeus” da extrema despedida!...

Vejo-te amortalhada no ataúde
De flores tão repleto! E lentamente
Seguir-te, após, o fúnebre cortejo

Para o jazigo gélido, e não pude,
Nem quero te esquecer!... És-me presente
E noite e dia, e sempre, aqui te vejo!...

CLOTILDE POLINI

. *Ano XII, 13/03/1937, n° 569, página 04*

Encruzilhada da vida

(Para D. Carolina Figueiredo)

Foi d'aqui, desta encruzilhada,
que eu um dia parti...
E nos caminhos que se estão cruzando,
vindo para a baixada
ou galgando contra a montanha n'uma investida,
é que deveria eu escolher o que segui.
Perdem-se elles pelo mundo alem...
e na partida não se differem em nenhum signal.
Dois de'elles são os caminhos do Bem,
outros dois são os caminhos do mal.

Mas, oh! enigmática encruzilhada do destino!
é rubro o teu chão
como se alli houvesse vertido um derradeiro aneio
todo o sangue um afflicto coração!

também eu receiosa ao te encontrar parei,
e lembro-me bem,
foi por sobre esta encruzilhada
que com maior fervor orei.

Após a oração, mais tranquilla parti.
Mas, eu nem sei porque este caminho escolhi.
Tinha a quietude das mattas sombrias,
até os pássaros quedavam silenciosos,
e entre ramalhadas frias
eu caminhava a passos cautelosos.

Caminhava como caminho,
na inconsciência de mim mesma, para a distancia desconhecida,
Que terá de ser um dia o final de toda lida.
E depois de longa caminhada,
eu encontrava os annos como marcos
tombados pela estrada.

Tantos d'elles pelo chão já encontrei.
Agora, porém, é mais firme o caminhar,
e eu commigo penso muitas vezes:
quem sabe se acertei o caminho
e d'aqui em bom rumo irei parar!?

Já não é tão espesso,
tem gramados de arminho.
Ouço ás vezes o chilrear d'um passarinho,
como se fora o meu coração a cantar,
n'uma campina franca e soalheira,
uma canção tranquilla e fagueira.

Mas, eu nunca esquecerei todo aquelle caminho,
e, ás vezes, a lembrar que do um pouquinho
interrogo a mim, ficando a scismar

n'uma inquietação ligeira:
estarei distante ao meu fim?!...
quantos marcos ainda irei passar?!...

Abigail Horta Cavenaghi

. Ano XII, 03/04/1937, n° 572, página 01

QUARESMAS

(para D. Luiza Bonfiglioli)

Tudo fala em Deus na natureza,
desde o insecto humilde e pequenino
que pelo chão vae num esforço rastejando,
até a magnificente a alta belleza
dum céu azul com nuvens de arminho,
que ao cair da noite vae de estrellas cravejando.
Tudo fala em Deus ao nosso lado,
nem o surdo e o cego mesmo podem deixar
de presentir nos átomos da vida a certeza,
de um Deus creador da natureza,
pelo qual o mundo é todo sabiamente impulsionado,
num mecanismo gigantesco organizado.

Tudo fala em Deus na terra em que vivemos.
Tudo nos lembra Christo que morreu crucificado,
e que no mundo ao lado do homem tivemos,
pois, quando chega o tempo daquella immensa dor,
em plena natureza fica o matto todo arroxeadado
das tristonhas quaresmas que se cobrem em flor!

A. H. C.

. *Ano XII, 08/05/1937, n.º 568, página 04*

O crucificado

Eis o calvário! O Christo condemnado,
Estende á cruz o corpo já ferido
Pelas lanças do povo enraivescido ,
E os olhos ergue á altura, desolado.

E nas pancadas do martelo, o brado
Ouve-se do madeiro commovido.
E a turba ignóbil, sem ter ouvido,
Alça o divino mestre lascerado.

Eis a gloria da cruz! Turba, buscae-a!
O Christo a tua ingratitude sentio,
Isalando o suspiro derradeiro.

E de então para cá, doce atalaia,
Desafiando séculos á fio,
Jesus vela no cimo do madeiro!

ALTIVO PACHECO

. *Ano XII, 15/05/1937, n.º 578, página 04*

OBLAÇÃO

Maio; mez de novena e d'alegria,
Da minha vida a mystica alvorada.
A natureza esplende deslumbrada,
N'um olhar infinito de Maria.

Ó virgem mãe de Deus immaculada,
A terra canta em doce psalmodia.
E anjos encham de flores, ó Maria,
A tua mão divina e abençoada.

Que neste mez de festa e de esplendores,
O teu sorriso meigo resplandece
Coroado de cânticos e flores.

Meu coração no teu sorriso immerso,
Desabrochando, ó virgem, n'uma prece,
Vem offertar-te os lírios do meu verso!

S. Sebastião, 8 de Maio de 1937
ALTIVO PACHECO

. *Ano XII, 29/05/1937, n.º 580, página 04*

MÃO DE CRENÇA

Mão innocente, nívea, pequenina,
Como um lírio mimoso a palpitar...
Quanta surpresa a sorte te destina...
Quanto bem, quanto mal hás de espalhar!...

Guiarás algum barco em alto mar?
Impellirás o arado na capina?
Irás sobre um teclado deslizar
Ou serás, amanhã, mão assassina?
Essa mãozinha que enlevada vejo,
É a rósea concha do materno beijo,
Só blandices de flor Ella contém.

Que sejas, sempre, assim immaculada
Que estejas para o mal sempre fechada
E aberta, unicamente, para o bem!

LOLA DE OLIVEIRA

. Ano XII, 05/06/1937, n° 581, página 04

Na Selva

O lenhador golpea a árvore boa,
O secular ipe, soturno e bronco.
E o pam... pam... do machado bruto sôa,
Como da fauna o tenebroso ronco.

Geme dorido o gigantesco tronco,
E a fronde ao solo rústico osborôa.
Alem... na grota alem... medonho, ecchôa
O augustioso e desvairado ronco.

Um gemido de dor rola na sombra
Farfalhar. A floresta sofre e aneia.
Soluça em torno o vento... treme a alfombra.

E scintilando ao choro da cascata
O riacho, ululante, serpenteia,
Rasgando o verde coração da matta...

São Sebastião da Estrella, 21 de maio de 1937

ALTIVO SELVA

. Ano XII, 12/06/1937, n° 582, página 04

O Collar de Rubis

Numa caixa de joias, muito fina,
De seda purpurina,
De brilhante matiz,
Scintillavam rubis.

Tomei, em minhas mãos, o custoso collar
E cada um rubi começou a fallar:
- Eu, disse o primeiro, sou o rubi oriental:

Nas pedras preciosas não conheço rival.
Sigo por sobre a terra, em marcha triunpha!
Caminho sempre avante
Pois deante de mim, curva-se o diamante.
Sou mais forte, também, e de maior valor.
Eu symboliso a vida, a alegria, o amor!

O segundo exclamou: - Sou o rubi-rubicella!
O terceiro gritou: - Eu, o rubi-espinella!
O quarto, replicou, numa voz deliciosa:
- Sou o rubi Bohemia, a pedra cor de rosa!
O quinto bradou, com ligeira emoção:
- Eu tenho a cor do cravo, eu nasci no Ceylão!
O sexto continuou: - Na India decantada,
Eu surgi como a rosca madrugada!

O sétimo, que ao sol resplandecia
Era um rubi do Brasil, trazido da Bahia.
O oitavo faiscava, docemente,
E tinha a cor dorida do poente.
O nono fora encontrado Ratuapura,
Era uma pedra de rara formosura.
O décimo, e talvez o maior do colar,
Viera do Tibet e deslumbrava o olhar.

Um outro rubi, quase minúsculo,
Guardava a cor maguada do crepúsculo.
Parecia querer amesquinhar
Entre todas as pedras do collar;
Mas tinha um brilho estranho e peregrino.
- De onde vens? – perguntei ao rubi pequenino
Conta-me a tua historia de pedra preciosa
Viste do Tibet? Da India misteriosa?
És, de certo, o rubi mais raro do oriente.
E o pequenino rubi falou, pausadamente:

- sabes porque o meu brilho é extraordinario,
Que offusca a própria luz?
É que eu nasci no cimo do Calvário,
Sou o rubi do sangue de Jesus!

LOLA DE OLIVEIRA

. *Ano XII, 19/06/1937, n.º 583, página 01*

PATER NOSTER

Á D. Justino

INÉDITO

Padre Nosso que estais no Céu e em todo o canto,
Onde a fé vos implore a graça de assistência,
Bemdicto seja sempre o vosso nome santo
E tudo que compõe a vossa pura essência.

Venha a nós o vosso reino, seja feita, quanto
Queira, vossa vontade, e que a vossa clemência,
Nas horas de amargura, nos console o pranto
E nos dê sempre arrimo e paz á consciência.
O pão nosso de cada dia hoje nos dae,
E como merecermos, como perdoarmos,
Também as nossas dividas nos perdoe.

Não nos deixeis cair em tentação, Jesus,
E livrae-nos dos males todos que encontrar-mos,
Porque sois o pharol que certo nos conduz.

João Villela Marques da Rocha
Juiz de Fóra, 9 – 6 - 937

. Ano XII, 19/06/1937, n° 583, página 04

Coração Sagrado de Jesus

Andei tão triste há dias atrasados,
Que tudo me enfastava atrosmente.
Nem o rumor das ruas, nem a oração ardente,
Transformavam meus gestos enfadados!

Depois passavam as horas vagarosas,
Com ellas também fui no meu destino
Incerto e vago. Mas o som de um sino
Despertou-me das scismas dolorosas.

Então entrei num templo magestoso;
Quedei-me alli, sentindo um grande goso,
Como quem sae da terra para a luz.

É que no altar uma imagem eu via,
Fitando-me com a doçura e a magia,
Do coração sagrado de Jesus.

Alice Pessoa da Fonseca

. Ano XII, 26/06/1937, n° 584, página 04

Therezinha de Jesus

Erguida ao pedestal entre as Santas
Sob alvo manto e vestes cor de havana,
Quando o devoto, nesta vida insana,
Curvo a teus pés, freirinha, tu supplantas!

Dessa historia das tuas rosas, quantas
Rosas por ahi já cantam; hosanna!
Creio que se divinisa a mão profana
Apenas toque as rosas que tu cantas.

Dos teus olhos de luz, sobre as meninas,
Meninas dos meus olhos, minhas filhas,
Desce todo o esplendor das tuas graças...

Da virtude do Amor que lhes ensinas
Dá que floresçam lindas maravilhas!
Por esse Christo e rosas que sobraças!

Mathilde Ulrich de Almeida

. Ano XII, 10/07/1937, n° 586, página 04

IGREJINHA DA VIRGEM

Para Soeur Octavie du S. C. perrissoud.

Na mais bonita collina que do povoado se avisinha,
tinha sido terminada a humilde Igrejinha.

Era tão pequenina! mas feita com tanta devoção.
que os olhos crentes viam nella uma larga immensidão,

cabia-lhe mesmo o mundo de amor de um sacrário.
Para aquelle povo bom e crente era todo um santuário.
Maio! primeira novena em louvor a Virgem Milagrosa.
Galgando a collina entre cânticos vinha a romaria fervorosa.

Via-se então em teu semblante Virgem Mãi, tanta alegria
ao ouvir do teu nicho florido entoarem Ave Maria!

E despendia-se do teu coração benção tão valiosa,
que crescendo, alargando a Igrejinha tornou-se magestosa!

E na mais bonita collina que do povoado se avisinha
a romaria toda exclamou: como é grande a Igrejinha!

Abigail Horta Cavenaghi

. Ano XII, 17/07/1937, n° 587, página 01

IMPLORANDO

Virgem Maria santíssima,
Oh! Mãe carinhosa e eterna!
Sois a Rainha castíssima
Que a todo mundo governa.

Oh! Virgem santa puríssima,
Rainha do Ceo, eterna!
Oh! minha Mãe amantíssima,
Oh! Virgem Mãe sempiterna!

Perdoae minha fraqueza,
De mim tendes compaixão,
Pois toda a vil impureza.

Já expulsei do coração,
P'ra receber a belleza
Do vosso grande perdão!

*Juiz de Fora, 8 de Julho de 1937,
G. Orgino*

. Ano XII, 24/07/1937, n° 588, página 01

Santinha Milagrosa

para as Irmãs do Exto. S. José em S. Paulo

Em fortes rajadas o vento passa assobiando
vergam as arvores em lucta contra a natureza.
E desfolhando-se, pelo chão as folhas vão rolando
num consternador espetáculo de tristeza.

Passam algumas aves ligeiras assustadas,
e vê-se que todos procuram um seguro abrigo.
Rapidamente as casas são serradas,
sentindo no açoite ao vento a ameaça do perigo.

Ante a horrível tempestade que desencadeia,
toda a família faz a oração a Santinha Milagrosa,
num rústico oratório iluminado de candeia.

S. Therezinha! Vós que chuva de rosas fazeis do céu tombar,
attendei a nossa prece oh! santinha Milagrosa,
fazendo a temível tempestade se acalmar!

Abigail Horta Cavenaghi

. Ano XII, 07/08/1937, nº 590, página 02

Que importa?

A dor purifica a alma – é a grande verdade que consola e salva.
Soffrer para gozar eternamente.

I

Dentro do peito oprimido,
arquejante,
tenho uma dor – dilacerante,
infinita,
que mais e mais me opprime,
e que, sem ser violenta,
quer, pouco a pouco,
lentamente,
me matar...

Sem piedade!

Mas... que importa?

Assim mais soffro,

mais padeço,
mais fica martirizada
a minha pobre alma...
Os meus caminhos são tortuosos,
sim, são tortuosos, -
mas não importa,
não importa porém...

II

Se é, com efeito, verdade
grande , o meu padecer,
que m'importa!...
e, entanto, o julgo ser uma sublime coisa
uma graça dispensada
em forma de penitência
temporária, branda
pela vontade do Senhor!

E eis porque
a coroa do martyrio
tomarei contente;
e humilde e paciente
recebo tudo
o que os céos me mandam,
e assim o querem,
pois que sou christão;
e como peccador
obediente e submisso
às leis do Eterno
curvarei a fronte,
na hora externa
em fervorosa préce...

III

O martyrio é immenso,
não importa...

Emfim, - sou crente --,
quero compreender, --
tendo eu a paz na alma,
não tendo; não obstante, ao mesmo tempo,
em paz o coração,
essa paz fictícia,
vã, terrena,
transitória, ephemera,
tendo a paz na alma,

a grande, sublime paz
de consciencia limpa,
tranquilla, serena,
e limpo o coração,
quero compreender:
que preferível soffrer,
antes padecer
oh! quantas mil vezes!
penitentemente,
serenamente,
que, um dia,
não poder,
ai!
a alma gozar,
quando for chegada
ao termino da jornada
na celeste morada
das ternas delicias e oh! que delicias!,
da alegria
incommensuravel,
incomparável,
eterna e gloriosa!
ao pé de Deus,
infinitamente...
UNIÃO

E. A. LINS.
Barbacena - Minas

. Ano XII, 11/09/1937, n° 595, página 02

A luz da vida

Na estrada comprida
e fria
da vida

dois estranhos cruzaram um dia.

Um sorria,
sorrisos francos
dem alegria
e de bondade;

como lírios brancos
de pureza

Era pobre, e na simplicidade
da pobreza
tinha a felicidade.

O outro era triste e pensativo...

De olhar demente,
porte altivo
e orgulhoso

Caminhava tristemente,
á passo incerto
e vagaroso
elegante, ao certo.

No luxo e na opulência
passava a existência,
Mas... era infeliz.

Vendo que o outro sorria
com ledice
e alegria,
disse:

“Porque sorris,
assim feliz?

Tão pobre,
só andrajos de cobre.

Eu tenho tudo,
vivo entre arminhos e velludo,
sou nobre.

Todos rendem homenagem
ao ouro que me cobre.

E na aragem

do meu desejo,
tive o bafejo
da ilusão
embelecida,
a alma é o coração
consagrei
aos amores que sonhei
na vida.
E ao meu olhar tristonho,
para meu castigo,
tudo passou como um sonho,
como tudo passa, meu amigo!
Mas, a recordação me acalma.
Sombras me apavoram...
A tristeza
e as maguas choram
n' alma
n' um pranto sem fim.
E a riqueza
o vício da cidade,
tudo me cançã.
Enfim,
eu não tenho esperança
de encontrar felicidade...
Meu coração
chama em vão,
n' um desespero amargurado!"
E o desgraçado
na garganta um soluço abafou:
O outro então falou:
- Tu és um louco
perdido na estrada,
pouco
viveste,
ou nada,

sofrete
amargura
do desengano,
a tortura
dos abrolhos
do orgulho humano.
Oh! alma triste,a ventura
existe,
na divina luz
dos olhos
de Jesus!

São Sebastião da Estrella – Setembro – 937
ALTIVO PACHECO

. Ano XII, 16/10/1937, nº 599, página 04

AO CORREIA

É o coração que fala, embora seja ás pressas.

I, decus, e nostrum, melioribus utere fatis

(Eneida VI, 546)

Partes... No longo adeus, a alma sonora
Hospeja symphonia e queixume e lamento.
Vibra, ó, sim, porém dilúculo sangrento
esfuma o coração e ao coração aflora.

É mesto entardecer, é fúnebre momento,
silencio tumular da crespusulina hora,
em que a alma, toda envolta em quedo sentimento,
emudece, soluça, arrulha, geme e chora.

Partes... Há névoas longe... é hora vespertina,
a aragem roçagante enruga a tremulina,

na limpidez do lago. E a nossa está triste,
Sente vir, sobre si, a noite, e essa tristeza
que surge do negror da trêda natureza,
vendo que partirás, já penso que partiste.

E tu dizes adeus e, em breve, irás partindo,
sulcando as amplidões do mar imenso, infindo,
deixando para traz os rastilhos de espumas,
as lacrimantes brumas,
a saudade que vae seguindo as longas rotas.
Que te acompanhem sempre as brancas gaivotas,

ridentes, rumorosas,
e o tatalar de alcyones donosas,
os mares de bonanças,
as frescas brisas das ondinhas mansas,
a bençam estellar do cruzeiro do sul,
e a loira lucidez de mil constellações.

Os nossos corações
se entristecem, por ver que vaes embora,
alegram-se, porém, pensando em tua aurora.
Vá, segue feliz para a Eterna Cidade,
deixa lique fazer-se a névoa da saudade,
as ardentias flavas,
que, semelhando flósculos de lavas,
vão perseguindo o barco e vão ficando atraz.
Assim a deixarás.
Mas, quando o pensamento a pátria além buscar,
além do mar imenso, além do infinito mar,
pensarás em teu berço e nos amigos teus,
neste sentido adeus,
saberás que também se encontrará, aqui,
quem pensa ao longe... ao longe... além, quem pensa em ti.
Partes... no longo adeus, na hora da partida,

Nossa alma acordes tem de alegria e de dores;
vê diante de si, o adeus da despedida,
vê florirem além, as roseiras, as flores.

Partes... Há névoas longe. Ah! dirás tu, são lenços,
os lenços da saudade, humectados, imensos,
Oh! não, diremos nós, é que a viagem é calma,
Vem a noite sorrir, cheias de fulvos astros,
brinca a luz do santelmo, embandeirando os mastros,
vá, amigo, tem paz, tem alegria n'alma.

Men. Benedicto V. Junior

. Ano XII, 30/10/1937, n° 601, página 01

ALMA VOLUVEL

Alma inrequieta, frágil inconstante,
que vagueia na terra qual raça de nomada;
nada lhe prende mais que um instante,
sempre ansiosa de nova vida ignorada.

Por acaso alma volúvel, não saberás sentir
que no viver simples sómente resume a felicidade?
que só a paz de alma é que pode permitir
mesmo ao corpo enfermo uma tranquilidade?

Alma inconstante! Sempre fugindo em voo altaneiro,
qual andorinha que no inverno o sol vai procurando,
deixas a plácida campina pelo desconhecido outeiro.

Fique aqui alma ingrata! Aqui ainda há sol!
Nas searas de Deus, os dias suaves vão passando,
e no findar dos nossos dias há sempre um arrebol!

Abigail Horta Cavenaghi

DOM SILVERIO

Nosso bondoso amigo, o Sr. Collatino Fernandes Lima, ofereceu-nos um poema inédito do Revmo. Sr. Padre Cyrillo, o qual este escreveu por ocasião da morte do grande brasileiro e santo Bispo, Dom Silvério Gomes de Pimenta.

Ao Sr. Collatino, que recebeu estes versos das mãos do falecido poeta, agradecemos a gentil oferta.

Por montes, valles da mineira terra
com sol abrasador com chuva horrenda,
corre a campina, vae trepando a serra,
o rio vadea, na floresta a senda
abre Silverio e o verbo scintillante
leva do céu á alma mourejante.

Com Jesus á Samaritana aponta
ao poço de Jacob a água da vida,
com Jesus ao Samaritano aprompta
a salvação, sarando-lhe a ferida;
ás almas a rete Dom Silverio lança
e de São Pedro encher o barco alcança.

Sinite e corre ao velho peito arfante
a criancinha pobre abandonada.
A virgem do lyrio branco e perfumante
de Dom Silverio a sombra é agasalhada.
Como Jesus pobre na sociedade
ouro e gemmas derrama e caridade.

Pela mimosa pátria do Brasil
e para a igreja mil levitas cria
e de Jesus leva e chama ao redil
a pátria inteira em nome de Maria.

Altea da sciencia o lemma e do labor,
patria e Jesus, a synthese d'amor.

No céu da pátria estrella fulgurante,
é polyglotta, altíssimo jurista,
sopho, letrado e vate scintillante,
d'Ellade e Roma da palavra artista,
alma d'Ellias, Salles no fervor,
de Borromeu espírito primor.

Mas... desventura! já volve ao tramonto
o sol esplendido, est'alma luminosa,
cumpriu já neste momento em ponto
a sua jornada, a luz esplendorosa.
Para Jesus voou no paraíso
o nosso pae, o anjo do sorriso.

Mas, non moriar, canta do céu amor,
non moriar haspeja o coração,
e nom moriar a sciencia do Senhor,
o noon moriar aponta a religião,
O santo amor, a sciencia e a caridade
de Dom Silverio envolve a eternidade.

O bispo santo, o meu pae amado,
o coração suave, alma bondosa,
do paraíso, de gloria cercado
olha o gemido, a ancia dolorosa
do teu poeta, na magoa afundado,
nesta terra sosinho, abandonado.

P. Cyrillo

. Ano XII, 20/11/1937, n° 604, página 04

Á VONNINHA

Ao pouco a vida á morte o lugar vai cedendo
Mais um momento esse homem que está a agonisar,
Morrerá, e com ele vai desaparecendo
Toda esperança que os seus tinham de o salvar.

Da morte não teve medo e calmo a recebeu.
Também não era possível de outra maneira ser,
Porque se todos vivessem, conforme ele viveu,
Penso que assim também haveriam de proceder.
Viveu fazendo o bem e somente caminhava
Pela estrada do dever com honra e nobreza.
Foi catolico e ao próximo sempre ajudava.

Foi leal, honesto, bom esposo, pai exemplar,
Roque Domingues de Araujo, a quem com firmeza,
Em tudo e sempre se deve procurar imitar.

C. C.D.

Cataguases, Novembro 2, 1937

.
Ano XII, 27/11/1937, n° 605, página 01

DEUS

(Especialmente para O “Lampadario”.)

Deus! – Harmonia completa da Natura,
Fonte sublime aonde nos fartamos
Do precioso liquido. Formosura...
Das estradas por onde caminhamos!

Deus! – Amor e Paz – Essencia pura,
Recompensa soberba que ganhamos
Após de amarga e trega desventura,
- Após do amargo pranto que choramos!

Deus! – Verdade pura e absoluta
Que encoraja os fracos para a luta
Quando a vida se lhes torna desgraçada!

Deus! – Justiça e Fé – Oráculo santo!
- Consolação de amor, que enchuga o pranto...
E a lágrima da dor sempre chorada!

Juiz de Fora – Novembro de 1937
Martins - Filho

. *Ano XII, 04/12/1937, n° 606, página 04*

Contricção
Ao “O Lampadario”

Quem pôz sobre os meus ombros esta cruz
Que arrasto sem saber onde o Calvario?...
Foi o meu Doce Deus, o meu Jesus
Para punir-me assim, de meu desvario?...

Elle tão Bom e de saber tão vario,
Cujas sentenças são pharóes de luz,
Não me feria, ó não! com tal rosário
De tantas maguas que ninguém traduz!

Bemdicta sejas tu, ó minha dor!
Sombria companheira de jornada!
Pelo bem que me faz teu amargor

Conduzindo minha alma tresmalhada
Aos pés do meu Divino Redemptor.
Ao Reino da Verdade Immaculada!

C. de Avellar

. Ano XII, 11/12/1937, n° 607, página 04

PAISAGEM DA VIDA

Para D. Justino – 12/12/1937

Pallido e languido, mais um dia declina!
Há um perfume agreste de rosmaninhos,
que vindo do Valle sobe a encosta da collina,
por entre o verde musgo dos caminhos.

Canta tristonha uma jurity saudosa!
Tomba o sol, termina mais um dia!
e a natureza está toda langorosa
nos últimos clarões que do céu irradia.

Vagarosamente desce um véo por sobre a serra,
Vê-se ainda toda a brancura de uma linda ermida,
destacando-se na noite que poisa sobre a terra,
como se fora a treva amortalhando a vida.
Ave Maria! ao longe tocam para o funeral do dia os sinos.
E a vida é assim: um dia rápido, fulgaz e passageiro,
e enquanto festejamos em repiques crystallinos,
esquecemos que o tempo é tão breve e tão ligeiro.

E a nossa alma?!.. é como a branca ermida!
Devemos trazel-a sempre tão límpida e alvinha,
que ao crepúsculo tristonho e sombreado da vida
ella surja perfumada, luminosa e branquinha!

Abigail Horta Cavenaghi

. Ano XII, 25/12/1937, n° 609, página 04

Ao pé do Presepio

Sarah Abrahão

Adoro-Te, prostrada, ó Deus Menino,
Nesta Bemdita noite de Natal.
Que ao mundo vieste, assim tão pequenino,
P'ra delle exterminar p'ra sempre o mal

Loura criança de sorrir divino,
Sejam as minhas preces o signal
Do amor que te consagro. Quão franzino
Pareces ser, Infante sem igual!
Adoro-te em silencio e humildemente
Ao pé do teu presépio, ó meu Jesus!
Ao suspiros que saem constantemente

De minh'alma, repleta de amor
Sejam espiraes de incenso a Ti, ó Luz
Que, em Belem, accendeu em resplendor.

. Ano XII, 15/01/1938, n° 612, página 04

ANNO NOVO

Que trazes para mim, ó Novo Anno?
Que surpresas terei na minha vida?
Encontrarei a magua, o desengano
Ou terei uma estrada florescida?

Que trazes para mim, ó Novo Anno?
A lucta pelo pão, a mesma lida...
Os doze mezes de trabalho insano
Num esforço, sem trégua, absorvida?

Anno Novo! e minha alma desolada
Cheia de fé, se torna esperançada
Aguardando de ti melhores dias...

Traz-me a consolação ás grandes dores!
Desfolha em meu caminho algumas flores
Recobrando as passadas agonias.

Lola de Oliveira

. Ano XII, 22/01/1938, nº 613, página 04

SINOS

Á D. Adelaide Brandão.

Repicam sinos, alegremente,
Para o baptismo de um innocente,
Um pequenino fructo de amor...
Notas álacres, sonoras, puras,
Sobem, decerto, para ás alturas,
Pedindo bênçãos ao Creador.
 Bimbalham sinos mais docemente
 E dois noivos, commovidamente,
 Dobram joelhos ao pé do altar.
 E os sinos vibram notas cantantes,
 Pedindo bênçãos aos dois amantes,
 Que entre flores se vão casar.

Dobram sinos, lugubrememente.
Passa um cortejo pausadamente...
Olhos maguados, rubros de pranto...
E os sinos tristes, com amargura,
Choram o morto que a sepultura
Já tem aberta no campo - santo.

Sinos! ó sinos! sois companheiros
Desde os primeiros aos derradeiros
Dias que vemos passar na vida.
Pedindo aos céos, bênçãos, clemência,
Marcaes as phases de uma existência
Até a hora da final partida.

Lola de Oliveira

. Ano XII, 19/02/1938, n° 617, página 04

RIACHUELO

Dr Roseny Silva

Foi Prodigio! Riachelo assombra.
É custoso pensar nessa batalha:
 DEUS ali trabalhou.
Ali da morte difundiu-se a sombra;
Em manto, que era púrpura e mortalha,
 E que ao mundo espantou.

O direito de um lado, doutro a raiva,
Rancor de abutre, o ódio sem motivo
 Um capricho do mal.
Fecha-se o tempo, e a morte, qual saraia,
Fulmina o homem livre e o captivo
 Em combate infernal.

A peleja rompeu como um incêndio;
Um diluvio de fogo inunda o rio,
 Que referve em cachão,
E rola e sobe e engole o vilipendio
De mistura co'a legião sem brio,
 Que defende o falcão.

Foi hora de explosão e loucura;
Hora sem luz, sem vida, hora de morte;
 Uma hora que é um fim.

Hora que aterra o anjo da bravura,
Hora que tudo oscila, até a sorte,
Hora sem outra assim!

Transformou-se em catastrophe a coragem
Surgiu de unhas de tigre o heroísmo;
Foi tudo combustão!
Rasgou-se o rio em hórrida voragem
E sedentos travaram-se no abysmo
A hyena e o leão.

Tudo range, vascilla, chia, estala;
O machado, o vapor, o arpéo, a espada
Homérico fragor!
Os navios varados pela bala;
A bandeira voando esfarrapada,
E os brasidas sem cor!...

Lutam, morrem, ou matam nos seus postos,
Os sabres nus, faíscam mil centellhas,
Duelo de vulcões!
Corusca o desespero pelos rostos
Onde as almas refletem-se vermelhas
Já dos céus os clarões!

Barroso empolga o gênio do perigo;
Quase estatua de chofre se electriza,
E emborca o porta-vos.
E parte e voa e cai sobre o inimigo
Em quem, já fundo, o medo paralisa
O delírio feroz.

A Victoria scintilla de repente
Como luz de relâmpago; a esquadra,
Como um órgão soou
Nas mil notas do hynno refulgente

Que a epopéa brasileira enquadra,
E que o mundo saudou!

. *Ano XIII, 05/03/1938, n.º 619, página 01*

O engenho da saudade

Como um cyprete curvo e abandonado,
Guardando a sepultura do passado,

O engenho da saudade, tristemente,
Não sei se inspira-me ou tristezas sente.

Mas, sei que elle traduz, na soledade,
O choro doloroso da saudade.

Um regato queixoso e coleante
Passa cantando em torno do gigante,

Beija seus pés em doce vae-vem...
E a água murmura mansamente – alguém!

E quando o bronze plange, amargurado,
Na torre da egrejinha pendurado,

Na tarde triste, aos gélidos arrancos,
Velho engenho aos meus olhos parece:
Doce velhinho de cabellos brancos,
Olhando o Ceo, de mãos postas, em prece...

São Sebastião da Estrella – Março - 938
Altivo Pacheco

. Ano XIII, 19/03/1938, n° 621, página 04

CREPUSCULAR

Me sinto pouco a pouco envelhecer,
Como quem agoniza de mansinho
Cançado de chorar e de sofrer,
Meio curvado ao longo do caminho.

Levo tristezas dessa estrada nua,
Á senectude doce e carinhosa.
Minha vida passada, tão penosa
Era triste e ainda triste continua...

Que a minha tristeza incompreendida
Não fuja no murmúrio de uma prece.
Por mais que a gente sofre nesta vida,
A gente nunca sofre o que merece.
E gravada me fique na lembrança
A voz do silencio a dor acalma,
Como um brilho suave de esperança
Glorificando o choro de minh'alma.

Quando dobrar o sino da partida
E os meus olhos fecharem docemente,
Deixarei aqui, n'um adeus a vida,
O choro destes versos, tristemente!

Do mystico esplendor que além reluz,
Só levarei no coração um dia:
A alvorada dos olhos de Jesus,
E o ultimo sorriso de Maria!

São Sebastião da Estrella – Março - 938
Altivo Pacheco

A SESTA

Na estrada
avermelhada
coberta de poeira
e alinhada
de bravios juás
e araçás,
cai o sol a pino.

Mesmo da rede recostada
eu vejo ao longe a estrada,
e na ardente monotonia
do sol do meio-dia,
o meu olhar só da paisagem fitar
cerro molemente para descansar.
Ouço ao longe um tilintar igual e cançado,
descerro os olhos do torpor
e vejo surgir ao longo da estrada
a tropa fatigada
e causticada de calor.

Descalço,
bronzado,
camisa aberta ao peito,
chapeo de couro empoeirado,
no cinturão surge a figura do tropeiro.

É um pouco de vida para o meu sertão!

Boas-tarde, me deu acanhado e sem jeito,
e rouco de canceira
e de poeira,

continua cantando uma canção roceira
que lhe encurta o caminhar e lhe anima a solidão.

Tudo se foi e passou!

A estrada torno ver deserta avermelhada
banhada de sol por todo canto.
E uma saudade me ficou do tropeiro e da canção,
que por momentos deu encantos
na vida do meu sertão!

Agora atordoando ouço um forte cigarrar,
e com o balanço da rede
os ganchos richam na parede.

É tão forte o sol lá fóra no seu apogeu de festa,
que na roça nesta hora só mesmo fazendo a sesta!

Abigail Horta Cavenaghi

. Ano XIII, 02/04/1938, nº 623, página 04

Innocência

*É doçura a tristeza da saudade,
E saudade do tempo é poesia
José Maria do Amaral*

Eu fui como esta lympha, doce e pura,
Correndo no jardim da minha infância...
Brilhando ao sol a rara formosura
Como da rosa a dulcida fragrancia.

Resplandecia na brilhante alvura
Os pensamentos bons da minha infância,
Como da ave, o canto da doçura,
Perdendo no silencio da distancia.
Eu tinha o coração como um jasmim...

E cheio de ideias e perspicácias,
Como a lympha correndo no jardim.

E minh'alma era pura aos martyrios,
Como o doce perfume das acácias,
Como as pétalas flácidas dos lyrios...

Altivo Ribeiro

. Ano XIII, 23/04/1938, n.º 626, página 01

CONTRIÇÃO

Florindo o preço de um amor extenso,
Na meiga face, pallida, delida,
Do nazareno, n'uma cruz suspenso,
Fecha-se a ultima pagina da vida.

Neste momento de martyrio intenso
Há n'alma de Maria, commovida,
Um século de dor; um mar immenso
De tédio, em cada lagrima vertida.

Oh, coração de mãe alanceado!
Chorando o teu Jesus crucificado,
Desperta-me da inércia dos defuntos!

Maria, atende a minha prece, atende!
Prendendo-me á tortura que te prende,
E de hoje em diante choraremos juntos.

ALTIVO RIBEIRO

. *Ano XIII, 30/04/1938, n° 627, página 01*

ATHEU

Tu passas pela vida, simplesmente,
eternizando de tua alma o dano,
e cospe-te na face, indiferente,
a espuma do silencio e o desengano.

Nessa fragilidade incoherente,
como a vela perdida no oceano,
precipita no abysmo, lentamente,
o teu tristonho coração humano.

Á essa incensatez ainda não basta
a tua alma ferida nos espinhos
dos sofrimentos; cada vez mais frios,

e vaes como a serpente que se arrasta,
perdida no monturo dos caminhos,
e no lodo dos pântanos sombrios.

Altivo Ribeiro

. *Ano XIII, 07/05/1938, n° 628, página 04*

RESURREIÇÃO

Resuscitou, não está aqui. Assombro immenso.
Tornar á vida quem já foi sepultado?
É mysterio insondável ao humano senso,
Resuscitou, não está aqui, disse o anjo enviado.

Naquella magrugada desse facto, vio-se
Um clarão suavissimo illuminando o céu.
E o gênio do mal desapareceu, sumiu se
Por largo tempo andou vagando ao léo.

Magdalena que alli fôra perfumar,
O sepulchro do Raby morto na cruz;
Vendo-o aberto, e ouvindo o anjo falar,
Sae apressada á ver, quem levou Jesus.

Elle porem a vê; e diz-lhe claramente:
Não me toques, mas vae a avisa aos meus,
Que se cumprio o que Eu disse fielmente,
Pois Eu sou a Verdade e a Vida. Eu sou Deus.

ALICE FONSECA

. Ano XIII, 28/05/1938, n° 631, página 04

**Ao nosso querido Bispo D. Justino de Sant'Ana,
gloria da igreja de Deus e do nosso Bispado**

Salve! Salve! D. Justino,
Alma grande e generosa,
Que do bem é paladino,
De virtude primorosa.
Salve! Prelado do amor,
Que espalha a fé da verdade
Com bondade, com fervor
E com luz de caridade.

Salve! Ministro de Deus,
Gloria, sol, deste Bispado;
Querido dos filhos seus
E por todos respeitado.

Salve! todos vos saudamos,
Com profunda gratidão;
E a D. Justino damos,
Um viva de coração.

*Poesia recitada num auditório do Grupo Escolar
“Antero Dutra” de Pequiri, em homenagem ao
Prelado aos 17 de maio de 1938.
STENIO*

. Ano XIII, 16/07/1938, n° 638, página 01

Lgrimas de mãe

Que Deus o veja, ó mãe, nesta incerteza,
Teu coração de dor partido ao meio;
Que esta imagem da Virgem sobre a meza
É esperança que vibra no teu seio.

Os teus olhos maguados de tristeza,
São amarguras chôro no teu peito.
Como te dóe a angustia da incerteza,
Vendo o teu filho enfermo sobre o leito.

Enquanto as horas passam tristemente,
Muito mais que teu filho de afflicção
Vaes definhando amarguradamente.

Que nas tuas vigílias infinitas
Derrames o teu próprio coração,
Nessa caudal de lagrimas bemditas.

Altivo Ribeiro

. Ano XIII, 23/07/1938, n° 639, página 01

Á sua Excia Revdma Dom Justino José de Sant’Anna D. D. Bispo de Juiz de Fóra

Sois querido nesta cidade
Por vossa bondade e carinho

Tendes o dom da caridade
A florir em vosso caminho.

Para os nobres sois amparo
Dos órfãos o protetor
Nesta cidade é tão caro
Têr assim um bom “Pastor”.

Todos os pobres vos amam
E por vós têm afeição.
Também a vós respeitam
De todo o seu coração.

*Maria de Lourdes Pereira Batista
Juiz de Fóra, 14 de Julho de 1938*

. Ano XIII, 23/04/1938, n.º 630 (?), página 02

PELAS PAROQUIAS
Além Parahiba
Deus

Era tarde bem tarde, a noite criminosa
Pejava a escuridão sinistra e pavorosa.
Nem sequer uma estrella em meio a cerração.
Era tudo medonho, o céu era carvão...
Como gênio do mal, de braços musculosos
O carvalho vergava os troncos tortuosos.
E enquanto uma rajada estúia no infinito
A vaga enraivecida estronda, solta um grito!
E túrbida atirando a juba desgrenhada,
Eleva-se potente, hirsuta, regelada...
Como um grito de dor, um brado de ameaça
Ulula o vendaval que blasphemando passa.

Estão, sentado á beira enorme do oceano,
Quedei-me apavorado, ante o lutar insano...
Ergui-me para fugir; não pude, tive medo.
E tremulo, fiquei de pé sobre o rochedo.
Ouvia-se o ribombo enorme do trovão
Baquear no infinito, em meio da amplidão;
O raio esverdeado, ávido, sedento
Rápido escalar os céus e o firmamento...
Era uma noite cruel, constelação de horrores!
A rocha estremecia em fortes estertores,
Foi então, que aterrado, olhei a immensidade,
E um grito retumbei em meio a tempestade.
Quem é que tem poder que dome o grande mar,
Quando a vaga suspende e vai despedaçar?
Quem pode com a procela, a tempestade, o vento?
A bramir pelo céu, grimpendo o firmamento?
Quem pode dominar e matar a natureza,
Se o gládio voltear repleto de fereza?
De repente, porém, o céu tornou-se azul,
E rolado ficou o vendaval do Sul.
A lua diamantina, em fúlgida cascata
Jorrava sobre a terra alluviões de prata,
E então ergui o olhar... Estrellas scintillavam.
Na abóboda celeste os astros faiscavam.
E, súbito, uma voz argêntea, maviosa
Chegou ao meu lugar, sublime, harmoniosa.
E o eco gemia em meios dos fraguédos,
Rolou plangentemente em cima dos penedos:

Repara bem, descrente. Um ser que move os mundos,
Domina a ventania e os pélagos profundos...
Este ser que não vês, que habita lá nos céus,
Poeta, e mais que tudo! É Rei dos Reis, é Deus!
Fiquei aniquilado... Emquanto a cercania
O eco dessa voz nas fragas repetia,

Ajoelhado, cai da rocha de granito,
Em face do oceano em frente do infinito...
Immovel como o céu, estático de espanto,
Senti rolar nas faces, as bagas do meu pranto.
E pude enfim gemer, na minha expiação,
Curvado, sobre a terra, a soluçar – perdão!

São Jose, 23 de junho de 1938

Lucy Andrade Mendes

. *Ano XIII, 30/04/1938, n° 630 (?), página 01*

SONETO

A vida é uma tristíssima agonia,
Que punge o coração... nos acrisola...
A gente morrendo dia a dia,
Como o aroma das flores, que se evola.
 E caminhando pela estrada fria,
 Que entre espinhos e dor se desenrola
 Encontramos às vezes alegria
 No sorriso de alguém que nos consola.

E assim será, eternamente assim!
Passamos pela vida num momento,
Seguindo tristemente para o fim.

Mas, quem depõe em Deus a confiança,
O mais íntimo e acerbo desalento
Ainda é um motivo de esperança.

Altivo Ribeiro

. Ano XIII, 06/08/1938, n° 641, página 01

“SPLEEN”

A mocidade é uma linda rosa,
de pétalas risonhas e macias,
que colhemos na estrada sinuosa,
nessas manhãs de doces harmonias.

Agora, enquanto a vida é luminosa,
não pensas na tortura de outros dias...
e assim, como desfolha-se uma rosa,
vaes espalhando as tuas alegrias.

E um dia, como o fumo, evoluindo,
só restar o perfume dessa flor
na alameda que a viste colorindo,

as pétalas dispersas, ajuntando,
em vão, te esforçaras por recompor
essa rosa que vives desfolhando.

Altivo Ribeiro

. Ano XIII, 06/08/1938, n° 641, página 04

PELAS PARÓQUIAS Goianá

*Em saudação pelas professoras
e alunos das Escolas de Goianá
a menina Maria Zaiden declamou esta poesia.*

A D. Justino

Salve! salve! D. Justino,
Alma grande e generosa,
Que do bem é paladino
De virtude primorosa.

Salve! - Prelado do amor,
Que espalha a fé, a verdade,
Com bondade, com fervor,
E com luz de caridade.

Salve! Ministro de Deus,
Gloria, sol deste Bispado;
Querido dos filhos seus
E por todos respeitado.

Salve! Todos vos saudamos,
Com profunda gratidão;
E a D. Justino damos,
Um viva de coração:

Viva D. Justino

. Ano XIII, 03/09/1938, n° 645, página 01

A S. Santidade o Papa
uma humilde homenagem

Abigail Horta Cavenaghi

A homenagem é simples e singela
Sei que mesmo assim será recebida com prazer

Sua santidade com um alma tão bela,
acostumando como merecedor
no respeito e no carinho que Vos é devedor
todo o Vosso filho para bem dizer.
indo a modéstia desta minha oferenda
de tão longe em Vossas Mãos parar
a procura e ao desejo de Vos agradar,
dará desconto a insignificância da prenda
e verá nela somente a melhor intenção.
O que aqui faço ser simples e de coração.

Peço-Vos como se aos Vossos Pés estivesse ajoelhada,
a Vossa Benção tão ambicionada
Para que no fim da minha humilde jornada,
alcance a paz que por Cristo foi pregada.

. *Ano XIII, 15/10/1938, n.º 651, página 01*

ABAIXO ÀS ARMAS!

Guerra! guerra! visão de lúgubre fantasma!
Vejo o sangue brotar, correr da tua mão.
No estríbulo clarim, que a turba entusiasma,
Ouço os gritos de horror das horas de aflição.
Somos, todos, irmãos! A terra nos foi dada
Cheia de frutos mil, cheia de flores...
E a dádiva de Deus, de sangue está manchada
E tem a floração dos soluços e dores...

Abaixo às armas, sim! inocentes crianças
Não deviam sofrer e chorar na orfandade,
Nem esposas e mães as suas esperanças
Deviam envolver no luto e na saudade!

Abaixo às armas, sim! A terra ensanguentada
Parece já se abrir numa imensa ferida...
Abaixo às armas, sim! Para que uma espada
Em vez do arado?! e a morte em vez de vida!

Abaixo às armas, sim! e pensae um momento
No sublime Jesus que propagou a paz;
E recordae, também, o grande mandamento
Da sábia lei de Deus: NÃO MATARÁS.

Lola de Oliveira

. Ano XIII, 05/11/1938, n° 654, página 01

ORAÇÃO

(especial para “Lampadario”)

Ouve, senhora, minha protetora,
A pecadora voz de um sofredor.
A prece destes versos que eu componho,
No medonho látego de uma dor.

É noite! É noite! Abre-me os olhos baços,
Guia-me os passos. Enche-me de luz.
Da-me, senhora, nesta desventura,
A ternura que mora numa cruz.

Senhora, da-me paz, serenidade,
Felicidade para todos nós.
Proteja minha mãe, meu pae, meus manos,
Nos desenganos desta vida atroz.

Aos golpes tenebrosos do destino,
No desatino, da-me proteção,
Aserena-me o espírito que chora,
Minha senhora da consolação.

E na hora angustiadíssima da morte,
No transporte medonho da agonia,
A queixa que nos meus lábios assume,
Seja o teu nome Candido – Maria!

Altivo Ribeiro

Esquece a ingratidão que tanto te magôa!
E a tua alma que é pura, a tua alma que é boa
Procura reviver na crença novamente!

Lola de Oliveira

. Ano XIII, 31/12/1938, n° 662, página 01

DESCRENTE

Confessas que não crês... que tudo é transitório
Neste mundo... Bem sei, mas escuta-me agora:
Nem tudo nesta vida é mau, é irrisório...
Se uma esperança morre, uma ilusão aflora.

O pessimismo atroz que o teu ser desvigorava
Dissipou para sempre esse véu ilusório.
Esse véu ideal, brilhante como a aurora,
Que abrigava a tua alma em um casto envoltório.
Não crês... Porque não crês, ó minha doce amiga?
Porque perdeste a fé, aquela fé antiga
Que te enchia de luz o coração fremente?!

. Ano XIII, 11/02/1939, n° 668, página 01

Hino do Congresso Eucarístico de Juiz de Fora 1939

Do Eucarístico e augusto Congresso
Nêste belo cenário de luz,
Vai das almas no doce recesso
Resplendendo o amor de Jesus.

Estribilho

Salve, salve, glorioso Congresso,
Em que a Cristo juramos amor!
Salve, ó urba de Fé e progresso!
Salve, salve, Jesus - Redentor!

Vozes

Lá no cimo do monte sagrado
Abençoa, sorrindo Jesus
A este Povo que vive animado
Pelos santos exemplos da Cruz.

Estrilho

Salve, salve, glorioso Congresso, etc.

Vozes

Nossa crença exultante não morre,
Com Jesus em sublime união...
Aos famintos de graças socorre
Ele – Amor, Hostia, Luz e Perdão

Estrilho

Salve, salve, glorioso Congresso, etc.

Vozes

Juiz de Fora, pedaço de Minas,
Ó jardim de fiéis corações,
Sempre firme da Igreja as doutrinas,
Recebei em divinos clarões.

Estrilho

Salve, salve, glorioso Congresso, etc.

Vozes

Eia, pois, ao banquete sagrado,

Coroando o Congresso com amor!
E exclamemos da Cruz sempre ao lado:
Salve, salve, Jesus – Redentor!

Estrilho

Salve, salve, glorioso Congresso, etc.

Vozes

Não temamos a humano respeito!
O Brasil veneremos e o Altar,
Que o Brasil tem a Cristo no peito,
Jamais d'ele se quer separar!

Lindolfo Gomes

. *Ano XIII, 11/02/1939, n° 668, página 04*

Ilha de Santo Amaro

O verde atinge aqui a todas as colorações
na pujante e rica das terras brasileiras.
Nas montanhas há tosseiras de bambus e de palmeiras,
e nas baixadas, avencas, musgos, tinhorões.

Terra fértil onde o solo avermelhado
lembra o sangue puro que nobre oferece,
aquele que labutando no arado
fertilisa após a chuva como prece.

No azul do céu as nuvens brancas, caprichosas;
ora assemelham um alvo rosto de Madona
que abençoa do alto esta terra milagrosa.

E entre a vegetação por si só no trabalho reprodutor,
no ardor do meio-dia, estala resequida a semente da mamona,
que caindo no solo brota fortificando com vigor!

. *Ano XIV, 18/03/1939, n° 673, página 01*

VELHAS PAGINAS

Eu achei, outro dia, um livro antigo,
que comprára, meu pae na mocidade,
e já fora, talvez, seu grande amigo
no caminho sublime da verdade.

Que figura bizarra...e assim prosigo,
vendo reminiscências de outra idade.
Era tão diferente o tempo antigo...
Como muda, meu Deus, a humanidade.

Enquanto o folheava, lentamente,
vi o esplendor de extinta mocidade
na tristeza sem fim do sol poente.

E ouvi, n'uma sequencia indefinida,
em cada folha um canto de saudade
daquela primavera adormecida.

Altivo Ribeiro

. *Ano XIV, 17/06/1939, n° 686, página 04*

HOSTIA SANTA

Que hei de dizer neste momento
Sobre esse assunto tão sublime!
Que é o do Santissimo Sacramento,
Desse amor que não se exprime?

Mas a minha alma incontida
Vibra, expandindo a alegria,
De sentir que nesta vida,
Vê Jesus na eucaristia.

Montes, vales, criaturas,
Que sabeis o que encanta;
Louvai a Deus nas alturas
E na terra a – Hostia Santa –

Alice Fonseca

. Ano XIV, 17/06/1939, n.º 686, página 04

Eucaristia

Por Delminda Silveira

Prosterna-te, minha alma! O Santuario esplende
Que mistério dos Céus aí se rememora?...
A pura luz da Fé, a luz consoladora,
A chama divinal o coração acende!
 Bendito seja o grão da farta espiga loura,
 O fruto salutar que da videira prende;
 Que sobre o vinho e o pão Jesus as mãos estende
 E a benção de Jesus é graça redentora!
Salve, Hostia imortal, Penhor de paz e vida,
Excelso, Maravilha, augusta, indefinida,
Que não pode explicar humana inteligência!

Diante do Sacrario, o anjo da Poesia
A lira vai depor; nem ele saberia
Prodígios salmear da Eterna Onipotência !

. Ano XIV, 01/07/1939, n° 688, página 0

DOCE CONSOLAÇÃO

Senhora, a estrada é longa e tenebrosa
E eu o coração cansado e triste;
Uma angustia soturna, dolorosa,
Há muito no meu peito subsiste.

Que a tua mão bendita, carinhosa,
Para sempre me guie, me conquiste...
Mãe! tranquilisa a minh'alma ansiosa,
Pois no teu desamparo não reciste.

Enquanto eu reso, enquanto eu peço, enquanto
Eu rogo auxílios para o meu cansaço,
A Imaculada me serena o pranto

E eu sinto no amargor do sofrimento
Enorme que me punge a cada passo,
Alegria, doçura, encantamento.

Altivo Pacheco Ribeiro

. Ano XIV, 08/07/1939, n° 689, página 01

MEDITAÇÃO

Outrora pela estrada transitória,
Gemendo de tristezas e amarguras,
A minha alma sombria, merencória
Sonhou a plenitude das alturas.

Lembrança ingrata dessa vida inglória,
Vivida entre desejos e loucuras,
Eu trago febrilmente na memória
Como a sombra das minhas desventuras.

Hoje eu lamento as fundas cicatrizes
De meu ser lacerado, dolorido,
Nas horas idas, negras e infelizes.

E ao contemplar as chagas de Jesus,
Profundamente triste e comovido,
Eu abro os braços para a minha cruz!

Altivo Pacheco Ribeiro

. Ano XIV, 12/08/1939, n° 694, página 04

ODIO FILIAL

É a hora evocativa do sol-pôr.
Além, nos flancos da montanha em riste,
ecôa, qual opressa pela dor,
a voz do sino compassada e triste.

De olhar enevoadado, o velho assiste
ao desfilar, em pávido torpor,
da ronda de ilusões em que consiste
na vida humana o efêmero esplendor.
Sem lar, faminto e sem consolo, junge
á dor insana o corpo que se esvae
roído, lento, de mortal ferida.

Mais o acabrunha, entanto, e o fere, e punge,
e lhe tritura o coração de pai
o ódio cruel da filha mais querida.

Belmiro Ribeiro

. Ano XIV, 02/09/1939, nº 697, página 02

Anjos de Caridade

Ei-los que surgem,
Os Escoteiros do Bem,
Rataplanando no tambor da Caridade,
A marcha bonita,
De soldadinhos da cristandade...

Ei-los que surgem,
Tendo ao ombro
Em vez da carabina
Que destrói e assassina,
A cruz que redime...

Em vez da espada que retalha e atraiçoa,
Carregam nas mãos o coração que perdoa.

Bendita a vossa missão
Que, consiste em levar o pão,
À morada da fome,
Sem jamais declinar o vosso nome...
Por todo o bem que tendes feito,
Pela beleza sem par
Que a vossa ação encerra,
Pela mão que vos guia e vos conduz,
“Anjos da Caridade”,

Eu vos abençoo,
Em nome de Jesus
Anjos da Caridade,
Vós sois os soldadinhos da cristandade...

Cid Corrêa Lopes

. Ano XIV, 07/10/1939, n° 702, página 02

ACROSTICO

HOMENAGEM DE MOZART BICALHO

Amou sempre a vida singela
Nutrida de puro fervor;
Ninguém ia mais do que ela
A mesa de Nosso Senhor.

Deus quis que em sua existência
Ornada de Fé e carinho,

Navegasse em mar de paciência
Andasse em estrada de espinho.
Senhora do Carmo com ardor,
Com leveza e com gratidão,
Intimamente e com amor
Mandou-lhe a remuneração...
E no sábado com indulgencia
No dia de seu magno anseio;
Trouxeram-lhe do altar a essência:
O lírio que do ceu lhe veio!...

. Ano XIV, 09/12/1939, n° 711, página 04

ANHELOS

(A Maria Trigo Alves)

Natal! Que te seja propicia a sorte
Dileta virgem para o bem talhada,
Que a mística constelação do Norte,
Da vida te guie pela imensa estrada.

Que a dor nunca sombreie tua frente,
Que o pranto jamais os teus olhos vele,

Que tenhas sempre de Jesus infante
O amor, a proteção que o mal repele.

Na tu vida que só o bem conheças
E que dos máos piedosa compadeças
Tirando-lhes da taça o amargo fél.

Que sejas sempre um anjo de candura
Com sonhos inocentes de ventura,
Bonecas, flores e Papai Noel...

Eduardo T. Alves

. Ano XIV, 06/01/1940, n.º 715, página 04

Carta de ano-novo

“Especial para o lampadário”

MINHA MÃE

Vae um ano de consolação
e paz para a minh’alma exausta de chorar.
Possuo agora um novo e calmo coração,
os olhos de outra mãe, a sombra de outro lar.
Só hoje reconheço o quanto a fiz sofrer,
e sei que tu me queres ainda mesmo assim.
No palio etéreo e azul do céu eu julgo ver
tua mão piedosa aberta sobre assim.

A estrela que me guia, veio-me de ti;
brilhando nos teus lábios em doce oração.
Por tuas faces, quantas lagrimas eu vi
rolar, para meu bem e para meu perdão.

Paguei com ingratidão os sulcos de teu rosto,
acendendo uma dor em cada cicatriz;

esquece a magua antiga, a tristeza, o desgosto,
perdoa todo o mal que sem querer eu fiz.

Esquece, minha mãe...já foi o ano velho,
agora é vida nova e novas esperanças!
Em paga dar-te-hei a hóstia do Evangelho,
que o meu e o teu senhor pregou nas tardes mansas.

Altivo Pacheco Ribeiro
Juiz de Fora – Janeiro 1940

. Ano XIV, 17/02/1940, n.º 722, página 01

HINO A NOSSA SENHORA APARECIDA

Lindolfo Gomes

Salve, Mãe, sublime Luz
De divinos esplendores,
Mãe sagrada de Jesus
E também dos pecadores!

CORO

Salve, ó Mãe sempre querida,
Fonte astral de graças mil,
Virgem Santa Aparecida,
Padroeira do Brasil!

Nesta bela romaria
De sincera devoção,
Vossos filhos, ó Maria,
Vos imploram proteção.

CORO

Salve, ó Mãe sempre querida, etc.

De Minas somos romeiros
Que, de longe, com fervor
Vos trazemos prazenteiros
Nossas preces, nosso amor.

CORO

Salve, ó Mãe sempre querida, etc.

Aceitai nossa homenagem,
Nosso afeto sem igual
Neste culto à vossa Imagem,
Doce Mãe celestial!

CORO

Salve, ó Mãe sempre querida, etc.

Do estados brasileiros,
Como nós, sempre fiéis,
Vêm milhares de romeiros
Prosternar-se a vossos pés!

CORO

Salve, ó Mãe sempre querida, etc.

Dai-nos, pois, o vosso amparo,
Vossas bênçãos, vosso olhar,
Esplendor de brilho raro
Em noss'alma e em cada lar!

CORO

Salve, ó Mãe sempre querida, etc.

Dezembro de 1939.

Paisagem

(S. FRANCISCO)

Que lindo! São Francisco, terra amada!
Do monte, lá no além, o verde cume
No albor esplendoroso da alvorada
Embriaga-se, do ar puro no perfume.

Manhã que nasce, plácida e formosa,
Da noite desvelando o nefro manto
Jorrando qual cascata luminosa
A luz de um dia esplendoroso encanto!

Rompendo as néveas brumas matinaes,
Desponta o sol illuminando os montes
As pombas mansas, partem dos beirae
Em lédos bandos pelo espaço errantes

Na estrada sinuosa o carro canta
E os bois caminhando em marcha lenta
Na terra dadivosa, cresce a planta
E geme ao longe a fonte marulhenta
 No pasto viço, o poldro galopeia
 Perdendo se nas curvas dos caminhos...
 Da flor que desabrocha a abelha enleia,
 E os pássaros voam deixando os ninhos...

Que lindo! São Francisco, terra amada!
Do monte, lá no além, o verde cume
No albor esplendoroso da alvorada
Embriaga-se, do ar puro no perfume.

JUIZ DE FORA
JOSÉ TRIGO LEAL

. Ano XV, 15/06/1940, n° 738, página 04

São João

A lua parece um balão
todo pela chama avermelhado!

Vai subindo! subindo num céu sem nuvem, limpinho!
Limpinho como o coração tranquilo de pecado!

De longe as estrelas são fagulhas de fogueiras

Tempo de fogos, tempo de São João
que a tradição vai sumindo
no progresso, na civilização

E das passadas noites brasileiras
que os Santos barulhentos marcavam,
ficarão um dia unicamente
para a lembrança de São João,
as estrelinhas como chispas de fogueiras,
e a lua em forma de balão
até a madrugada,
quando subindo a neblina em vaporização
lembra a fumaça da fogueira desmanchada
que da terra ao ceo vai defumar São João.

6-1940 – S. Paulo
ABIGAIL HORTA CAVENAGHI

. Ano XV, 24/08/1940, n° 748, página 01

DOM SILVERIO

“O pobre filho de Antonio Alves Pimenta
e Porsina Gomes de Araújo é hoje o Bispo
de Mariana! Altos juízos de Deus”
Carta Pastoral, Dom Silvério Gomes Pimenta.

Ninguém dirá, jamais, atinja a glória humana,
em ternura e pureza, as graças da humildade
de um Francisco de Assis e, assim, domine, ufana,
seja em que parte for, os dons de que promana
a força da Verdade.

Fanfarras, multidões e pompas de escarlate,
ou tesoiros se, fim, tronos de reis até,
tudo ao que os olhos venha e ouvidos arrebate.
não se dirá jamais que os raios desbarate
dos fulgores da Fé.

Ser humilde! Quem pode á estranha corda suave
do próprio coração comunicar doçuras,
celeste vibração, sem que primeiro o lave,
da terrena impureza e alcance, em voo de ave,
a benção das Alturas.

Ser humilde! Saber cair de joelhos, tendo
de lágrimas de amor ardente manancial,
aceitar em Jesus todo o suplicio horrendo,
é subir o caminho intérmino, tremendo
do Calvário Imortal.

Ser humilde! Lavar a falta que enodoa
de orgulho o coração, e a fúria subalterna
das ambições vencer, é cingir a coroa
divina que engrandece e altíssima perdoa
da imensa dor eterna.

Não cale a doce voz que se sublima em chamas
de ternuras cristãs, no culto do Senhor:
- Sofrestes, Dom Silvério, os mais pungentes dramas,
fazendo arder vossa alma ás rutilantes flamas
da nazarena Dor.

Quando vos veio, um dia, a alta missão divina,
de Bispo, o pensamento em lágrimas voltastes
de vossa vida obscura á aurora matutina,
e a Antônio, vosso pai, e a vossa mãe Porsina,
quente prece elevastes.

- Filho de gente humilde e Bispo de Mariana!
dissestes com tremor. Aos pobres Galileus
não foi Jesus buscar toda a humildade humana
para nela erigir a Igreja eterna e ufana?
Altos juízos de Deus!

Que vos daria, acaso, o nome imorredoiro,
se não vossa modéstia? E tão ditoso espanto
nos dá da vossa fé o altíssimo tesoiro
que bem vos cabe a fama em largos frisos de oiro!
- “Era um sábio e era um santo”!

Vossa gloria de Bispo ultrapassou fronteiras.
Vinham grandes do mundo aos vossos pés, e a mão,
que escrevia em latim sentenças altaneiras,
alçada ao Céu, traçava as bênçãos verdadeiras
do celeste perdão.

Preferistes, tranquilo, as reluzentes galas
das cortes, silogêus, as paragens risonhas
de vossa pobre grei. Quantas ferventes alas
não vieram prosternar-se ás vossas doces falas
na famosa Congonhas?

Ser humilde na gloria! Eis o lema sagrado
que tem em vosso nome emanaçõis de luz,
irradiaçõis do Bem eterno, insuperado,
muito longe do mundo, acima do pecado:
doce olhar de Jesus.

Ser humilde na glória: ante as letras paulinas
Que mandam seja o Bispo em vida pura espelho,
fizestes-vos na luta ás lutas infernais doutrinas
e no culto das leis humanas e divinas
o escravo do Evangelho.

Dom Silvério imortal! Pura fé vos consagre
“o justo no Senhor”, com efusão sem par.
Venha, porém, um dia, o divino milagre
em que vos ame o mundo e a vossa glória sagre
aos pés de Deus, no altar!

Martins de Oliveira
(Da Academia Mineira de Letras)

. *Ano XV, 31/08/1940, n° 749, página 02*

No centenário de D. Silverio

Guiomar Couto

Arraial de Congonhas do Campo
A noite desce mansa, enluarada...
Ao concerto feliz de todos os fulgores
das estrelas do céu
inquieto, perplexo, pobre, obscuro, quase nada,
- um garoto a pensar, a inquerir o infinito!

É tão bonito o céu
enchendo os horizontes da paisagem natal!

Dentro da noite mansa e enluarada,
o garoto fica sonhando...
fica pensando...
pensando ardentemente a querer descobrir,
no enigma nebuloso da existência
o seu destino de homem!

“A vida deve ser uma ascensão”!

Vai um dia Silverio olhar a vida...
Viu o drama da vida, o calvário da vida.
Houve um clamor de angustia na sua alma...
mas ele foi subindo, foi subindo,
tecendo com os espinhos da escalada
um poema de ternuras, um rosal de virtudes.

E o mulato obscuro de Congonhas
tão pobre, tão humilde, quase nada,
- o filho de Porcina, a lavadeira,
um dia teve livros. Teve mestres depois.
E querendo descobrir o seu destino de homem,
a sua alma parou no encontro redentor:

Só para Deus Supremo, desse Cristo Jesus,
Silvério fez o seu pão e a sua luz!

E foi guerreiro e herói
E foi santo
e foi sábio!

Ensinou a justiça
semeou a beleza
a bondade e o amor!

Suas mãos abençoaram,
seus olhos choraram,
seus lábios perdoaram,
Seu coração amou...

E a sua alma,
a sua alma tão pura e luminosa,
foi uma lâmpada perpetua de Deus!

Ó garoto pensativo de Congonhas,
Santo Arcebispo de Mariana!
simples, como a tua alma tão simples e tão pura,
ouve a alma de Minas
Na oração dos Padres que sagraste
no louvor da mocidade que ensinaste
na voz da creança que amaste,
na suplica do pobre que agasalhaste,
na saudade de todos que te conviveram!
Dom Silverio! Dom Silverio!
ouve o povo mineiro de joelhos
ante o marco centenário de tua vida
resando,
palpitando,
olhando para o céu
- para o ceo do Brasil
Que encheste de estrelas e de símbolos!

. *Ano XV, 14/09/1940, n° 751, página 02*

Minha mãe

Oh! Minha Mãe, mui querida!
Anjo desvelado e puro
Iluminando-me a vida,
Aclarando-me o futuro.

Sigo, da vida, o caminho
Seja qual for, a jornada
Tenho luz, perdão, carinho,
De minha Mãe, bem-amada.

Se o meu semblante é tristonho,
Meu coração é risonho,
Faço dos espinhos, flores...

Transformo a dor que magoa,
Em salmo que se entoa,
A vós, cantando louvores.

Juiz de Fora
Trigo Leal

. *Ano XV, 12/10/1940, n° 755, página 02*

SONETO

(Ao Monsenhor Nardy)
- em memória -

Arauto da verdade. A quantos lares,
Levando a calma, assim levou venturas...
Como o santelmo que orienta os mares,
Foi o guia na terra ás creaturas.

Viveu a sua vida – toda ela –
A bem de preservar a humanidade.
Foi como o raio de sol que na procela,
Anuncia o acalmar da tempestade.

Foi estoico na dor. Sob a humildade,
Só não pode ocultar toda a bondade,
De que era feito o raro coração.

Se todo o bem que fez, fe-lo em surdina;
Olhando o Ceu, a estrela pequenina,
Me pede para ele uma oração.

- *Eneida Luz da Paixão*
1 – IX - 940

BELMIRO BRAGA

(Orgulhava-se o Poeta de um título que, embora fosse inicialmente pejorativo á boca da humana inveja, aceitara em homenagem á pequenina terra natal – *Trovador da Vargem Grande*)

Troveiros do Brasil, que andais de serra em serra,
chapadão infinito ou infinita plaga,
vosso canto cessai! Desceu agora á terra
o trovador que toda a vossa glória encerra.

Morreu Belmiro Braga!

Era simples e bom. No coração trazia
a ternura que vence e a franqueza que afaga.
Se muita vez regou as flores da ironia,
fê-lo sem lhes tirar o aroma que inebria.

Morreu Belmiro Braga!

E era um justo. Ninguém por suas mãos bondosas
amarguras sofreu. Antes, a minha chaga
espalhou, com unção e graça religiosas,
de sua Musa suave as trescalantes *Rosas*.

Morreu Belmiro Braga!

De joelhos, um momento! A grande voz mineira
o berço humilde amou. Agora, em doce paga,
ó vós que amais também a humilde lareira,
cantai, cantai, chorando a nênia derradeira:

Morreu Belmiro Braga!

Martins de Oliveira
Da Academia Mineira de Letras

. Ano XV, 30/11/1940, n° 762, página 04

BELO HORIZONTE

E voltei novamente a te ver
Terra que me viu nascer!
Tudo em ti encanta! tudo é primoroso!
Tua cidade é um jardim formoso
em grande planalto feito sobre o monte
minha moderna Belo-Horizonte.

E voltei novamente pr'a te ver,
voltei para em teu regaço receber
carinho de quem me viu criança,
de quem guardo a mais grata lembrança,
Alguém de quem nunca esquecerei,
Alguém que embora distante sempre estimei.

Quis voltar de novo aqui,
quize viver um pouco na Terra em que nasci,
a mesma vida, o mesmo ar eu respirar
para a minha infância perfeita eu recordar.
E é por isso minha amada Terra
que alguns dias vim passar aqui na Serra!

Belo-Horizonte 10 – 11 - 1940
Abigail Horta Cavenaghi

. Ano XV, 07/12/1940, n° 763, página 02

SANT'ANA DA SERRA

Na Serra a capelinha de Sant'Ana
é um poema de graça, é um encanto
na suavidade de que d'ela tudo emana.

Traz o interior em cinza aroxeadado.
Bem no centro um grande Cristo foi pregado
tendo um candelabro luminoso a cada canto.

No altar-mor, Sant'Ana e Virgem Maria
convidam ao crente a suave oração
na piedade que tudo irradia,
e na paz que levam ao coração.

Guarde bem o que vou dizer
Romeiro que a Serra vier:
se o coração trouxer
cheio de magua e sofrer
por algum mal ou aflição;
aos pés de Sant'Ana venha ajoelhar
crente, contrito, em devoção,
que alcançará logo a redenção
de tudo que o faz sofrer ou faz penar.

Belo-Horizonte 10 – 11 - 1940
Abigail Horta Cavenaghi

. *Ano XV, 07/12/1940, n° 763, página 04*

EUCARISTIA

Apóstolos... Dizei-o vós, que estais rezando,
Ás caladas, baixinho, amargurada prece!
Parte Jesus a espécie, e o trigo venerando
passa de mão em mão e puro resplandece.

Olhai o Eterno Ser! Está no Céu fitando
serenamente o olhar. E a cada instante cresce,
no milagre do Amor o drama formidando
de que colheu do Bem a encantadora messe.

Apóstolos... E o pão divino vai correndo
de mão em mão, e o vosso Amor sem fim governa
esse, que é nosso lar, resvaladoiro horrendo.

Quem ficará, Senhor, após o horror profundo
do sacrifício vosso, a ouvir a queixa eterna,
o arrastado gemer das almas pelo mundo?

Martins de Oliveira
Da Academia Mineira de Letras

. *Ano XV, 14/12/1940, n° 764, página 04*

MARACUJÁ **Flor brasileira**

Venho Maria, trazer hoje aos pés do Vosso altar uma flor,
uma flor que por si é um poema de beleza,
uma flor que traz em si a coroa do senhor,
uma flor que representa a mais nobre Realeza!

Num círculo sombrio, arroxeadado
tem os pregos de Jesus Crucificado,
e florescem nos ramos alinhados
como manchas dolorosas por estradas.

Do calvário o caminho vão representando
no sacrifício de Cristo para a nossa salvação;
de tempos em tempos a flor como sangue gotejando
abre na verde esperança de sublime redenção.

Da terra brasileira é a mais formosa flor,
a flor mais nacional, mais nossa, mais emotiva
que Deus aqui abençoando floresceu.
Traz dentro de si a alma sensitiva
de crença, e fervorosa fé no Senhor
como tudo que aqui vive, e que aqui nasceu.

Abigail Horta Cavenaghi

Se o olhar não fosse de Jesus

Na pobre e humilde mangedoura,
brilha chispante e intensa luz.
Todo o recinto escuro fôra,
se o olhar não fosse de Jesus.

Anda no Céu radiosa estrela
que as nuvens vara e então transluz.
Certo, não fora estranha e bela,
se o olhar não fosse de Jesus.

Três Reis adoram-no, cobertos
de extenso manto que reluz.
Não correriam por desertos,
se o olhar não fosse de Jesus.

Os animais também alcançam
o instante eterno que os conduz,
e não viriam como avançam,
se o olhar não fosse de Jesus.

Em puros sons de ideias arranjos
toda a harmonia se traduz
Não surgiria a corte dos anjos,
se o olhar não fosse de Jesus.

De São José o grave porte
no amparo a tudo se reduz.
Certo, não fora o amparo forte,
se o olhar não fosse de Jesus.

Nossa Senhora está sorrindo
para o Menino de ombros nus.

Nunca o sorrir fora tão lindo,
se o olhar não fosse o de Jesus.

Em vivos brilhos, amplo ornato
Pelas paredes faz-se em cruz.
Não se veria o estranho fato,
se o olhar não fosse de Jesus.

Ao mundo inteiro a Paz invade
e ao Céu as almas reconduz.
Não se salvara a humanidade,
se o olhar não fosse o de Jesus.

Martins de Oliveira
Da Academia Mineira de Letras

. Ano XV, 28/12/1940, n° 766, página 02

Dezembro

Poesia citada pela menina Gerarda Natalina Bergo Torres,
em homenagem ao Revmo. Pe. Gustavo Freire,
por ocasião de seu aniversário natalício.

Os sinos repicando alegremente
Nos dizem que o natal aí está
Os caminhos florescem de repente
Uma harmonia estranha em tudo há.

Melodias se ouvem na campina
Em tudo é poesia, a devoção
E esse lirismo doce que domina
Enche-me de ternura o coração.

E recordo um presépio, o Deus menino
Maria e São José em adoração

Pastores simples, “Reis” e peregrinos
Tudo que é belo, puro, nobre e são.

E é nessa quadra tão risonha e linda
Que outro natal eu venho festejar:
Natal de benção, de alegria infinda
Natal de um sacerdote modelar.

Que mês de encantos, não só de ventura
Dezembro ensolarado de verão
Dezembro em que a cigarra com voz pura
Louva o encanto sem par da criação.

Em 25, Deus desceu á terra
Em 17, um padre mais nasceu,
Dezembro amigo, esse teu ciclo encerra
Em suas datas um Natal do céu.

. Ano XV, 04/01/1941, n° 767, página 02

A enchente

O aguaceiro caiu pesado e forte
Sobre as praças e ruas da cidade.
Encachoeiradas vão correndo as águas,
Formando saltos com velocidade.

Depois avolumando-se a caudal,
Invade as casas numa pressa louca.
Arrasta com força as cousas moveis
Numa fúria feroz, bulhenta, rouca.

Gritos, pedidos de socorro urgente,
Animais mortos rolando na torrente,
De envolta com algum que vive ainda.

Foi esse o quadro dessa grande enchente
Que, cansada daquele grande esforço ingente,
Parou; deixando uma tristeza infinda.

25 – 12 – 940
Alice Fonseca

. *Ano XV, 08/02/1941, n° 772, página 02*

BELO HORIZONTE

Alvorada! casinha rústica da rua de Traz.
Porta e duas janelas com empanados.
onde a primeira luz do sol coava clareando atijolados.

Teto de algodãozinho como manto de simplicidade!

Casinha rústica onde nasceu minha vida,
cheia de vida! de sonho! de felicidade!
Possuía um pomar onde os frutos sazonavam no aberto,
porque o alheio era tão sagrado, respeitado.
O córrego do Serra que passava-lhe bem perto
vinha no rego até uma bica de telha no quintal
tombando alvo na roceira gamela.

Casinha iluminada a candieiro e vela!

Em frente a rua Sabará, a rua principal,
passagem do viandante quase forçada e geral.
Nossa Senhora da Boa Viagem abençoava-lhe a entrada,
e o Padre Francisco Martins Dias que me batisou,
por autorização de Nossa Senhora fazia a benção confirmada.

Tempo de saudade! tempo que já passou!
Voltei novamente a te ver, minha terra Natal,

mas embora muito o progresso te mudou,
conserva ainda muito do primitivo, do original.

O teu céu ninguém pode mudar,
nem a riqueza exuberante da vegetação.
Tardes crepusculares, encantadoras!
Noites estreladas, sonhadoras,
Que transbordam a alma d'emoção!

Tudo em ti cresceu, floresceu, foi aumentando
minha Belo Horizonte querida!
espalhando por todo solo rico abençoado
desta terra vermelha como sangue de vida.

Hoje é cidade de primeira grandeza,
ajuntando progresso, civilização, a natural beleza
de uma forma extraordinária, impressionante!

Tem agora muito que fazer para poder guiar
Nossa Senhora da Boa Viagem ao antigo viandante.
Tantos recantos lindos que admirar!
teatros, passeio, divertimento,
que o visitante sem poder dar tento
vê o tempo ligeiro lhe passar.

Agora diante deste progresso, desta iluminação me puz a lembrar
das lanterninhas de velas que uzavam no começo para caminhar.
Como aqueles poucos vagalumes que na terra desceram,
em breve se multiplicaram e cresceram?!

Do alto estava admirando
naqueles jardins imensos e modernizados
milhares de vagalumes agora faiscando
Senti em mim como se fora pitonisa autorizada a predizer:

Belo Horizonte! serás cada dia jardim maior de mais rico traçado!
e para clarear a tua vida em cada nova alvorada
um luminoso exame de vagalumes aqui há de nascer
minha terra querida! minha terra amada!

Para o Lampadário, órgão de Juiz de Fora, terra de meu pai, envio um poema feito a Belo Horizonte onde nasci, tendo sido o 4to registro e o primeiro feminino da nova Capital de Minas

*Abigail Horta Cavenaghi
Belo Horizonte II - 1940*

. Ano XVI, 03/05/1941, n° 784, página 01

Refugio dos pecadores

Pe. José de Albuquerque Cavalcanti

Oh, minha doce Mãe do céu, Virgem Maria,
A mais mimosa flor de toda a criação.
Tu és o anjo do amor, da paz e da alegria,
E o mais seguro abrigo contra a tentação.
 Eu te amo, minha Mãe querida, noite e dia,
 Com o mais puro amor de sã veneração.
 E que felicidade minha não seria
 Norteados viver por tua santa mão.

Sob a capa de teu manto, oh Mãe estremosa!
Reclino a minha pobre frente angustiada
E aí, no santuário de teu coração,

Rindo terei das vidas – a mais venturosa
E de todas as mortes – a mais abençoada
Que me premiará com a eterna mansão.

. Ano XVI, 12/07/1941, n° 794, página 02

Coluna jecista

“Eu cantarei o canto do Senhor na terra Estranha”

Deo Gratias, Senhor, porque já posso cantar o teu canto – Tu me sagraste os lábios para que eu o entoasse – *Deo Gratias*, Senhor, porque no espírito me geraste.

É na terra do exílio
Que cantarei o meu canto de Filho –
Meu canto é um canto forte –
Teu Espírito enche todas as notas de meu canto –

É um canto de mártir –
dos que vivem a vida dentro da morte
Meu canto é um canto cristão
É um canto forte –

Eu tenho os lábios sagrados
Eu já tenho o ser marcado
Para cantar o teu canto –

E não haverá mais espanto
quando, Senhor, o teu canto
for entoado, na terra
nos seus quatro cantos –
Porque nós, em peso, Senhor.
Seremos o teu canto.

Azálea Maldonado

OS MISSIONARIOS

“Homens de ferro! Mal na vaga fria
Colombo ou Gama um trilho descobria
Do mar nos escarcéus,
Um Padre atravessava os equadores
Dizendo: - Genios! Sois os batedores
Da matilha de Deus!
(CASTRO ALVES)

Quem há que não admire os missionarios,
Do Evangelho divino os legionários?
Como loucos da cruz.
Tudo abando, tudo renunciaram:
Pátria e família, e, infrenes, se associam
Á missão de Jesus.

Nada lhes obsta o áspero caminho,
Nem urzes, nem perigos, nem espinho.
Quais “vândalos” do amor,
Transpõem terras, mares e devassam
Continentes – fronteiras ultrapassam,
Desafiando a Dor.

E, si Colombo um mundo descobriu,
E Gutembergue um outro discerniu
A humana inteligência,
Eles um mundo – além vão revelando
E os princípios eternos desvendando
Mais vastos que a Ciencia.

São arautos do Deus da Caridade,
Bandeirantes sublimes da Verdade,
Da Fé e do perdão.

Por toda parte, dádivas derramam,
Por toda parte, os tramites proclamam,
Em rumo á salvação.

São novos argonautas do Infinito,
Que buscam ao envés de um velo-mito
Almas para Jesus.
Amai esses intrépidos pioneiros,
Do mal, da Treva impávidos guerreiros
Os mártires da Luz

RAMOS DE OLIVEIRA

. *Ano XVI, 20/12/1941, n° 817, página 01*

“Ecce Sacerdos Magnus”

*Humilde homenagem ao Exmo. Sr. Bispo
Diocesano, pelo seu aniversario natalício*

Querido pai, em festa é a natureza
E já jubilo sem par nos corações
Pois nesta data de real grandeza
O céu e a terra se enchem de emoções
Nasceu um Bispo! O anjo o anuncia
E o Universo então põe-se a rezar
Enquanto o céu ecoa de alegria
Com o presente que a terra vai ganhar

E nossa alma contempla embevecida
Esse homem que é anjo e que é herói
Que é baluarte e farol em nossa lida

E ainda mais, muito mais que tudo isto
Pois no mistér sem par que viver soe
O bom pastor é bem um outro Cristo

*Juiz de Fora, 12 – 12 – 1941
M. J. V.*

. Ano XVI, 17/01/1942, n° 821, página 01

SANTA LUZIA
Para “O LAMPADARIO”

Santa Luzia! Santa Luzia!
Abre os meus olhos para a luz do dia

Santa Luzia! Santa Luzia!
Fecha meus olhos
Para que eu não veja
Os olhos da inveja...
E os íntimos refolhos
Das almas cheias de hipocrisia...

Santa Luzia! Santa Luzia!
Abre meus olhos
Para que eu me desvie dos maus caminhos,
Cheios de refolhos.
Cheios de espinhos...
Santa Luzia! Santa Luzia!
Abre meus olhos para a alegria
Para a beleza
Da Natureza!

Santa Luzia! Santa Luzia!
Abre meus olhos e da-me a paz...
Para que eu não veja
O ódio que viceja
Nas almas frias e más...

Santa Luzia! Santa Luzia!
Abre meus olhos para as brancuras
Das almas puras...

Santa Luzia! Santa Luzia!
Meus olhos cerra,

Para que nunca assista os horrores da Guerra...

Santa Luzia! Santa Luzia!
Que estás nos céus...
Enxuga com teu manto
O dolorido pranto
Dos olhos meus!

Lola de Oliveira

. Ano XVII, 09/05/1942, n.º 837, página 04

Inspirada do alto de um dos arranha-céus da capital paulista pelo que vi
na sua catedral em construção.

MOTE

Deus é o senhor de todo mundo.
Se procurarmos de tudo o motivo,
estudando, analisando bem ao fundo;
compreenderemos a razão d'algo ser vivo.

VIDA NOVA

No alto das arcadas de pedra polida,
longe do chão, bem lá n'altura
entre fendas de granito escondida,
despontou uma vida verde, pura.

Como assim tão longe da terra foi nascer
desafiando as leis da própria natureza
verde samambaia, podendo assim crescer
cheia de vida, desgraça e de beleza!?

Pó de asfalto foi de terra lhe servir.
Garoa paulista lhe serviu de regador
para aquela nova vida verde ali surgir.

Mas não poderia crescer sem a vontade do Senhor
verde esperança, que a Catedral dia a dia vê subir
cheia d'esforço, trabalho e fervor!

Abigail Horta Cavenaghi
S. Paulo, 4 - 1942

. Ano XVII, 13/06/1942, nº 842, página 04

Saudação

Juiz de Fora divina!
Esta musa é pequenina,
Mas também quer te saudar!
Em homenagem á memória
Dos que fizeram a História
Do teu povo modelar.

Salve! bendita cidade.
Monumento da Caridade,
De Fé, de Amor e de Bondade
Da tua gente exemplar!
Gente boa: hospitaleira
Amável, simples, ordeira!...
Delicada flor mineira
Nascida no Amor para amar!

Mimoso rincão dourado!
O resumo do teu passado
É um relicário sagrado
Que teus Filhos sabem honrar!
- Tua grei não tem defeito!
E, na defesa do Direito,
Nunca escondeu o peito
Nunca soube recuar! –

Salve! colmeia mineira.
Hei de levar-te altaneira
Além da nossa fronteira

Inda mais bela e gentil!
E o Estrangeiro, encantado
Com teu brilho inigualado,
Dirá entusiasmado:
Salve! Pérola do Brasil!

Natanael Ribeiro

. *Ano XVII, 29/08/1942, n° 853, página 04*

Liga Feminina da Ação Católica
“MAMÃE”

Minha Mamãe do Céu,
deixe-me deitar a cabeça em seu regaço,
e confiar-lhe meu sofrimento:
prometi fazer a vontade do Pai
qualquer que ela fosse,
e a coragem me falta, cegam-me as lágrimas,
e me revolto.
“Porque”, digo, é assim que Ele me trata,
a mim, que me esforço para O servir,
e concede Ele a felicidade aos que o esquecem”?
Sei que ele não frustra minha confiança,
que meu caminho é o melhor, pois que Ele o escolheu;
e digo: Quem me dera a morte, que me libertaria:
e sei que isto é covardia.
È preciso ofertar-lhe nossa vida, gota a gota,
e digo: vamos nos distrair, caçoar de tudo;
e sei que, sem Ele, não há verdadeiras alegrias:
Você vê, ó minha Mãe Maria,
conheço o caminho que a Ele conduz,
é rude demais, porém, á minha fraqueza!
Quisera seguir o outro caminho, o mau caminho,
mas ele se opõe demais á minha fé,
E, então, fico sem saber...
Preciso e seu auxílio.
Você, que compreende meu sonho,

porque você é toda pura,
tome a minha mão pela Sua, leve-me pelo caminho,
para que eu possa dizer, cada dia:
“Seja feita a Vossa Vontade”
e, ajudada por você, eu consiga fazê-la.

Assim seja

. *Ano XVII, 19/09/1942, nº 856, página 04*

PAZ

Distende as tuas azas protetoras
Sobre a desditosa humanidade!
Leva um raio de luz ás sofredoras
Almas presas na treva da saudade...

Transforma as mãos que foram semeadoras
Do sangue, da miséria, da orfandade,
Em mãos serenas, brancas benfeitoras,
Que se abram em gestos de bondade!

Ó paz! não abandones mais a terra!
Só tu evitarás o horror da guerra!
E que seja esta luta a derradeira!

E á pobre humanidade amargurada
Mostra a vereda de uma nova estrada
E entrega-lhe o teu ramo de oliveira!

Lola de Oliveira

. *Ano XVII, 07/11/1942, nº 863, página 02*

Pároco de aldeia

Ao Mons. Marciano que em 17 deste faz 83 anos...

Como quem vive doido, ou vive apaixonado.
E não pode esquecer a imagem percebida.
_ De dia a vê-la sempre, em sonhos de acordado.
_ E a sonhá-la, de noite, esplendida de vida,

Assim ele buscara, ansioso o seminário,
Trazendo firme na alma a ideia que o seduz
_ Ser padre! Ser bom padre!... Um dia, ser vigário,
Prosseguir... completar as obras de Jesus!

Caiu-lhe por partilha a igreja abandonada
De Longinqua paróquia, há muito sem pastor.
Onde a fé era morta, e quase nada
A grei que conduzir deveria ao Senhor
Desanimar? Porque? Seu ideal fremente
Nunca fora viver á custa dos armamentos!
Nem crescer, nem subir, assim, comodamente.
Com lucros ideais de esplendidos proveitos!

Que importava a simpleza estúpida do povo?
E a cutis reluzente de e bano brunido?
Se por trás desta noite - esplendido renôvo-
Havia um coração por Cristo redimido?

Almas! Almas queria. Os grandes atrativos:
A graça, o doce encanto o mundo de mistério
De uns rostinho gentis, de uns olhos sempre vivo
Não foi o que lhe dera amor ao ministério!

Algumas queria. As de simples e rudes
Eram almas também remidas por Jesus;
Queria doutrinar - sumula de virtudes
Que da terra de exilio ao alto céu conduz!

Almas! Almas queria! E seu amor maior encanto

Estava em rodea-se da pequeno grei,
Transmitir-lhes com a fé desejos de ser sando.
Inspirara-lhes o amor e a pratica da lei!

Almas! Almas queria! Ante o colmo cinzento
De uma pobre barraca humilha, sem arte.
Ao pequeno rebanho ignaro, as atento,
Do catecismo o pão da ventura reparte.

E quando ele morrer, todo esse bem que há feito
Multiplicado assim de modo extraordinario,
Obriga a bendizer com saudoso respeito
A lembrança feliz do peitoso vigário.

CARLOS NETO

. *Ano XVII, 28/11/1942, n° 866, página 01*

O PODER DE JESUS

Num Pôrto entrou Jesus: ele e discípulos seus.
Judas, que era o traidor, tal lugar conhecia;
E para lá seguiu com servos dos judeus,
De soldados com ele indo uma companhia.

“A quem buscaes?” (Jesus á coorte perguntou)
Disseram-lhe. “A Jesus Nazareno”. E ele então,
Declarou-lhes: “Sou eu”. E, ao dizer-lhes: “Eu sou”,
“Recuaram para traz”, e caíram no chão”...

Quem, jamais, resistiu á face do Senhor?!
Quem, jamais, vencer pode ao Vencedor invicto,
Quem é Jesus, cuja gloria aos céus é superior?!

Perdoa-nos, o Pai. Tu fazes bem até
Aos ingratos e maus. Tu, que és santo e infinito,

Em Jesus Cristo és um, como um em ti ele é.

São Domingos da Bocaina, - município de L. Duarte

JOAQUIM d'ARAÚJO

. Ano XVII, 28/11/1942, n° 866, página 04

POEMA PONTIFICAL

MURILO MENDES

Eu me aproximo do Teu altar branco e puro,
Não com o ser que herdei segundo a carne,
Não com o ser que minha mãe trouxe nas vísceras,
Mas com o ser que nasceu com o Espírito,
Ao qual comunicaste uma vida sem tempo.
Eu me consagro a Ti, Pontífice supremo,
Tu, que és o próprio sacerdote do Teu próprio culto,
Tu, que Te ofereceste a Ti mesmo em sacrifício,
Enquanto os outros sacerdotes sacrificavam novilhos
Tu, que és o Teu próprio Santo dos Santos;
Que não entraste no tabernaculo feito pela mão humana,
Mas que entraste nos céus criados por Ti mesmo,
Obtendo de uma só vez a nossa redenção eterna,
Tu, que estendes as mãos aos vivos e aos mortos
E fazes circular a luz pelo universo inteiro.
Tu, que apagaste tudo o que existiu antes de Tua vinda
E estabeleceste Tua lei até a consumação das eras,
Meu Deus, eu Te agradeço e Te louvo
Porque por intermédio de Tua Igreja Católica
Enxertaste a vida sobrenatural na minha vida natural
Eu me glorio de pertencer, eu, filho da iniquidade,
À família dos santos, dos mártires, e dos poetas.
Tu me imaginaste, me amaste e me resgataste,
Antes da formação das águas, dos montes, das estrelas,
Porque Teu verbo contém desde toda a eternidade
Os tipos de todos os seres que existe e existirão.

Só Tu, Altíssimo, só Tu foste, és e serás,
Agora como antes do principio e em todos os séculos.
Acende em mim o fogo do Teu amor e da Tua caridade.
Não permitas que jamais eu me separe de Ti.
Concede aos meus mortos amados a Tua vida perpetua!
Pelos méritos de Teus santos dá-me Teu continuo auxilio.
Sustenta a esperança que tenho no julgamento.
Não deixes mais este mundo entregue a si mesmo.
Converte os hereges, os materialistas, os pagãos e os judeus,
Afim de que os homens de todas as raças, crenças e negações
Sejam como um monumental candelabro aceso em Tua honra.
Deponho nos degraus do Teu altar esta humilde oração
Que subirá a Teus pés como uma nuvem de incenso
Suplicando-Te que a conduzas até o Ser dos seres,
Aquele que repousa sobre si mesmo e se basta,
O Principio sem principio, o Fim sem fim,
Que, em unidade contigo e o Espírito Santo consubstancial
Vive e reina por todos os séculos dos séculos, amem.

. *Ano XVII, 05/12/1942, nº 867, página 01*

Homenagem - 12 corrente

Sede submissos ao Bispo como á graça de Deus, e ao Clero como
a lei de Jesus Cristo / Santo Inacio de Antioquia

Sois “Sacramento de Unidade”
Ó Bispo! vós nos centralizais,
No coração da Trindade...
Nossas almas estão unidas
Á vossa alma de Pastor,
Como as cordas dóceis da citara,
Em unísono louvor,
Pelo Filho, ao Pai, no Espírito!

. Ano XVII, 05/12/1942, n° 867, página 01

Magnificat

MURILO MENDES

Meu espírito aneia pela vinda da Esposa,
Meu espírito aneia pela gloria da Igreja,
Meu espírito aneia pelas núpcias eternas
Com a musa preparada por mil gerações

Eu hei de me precipitar em Deus como um rio,
Porque não me contenho nos limites do mundo.
Dai-me pão em excesso e eu ficarei triste,
Dai-me luxo, palácios, ficarei mais triste,
Para que resolver o problema da maquina
Si minha alma sobrevoa a própria poesia?
Só quero repousar na imensidão de Deus!

. Ano XVII, 05/12/1942, n° 867, página 04

“São Silvestre”

Lauro de Araujo Barbosa

No Ciclo Santoral é o ultimo que chega, pois veio de bem longe, do deserto.
Onde floresceu como a Palmeira e deu o fruto no tempo certo
Resistiu a jornada tendo o Corpo fortalecido pela penitencia
Antes dos “sportmen” modernos, soube que a carne exige violência
Fez a viagem de trezentos e sessenta dias, talvez mais, de certo;
Partiu quando S. Lucas, no Advento anunciava que o Reino estava perto
Apressava, agora, o passo, pois Mateus já lê do ultimo domingo as profecias
E todos acorreram para ouvi-las – as casas do caminho estão vazias
O ultimo domingo após Pentecostes faz alusão a vida do Senhor
E ele caminha em direção a Roma, de chegar tarde se enche de temor
Como o cristão da aldeia que tem medo de infringir da Igreja o mandamento

E de chegar, na única Missa do domingo, após o Credo o clássico momento;

- Silvestre lembra que o Evangelho é longo e muito tempo ficará aberto

E ele chegará antes que esteja o Calice do Senhor descoberto

Porque Lucas ensina que é preciso que o Mestre não encontre a casa em abandono,

E não vendo Silvestre, que orou noites a fio, o Mestre pensará que sucumbiu ao Sono

No que assim o Mestre o Servirá e o fará sentar a sua mesa

E como S. João disse que é uma grande cousa o amigo dar a vida em sinal de amizade

Na Mesa do Altar dará o Cristo a sua, para alimentar o servo a sua saciedade

Dará, como na Ceia, a carne que é alimento e o Sangue que é bebida

Ele, que dera ao homem o Caminho e a Verdade, dará agora a Vida

Servirá ele próprio ao servidor, Lucas pode dizê-lo

Pois o viu, na última e Primeira Ceia, tomar o Pão e rompe-lo

São Silvestre pode caminhar depressa – não traz bolsa e nem bordão

O seu báculo de ouro, esse não pesa – Poderá chegar na Comunhão

Ele se sente cansado, pois fez toda a viagem a pé;

Abalou montanhas do caminho e andou sobre as águas, porque tinha Fé

Mas apesar de toda a sua pressa, ele estará ausente,

Quando o Cristo vier, atravessando o Céu, como um clarão resplandecente

Todas as tribus se lamentarão, e já terão visto

O Filho do Homem que virá nas nuvens, mais forte que o Anticristo

E isso será, na Missa do último domingo, a consagração,

Em que o Cristo se eleva sobre as nuvens do incenso sob a forma de pão.

Mas Silvestre só chegará depois do ITE MISSA EST pronunciado,

Quando o ciclo temporal dos mistérios do Cristo se tiver encerrado,

Porem a Igreja vendo esse Servo fiel, que chega tarde,

Mas traz os rins cingidos, e na sua mão a lâmpada que arde,

Que ao chamado deixou a sua casa e até mesmo seus Pais

Há de querer dar-lhe, como está escrito cem vezes mais

Uma coroa de pedrarias, das mãos do Cristo recebe agora

O seu salário não tem desconto, embora chegue depois da hora

Como os últimos são os primeiros, recebe-o a Igreja com honrarias;
Seu ano findo; o ano litúrgico, a sua espera prolonga uns dias
Do Gradual da Missa do Abade é a promessa então cumprida
Deus concede dias eternos ao servo que pediu Vida
E mais glorioso que o outro Silvestre que marca o tempo da Eternidade
Marca o Eterno dentro do tempo, o Santo Abade.

. Ano XVII, 12/12/1942, n° 868, página 01

SALVE 12 DE DEZEMBRO

*Preito de cultural veneração e respeitosa estima ao Exmo. e
Revdmo. Senhor Bispo da Diocese de Juiz de Fora D. Justino Jose de
Sant'Ana, pela data gloriosa de seu aniversário natalício.*

I

Para o dia onomástico saudar
De nosso amado Bispo D. Justino,
Que é de Jesus embaixador divino,
Quero todo o meu júbilo expressar.
 Com seu fiel rebanho hoje a exaltar,
 - Fôra eu poeta, e burilara um hino,
 Exaltando-lhe o engenho peregrino
 E as altas virtudes que possui sem par.

Contudo, minha lira bem modesta,
Humilde ovelha do rebanho em festa,
De gratidão e afetos em penhor,

Juntar-se dos fiéis vem á romagem
Para prestar também justa homenagem
Ao nosso excelso e ínclito pastor.

II

Mil vezes salve este faustoso dia

Que toda a Diocese hoje festeja,
Pois ao sagrado Príncipe da Igreja
Saudarem querem todos à porfia.

D. Justino em sua obra benfazeja
Instituições humanitárias cria,
Aqui, ali, ou onde quer que esteja.
Espalha o bem e à Fé a todos guia.

Não distingue jamais do rico o pobre,
Nessa missão episcopal tão nobre
Que exerce com desvelo modelar.

Por isso o povo o venera e o ama,
Ergue preces a Deus por ele, e exclama:
Salve, sublime defensor do Altar!

LINDOLFO GOMES
DEZEMBRO de 1942

. Ano XVII, 12/12/1942, n° 868, página 04

Lutamos Muito

JORGE DE LIMA

Lutei convosco, fiquei cansado,
fiquei caído – Quando acordei
tu me ungeste – Tu me elevaste
Tu eras pai e eu não sabia.
Eu sofri muito – Furei as mãos
Ceguei – Morri – Tu me salvaste.
Eu sou teu Filho e não sabia.
Lutamos muito – eu Te feri
Perdoa Pai, pensai meus olhos:
eu era cego e não sabia.

. Ano XVII, 26/12/1942, n° 870, página 01

Nasceu por nós um pequenino – Um Filho nos foi dado

Is 9,6

Hoje – sobre nós brilha a sua Luz –
Hoje – sobre nós reina o Senhor –
Hoje – a noite tornou-se Dia –
Hoje – o Verbo se fez Carne –
Hoje – nascemos com o Cristo –
Hoje – somos filhos no FILHO.

No Gaudio enorme do DOM DO PAI,
Alegremo-nos com todos os nossos irmãos,
Colocando no ALTAR os nossos votos
Para que com o Filho, pelo Filho e no Filho,
Na unidade de seu Espírito
A “Nova Criatura” se afirme em cada um de nós –
Alleluia – Alleluia – Alleluia –

. Ano XVII, 26/12/1942, n° 870, página 02

Filiação

MURILO MENDES

Eu sou da raça do Eterno
Fui criado no Principio
E desdobrado em muitas gerações
Através do espaço e do tempo
Estou acima das bandeiras
Tropeço nas cabeças dos chefes
Caminho no mar, na terra e no ar
Eu sou da raça do Eterno,
Do Amor que une todos os homens
Vinde a mim, órfãos da poesia,
Choremos sobre o mundo Multilado

. Ano XVII, 02/01/1943, n° 871, página 01

Epifania

Murilo Mendes

Eu Te procurei tal qual os três reis Magos
Que caminhavam através de mares e desertos,
Até que um dia uma Estrela enviada por Ti mesmo
Me trouxe até á tua inefável presença
Não posso Te ofertar ouro, o incenso e a mirra
Ofereço-Te a minha alma que tu mesmo creaste
Ofereço-Te a minha miséria e a minha poeira
Suplico-Te que ilumines todos os que Te procuram
E todos aqueles que acreditam que morreste
Ainda há muita dor, incompreensão e treva
Porque Tu ainda não deste a volta ao mundo.

. Ano XVII, 02/01/1943, n° 871, página 04

Um Poema para o Natal

Wilson de Lima Bastos

Noite festiva para a humanidade inteira,
O Natal é, sobretudo, uma festa da Família
No lar cristão, todos nos congregamos,
Penetrados do espírito da Santa Igreja,
Num testemunho de amor ao Verbo Encarnado
No seio fecundo da Virgem.
Todos nos congregamos em torno do altar,
No sacrifício da cruz,
Comendo do Pão e bebendo do Vinho,
No abandono de nós mesmos no Cristo.
Há neste gesto o sentido profundo de nossa ansiedade
Como peregrinos da mesma nau, em nova etapa.
De fato, estamos com fome e com sede.

- Com fome de amor – Com sede de vida
Na plenitude do Senhor.
- Cristo é a fonte da vida e do amor.
Abaixou-se até os Homens,
Na mangedoura humilde de Belém,
Para, com Ele, nos elevarmos.
Veio como um pobre,
Numa noite fria e silenciosa,
Desprezado pelos homens,
Perseguido por Cesar,
Para ser o tipo do Homem Integral.
Não houve mais pobre do que Ele.
Mais sofredor do que Ele.
Por isso, ninguém mais humano do que Ele.
A gruta deve ser o centro do Natal em família,
Pois está cheia de um simbolismo extraordinário
Sua atmosfera, impregnada de abandono,
Numa elevação misteriosa,
Revestido da pobreza humana,
Cristo esteve com os Homens,
Entre os pobres e entre os ricos.
Descalço, pisou a terra,
Marcando-a com um sinal de sua humanidade.
O seu sangue, derramado da Cruz,
No sacrifício do Calvário,
Estabeleceu a nova e eterna aliança
Entre o gênero humano, decaído pelo pecado,
Mas, agora, remido pelo Senhor,
E a vida, na plenitude da graça
Veio para viver entre os Homens
Mas os Homens não o compreenderam.
Cesar condenou-O.
Contudo, ficou entre os Homens
O espírito eterno da Verdade
- Espírito vivificador das novas gerações,

Da Juventude Eterna gerada no sangue de Cristo
Hoje, renova-se o Natal de Jesus,
Num momento de tréguas para a Humanidade toda
Que se envolve no sangue da juventude,
Pelas lutas fratricidas.
Nos campos de luta, uma multidão de soldados
Há de ser tocada pela graça do Senhor
Com a lembrança feliz dos dias de criança
E, fora do lar, nos abrigos e nas trincheiras,
Muitos hão de celebrar a festa do Natal.
E enquanto dirigem o seu coração para o alto,
Fazendo circular o seu pensamento na esfera sobrenatural
Hão de condenar a Cesar
Que ainda, em nossos dias, se arvora contra o Senhor.
Sob outra atmosfera, nós outros, porém,
Num ambiente de paz e de prece,
Unimos ao pensamento deles o nosso pensamento,
Realizando um programa de manifestações a Jesus
- O único Soberano Absoluto
Ao qual se subordinam: Cesar e os Potentados do Mundo.
Ele ainda há de vir um dia,
Cumprindo a sua Promessa.
E, com a esperança desse dia glorioso,
Nós nos prepararemos sempre,
Renovando o seu Natal.
E junto com os Homens de boa vontade,
Cantaremos hinos de louvor ao menino que nasceu
Para a salvação do gênero humano.
E assim
 “Alegrem-se os céus diante do Senhor,
 E exulte a terra porque Ele veio”

. Ano XVII, 09/01/1943, n° 872, página 01

Communicantes

Murilo Mendes

Eu amo minha família sobrenatural,
Aquela que não herdei,
Aquela que ama o Eterno.
São poetas, são musas, são aprendizes de santos
Que vivem tratando de seus fins supremos.
Ó mundo, minha família sobrenatural não te possuiu!
Minha angustia vive nela e com ela.
Eu formarei poetas do futuro
À sua imagem e semelhança.
E todos ajuntarão novos membros ao Corpo
De que Jesus Cristo é a cabeça.
E irradiarão as palavras do Eterno.

. Ano XVII, 23/01/1943, n° 874, página 04

Paróquia de São Mateus “Dia do Pároco” 14 DE JANEIRO

Que belo dia! Que dulçor infindo!
Por que a Terra se enche de fulgor?
O prado, o lago, o vale e a campina,
Tudo é florido, e tudo diz Louvor!

Que dia é este de alegria tanta?
Que paz divina e que ventura estranha!
Parece que a natura se engalana:
O bosque, o rio, as aves e a montanha.

Mas por que tanta festa e tanto gozo?
Por que tanta harmonia e escarcéu?

Por que no dia 14 de janeiro
A mesma terra se desposou o céu.

Oh! sim? mas que noivado estranho
Que esponsais de loucura e de esplendor!...
Como é possível que esta Terra impura
Tenha atingido o céu com seu amor?

Oh! tu não sabes? Neste dia belo
Surgiu um padre aqui no mundo nosso
E o próprio Anjo contemplando a Terra,
Curvou a fronte e meditou: Não posso!

Não posso ser-te igual em excelência
Não posso te igualar em teu valor
Porque embora sejas tu poeira
Do Rei dos céus tu és audaz Senhor!...
Então na hora desse abraço santo,
A terra ingrata se elevou a Deus
Àquele Deus que há quase 2.000 anos
Espera essa infiel noiva dos céus.

E é por isso que o globo se ilumina
É por isso que o mundo é uma canção,
Porque o Padre é entre o céu e a Terra
O laço eterno desta comunhão
. Ano XVII, 06/02/1943, n° 876, página 01

Marta Maria

Murilo Mendes

Tu és a que trabalha e contempla ao mesmo tempo
Ainda bem não acabas de arrumar a Casa
Já voaste para a leitura do Evangelho
Há ocasiões em que te separam da terra.

E teu olhar obscuramente luminoso.
Ó minha casta amiga, já parece eterno
Preparas tua alma para a vinda do esposo
És insatisfeita e triste, não te equilibras no mundo;
Mas disfarças tua vocação sublime
Cuidando com paciência dos arranjos temporais.

. *Ano XVII, 13/02/1943, n° 877, página 04*

A Mão Enorme

Jorge de Lima

Dentro da noite, da tempestade
a nau misteriosa lá vai
O tempo passa, a maré cresce,
o vento uiva
A nau misteriosa lá vai
Acima dela
Que mão é essa maior que o mar?
Mão de piloto?
Mão de quem é?
A nau mergulha
o mar escuro,
o tempo passa
Acima da nau
a Mão enorme
sangrando está
a nau lá vai
o mar transborda,
as terras somem
caem estrelas
A nau lá vai
Acima dela
a Mão Eterna
lá está

. Ano XVII, 27/02/1943, n° 879, página 01

“O mediador”

Murilo Mendes

Eu dormia á sombra dos arranha-céus.
Tu me viste e me chamaste antes de eu Te ver.
E me disseste: “Acorda, vem comigo,
Eu sou a Ressurreição e a vida eterna.
Eu te mostrarei o Deus Creador que procuras
E farei o *Espírito* descer sobre tua cabeça.”

Ó revelação da verdade, alimento essencial!
Ó ser dos seres, Pai do século futuro!
Nunca mais poderei viver sem Ti.
Não precisas vir outra vez, já vieste!

. Ano XVII, 27/02/1943, n° 879, página 04

A veste branca do batismo

A veste batismal é branca e pura,
Como o lírio dos campos que o Senhor vestiu.
Foi lavada no sangue do Cordeiro imaculado
E traz a glória da ressurreição!
Sua brancura resplandece de luz.
Daquela mesma luz triunfante
Que quebrou as trevas do sábado santo.
É a “estola da imortalidade, tecida nas águas do batismo.”
E revestidos dessa veste de vitória,
Nossa alma ressurgirá incessantemente,
Na eterna páscoa de Cristo!

Chegados ao termo da escalada do tempo à eternidade,
Deporemos, no limiar do tribunal de Deus,
Nossa veste intata, que conservamos “sem macula”!

Receberemos, então, uma veste de glória, incorruptível,
Com a qual nos confundiremos com os eleitos de Deus.
E, unidos á multidão inumerável dos apóstolos,
Dos mártires, dos confessores, das virgens,
Nossas vozes se confundirão com as dos serafins,
Para cantar ante o trono do Cordeiro,

O ALLELUIA TRIUNFAL!

M. de Lourdes R. Oliveira

. Ano XVIII, 20/03/1943, n° 882, página 04

Oração do trabalho

(Semana Proficional da JOC 1940)

Senhor, somos operários.
Ganhamos penosamente o pão de cada dia,
Com o suor de nossa frente...
E, nós Te bendizemos jubilosamente,
Porque, na sabedoria infinita de Tua Providencia,
Todos os teus desígnios são desígnios de misericórdia.

Nós te bendizemos,
Por nos haveres colocado nessa situação austera,
Em que nos é dado participar
Daquela mesma sorte terrena
Que quizeste escolher para Teu Filho Único!

Nós te bendizemos,
Pelo dia sagrado do nosso batismo,
Em que baixando Teu olhar de misericórdia
Até a nossa pequenez,
Chamaste-nos irmãos de Jesus Cristo e filhos Teus.

Nós te bendizemos,
Por esse dia memoravel, em que todo o nosso ser,

- Ungido com o óleo santo – impregnado de redenção,
Integrou-se na plenitude do mistério.

Nós Te bendizemos, Senhor,
Por esse momento glorioso,
Em que, do ser batizado, fizeste brotar uma atividade nova!
Em que o trabalho teve sua redenção,
E foi penetrado de um sentido sagrado!

Nós te bendizemos, Senhor,
Por haveres aceito o trabalho de nossas mãos,
Como uma hóstia viva em Teu louvor!
Fundidos todos com nossos irmãos de trabalho
Pela unidade do Espírito Santo,
Por Jesus Cristo, nosso Chefe,
Depomos a Teus pés nossa oferenda total
De um só trabalho, transfigurado numa só oração!

Nós te bendizemos, Senhor,
Por haveres deixado impresso no trabalho
Vestígios de Tua semelhança:
- O reflexo de Tua Mão Creadora
- E de Tua Atividade misteriosamente fecunda
Que enche o silêncio de eternidade.

M. de Lourdes R. de Oliveira

+Ano XVIII, 24/04/1943, nº 887, página 04

Coluna Jecista

Páscoa, a passagem do Senhor

E novamente, percorreste a terra durante a tua noite.
A ceia foi preparada.
Cingiram-se os nossos rins.
As sandálias protegeram nossos pés.

E a nossa mão hasteou forte cajado.
Entre nós foi imolado o Cord
eiro.
Com seu sangue aspergimos os limiães das portas.
E ambos os umbrais,
Afim de que o anjo nos indicasse o Santo Sinal.
E Tu entraste – sim, Tu mesmo
O teu anjo passou – E Tu viste –
E novamente morreste – enquanto celebramos o santo memorial de tua
ceia.
E vimos abrirem-se novamente as tuas chagas,
O teu sangue vermelho correu da Cruz,
E nosso cálice encheu-se também agora até transbordar.
Como um brado ressoou nossa prece:
 Deus sactus
 Deus Fortis,
 Deus Immortalis – miserere!
E novamente disseste:
 Consumatum est!

A terra tremeu, o sol perdeu o seu brilho e as trevas cobriram o universo.

Com o óleo do nardo e unguento precioso preparamos a tua sepultura
Descemos contigo á profundeza da terra.
Para estarmos sempre contigo.
Chegou, então, um anjo.
Sua veste era branca como a neve.
E a luz de sua face fulgia como o relâmpago.
 A quem procurais?
Aquele que julgais entre os mortos, ressuscitou.
Mas nós nos assustamos.
Então, o anjo tomou-nos pela mão.
E conduziu-nos na nova LUZ. – ALLELUIA!

O Canto de Visionaria

Nascera para o louvor
E sempre a louvar ela vivera.
Nunca a vida envelheceu
Aquela fonte perene em seu coração.
E se o amargor a recebia
Nos lábios dos seus irmãos
– Com o dom da sua presença
Alegria e paz ela trazia.

Nascera para a gratidão
E sempre a agradecer ela vivera.
Nunca pôde viver sem ação de graças
Ao dom de um só instante;
Nunca lhe pareceu banal uma única hora.
Entre os mesmos irmãos ela crescera
Mas cada vez que a encontravam
Sentiam nela mais alegria
Do que se viessem de uma longa ausência,
Do que se houvesse entre eles uma grande separação.

Nascera para sofrer
Mas sempre cantar ela sofrera.
Nunca lhe umedeceu os olhos
Uma queixa que não fosse um canto.
E enquanto outros desesperavam
- Do desespero o seu hino de louvor ela fazia
Enquanto outros sorriam
- em plena dor a cantar ela vivia.

Mas ninguém sabia narrar
Que Presença era aquela

Em sua presença.
Mas ninguém sabia narrar
Que Canto era aquele
No seu canto

LUIS SANTA CRUZ

. *Ano XVIII, 15/05/1943, n° 890, página 04*

NA FESTA DOS NOIVOS

Wilson de Lima Bastos

Estamos na grande festa da Família,
Cheios da alegria viva que nos une todos
- Participantes da alegria do Senhor.
Filhos congregados em torno do mesmo Pai.
Irmãos correspondendo-se no prévio amor
Que realiza conquistando a vida,
E que conquista agitando o mundo.
Todos nos sentimos irmanados
Pelo caráter que carregamos conosco mesmos
nas profundezas do nosso ser,
Que se lavou na Fonte Batismal -
Circula em cada um o sangue da Liberdade
Com o desejo incontido de ser grande
- não grandeza conforme quer o mundo
Mas segundo a vontade do Senhor!
Sangue da Liberdade, sim,
Porque é o sangue de Cristo
Que nutre, que esquentar, que vivifica
A carne fraca e pezada do gênero –
Somos os Homens livres vivendo o nosso ideal
E realizando, no mundo, o ideal de Cristo.
As famílias dos Homens marcados
Se unem em outra família
- Família, comunidade de Famílias –
Pais e Filhos, filhos do Senhor!

É a grande alegria na festa dos noivos:
Corações que se unem. Ideais que se completam.
Aspirações imorredouras de paz e de concórdia.
Vós, queridos noivos desta festa,
Sereis sementes lançados em terra safra,
Que germinarão fecundas para o Bem.
O Senhor é o nosso Pai. O Pai da Geração Eterna!

(Palavras proferidas numa sessão da U. M. C.
- dedicada aos noivos – e, 1942)

. *Ano XVIII, 29/05/1943, n° 892, página 01*

EL ANCLA

Cruz, desnudez de la fe.
Corazón, plenitud de la caridad.
Y entre cruz y corazón,
entre despojo y grosura, el ancla.

Toda ancla tiene cruz
y tiene algo de corazón,
y así por la fe nos ata,
y conforme es echada algo posee ya.

La esperanza está desnuda
en la cruz y la cuerda que nos ata,
pero com fuerzas de corazón El ancla
sujeta, velo, adentro, em la pátria.

Dimas Antuña

. *Ano XVIII, 31/07/1943, n° 900, página 02*

Crença

Tem mundos de ventura e vida de esplendores
Todo homem que é sem fé, que vive entre os ateus.
Mas finda tal prazer se acaso vem as dores
Num átimo ferir os rudes peitos seus.

Também já fui assim... sem crença nos amores,
Sem Deus, sem fé, sem luz nos livres atos meus.
Até que certo dia, eu tendo dissabores,
Curvei a minha frente e precisei de Deus...

E então clamei chorando e olhei o meu passado
Repleto de prazer, de crime e de pecado...
E aos céus assim bradei: Salva-me, ó bom Jesus!

E Deus foi justo e bom... perdoou-me e, nesse instante,
Tornei-me fiel cristão... devoto e confiante
Em quem morreu por nós, pregado numa cruz.

CÉLIO GRUNEWALD

. *Ano XVIII, 23/10/1943, n° 912, página 04*

Na festa do irmão

Wilson de Lima Bastos

Estamos todos na casa do Pai,
Cheios do juízo das coisas santas,
Todos unidos numa expressão de Fé.
Sentimos em tudo a manifestação
Da vontade soberana do Senhor!
Em cada palavra, um sentido novo.
Em cada gesto, nova ansiedade.
Somos Filhos da Geração Eterna,
Marcados pela Água do Batismo,
Que nos abriu para o verdadeiro amor –
Somos da família dos que sofrem
O eterno combate de um mundo louco.
Incompreendidos. Espezinhados.
Mas somos da Raça dos homens fortes
Realizando um ideal de Vida,
Exgotando-nos na Casa do Senhor!

Membros de uma mesma Comunidade,
Participantes todos do amor do Pai,
Vivemos, no vigor da juventude,
A marca do Cristão em pleno Século –
Carregamos a nossa Cruz pesada,
Como uma imposição que vem do Alto,
Mas deixando neste gesto a nossa Fé
E a renúncia de um mundo desumano –
Querendo vencer, pela força da Fé,
Conquistando almas para o Altar de Deus –
Queremos, unidos, viver sentindo
A grande expressão da alegria viva
Que diz tão fundo ao coração da gente.
Unidos estamos ao pé do Altar.
Unidos, também, em torno da mesa.
“Coherdeiros de uma mesma família,
Aqueles que habitam a Casa do Pai”.
Esta, a grande alegria, que sentimos.
Na festa do querido irmão mais velho.

(Na Festa da U. M. C., em homenagem ao Prof. Hargreaves)
Juiz de Fora, 18 – X - 43

. *Ano XVIII, 27/11/1943, n° 917, página 04*

CECILIA

Lembrança do dia 22

Primeiros tempos da cristandade.
A Igreja nascente perseguida.
Seus algozes:

o odio
o desespero
a angustia

A humanidade carecia
de amor
de confiança
de alegria.

No momento preciso não faltou o remédio para debelar o mal.
O exemplo é o mais eficaz dos remédios.
E Cecília, essa donzela, essa patricia ilustre, vem dar o mais vivo dos exemplos,

o mais eficaz
o mais sublime,

Ali onde impera o ódio, ela derrama o balsamo do amor.
Onde reina o desespero, ela infunde a confiança.
Onde a tristeza corróe, ela faz transbordar a alegria.

Tudo lhe parece fugir
e ela tudo espera de Deus
A medida das graças que alcançamos está na razão direta de confiança
que depositamos em seu Dispensador.
Cecília tudo alcança
porque de Deus tudo espera.
Converteu o marido que desposara por obediência; chamou-o à luz da
Verdade, mostrou-lhe o Caminho a trilhar, assegurou-lhe a Vida, e trans-
formou-o de pagão em santo.
E a conversão de Valerio arrastou a de Tiburcio e a de Maximo e a de
mais uma legião de pagãos que empolgados pela intrepidez daquelas al-
mas buscaram o batismo – fonte de toda a fortaleza.

Sou cristã, respondia Cecília quando lhe perguntavam o nome.
Sou cristã, eis o seu titulo de gloria. Eis a razão de ser de sua vida.
E viveu os poucos anos de existência uma vida
“Angelicamente pura
Eucaristicamente piedosa
Apostolicamente ativa”.

Morreu mártir, louvando a Deus e proclamando sua fé.
“morrer pelo Cristo não é sacrificar a sua mocidade, é renová-la”
Faltando-lhe a voz no momento supremo, faz falar os dedos, confessando
a sua crença:

“Um só Deus em três pessoas”.

MARIA CECILIA

. *Ano XVIII, 04/12/1943, n° 918, página 03*

A morte do cão

Chamavam-me de Gelert. Soberbo cão de raça,
Que um caçador famoso, um doudo pela caça,
Mandara vir de fora a peso de dinheiro.
Era um ídolo o cão; e, ao carinho tão doce,
A consagrar também a vida ao companheiro.

Na época melhor das ótimas caçadas
Os dois partiam sós, á luz das alvoradas,
Buscando o coração misterioso das matas,
E voltavam depois, alegres e contentes,
Despertando em redor os incolas dormentes,
Ao compassado som das estranhas serenatas.

Quantas vezes na caça os dentes das panteras,
O bramido soturno e tétrico das feras,
Que perigos passou, quanta arriscada empresa
Ameaçavam do cão o derradeiro instante!...
Não sofrera fiel, para apanhar a presa,
Que ao dono provocasse um bravo delirante!...

Mas depois de algum tempo, o cão envelhecido,
Desdentado, sem força, exausto, entorpecido,
Já bem dificilmente acompanhava o dono.

Era um cão sem valor, inútil companhia
Que preciso se fez, de dia para dia,
Ir deixando ficar em misero abandono.

A fortuna também girou rapidamente
E o velho caçador tão rico, de repente,
Sentiu minguar-lhe o pão, sentiu faltar-lhe o ouro;
A morte lhe roubara a esposa muito amada,
E ele viu sua casa escura e abandonada,
Tendo um filhinho só por único tesouro.

Um dia, disfarçando o peso da desgraça
Que aos poucos lhe esmagava o triste coração,
Ele partiu, cantando as emoções da caça,
Mas quis partir sozinho, e acorrentara o cão.
Do misero cativo a perola do pranto
Descera, mas ao ver o caçador contente
O pobre cão lá foi resignado a um canto
Deitar-se, carregando o peso da corrente.

A noite, que descia,
Em silencio profundo e em trevas envolvia
A casa. De repente
Ouve-se estranho passo. E logo, frente a frente,
Sinistro, ameaçador enfurecido.
Farejando a amplidão, faminto o lobo avança.
E lá no berço a creancinha dorme,
Como dorme no berço uma criança...

Nesse momento,
No turvo olhar do cão lucila um pensamento.

O lobo se aproxima... Escancarada a porta
Encontra-se então... eis repentinamente,
Ganindo, uivando, o cão forceja, torce, e corta,

Num ímpeto de amor, os elos da corrente.

Travou-se então uma horrorosa luta,
No silêncio da noite indiferente e bruta...

Surdo ranger de dentes,
Ossos a estralejar em ímpetos frementes
E contrações de dor, entre urros e gemidos
Mil instintos da raiva em gritos comprimidos
Na sede da vingança, e baques pelo chão.

Tudo acordava em torno a quieta solidão...
E o sangue a borbotar, e o fogo do cansaço,
E a relva machucada espalham pelo espaço
Um acre odor de guerra...

Depois... o baquear dum corpo em cheio em terra,
Depois... um abafado e último gemido
- um preito ao vencedor por parte do vencido –
Depois diminuindo, e gradativamente,
Vagaroso arrastar de um corpo indiferente.
Depois... depois mais nada!
Era a tragédia finda e a noite socegada...

Mais tarde, ao despertar da fresca madrugada,
O caçador voltara,
E, vendo a porta aberta e a casa palmilhada
Com o sangue do cão,
Corre para o filhinho... anseia... estú... para,
Ao ver ensanguentado o berço da criança
E vasio... enlouquece, aperta o coração.

Louco de amor paterno, louco de vingança

Afaga junto ao peito o cabo do punhal,
E vendo, aos pés, a festejar-lhe o cão,

Atira um golpe rijo ao peito do animal,
Que exânime resvala em ultimo estertor.

Mas nisto ouve uma voz que chama o caçador:
“Papa”... “Papa”. Halucinado, incerto,
(Era a voz do filhinho... o filho estava perto...)
Correu e espavorecido, atônito, absorto,
O foi achar contente, socegado,
Junto a casa do cão e ali, bem perto, ao lado,
O lobo enorme ensanguentado e morto.

CLÉLIA

. *Ano XVIII, 25/12/1943, n° 921, página 03*

CONTO DE NATAL

Enquanto os sinos falam numa gloria
Comovedora, inegalavel, infinita,
O Aleijadinho, de olhos muito abertos,
Espera. Qualquer cousa acordou lhe a memória
Lembra. Levanta a medo a pobre cabecita.

Tudo, na grande noite, o faz confuso,
Deslumbrado e curioso: os caminhos desertos;
As vozes, que ouve, sem ouvir que o vento trouxe!
O estelário no azul, altíssimo, profuso...
O divino silencio, impalpável e doce...

Contaram-lhe, uma vez, que todo o pobrezinho
Recebe, no Natal, lindas prendas, brinquedos.
Que Jesus vem, a meia noite, de mansinho,
Com os pés de seda, imperceptível no caminho,

Transfigurando tudo ao toque de seus dedos...
Muitas noites, assim, da mesma formosura,
Passaram, com surpresas, alegrias...

Enquanto ele, na sua desventura
De órfão, tivera sempre as mãos vazias...

Suspira. Olha as estrelas, sonolento.
Estridulante, soa a voz de um galo.
Não deve adormecer. É apenas um momento.
Jesus não tarde a vir. Foram chama-lo.

Com asas de anjo ou passo humano, desce
Do céu radioso. O pobrezinho vai toca-lo,
Saber da mãe que não lhe ensinou uma prece...
Do pai que lhe fugiu, depois de maltrata-lo...

Rojões estalam... e, no azul da noite eleita,
A chuva colorida apaga-se sonora.
Meia-noite. Afinal! O Aleijadinho espreita,
Estremecendo... o coração lhe bate... é agora!
Há uma sombra subtil caminhando na estrada...
Será Jesus? Já chegaria a hora?

Silencio... noite bemaventurada!
Dir-se-ia que Deus sonha a verdade mais bela
As horas vão correndo e deluindo-se ... nada.
Onde o Consolador? O Aleijadinho vela.
Linda é a sua esperança! Alvoroca-se nela,
Enquanto, dúbia, entrelampeja a madrugada.

Perto, num bando feliz... são inúmeras vozes,
Cantos que se misturam... e ele, aflito,
Acomoda melhor a cabeça a um portal.
Faz frio... espera sempre... encolhe o corposito
Debil de privações e roxo de equimoses.
E, sem queixume, como um passarito
Cabeceia. Cochila! Adormece afinal.

Jesus, então sorri, num gesto caricioso.
Mira o. Recolhe-lhe a almazinha mansa.
Beija-a. Sofrera tanto, abandonada ao léu!
Sente que ela palpita ainda... é da esperança...
E, ao raiar da manhã, contente e luminoso,
O Aleijadinho despertou no céu.

. *Ano XVIII, 05/02/1944, n° 925, página 03*

CRISTO REI

Jesus governa, Jesus impera
Desde as planícies às cordilheiras,
Pois o seu reino não tem limites,
O seu império não tem fronteiras.
Sem ter soldados, sem ter navios,
Vence batalhas, prélios renhidos:
E beija a frente dos vencedores.
E estende os braços para os vencidos.
Comanda o choque, corre as fileiras,
Domina e luta dentro das alas
Aplaca as iras, desfaz os ódios,
Desarma as almas em vez de arma-las.
Não quer o fausto na sua corte,
Não quer riquezas, vis esplendores,
Faz dos mais pobres os seus ministros,
Faz dos mendigos embaixadores
Rolam coroas pelos caminhos,
E rolam tronos, cetros reais,
Mas a coroa feita de espinhos
Com o tempo brilha cada vez mais.

Djalma Andrade

. Ano XIX, 11/03/1944, n° 927, página 03

São José

M. Emerenciano Pereira

Afirmo, e é certa esta verdade,
Tenhamos sempre intensa fê
No padroeiro da bondade:
O sempre meigo SÃO JOSÉ.

Peçamos sempre, a todo instante,
A sua graça tutelar
Que sua benção confortante
Esteja sempre em nosso lar.

Que se dissipem as torturas,
Todo e qualquer constrangimento,
Que SÃO JOSÉ, lá nas alturas,
Jamais nos deixe um só momento.

Bemdigo a todos que, rezando
Ás bemfazejas intenções
As suas almas se orvalhando
Na doce paz dos corações.

Ao se extinguir de minha vida;
No aproximar do extremo instante,
De SÃO JOSÉ quero a guarida,
Pois ELE é a luz do agonizante.

Assim reafirmo, e estou convicto,
Com a melhor crença e eterna fê;
Que todo lar será bemdito,
Si se entregar a SÃO JOSÉ

“Sempre disse e afirmo isto
Com toda razão de fé,
Quem gosta de JESUS CRISTO
Deve crer em SÃO JOSÉ”

Ao exmo. Sr. Cel. Raphael Benjamim da Fonseca e a
exma. Senhorinha Niêta.

. *Ano XIX, 18/03/1944, n° 928, página 03*

Súplica pela paz
À Imaculada Virgem-Mãe

Bondosa Mãe de Jesus,
Nossas almas protegei,
Vós sois rainha do Céu
E vosso Filho é o rei.
Além disso, vosso Filho,
De Deus – Pai é Filho amado;
E querido pelos anjos
E dos Santos estimado.
Lá no Céu, à mão direita,
Ele está, de Deus Senhor;
Bem podeis ó Virgem – Mãe
Pedir em nosso favor.

É uma esmola que fazeis
A esta pobre humanidade,
Suplicando a Deus Senhor
Para todos, piedade.

Piedade para as mães
Que pranteiam de aflição;
Pela sorte de seus filhos,
A Deus pedem compaixão;

Só vós, Mãe Imaculada,
Senhora da Conceição,
Podeis tirar-nos a cruz
Da nossa grande aflição.

Compaixão!... ó Virgem – Mãe,
Tirai-nos tão grande cruz!...
A todos nós dai-nos paz,
Por vosso Filho Jesus!..

Evaristo de Jesus

. Ano XIX, 06/05/1944, página 01

Poema narrativo sobre a imagem do Senhor do Bom Fim

Foi além mar, em terras Portuguesas,
que após uma tempestade agitada e bravia,
talvez de alguma corveta naufragada,
foi encontrada entre pedaços de madeira
por uma mulher simples e do povo
certo dia,
a Imagem do Senhor do Bom Fim,
a primitiva Imagem e verdadeira.

El-rei Pedro II o pacífico, e 20º rei de Portugal,
deu o direito de constituírem a onfraria
aos modestos Hortelões de Setubal.

E na singela Ermida do Anjo da Guarda,
situada no antigo campo de barbuda,
a piedosa e modesta irmandade
determinara que a Imagem ficaria,
exposta dos fiéis à adoração,
até que um local mais apropriado lhe fosse dado,
ou que a melhora de recursos então o permitisse.

Dia a dia a irmandade aumentava,
Aumentando também a devoção,
Que o Poderoso Sr. Do Bom Fim na modesta Ermida aguardava...

Foi então que vindo ao Brasil certo dia,
e sendo do Bom Fim um devotado varão,
Theodozio Rodrigues de Faria
Fez esculpir uma Imagem perfeita para a nossa devoção.

Fora trabalhada em cedro e de tamanho idêntico, igual.
Chegara pela Páscoa da Ressurreição
das terras lá distantes de Portugal,
a Imagem do Senhor do Bom Fim.

Que perfeição!

E na Baía, Cidade de Salvador,
Aquele que morrera pela humanidade,
para que esta tivesse um fim que alcançasse e redenção,
teve um culto rápido pelos milagres alcançados
em penitencias e absolvições de pecados.
E embora neste tempo houvesse muita impiedade,
muitos incrédulos de Cristo Redemptor,
a clareza e a verdade tiveram que surgir assim
pelos consecutivos milagres do Senhor do Bom Fim.

Que as graças não foram alcançadas?!
Muitas almas paz e tranquilidade conseguiram;
e na sequencia dos dias
a devoção do Senhor do Bom Fim
se espalhava por Itapagipe, povoados, cercanias.

A confirmação do Poder Divino estava feita!
e foi assim.....
que veio até nós esta benção de felicidade.

Resolveu o povo Baiano num feliz dia,
enviar a São Paulo uma copia perfeita,
num gesto de fraternidade e fidalguia.
Agora O temos à nossa adoração:
mas estando o nosso País em guerra
que seja feita assim nossa oração:

Senhor do Bom Fim:
peço um milagre mais a nossa Terra!
Tranquilidade e paz a nossa querida Nação!
Que possa triunfar o Bem por sobre o Mal!
e que de hora em hora assim
seja maior a nossa devoção
a Vós Senhor do Bom Fim que vistes lá de Portugal.

Abigail Horta Cavenaghi

. Ano XIX, 17/06/1944, página 04

Canto da Gratidão

Senhor, sob seu manto dormirei como os passaros
que não se preocupam com o pão de cada dia.
Senhor, sob o Teu manto serei como os lírios
que não tecem e no entanto se vestem com mais beleza
do que Salomão.
Confio em tua providencia, Senhor.

No tempo em que me affligi,
no tempo em que procurei com as próprias mãos
resolver meu destino,
vi tudo rolar nas águas do desespero,
vi tudo morrer.
Nada pude enquanto pensei em minhas forças,
nada consegui enquanto não me voltei para o Teu amor.

Agora tenho o Teu manto e sob ele sei que sou forte

e que tenho uma fortuna mais vasta que o mundo,
Nos meus domínios o sol não se deita.
Tenho riqueza para repartir com os pobres
que ainda não encontraram o Teu caminho, Senhor.
E com os pobres repartirei o pão do teu amor.
E ao vê-los venturosos sorrirei, sabendo
que o Teu amor é infinito.

Paulo Corrêa Lopes

. Ano XIX, 05/08/1944, página 03

Ato de caridade

Djalma de Andrade

Que eu faça o bem, e de tal modo o faça,
Que ninguém saiba o quanto me custou.
- Mãe, espero de Ti mais esta graça:
- Que eu seja bom sem parecer que sou.

Que o pouco que me dê me satisfaça,
E se, do pouco mesmo, algum sobrou,
Que eu leve esta migalha aonde a desgraça
Inesperadamente penetrou.

Que a minha mesa, a mais, tenha um talher,
Que será, minha Mãe, Senhora nossa,
Para o pobre faminto que vier.

Que eu transponha tropeços e embaraços:
Que eu não coma sozinho o pão que possa
Ser partido por mim, em dois pedaços.

. Ano XIX, 12/08/1944, página 04

Pe Isnard da Gama

Eu vim Senhor, para fazer tua vontade,
e para que Tua imagem brilhasse em mim.
Tu me fizeste com Tua própria mão,
tu me lavaste com a água que o Espírito vivificara
Tu me deste o teu próprio Espírito
Tu me alimentaste com o teu próprio filho
E depois Tu me mandaste com o brilho da Tua face,
anunciar aos povos a Tua presença.

Como hei de anunciar-Te, Senhor,
se me fizeste mudo,
e se me envolveste com o silêncio do Teu Verbo?
Como hei de anunciar-Te, Senhor,
se não vejo a Tua sabedoria que paira sobre mim,
indicando-me o caminho a seguir?
Dizei-me, irmãos,
que importa o silêncio que me envolve,
que me importa a luz que me cega,
se eu sou impelido pelo Espírito,
se o Filho grita em mim o nome do Pai?
Que me importa se os povos não me veem
e se eu próprio não entendo minha voz?

Eu irei pelo Reino do Senhor
disfarçado em furacão – sopro do Espírito,
bramindo com o mar – na voz do Filho,
brilhando com a luz esplendor do Pai!

E tudo se há de prostrar à minha passagem,
porque não sou eu quem passa
É a tua presença, Senhor, que passa em mim!

. Ano XIX, 02/09/1944, página 01

Sacerdocio

JACINTA PASSOS

Fora do espaço e do tempo,
vejo todos os seres integrados no Ser infinito.
Vejo a realidade eterna da Vida divina,
na Trindade Santíssima.
- O Pai exprimindo, sem inicio e sem fim,
a plenitude absoluta do Ser
no Verbo increado,
imagem perfeita de sua perfeição,
e o Filho se entregando inteiramente ao Pai,
no Espirito do amor.
Vejo a comunicação da vida infinita.
- O Verbo feito carne.
O homem concentrando toda a Criação
e o Filho do Homem continuando o sacerdócio eterno.
Vejo os sacerdotes marcados com o sinal sagrado,
consagrando a Oferta de todos os homens,
oferecendo ao Pai o dom absoluto do Filho Incarnado,
integrando todos os seres na vida infinita de Deus.

. Ano XIX, 14/10/1944, página 01

COMO A SEMENTE

“... Paulo Corrêa Lopes é um
Desses poetas que faz a gente
Crer na renovação da poesia em nossa terra”
Oscar Mendes

Como a semente no fundo da terra, meu filho dorme
Quando penso no destino do meu filho,
sinto o estremecimento de arvores batidas pelo vendaval.

Será belo como o voo dos pássaros
e forte como as espadas de ouro ao sol?
Quando cantar, terá na voz o sussurro dos ventos,
sobre o mastro dos navios, em perigo?

Nada sei do que será meu filho.
Como a semente no fundo da terra, meu filho dorme...

PAULO CORRÊA LOPES

. Ano XIX, 16/12/1944, página 01

O CONVITE

Tua voz, Senhor, soava sobre a terra
como um clarão de alvorada.
Tua voz chamava os homens ao divino convite
de tua carne e de teu sangue,
e eles iam ao teu coração como a uma represa.

E eu ouvi, Senhor, do fundo de minha solidão,
teu convite suave, cheio de promessas.

E quando tu passaste, na noite já vestida de estrelas,
chamando os últimos homens,
eu te segui de longe,
tão de longe que era apenas uma sombra
na penumbra cinzenta do caminho.

Eu beijava de manso
as marcas que teus pés deixavam sobre a areia.

Chegaste á casa do convite.
E entraram atrás de ti
todos os homens que te seguiam de perto.

E eu me encostei á porta, Senhor
tão só como a minha alma,
que estava cheia de ti e da dor de estar só.

Da porta eu ouvia tua voz divina,
falando aos homens que rodeavam tua mesa.

E eu estava só como a noite escura
que me envolvia de estrelas.
E minhas lagrimas ardentes
queimavam-se as pálpebras ressecadas.

Tu me ouviste meu pranto. Fez-se em grande silencio,
tão grande quanto a minha tristeza.
E viste a mim, pousando a mão sobre meu ombro,
E de novo falou a tua voz divina:

“Porque choras, amigo? Porque ficas tão longe
dos outros, e não entras?
que trouxeste para a minha Mesa?”

E minha voz foi um soluço dolorido:
“Senhor! não trago mais que meus pecados!”

Esperei que tu me mandasses embora.
com os olhos baixos sobre a poeira do caminho.
Mas tu disseste simplesmente: “Entra!”

E eu te segui com minhas mãos vazias
e minhas chagas descobertas.

E os teus eleitos esperavam ansiosos
para ver quem trazias.
Tua mesa estava cheia das tuas ofertas,
e eu trazia apenas minhas mãos vazias!

Mas tu, com um clarão de alegria na voz,
tu disseste aos outros: “Reparai
no que traz este homem, e alegrai-vos comigo,
por que meu coração também se alegra!”

Seus olhos se fixaram em minhas mãos
onde dois estigmas de púrpura se entreabriram.

MARIA HELENA
adaptado de uma poesia de A. R. Buffano

. Ano XIX, 23/12/1944, página 04

A Jocista aos pés do presépio

Estou tão triste e cansada...
Lutei e me esfalfei hoje na fabrica...
Quis ser boa e não fui compreendida...
Quis falar de apostolado e caçoaram de mim...
Volto triste e cansada...
Tenho vinte anos
E no meu coração brotam tantos sonhos...
Sinto necessidade de amar e ser amada...
Preciso esquecer as tristezas da minha vida.
As minhas companheiras de trabalho vão hoje gosar!
Gritos, luzes, e a excitação dos dias de festa.
Como as invejo,
Estão alegres...
E eu tão triste e cansada...
Ó criancinha que estás deitada sobre esta palha
Quem es tu, tão pobre e tão só?
E porque me dás os teu bracinhos?
Um que no teu sorriso e no teu olhar,
Dá-me tristeza e faz estremecer o meu coração...

O que posso fazer por ti?
Posso pegar-te nos meus braços?
Estás só e pobre... sofres certamente...
Pois eu também...
Mas, dize-me, porque és tão pobre,
Porque não tens ao menos um bercinho para dormir?
- Para que ninguém no mundo se possa julgar mais pobre do que eu
Porque então ninguém tem pena de ti,
E vizinhos caridosos não te levam para casa?
- Porque eu não quis que o ultimo dos vagabundos
Pudesse se sentir mais só, mais abandonado do que eu.
E porque sorris?
Porque me chamas com os braços?
- Porque quero fazer-te feliz.
Com humildade e simplicidade,
Para encherem a sua miséria,
Ah! essas voltam cheias de alegria.
Meu pequenino de Belém
Que és o Deus do amor,
Que viste para te debruçares sobre as minhas misérias
O que esperava de nós,
Para que não possamos mais duvidar do teu amor?
Almas... As almas de todas as operarias...
Eu irei a elas, Jesus,
E de tua parte lhes direi quem és.
Precisas de apóstolos para salvá-las?
Para procura-las nas fabricas e nas oficinas?
Toma-me Jesus
E toma-me de uma vez para sempre
Não me compreenderam,
Caçoaram de mim,
De ti também... e ainda mais...
Mas pouco importa,
O amor é corajoso, é generoso.
Sem medo,
Sem cansaço,
Sem voltar atrás,

Se o quizeres,
Eu serei de hora em diante
Tua apostola devotada.
Deixe-me te pegar,
E nos meus braços te levar,
Para aquelas que tem o coração frio,
Para aquelas que não te amam.
É para isso que sou jocista,
E somente por Ti quero ser
Apostola denotada e generosa.

Adaptada de Joie ET Travail, 1932

. Ano XIX, 23/12/1944, página 04

NATAL

Azálea Maldonado

“Rorate Coeli!” Ó céus chovei o justo!
E a terra inteira abriu-se num clamor de Miserere!
Deixai chover o justo, deixai germinar o Salvador.

E o Verbo eternamente guardado no seio do Pai
Fez-se carne – habitou entre nós.
E a terra inteira ficou cheia do
Espírito Vivificador.
E o espírito renovou a face da terra.
Uma geração de Santos nasceu com a vinda
do Santo.
Uma humanidade nova foi gerada no espírito
para que, plena d’Ele, cantasse a glória do Eterno.
E foi eternizado o tempo porque o eterno se
manifestou no tempo

Uma Virgem concebeu o Grande – o Admiravel
- O Principe da Paz, que nos elegera para a vida.
Fez-nos a imagem e semelhança do Pai,
Gerando-nos como filhos porque o Filho é a

imagem do Pai
Trouxe ao mundo a visão fantástica da
sua Parusia.
Para que ele todo renovado no Espírito se
transformasse num prelúdio apostólico
da glória reservada aos que, pela sua
Carne e pelo seu Sangue, fazem parte do
seu Corpo Glorioso.

Não mais “Rorate Coeli”!
Porque o Rei já veio
Cantemos: Aleluia!

. Ano XIX, 20/01/1945, n° 973, página 01

CONDIÇÃO

Nunca fui senão uma coisa híbrida
metade céu, metade terra.
Até onde chega a doce abóboda divina não sei,
mas sinto muitas vezes os pés pisarem nuvens
e a boca com um saibro de terra escura.

Sou portanto decaído deste lume primitivo
Basta olhar para os meus desgostos
para se reconhecer que uma estrela cadente
se esfarela dentro de meu destino.

Sou, como vez, um mestiço de um tombado anjo
e de Eva redimida.
E onde podia descansar as mãos, por exemplo: sobre a constelação,
queima-as o lume estelar, iluminando a minha nudez.
Não me salveis, ó vós que inventais grandes reformas
para melhorar o mundo.
Prefiro ser este aleijão celeste,
possuir estes farrapos de Rei-Saudade

e este fígado golpeado
e estes olhos com seus vidros mareados.

Prefiro que não me salveis, grandes reformadores,
nem vos compadeçais de meus andrajos,
que outrora foram esplendente nudez,
nem vos apiedeis desta humildade torpe,
que isto é um resto do orgulho que me perdeu.

JORGE DE LIMA

+Ano XIX, 06/01/1945, n.º 971, página 01

Hino das Vesperas Da Epifania do Senhor

*Herodes, rei cruel, porque temes?
Porque temes a vinda de um Rei que é Deus?
Ele não vem arrebatrar os tronos da terra,
Ele, que promete o reino dos céus.*

*Os magos chegam neste dia
seguindo a estrela que os guia:
a luz os conduz á verdadeira Luz.
Proclamam, com seus dons, o deus que os conduz.*

*O Cordeiro do Céu, ainda neste dia;
desce á fonte das águas purificadoras
e assumindo, inocente, os nossos pecados,
lava-nos de nossas manchas.*

*Um novo milagre, ainda neste dia,
a água se enrubece nas hidrias
ao receber a ordem de correr em vinho
a água muda de natureza.*

*Ó Jesus, que revelastes aos gentios,
A Vós, com o Pai
e o Espírito divino
por todos os séculos eternos.*

Assim seja.

(SEDULIUS)

+Ano XIX, 13/01/1945, n° 972, página 04

CONFIANÇA EM DEUS

Péguy

... Eis o segredo de ser infatigáveis.
É dormir. Por que os homens não o usam?
Dei este segredo a todos, diz Deus. Não o vendi.
Aquele que dorme bem, vive bem.
Aquele que dorme, reza. (Também aquele que trabalha, reza. Mas há tempo para tudo.)

...Ora, não me digam que há homens
Que trabalham bem e dormem mal,
Que não dormem. Que falta de confiança em mim.
Aquele que não dorme, é infiel à esperança.

... Pobres crianças, administram durante o dia seus negócios com sabedoria.
Mas, vinda a tarde, não se resignam a confiar o governo deles à minha Sabedoria.

. Ano XX, 31/03/1945, n° 982, página 03

Hino do Patronato São José a D. Justino

Eia! Vamos saudar
Todos a cantar

Ao nosso Pai amado
Resplende a Caridade
Fulge a Bondade
Deste Pastor Sagrado

Oh! Pai! Eis dalma um hino!
Com nossos corações enternecidos,
Queremos proclamar, agradecidos,
Um grande amor a D. Justino!

II

Ao nosso Protetor
Que nos tem amor,
Ao Pai dos pobresinhos,
Damos o coração
Com a gratidão
Sincera dos orfãozinhos.

III

Rasgando o azul dos céus
Sobem até Deus
As preces mais ardentes
Pelo Pastor querido,
Nunca esquecido
Das almas inocentes.

Musica da “Marcha Brasil”

. Ano XX, 13/10/1945, n° 1011, página 03

São Francisco de Assis

Nosso pensamento no dia 4 corrente
Porque renunciaste tudo e seguiste

como um louco e invencível cavaleiro do Crucificado
ensinando alegria com os teus andrajos e a tua fome

O Senhor te abençoou
multiplicando os teus filhos como as areias do mar.
E teceu um manto de luz para os teus ombros
e tingiu de ouro as letras do teu nome.

Porque te fizeste pequenino como um verme
o menos entre os mendigos e os leprosos
o Senhor te elevou acima do sol
e te tornou maior do que o sol.

Porque o teu amor foi alto e violento
excedendo as medidas humanas
o Senhor te deu o sinal da Paixão no mistério do Alverne
e a tua carne foi queimada
com o fogo ardente das Cinco Chagas!

Ó irmãozinho da água, dos pássaros e das ovelhas!
Dá-me a alegria da pobreza
para que eu possa vencer os meus olhos esfomeados.
Curva-me para que eu saiba que sou a menos
entre os que seguem comigo os caminhos do mundo

Ensina-me a esconder o meu nome
para que ele seja ignorado ou esquecido
como uma folha arrancada pelo vento.
Uma folha caída aos pés de Deus.

Carminha Gouthier

. Ano XX, 10/11/1945, n° 1015, página 03

OUTRA LUZ

Ceguinho, escute:

- Se estes lamentos
chegaram assim,
indiscretamente, a sua Hiebaida azul...
- mil vezes perdão!
- perdão, se roubo a sua tranquilidade!

Mas... ceguinho,

Escute:

- Quantas vezes fecho os olhos
para ver como você...

O mundo em que vivo,

é assim:

Aqui – é flor que se desfolha

sob os pés do transeunte...

Ali – é um barco

ferindo as águas doces de um lago...

(e que águas mansas!)

Além – uma tormenta tombando árvores...

(árvores frondosas, árvores frutíferas)

Tudo isso, meu irmão, eu vejo;

tudo isto me contrista...

-Você, porem, nunca vê cousas assim...

Ceguinho,

no mundo em que vivo,

- dias cheios de luz

morrem com poucas horas de vida...

E a nossa luz (que pena!)

é quase sempre – somente a luz do dia...

Ceguinho,

- Quantas vezes eu desejei ser como você!

José A. Machado Filho

OFERENDA

Em homenagem aos ordenandos
do dia 16 e do dia 22

Senhor,
eu quis fazer da minha vida,
meu mais belo poema em teu louvor.
A minha obra mais pura de beleza
concebida
num claro instante de emoção,
pela minha inteligência,
- o dom mais alto que de ti me veio,
A glória de pensar.
Renuncio Senhor, alegremente
a alegria de criar com minhas
próprias mãos o meu destino
Quero apenas viver a minha vida,
quero ser a tua obra
humildemente,
simplesmente,
como as cousas simples são.
Quero viver em mim teu pensamento
a ideia que existia em tua mente eterna
e que quiseste realizar no tempo,
no momento sagrado
em que o amor de meus pais me concebeu.
Eu quero ser nas tuas mãos divinas
a argila flexível,
que aos toques do trabalho creador
se deixa modelar.
Quero que em mim te realizes, pura
integral
perfeita
a tua obra, Senhor!

Jacinta Passos

. Ano XX, 22/12/1945, n° 1021, página 08

CANTIGA DE NATAL
Com a musica de “meu Limão – Meu Limoeiro”

Estrilho

Ó moinho, mói o trigo,
Ó Maria, vem fazer
Nosso Pão de cada dia,
Pão do Céu vem nos trazer!

Todo ser foi a tinta,
Espalhada na palheta,
Para Deus fazer o Filho,
Homem – Deus, arte perfeita. Bis

Com o trigo triturado,
Jesus Cristo ofereceu
Sua santa humanidade
E o Pai a recebeu.

Dos pecados redimidos,
Como os jovens da fogueira,
Os três reinos reunidos,
Cantarão a vida inteira.

Assumida pelo Verbo,
Hoje toda a natureza
À direita de Deus Padre,
Resplandece de beleza.

Cantai toda a natureza,
Bendizei o Salvador!
Exaltai sua grandeza,
Bendizei o seu amor!

É a Luz Sabedoria
Que hoje desce até o chão,
Hoje o Verbo se fez carne.
Hoje o Filho se fez pão.

Nosso Pão de cada dia,
Pão na festa e no sofrer,
E teu Pão, Virgem Maria,
É o Verbo, Luz do Ser.

Ó Belém, Casa do Pão,
Nossa alma é Belém.
Pela santa Comunhão,
Ela abriga o Pão também.

Todo berço é mangedoura,
Todo pão Eucaristia.
Toda mesa prefigura
O festim da Paruzia!

Com o Cristo sepultados,
Com o Cristo ressurgidos,
Os três reinos renovados
Já são Pão, Jesus – Nascido.

Nosso pão de cada dia,
Pai do Céu, abençoi,
Este pão é do exílio,
Para a pátria, nos levai!

Lá no Céu, fim da jornada,
Vamos ter mais iguarias,
Pai do Céu, abençoi,
Nosso Pão de cada dia.

Maria Madalena Ribeiro de Oliveira

. Ano XX, 12/01/1946, n° 1024, página 08

Crepúsculo

Nesta hora crepuscular, eu sinto comovido
que minha alma se embebeu na imensa tristeza cósmica,
que minha alma recolheu as vozes do sofrimento
que se erguem da convulsão universal.

A inquietude e melancolia desses poentes,
fantásticos de luzes e alucinações,
fixaram-se na minha retina dolorida
para toda a vida.

Por isso é embalde que eu protesto contra esta tristeza oprimente,
e partilho a dor dos ipês despojados do ouro
e choro a farândula das folhas que caem
e a eclosão dos gestos sentimentais...

Tudo é triste! Nesta hora crepuscular,
a alma silenciosa das coisas sugere noturnos,
enquanto meu coração te pede, baixinho,
o prelúdio de uma fuga heroica para o infinito...

MELLO CANSADO

. Ano XX, 09/02/1946, n° 1028, página 08

Obsessão

Um profundo soluço encheu os desvãos.
Vozes graves falam línguas enigmáticas.
Teriam essas vozes rebentando
das entranhas da noite?

Ou seriam essas vozes as dores do vento
que, num grande lamento,
está bailando lá fora, alucinado?

De plenilúnio indiferente
escorre uma placidez que não me penetrou.
Por isso invade-me a obsessão de uma felicidade longínqua
que sei que não virá neste tempo e neste espaço.

Mas, ainda é noite, coração! Silêncio.
Se a ventura nos foge, fique-nos o consolo
de que todas as flores se abrirão
e os pássaros acordarão para orquestrar
a sinfonia multicolor da madrugada...

Mello Cançado

. Ano XX, 16/02/1946, nº 1029, página 08

Historia de jangadeiro

CRUZ CORDEIRO

No verde-azul do oceano
A vela branca.
Nos poucos troncos da jangada,
Pés na água e cabeça ao tempo,
Ele perigando a cada ondular de vaga,
Mas nunca deixando refletir,
Na placidez estoica do seu olhar,
A traição eterna das ondas do mar.

Na terá,
A mulher que não dormiu noites
Pensando nele,
Que ficou dias inteiros investigando
Pela linha enigmática do horizonte.
Depois de semanas de espera sem fim,

Os entes queridos do jangadeiro que,
Ao chão das areias desertas,
Se atiraram chorando e
Continuaram a ouvir,
No farfalhar dos coqueiros ao vento,
A voz do que não mais voltou,
Numa saudade imensa, interminável.

. Ano XX, 23/02/1946, n° 1030, página 08

Que fazer

Raymundo Geraldo

Que fazer quando todas as estrelas se tiverem apagado
e na grande sombra noturna
nenhum único som ferir os nossos ouvidos?

Que fazer nas desoladas tardes vazias
quando todos os gestos forem inúteis
e todas as atitudes inexpressivas?

Que fazer nas silenciosas manhãs
em que o sol não se levantar
e um frio intenso entorpecer nossa alma?

Que fazer quando o amor se tornar impossível
e a tristeza das horas perdidas
pesar na nossa alma
como o suor impotente
na terra infecunda?

. Ano XXI, 11/05/1946, n° 1041, página 02

IGNORA-SE O PREÇO

Da primeira comunhão,
do sorriso de uma criança,
de uma mulher que nunca tenha dançado,
de um homem que reza o terço,
de um conselho oportuno dado ao próximo,
das lágrimas de uma mãe,
da correção de um pai prudente,
de haver sabido calar,
de haver falado com inteireza católica,
de não haver deixado de protestar contra a calúnia,
de haver propagado uma revista ou jornal católico.

. Ano XXI, 25/05/1946, n° 1043, página 04

LEMBRA-TE

Lembra-te, formosíssima rainha,
De que ninguém na vida tão mesquinha
Recorre aos teu carinhos e cuidados
Sem alcançar os dons mais desejados.
Assim também, de confiança cheio,
À gruta santa o peregrino veiu.
E em suave aflição geme e suspira
Para que o teu favor obtenha e adquira,
E por ti protegido contra o inferno,
Guarde no peito o amor supremo e eterno,
Até que morra e suba pela escada,
Que as almas justas para o céu traslada.
Sim, minha doce e meiga Mãe Maria,
Cuja clemência tanto me alivia,
A ti me entrego todo e me ofereço,

Embora seja sem valor e preço.
Já que sou teu, ó minha Mãe querida,
Tu me defende, enquanto dura a vida.
E com a mesma afeição potente e forte
Tu me protege, quando vier a morte!

Pe. Romeu

+Ano XXIII, 13/03/1948, n° 1135, página 03

Deus

(DOM AQUINO CORRÊA)

Quem fez, ó minha alma, estas verdes campinas,
Quem fez as boninas, quem fez estes céus?
Quem fez nestas vargens, as lindas palmeiras,
Louças e altaneiras, quem foi, senão Deus?
Quem fez estes astros que brilham nos ares,
Quem fez dos luares os fúlgidos véus?
Quem fez estas aves gazis e canoras,
Quem fez as auroras, ó! quem, senão Deus?

Nunca te arrependerás

De teres refreado a língua, quando pretendias dizer o que não convinha
ou que era verdade.
De teres formado o melhor conceito sobre o proceder de outrem.
De teres perdoado aos que te fizeram mal.
De teres contribuído para o sustento da tua Igreja e obras de beneficência.
De teres cumprido pontualmente tuas promessas bem pensadas.
De teres suportado com paciência as faltas alheias.
De teres dirigido palavras bondosas aos desventurados e tristes.
De teres simpatizados com os oprimidos.
De teres pedido perdão por falta cometida.
De teres recusado ouvir anedotas inconvenientes e ler escritos da mesma

natureza.

De teres escolhido, com prazer, pensamentos, discursos, leituras edificantes.

De teres pensado antes de falar.

De teres honrado a teus pais e superiores.

De teres sido cortês e honesto em tudo e com todos.

JULIO CESAR DE MELLO E SOUZA

+Ano XXIII, 20/03/1948, n° 1136, página 03

No deserto

Quando a Virgem fugindo á lança dos sicários

Uniu ao casto seio o Redentor Bemdito

A noite os surpreendeu nos plainos solitários

Onde Memnon eleva o tronco de granito

Nenhum astro sequer da cúpula divina

No profundo docel: nem um vislumbre apenas.

Era a hora em que o vento arqueja, entre a ruína,

Aos gritos do chacal e aos uivos das hienas.

A José, cujos pés em chagas latejavam,

Sobre a areia cruel, disse a Virgem Maria:

- “Repousemos aqui”. Seus braços vacilavam.

“Seguiremos depois, quando romper o dia”.

Tateando na sombra espessa e lutuosa

José o roto manto ao longe desdobrava:

E a Virgem Mãe, de leve, e palida e medrosa,

Sobre o manto deitou Jesus, que ressonava.

- “Dorme” – disse ao esposo a Virgem brandamente;

- “Por nós o doce Pae atento está velando”.

Ele triste inclinou a fronte humildemente,

Ela aos pés de Jesus adormeceu chorando.

E sonhou... O futuro horrífico e sangrento,
Do seu Loiro Senhor, do seu divino Filho,
Drama de pranto e luz veio nesse momento
Encher-lhe o coração de um pavoroso brilho.

Viu-o crescer tranquilo e puro, abençoando
As negras multidões, torvas de anciedade,
OuvIU-lhe a grande voz, como um clarim lançando
Ao mundo espavorido os sons de liberdade.

Viu-o por entre o povo inhospito, implacável,
Forte como os heróis e débil como as flores,
Colhendo em seu regaço, eternamente afável,
As crianças gentis e os rudes pescadores.

Viu-o sereno e nobre e firme, interpretando,
Os mistérios da vida efêmera e terrena;
E a multidão pasmada o ia acompanhando
E sangrava-o de amor o olhar de Magdalena.

Viu-o chorar estão as lágrimas primeiras
Ele, o augusto ideal do Bem e da Ternura,
No sombrio jardim das tristes oliveiras,
Bebendo, gota a gota, o calix da amargura.
Viu-o depois sorrir ao beijo tenebroso
Que Judas lhe imprimiu na imaculada frente,
Como sorri o oceano ao lenho aventureiro,
E como acolhe o raio o alcantilado monte.

Por fim o viu convulso e esqualido, arrastando
O próprio cadafalso e o lúgubre sudário...
Viu-o amarrado á Cruz, viu-o morrer penando,
Entre infames ladrões, no cimo do Calvário.

E Maria, a gemer, extenuada, exangue,
Despertou num soluço e olhou: Jesus dormia;
A aurora lhe formava um ninho cor de sangue,
E o divino Cordeiro, extático, sorria...
Luiz Guimarães Junior

+Ano XXIII, 10/04/1948, n° 1139, página 03

O trem de ferro

Num trem
em grande disparada,
pai e filho corriam,
E ambos que viam?

- As montanhas, os montes
os horizontes,
o matagal cerrado,
os penedos,
os rochedos,
os arvoredos...

tudo a correr com a rapidez do vento treslocado!

E o trem, que era em verdade o que corria,
parecia
estar parado!

A criança, o petiz, cheio de espanto,
lhe perguntou: - “Papai!

Por que “é que” tudo ao longe está correndo tanto, e o trem daqui não sai!?”.

Os passageiros riam,
pois sabiam
que o petiz se enganava!
O trem, que parecia
estar imóvel,

era, de fato, o que corria
e voava.

Dos passageiros todos, um somente
nem de leve sorriu,
E então os passageiros riam dele,
porque ele não riu!
E o poeta (era um poeta...) disse então:
“É natural, senhores,
a ilusão
do petiz iludido:

Muitas vezes, a nós a mesma coisa
já tem acontecido.

E vós, ó meus senhores,
- os cientistas, os sábios, os doutores,
cais no mesmo engano lisonjeiro;

Pois, afinal, todos nós nos enganamos,
quando, todos os dias, exclamamos:
- “Como é que o tempo passa tão ligeiro!”
E nós é que passamos!”

CATULO DA PAIXÃO CEARENSE

+Ano XXIII, 17/04/1948, nº 1140, página 03

Á Beira da Estrada...”

Pela estrada deserta e longa e ensolarada,
Seguia um vagabundo a mísera jornada.

Deslisando sereno, em carro bem granfino,
Pela estrada passou, desmandando o cassino,
Jovem casal burguês, com ares teatrais.
Ela, loira mulher, fiteira e melindrosa,

Logo ao ver o mendigo a mão suja e asqueirosa,
Virou-lhe, com desprezo o rosto e... nada mais.

Pela estrada deserta e longa e ensolarada,
Seguia um vagabundo a mísera jornada.
Afanoso, a fazer campanha eleitoral,
Num carro do governo e placa oficial,
Passou rico doutor, sagaz politiqueiro,
Que vendo o desgraçado a lhe estender a mão,
Responde, sem parar, revelando a ambição:
- Se me deres teu voto, eu te darei dinheiro.

Pela estrada deserta e longa e ensolarada,
Seguia um vagabundo a mísera jornada.

Num auto-lotação, curtindo ódio mortal,
Revoltado e nervoso, irado sem igual,
Vinha vindo, vermelho, um homem comunista.
Vendo aquele mendigo, ali, da estrada ao meio,
Estica-se á janela e chinga um nome feio,
Sentando-se depois, vencido e pessimista.

Pela estrada deserta e longa e ensolarada,
Seguia um vagabundo a mísera jornada.

Cantando uma canção, nascida bem no peito,
Em sua bicicleta, alegre e satisfeito,
Um jovem circulista atravessou a estrada.
Saíra da oficina. Cumprira o seu dever.
E agora, ao fim do dia, espera-lhe o prazer
De oscultar, com carinho, a filha e a esposa amada.

Foi quando viu o pobre desgraçado
Que a mão, com timidez e já desesperado,
Pedindo-lhe uma esmola, estendeu, a chorar.

O jovem o abraçou e, dando-lhe agasalho,
Fê-lo amante do Bem, da Pátria, e do Trabalho
E nunca mais se viu tal homem a esmolar.

Pela estrada, a sorrir, bem feliz e otimista,
Ia um novo operário, um novo circulista...

Aí esta a bela e oportuna poesia de um grande amigo e defensor e propagandista do Circulismo, que se esconde debaixo do pseudônimo: Araújo Soares.

Por hoje é só.

SOARES

+Ano XXIII, 17/04/1948, nº 1140, página 04

Minha Mãe

MARTINS FONTES

Beijo-te a mão que sobre mim espalma
para me abençoar e proteger.
Teu puro amor o coração me acalma;
provo a doçura do teu bem-querer.

Porque a mão te beijei, a minha palma
olho, analiso, linha a linha, a ver
se em mim descubro um traço da tua alma,
se existe a graça do teu ser.

E o M gravado sobre minha mão aberta,
pela sua clareza, me desperta
um grato enlevo que jamais senti:

quer dizer – Mãe – este M tão perfeito,

e, com certeza, em minha mão foi feito
para quando eu for bom, pensar em ti.

+Ano XXIII, 24/04/1948, n° 1141, página 03

A aureola de luz

E calou-se o Tiradentes,
Ereto, firme, de pé...
Quis Deus nesta hora solene
Premiar-lhe a ardente fé.

Silencio..., apenas se ouvia
O bater dos corações,
E às vezes cavo e soturno
Algum ranger de grilhões;

E mortiços crepitavam
Os tardos círios do altar,
Dando ao quadro já sombrio
Torvo aspecto singular.

Mas logo em luz a penumbra
De um jato se transformou,
Que a sala negra da morte
Um clarão iluminou.

Ei-lo uma estatua anima,
Na atitude senhoril
De um vidente proclamando
Os destino do Brasil;

Em seus olhos flamenjantes
Via-se estranho fulgor,
E as faces meio abraçadas

Tingiu-as vivo rubor;

Seu rosto mais se expandia,
Cheio de nobre expressão,
Lembrando a invicta coragem
De um grande mártir cristão;

O corpo não lhe vergava
Dos ferros o peso atroz;
De sua boca entre-aberta
Inda pendia uma voz:

- Era talvez uma suplica,
Ou generoso perdão,
Que morrendo á flor dos lábios
Dilatou-lhe o coração.

De mãos e pés algemado,
Só fitava então a cruz,
Porque refugio encontrára
No meigo olhar de Jesus...

Todos assim o encararam,
Sentiram certo pavor;
Ninguém viu, nesse momento,
De seu rosto o resplendor.

Era um extasis sublime:
- falava agora com deus;
Como solto das cadeias,
Parecia erguer-se aos céus.

Ei-lo transfigurado,
Pois daquela mesma cruz
Um raio veio-lhe á frente:

- Era uma aureola de luz!

+Ano XXIII, 01/05/1948, nº 1142, página 03

Juiz de fora

AUSTEN AMARO

E se Catulo assistisse
o luar de Juiz de Fora
quando a lua vai sumindo
atrás do morro do Cristo,
diria que tinha visto
a hóstia branca e sagrada,
molhada de claridade,
santificando a cidade!

Diria que tinha visto
a hóstia branca e sagrada,
molhada de claridade,
como uma aureola divina!
como um grande resplendor!
sobre a fronte alcandorada
do Cristo do Imperador!

E diria que minha Minas
das casinhas pequeninas
grimpando as verdes encostas,
é o altar alevantado
do Brasil dos brasileiros!
subindo pra imensidade!
Numa escalada dantesca!
Numa visão gigantesca!
aproximando de Deus!

E ouviria preces inteiras
no altar das cordilheiras!

+Ano XXIII, 08/05/1948, n° 1143, página 03

NA SAÍDA DA FÁBRICA

ARAÚJO NEVES

Á porta da oficina, após árduo trabalho
Em grupo camarada, amigos operários
Discutiam consigo a falta de agasalho,
A carência da vida, o aumento de salário.

Eram três. O primeiro, ardente comunista,
Debatia a questão, mostrando tudo mal:
O segundo, porém, um jovem circulista,
Via a cousa melhor, sereno e imparcial.

Entre os dois, um terceiro, homem desses antigos,
Dos que trabalham só para poder comer,
Ouvia, calmamente a prosa dos amigos,
Mas, não dava sequer o menos parecer.

Falava o comunista assim de modo vivo,
Arrogante, nervoso, um tanto revoltado:
- “Sou destes que não creem num Brasil altivo,
Nem creio no Brasil soberbo e respeitado.

Tenho nojo de tudo. A pátria não existe...
Deixei a Religião, minha esposa e meu lar,
Quero ver muita guerra, o sangue, o povo, triste,
A blasfêmia no mundo e o mundo a agonizar.

Hei de dar gargalhadas loucas e gostosas,
Ao ver a terra inteira coberta de luto.

Depois que me alistei nas hostes revoltosas,
Confesso, não sou homem; sou pior do que um bruto.

A crença, a fé em Deus, perdi; eu sou ateu.
A pátria? Para que? Não tenho: a Rússia manda.
A família, renego: o lar, não é mais meu,
E a mim, só me pertence esta vida nefasta.

Estou desesperado. O Comunismo é rei,
Que manda sobre a gente, aos pontapés e ao coice.
A anarquia na terra é a nossa norma e lei,
Avante, liberdade! Eis o martelo e a foice.”

Tendo berrado tanto, o pobre comunista,
No fim, estava exausto e vermelho e cansado.
Tomou, pois, a palavra, o jovem circulista
E a questão discorreu, com calma e sosegado.

“Prezado companheiro, eu já não penso assim.
Tenho minhas ideias de um mundo a caminhar...
Aos outros não desejo o que não quero a mim,
Tenho a Pátria, o meu Deus e o carinho de um lar.
Para que tanto sangue a desfazer a Vida?
Por que lutar com Deus que é Todo Poderoso?
Por que negar meus filhos e a esposa querida?
Pois, eu lhes tenho amor sincero e venturoso.

Gosto mais da harmonia, a paz nos corações,
Quero ver o progresso do Brasil amado.
Tudo o mais é tão vil, cruéis desilusões,
Que porém a gente assim, confuso e revoltado.

Eu sou, como tu és, fiel trabalhador.
Construo, na oficina, a Pátria de amanhã;
Meus direitos exijo e luto com ardor,

Contra a mão do opressor da potência malsã.

Sou firme circulista e, assim, eu sei que tenho
Tudo o que é necessário ao meu querido lar.
Que mais posso querer? Tudo mais eu desdenho
E nem penso no mal que me faz revoltar.

O Círculo Operário aponta-nos ao Ideal
Dá força á nossa classe, em terras do Brasil.
Temos nosso dever, batemos contra o mal,
Sempre avante, a lutar, somos trezentos mil!”

O terceiro então não pode mais calar.
Sentiu também vibrar o amor á Pátria e a Deus,
E, tomando a palavra, eloquente, a falar,
Fez pequeno discurso aos dois amigos seus:

“Que pateta fui eu! Faltava-me bom senso,
Pois, tenho uma família e tenho os meus amores...
Quero ser circulista! A classe a que pertença
Livrarei do flagelo e de tantos horrores.”
25.4.48

+Ano XXIII, 17/07/1948, nº 1153, página 03

O gatuno

Noite fechada...
Dorme o Julinho
na cama fofa,
socegadinho...
Faz tanto frio...
Agasalhado,
dorme o Julinho
bem descansado.

Mas junto á cama,
Ouve um rumor:
Assim: “rac... rac...
Oh! que pavor!

- Papai... gatuno!
brada o menino.

- Gatuno, um rato
tão pequenino?
Olha, Julinho,
um tal receio
para um valente
é muito feio...

. *Ano XXI, 21/09/1946, n° 1060, página 03*

O menino que foi para o céu

Na noite de São João
a lua passa
no céu
num véu
de fumaça
como um balão.

- São João
mande
para mim
um balão
assim
grande...
bem grande...
bem grande... enorme...
E o menino, enfermo, não dorme

esperando o balão que pediu.

- S. João
você
parece
que esqueceu
minha prece!
Porque?
Ninguém respondeu!
Então, o menino dormiu...
Dormiu para sempre e sonhou
que um balão o levou
para o céu...

Hebert de Carvalho

. Ano XXI, 12/10/1946, n° 1063, página 03

Castigo

Era uma vez
uma menina
chamada Inês,
muito traquina!

Quando trepava
na laranjeira
quase chupava
a árvore inteira!

Mas, certa vez,
tanto comeu,
que a pobre Inês
quase morreu!

H. Carvalho

FRANCISCO

O trabalho é minha lei de ferro,
Eu sou o filho da miséria;
E se és o meu irmão rico,
Pensas, meu irmão, em minha dor?
O trabalho é minha oração
E a ti a elevo justo Deus

Desde o berço ao cemitério
Minha cadeia hei de arrastar;
Mas o trabalho torna as almas nobres,
Tornando as vis a ociosidade.
Senhor, daí ao filho do operário
Pão, livros e liberdade.

Oh! se o trabalho fecunda o solo
E dele o trigo faz sair,
Do mar as perolas e dos montes
Arranca o ouro com fé viril;
Dos que penam e que trabalham
Serão a Terra e o Porvir

Meu irmão rico que, gosando, vives
O mesmo Pai que nos deu a luz;
Se convidados a um banquete,
Tu levas flores e eu minha cruz;
Mas não importa, porque o autor dá vida
E eu saberei amar-te se me amares tu.

E pois, se temos uma mesma origem
Porque nos havemos de odiar?
Teu orgulho gera desdita e morte

Meu ódio sonho de sangue será
Oh, não! sejam uma nossas 2 almas
Pois filhos do céu devemos ser.

Iremos sempre, os dois irmãos,
Mãos e almas em santa união
Dando olvido ao que nos fere,
Por um milagre do coração;
Eu serei Força, ti serás Graça
E Deus nos abençoará

. *Ano XXIV, 08/10/1949, n° 1217, página 03*

Na festa do Irmão

Wilson de Lima Bastos

(na festa em homenagem ao Prof. H. J. Hargreaves)

Estamos todos na Casa do Pai,
Cheios de juízo das coisas santas,
Todos unidos numa expressão de Fé.
Sentimos em tudo a manifestação
Da vontade soberana do Senhor!
Em cada palavra, um sentido novo,
Em cada gesto, nova ansiedade.
Somos Filhos da Geração Eterna,
Marcados pela água do Batismo,
Que nos abriu para o verdadeiro amor.
Somos da Família dos que sofrem
O eterno combate de um mundo louco,
Incompreendidos, Espezinhados.
Mas somos da raça dos homens fortes,
Realizando um ideal na vida,
Exgotando nos na Casa do Senhor!
Membros de uma mesma comunidade,
Participantes todos do amor do Pai,

Vivemos, no vigor da juventude,
A marca do cristão em pleno século.
Carregamos a nossa cruz pezada
Como uma imposição que vem do alto,
Mas deixando, neste gesto, a nossa Fé.
E a renúncia de um mundo desumano.
Queremos vencer, pela força da Fé,
Conquistando almas para o altar de Deus.
Queremos, unidos, viver sentindo
A grande expressão da alegria viva
Que diz tão fundo ao coração da gente.
Unidos estamos ao pé do Altar.
Unidos também em torno da Mesa.
Cordeiros de uma mesma família
Aqueles que habitam na Casa do Pai.
Esta, a grande alegria, que sentimos,
Na festa do querido irmão mais velho.

. *Ano XXIV, 15/10/1949, n.º 1218, página 03*

II Hino do Congresso Eucarístico Diocesano de Juiz de Fora (27 a 31 de maio de 1950)

Tributemos á Hostia divina
Com hosanas e hinos de amor,
Homenagem da fé que se inclina
adorando ao supremo Senhor!

ESTRIBILHO

Salve Cristo Jesus! Sacramento
de unidade, de paz e de amor!
Pão do céu! És o nosso alimento,
nossa Vida, consolo e vigor!

II

Graças mil ao Amigo divino

por Seus dons, em real profusão...
Sim, cantemos alegres o hino
da sincera e filial gratidão!

III

Ó Jesus! Ó Cordeiro imolado!
Pelos nossos delictos, perdão!
Que Teu Sangue, na Cruz derramado,
Purifique o fiel coração!

IV

Nossas almas, em preces piedosas,
Reunidas em torno do altar,
Te suplicam as bênçãos preciosas
Ó Jesus, para o mundo salvar!

V

Juiz de Fora! Que as tuas vitórias,
se conquistem a sombra da Cruz!
E te seja a mais pura das glórias
conservar tua fê em Jesus!

J. C. B.

. Ano XXIV, 19/11/1949, n° 1222, página 02

Letras do Hino do Congresso

A Comissão Promotora do Congresso Eucarístico pede nos a publicação das outras letras do hino do Congresso apresentadas pelos diversos concurrentes.

Segue-se, assim, no presente numero, a que enviou Mota Rezende:

Juiz de Fora, a Cidade-Princesa;
Centenária de glórias, a flux,

Hoje, é trono de excelsa riqueza,
Um altar, consagrado a Jesus.

Côro

Cristo é Rei, nos afans escolares!
Cristo é Rei, nas tabrís oficinas!
Cristo é Rei, sobre todos os lares!
Cristo é Rei, na Princeza de Minas!

A Manchester não quer o falsário
Que provoca o terror e o escarcéu.
Jesus- Hóstia aqui fez seu Sacrário:
“Juiz de Fora, é um pedaço do céu!”

Ó Jesus Divindade escondida
Na pequena migalha de pão,
És a Luz da Verdade, és a Vida,
Em Ti, só, pode haver Salvação.

Hóstia Santa, este novo te adora,
Entre arroubos de Fé e de Amor.
Centenária, a imortal Juiz de Fora
Te proclama, hoje, o Rei e Senhor!

. *Ano XXIV, 17/12/1949, n° 1226, página 03*

Ao caro Irmão Sebastião

Inteligente e culto o Sebastião
Roubado cedo dessa vida agreste;
Morrendo em Deus, vislumbra a imensidão,
Azas estende para o azul celeste.
Olhando o Céu, fragueja o coração;
Sentindo a morte aproximar-se, veste,
Enche de luz sua alma de Cristão.

Brilhante, estranha luz percebe, neste
Amargo instante. Disse á Mãe querida:
Sopra esta luz Mamãe!... e pronunciando
Três vezes esta frase, sua vida,

Instante após entrega a Deus, Senhor!...
Aqui deixou Mamãe e irmãos chorando
Olhando o rosto seu, cheio de dor.

Juiz de Fora, 6 de Dezembro de 1949.

Ernani A. Santos

. *Ano XXV, 08/04/1950, n° 1242, página 01*

Ato de contrição

Padre Isnard da Gama

Senhor,
Um dia, eu já fui cego peregrino,
Exilado nas terras do pecado;
Viajei, loucamente, em desatino,
Sofri muito – chorei amargurado!

Quando, outrora, vivia na bastança,
Não lembrei que podia ser mendigo;
A reserva que deste como Herança
Se esgotou – eu fiquei sem ter abrigo!

Que fazer – na tristeza que partilho,
Por não ter compreendido ser teu Filho,
Naquela tarde, longe, que se vai?!

Eu não quero viver mais iludido
Já estou, sinceramente arrependido:
Voltarei para a Casa de meu Pai!...

Prece do peregrino

Padre Isnard da Gama

Senhor,
Um dia, Tu passaste, de mansinho,
Deixando a tua paz pelo caminho
Da estrada de Emaús;
Foi tão grande o ardor da tua Gloria,
Que os discípulos sentiram a Vitoria
Do Corpo de Jesus!

Foi, assim, ao cair daquele dia,
No momento em que a noite já descia
Trazendo escuridão;
Não se viu mais espinhos, nem martelo,
Apenas, reluziam no Castelo
As Chagas da Paixão!

Abençoaste o pão em plena mesa,
Os discípulos tomados de surpresa
Sentiram o Senhor;
Firmaram muito mais a sua crença,
Viveram gloriosos na Presença
Da Luz do salvador!

Eu não tenho, meu Deus, Tua Virtude,
O Caminho da Cruz é muito rude,
Escuta a minha prece;
Si não fores a Luz da minha Casa,
A Presença de Cristo não abrasa,
E noite já escurece!

MINHA PRECE

Senhor, eu Te peço:
Pelos berços que ressonam tranquilos,
Pelos meninos inocentes
Ignorantes do perigo do amanhã,
Pelas velhinhas trêmulas
Que desfiam rosários em Teu louvor.

Pelo ancião pensativo
E o jovem cheio de ardor.
Pela jovem piedosa
E o rude trabalhador.
Pelo sertanejo abandonado,
Por todos os que sofrem
Os que sonham e os que esperam,
Sem saber qual será o amanhã,
Pelo herói mutilado,
Pelos mártires,
Pelo tumulto dos que tombaram
Em defesa da Liberdade,
Pelos mendigos e os cegos,
Pelos doentes e os sãos.
Por tudo quanto há, Senhor!
Eu Te peço de joelhos tombados
E os olhos cheios de pranto,
Por tudo quanto há, Senhor.
De puro, de bom, de santo,
Pelas freiras líricas,
Que passam a vida rezando,
Pelos Sacerdotes que nas Catedrais
Nas Igrejas e Capelinhas pobres
Te oferecem Oblatas.

Por tudo quanto há de triste e doloroso:

A solidão dos órfãos.

Por Tua Cruz de Cravos e Coroa de Espinhos

Por tudo quanto há, Senhor.

De Santo e imaculado

A pureza dos anjos e o martírio dos Santos

Eu Te peço, Senhor:

Protege o meu Brasil.

Que nessa hora imensa, nessa hora maior

Em que se decide o destino da Pátria

Tu esclareças, Senhor,

O espírito dos homens, o coração das mulheres

A inteligência dos jovens, a consciência dos maus,

A boa fé dos iludidos.

A façás, Senhor, que nesse dia decisivo

Para o Destino de um Povo;

Vençam a Justiça, a Verdade e a Liberdade

Encarnadas num Homem,

Que seja o fiel executor de Tuas Leis.

Um homem, Senhor, que nos conduza

A construir um Brasil,

Rico, próspero e feliz,

Onde haja Pão e Justiça,

Para todos, Senhor.

E onde o “rico seja menos poderoso

E o pobre seja menos sofredor”.

É tudo o que eu Te peço:

Atende-me, Senhor.

BEATRIZ GUIMARÃES

. *Ano XXV, 24/03/1951, n° 1291, página 01*

RESERVA

PE. ISNARD DA GAMA

De grãosinhos de trigo a hóstia é feita,
Toda plena qual lua peregrina;
É a dádiva de ouro mais perfeita,
Que nos vem da paveia purpurina!

Impossível ser parte mais eleita,
Que ser trigo de Deus, Hóstia-Divina;
O Cristão é uma Hostia se aceita
Viver sempre em patena pequenina!

Eu bem sei que na vida do Cenáculo,
O cibório é imenso Tabernáculo
Que contém a Presença do Senhor...

No entanto, ser a Hostia escolhida,
É viver qual farinha já moída,
Revivendo o Calvário Redentor!

. Ano XXV, 24/03/1951, n° 1291, página 02

Suprema Aspiração

Anselmus

Somos irmãos do vosso Primogênito,
Filhos todos do mesmo Eterno Pai.
Membros de uma estirpe de homens marcados
Pela Cruz do Senhor. A dor se esvai
Sentindo que estamos à vossa mesa,
Unidos no mesmo estranhado amor
Para a conquista de uma nova etapa.
Minh'alma, faminta, aspira, Senhor,
Mergulhar no profundo do mistério
Em que se perde toda a nossa vida.
Está faminta de vossa presença
Para guardar, numa visão querida,

Os reflexos da luz inebriante
Do vosso espírito. Está faminta
Porque só Vós podeis satisfazê-la
Enchendo-a dos dons do amor. Que sinta
Minh'alma, desiludida do mundo,
Tudo aquilo que libertá-la possa,
Para o encontro convosco, Senhor!

8 – Março - 1951

. *Ano XXV, 14/04/1951, n° 1294, página 01*

O Filho Pródigo

Anselmus

Minh'alma intranquilizou-se Senhor,
Desde quando percebi o pecado
Que hei cometido contra Vós. Que dor
Me aperta agora o coração sentido
Que mal suporta o peso do fracasso.
Porque me abandonaste na hora triste?
Quero voltar, malgrado este cansaço
À Casa bendita de vosso Amor!
Não me deixeis continuar curtindo
Tamanha dor tirada deste pranto,
Choro triste, maldição do prazer.
Senhor! Resgatar quero a liberdade
Que eu mesmo me roubei. Mas que fazer
Sinão esperar que me resgateis?
Cheio de fome, de sede e de dor,
Eu sou também um filho prodigo,
Pensando na abundância, Senhor,
Com que vivem os vossos mercenários!
Pai, pequei. Aqui estou. Perdoai-me.

Reconciliação

Anselmus

Estava de volta aos vossos caminhos,
Mas, Senhor, a borrasca me deteve.
Era tudo tão lindo quanto a graça
Do vosso amor aqui, conosco, esteve,
Que uma vontade imensa de encontrar-vos
Nos impele em busca da vossa estrada.
Queremos galgá-la hoje e amanhã
Após toda esta ilusão fracassada
De um mundo sem alma e sem magestade.
Quanto mais nos esforçamos, Senhor,
Mais sentimos a sombra da tragédia
Em que vivem, de angústia e de dor,
Os cristãos que se debruçam no abismo.
Minhas pobres carnes estão marcadas
Pelas tristes chagas de um tempo duro
Qu'inda hoje nos magoam, passadas
As horas, que vão longe, do pesar.
Abri-me as portas dos vossos caminhos
Que eu quero percorrê-los, passo a passo,
Mesmo que me fira sobre os espinhos,
Testemunhas da reconciliação
De minh'alma com o vosso grande amor.

Paternidade

PADRE ISNARD DA GAMA

Voltaste, Filho?! Estás arrependido
De haveres, assim, me ofendido,
 Na noite do pecado?
Eu não guardo de ti ressentimento,
Ao contrario, sou feliz neste momento,
 Porque foste recuperado!
Mas... onde está o viço de teus olhos,
Eu vejo as cicatriz dos abrolhos
 No teu corpo alquebrado...
Quando partiste de minha casa,
Fiquei gemendo – encarcerado
 No castelo de uma dor!
Eu medi a loucura de teus passos,
Não te alcançavam mais os meus braços,
 Eu previa o estertor!
Filho, porque fizeste, assim, comigo,
Não fui sempre o teu maior amigo,
 Conselheiro e Bemfeitor?!
Não sentavas, tranquilo, à minha mesa,
Não sentias os extremos de fineza
 De meu Paterno Amor?!
Porque pediste, de repente, a herança
E viveste tão longe na bastança,
 Dissipando a juventude em flor?!
Não sabes que a melhor estância,
Que encurta qualquer distância,
 É a ventura do lar?!
Enfim... já voltaste... Minha alegria é perfeita,
Minha alma descansa satisfeita

Por te contemplar!
A ninguém direi que ofendeste
Já muito, meu filho, sofreste
Eu te entrego esta túnica nova,
É, de teu Pai, soberana prova
De querer te perdoar!...
Das rugas de tua Face,
A seiva da vida renasce
Em candura líria!...

. *Ano XXV, 28/04/1951, n° 1295, página 02*

Fonte Nova

Anselmus

Senhor, secou-se o poço velho
De nossa antiga desventura.
Daí-nos agora um poço novo
Onde bebermos d'água pura.
Temos sede de amor, Senhor!
Daí-nos hoje dest'água santa
Que jorra permanentemente,
Que limpa, purifica, encanta
A vida pesada ao século.
Nada que mais nos satisfaça
Do que termos, na vossa cruz,
A conquista da vossa graça.
Vinde, Senhor, em nosso auxílio
Que estamos ainda ressequidos,
Nossa alma sofrendo mil dores,
Nossos corações tão feridos,
Pela marca do tempo atroz.
Daí-nos desta fonte em que jorra
A água viva da redenção.
Avivai, pela vida afora,

Em nosso espírito o sentido
Da verdadeira liberdade.
Queremos sentir na mensagem
Do vosso amor toda a verdade
Em que nos exgotar possamos.
Daí-nos, Senhor, dest'água pura
Que nos sustente e nos mantenha.
Felizes em toda a amargura.
Fonte feita do vosso lado,
Água do Santo Sacramento
Que nos tornou participantes
De vossa graça e tudo quanto
É transbordamento de Vós.
Matai nossa sede, Senhor,
Com a água da regeneração,
A água do vosso grande amor!

Juiz de Fora, 6 de Março de 1951.

. Ano XXV, 05/05/1951, n° 1297, página 04

Súplica

Anselmus

Estou, miserável pecador,
Aos vossos benditos pés, Senhor,
Esperando de vossa clemência
A alegria de conquista nova.
Estamos cansados de sentir,
Deste mundo louco, a dura prova
Da vitória do mal sobre o Bem.
Soa a hora nosso abandono
Quando, para dar testemunho,
Malgrado a grande cruz, eu me ufano

Da vossa glória e do vosso Nome.
Quero sentir dos Santos a força
Que há-de nos impedir para a frente,
Fazendo espetáculo e alvoroço,
Causando medo aos francos, coragem
Aos fortes, no espírito de Deus.
Senhor, atendei as minhas preces
Abrindo coração e olhos meus
Para a conquista da vossa glória.
De justiça, tenho sede e fome.
É este amor profundo que arrebatava
Para a dor bendita que consome
Mainh'alma feita para Vós, Senhor!

Juiz de Fora, 7 de Março 1951

. *Ano XXV, 19/05/1951, n° 1299, página 01*

Ascensão

Anselmus

Porque subir ao pico da Eternidade
Se é tão triste e fundo o abismo do desespero?!
Bem longe do barulho louco da cidade
Está, da nossa salvação, imenso Oasis
Onde o viajor encontra pouso e guarida.
Os homens, tão desiludidos de si mesmo,
Perderam a noção do espírito de vida.
Reduziram tudo ao “ego” concupiscente.
O desespero é fruto da desilusão.
Porque desiludir se quem tem esta força
Impar que se chama Graça? O coração
Não se pode ser indiferente ao Bem, ao mal.
Os homens puros, de espírito bem formado,
Sabem distinguir o alto e o baixo da vida.
Para eles, numa atitude sempre ousada,

Nunca houve “planos” na vida espiritual.
Sim. as planícies são dos indiferentes,
Desses que são chamados sepulcros caiados,
Que não sabem subir nem descer. São descrentes.
Senhor! Livrai-nos da descrença que corrompe,
Abrindo nossos sentidos na percepção
De algo que transcenda, que nos vivifique,
Para uma escolha feliz. Reta decisão.
Daí-nos, Senhor, o juízo das coisas santas.

10 de Março, 1951

. *Ano XXV, 02/06/1951, n° 1301, página 04*

O trabalho é um Bem

Anselmus

“O trabalho nunca matou ninguém”,
Mas a célebre desilusão mata.
Ao contrário de um peso é um bem
Com que chegamos ao nosso destino.
Faz mil pecados a ociosidade
A que se entrega muita gente hoje.
A vida é cheia de oportunidade
Para fazer o Bem, e o mal fazer.
Nenhum cansaço maior que o da dor
De se ter perdido a linha da Graça,
O desespero resulta, Senhor,
Da noção do tempo e da Eternidade.
Tal distinção, muitas vezes, faz medo
A quem despreza o único sentido
Certo da liberdade. Muito cedo
É preciso voltar-se para Deus,
Numa constante ligação de espírito,
Neste intercâmbio de Fé e amor.
O rumo do gozo não é restrito

Aquilo que começa e acaba aqui
Nos limites da vida temporal.
Estão iludidos os que assim pensam.
O gozo, de fato, é transcendental,
Isto é: o Homem só é de fato feliz
Enquanto seu gozo se prende ao Bem.

12 de Março de 1951

. *Ano XXV, 28/07/1951, nº 1308, página 03*

A Floripes Dornelas de Jesus

Acróstico

Uma Filha de Maria residente na cidade do Rio Pomba, em Minas Gerais, e que há 6 anos se alimenta com a Santa Comunhão.

Homenagem de Rita de Cássia Santos Martins Ferreira.

São João Del Rei – junho de 1951

A esta alma que possui raras virtudes,
F-lor cultivada com adôr de santidade,
L-ola em seu leito, em santa quietude
O-ra por todos, com nímia bondade.

R-oga ela, assim, por nós pecadores,
I-mplorando a Deus, magnânimo perdão,
P-reces que vão ao céu (santos alores)
É um salmo divino, sua oração!...

S-endo de Jesus, uma filha diletta,
D-o seu semblante, irradia o fervor,
O justo motivo, por ser predileta,
R-utilia ovelha, no rebanho do Senhor!

N-a sua grande fé e humildade,
E-la converte lágrimas em sorrisos...

L-ouvando pois, a Deus, em sua bondade,
A terra, ela transforma em paraíso!

S-endo do Coração de Jesus, grande devota,
D-eposita n'ele, a sua esperança...
E genuflexa, bate pois, a esta porta,
J-esus sempre lhe abre, jamais se cansa!

E só a Jesus, Lola se consagrou
S-abemos estar assim, bem perto do céu...
U-ma alma privilegiada do Senhor,
S-orrindo, recebendo o seu troféu!...

. *Ano XXV, 13/10/1951, n° 1320, página 04*

A voz que tu me deste

(Ao Padre Vicente Burnier, surdo-mudo de nascença, ordenado
Sacerdote a 22 de setembro de 1951)

'Sonet Vox tua in auribus meis;
Vox enim tua dulcis'. Cat II,14

Tu te formaste uma voz
E eis que vens para fazer a minha vontade.
A minha vontade é a santificação de todos os homens.

Uma voz para pregar.
Uma voz para absolver.
Uma voz para consagrar o pão e o vinho.
Uma voz para emprestar-me.
Os outros oferecem, emprestam-me
A voz que lhes dei.
Tu me ofereces, porem, a voz que conquistaste,
Sílabas por sílabas.

A voz dos outros é um dom, mas a tua,

A tua é uma conquista.
E tu me entregas o tesouro que não te dei.
O tesouro que conquistaste no silêncio.
No silêncio e na vigilância,
Na vigilância dos teus olhos abertos.

Tu fizeste dos teus olhos, ouvidos,
Ouvidos agudos,
Para escutar o meu Verbo
No verbo dos homens.
E para descobrir no espelho das outras faces
O que tu próprio dizias.

(E o que dizias eram palavras de amor:
“Eis que eu venho para fazer a tua vontade.”

Tu me ofereces a tua voz conquistando,
A voz que eu te quis negar,
Para provar,
Medir o teu amor.

Tu me ofereces a voz conquistada com o suor do teu rosto,
Sílabas por sílabas.
E por isso um pouco mecânica, um pouco maquinal,
Com um brinquedo fabricado...

Mas quando,
Na grande concelebração universal,
Mil faces se inclinaram sobre o pão do meu corpo,
Sobre mim,
Descobrirei – entre mil – o teu timbre...

Mais duro,
E mais doce no entanto

Pois é feito de paciência, de fidelidade e de amor.

D. Marcos Barbosa O. S. B.
Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro

. *Ano XXVI, 29/05/1952, n° 1349, página 02*

O Congresso Eucarístico Paroquial de Lima Duarte

Cônego João Severo e Cônego Lauro Neves

Estrilho:

Neste santo Congresso Eucarístico
E vibrante parada do amor
Lima Duarte, num só corpo místico,
Vassalagem vos presta, Senhor.

1) Hóstia pura, Hóstia santa e divina,
Genuflexo o Brasil vos adora;
Sois o sol salutar, que o ilumina,
Que o conduz, calefaz e avigora.

2) Imperai nesta pátria formosa,
Em seus mares e céu sempre azul,
Que o braço vosso ostenta, ditosa,
O esplendente Cruzeiro do Sul.

3) Repelimos o ímpio programa
feito de ódio, que a guerra produz.
Hoje a Terra da Cruz vos aclama;
Venha a nós vosso reino, ó Jesus!

4) A paz buscam em vão os países,
Paz, que amaine do ódio o furor;
Mas somente seriam felizes
Sob o vosso reinado de amor.

5) Só o vosso Evangelho irradia
Esse albor bemfazejo e fecundo

De justiça, perdão e harmonia,
Que fará a concórdia no mundo.

6) Concedei à Nação Brasileira
Paz perene, ventura e bondade;
Que foi vossa mensagem primeira
“Paz aos homens de boa vontade”.

7) Ruge ao longe a irosa procela
Concitando que ao cáus nos lancemos,
Eis que o mar da eversão se encapela.
Oh! salvai-nos, sinão perecemos.

. *Ano XXVI, 12/06/1952, n° 1350, página 04*

A Sétima Concentração Mariana Diocesana
na paróquia de N. S. das Dores de Lima Duarte

Cônego João Severo

Côro

Virgem Mãe! Soberana querida
De teu trono esplendente de luz,
Dá-nos graças perenes na vida
E, na morte, a visão de Jesus

I

Sólos

Eis aqui teus fiéis marianos
Transbordantes de fé e alegria,
Postergando respeitos humanos
E aclamando-te: “Salve Maria!”

II

Juiz de Fora – diocese, que ufana
Hoje vibra em cantar tua glória

A teus pés ajoelhada se irmana
E suplica a eterna vitória

III

Melopéas festivas entoa
Este povo feliz por amar-te.
O! Maria, protege e abençoa
A paróquia de Lima Duarte

IV

Tu, que os nossos destinos conduzes,
Mãe dolente! Senhora das Dôres!
Nosso pranto feridas e cruzes
Faze, um dia, transformem-se em flores.

. *Ano XXVI, 25/12/1952, n.º 1375, página 02*

ROSA MISTICA

Padre Isnard da Gama

Ser a Virgem Singela e sem vaidade,
Toda plena de nobre formosura;
Ser qual lírio de doce claridade,
A Corola de luz em noite escura!

Ser a Virgem Eleita por Bondade
Refletindo, nos olhos, a doçura;
Ser a Mãe de Deus Filho em Virgindade,
A mais Bela e Perfeita Criatura!

Ser o Templo de Deus, o Tabernáculo,
Do Cristão, o Refúgio e Sustentáculo,
Nos momentos das fortes tentações...

Só Maria é de Graça toda cheia,

Dessa Glória dos Céus que nos enleia
E arrebatá, sempre, os Corações...

. *Ano XXVII, 07/05/1953, n° 1393, página 03*

TROVAS

Eu vi minha mãe rezando,
Aos pés da Virgem Maria:
Era uma santa escutando
O que a outra santa dizia!

Catulo da paixão Cearense

Amor de mãe quem tiver
Deve guardá-lo no peito:
Que não há amor de mulher
Que seja amor tão perfeito!

Júlio Brandão

Se tua mágoa é de amor,
Sofre em silêncio, não clames,
Que ainda é maior a dor
Do coração que não ama.

Maciel de Oliveira

Adeus, chorando disseste,
adeus, te disse e sorri...
Chorando, tu me esqueceste,
sorrindo, não te esqueci...

Peri Ogibo Rocha

Às vezes, uma emoção
que na minh'alma se aninha,
não cabe bem num poema...
Mas cabe numa quadrinha...

Luiz Otávio

Alguém disse que a distância,
Mata o amor, mata a amizade.
- Mas se não fosse a distância,
Não haveria a saudade.

Newton Rossi

Na vida, o que vale é o sonho,
mais vive quem mais sonhou...
E o sonho melhor da vida
é sempre o que já passou...

Ciro Vieira da Cunha

. Ano XXVII, 28/05/1953, n° 1396, página 02

Senhora de Fátima
ACRÓSTICO

Sublime real estrêla
Estrela do céu rainha
Nossa terra poude vê-la
Honra maior não a tinha
Oh! Virgem Senhora Nossa
Rara gêmea do céu feita
Aos braços teus que se possa

Dessa terra a gente eleita
Espiadados os seus crimes

Feliz com tal medianeira
A que és de todas as graças
Tu que os males nos redimes
Inclita Mãe: sem tais graças
Medir do céu na profundeza
A divinal realeza.

Manoel Sá Fortes Junqueira
(Vinhedo – S. Paulo)

Gratia plena

Poetas escutai!
Adormecei ó laranjas em flor,
Branco lírios do céu, desabrochai
Cantando ao largo, uma canção de amor!

As pétalas suavíssimas das rosas,
Pediam sequiosas,
Das estrelas, o límpido fulgor!
E o crescente noturno ia a boiar como se ação fosse
Um ligeiro batel a flutuar...

Nisto, ao suave esmorecer do dia
Viu-se a mais doce e tímida criança
Uma pombinha mansa
Com o suave nome de Maria.
A graça virginal de uma açucena,
Pediam-lhe o rosto sobre a mão,
E na cabeça angélica e franzina,
Pousava uma grinalda purpurina
De lírios em botão!

Tinha os ebúrneos pés em miniatura
No lábio uma expressão triste e serena
Na cinta, em prodígio de escultura!

Ao ver o triste agonizar do sol,
Numa amplidão de estrelas recamada
O meu suave amigo, o rouxinol
Chorava uma tristíssima balada.

Foi então que assomou grairosamente

Junto da Virgem desmaiada e fria,
Um anjo, de figura resplandente,
Dizendo-lhe bem baixinho; Ave Maria!
Ela ergueu tristemente o rosto belo,

A face desbotada
Singela miniatura encastoada
Sob as fartas madeixas de cabelo,

E ao suave clarão do rosiclér,
O arcanjo disse com o sorrir magoado:
Deus é convosco, ó tímida mulher,
Bendito seja pois, lírio nevado
O fruto que teu seio conceber!

(Tradução de C. A. CARVALHO)

. Ano XXVII, 03/09/1953, nº 1409, página 04

CONVITE

Ser padre é ser de Cristo o grande amigo,
O terno confidente, compartilhando
Com Deus, o mesmo teto, o mesmo abrigo,
A sombra do Sacrário residindo...

É ser um outro Cristo, e ter consigo
O amor de Deus que é grande, imenso, infindo,
Para vencer na luta, se o inimigo
A trama vil, do mal, lhe vier urdindo!

É ser maior que os Anjos, no sentido
De ver-se por Deus mesmo obedecido,
É ter, dos Céus, na mão, todo poder!

E lá na eterna Glória, ter o brilho
Dos santos confessores... Dize, filho,
Tu, Padre do Senhor, não queres ser?

. *Ano XXVII, 03/09/1953, n° 1409, página 04*

CARMEN BRASILE

Ao Instituto Histórico de Petrópolis, em
Seu 15° aniversário.

Terra brasilis! Honor et triumphus
Tibi, quam fecit Dominus venustam
ET suo signo decoravit almo
Aethere in alto.

Aequor immensum validosque montes,
Fluvios multos ET aquas cadentes
Exhibes mundo capiens coronam
Magnificantem.
In solo dives locuplesque gemmas,
Aurum ET argentum generans recondis.
Arbores plures variasque pomos
Fertilis effers.

Caerulus campus, nemus atque silva
Frondet AC flores speciose vivunt.
Coelites cantat volucres volantes
Versicolores.

Statuit Preincipis strenuous vigilque,
Condidit doctus sapiensque Petrus,
Te per honorem.

Tu colis pacem sed amas valenter
Jura, quae victrix opibus tuéris.

Praelio numquam superata cedis.
Gloria tibi!

RAMOS DE OLIVEIRA

. *Ano XXVII, 10/09/1953, n° 1410, página 04*

Pontifícia Obra das Vocações Sacerdotais
Pequena História

Tarde clara. A luz crepuscular
envolve toda a Igreja... E o sino, a bimbalar,
anuncia, do Anjo, a hora benfazeja.
Fora de luta o dia: pobres, a visitar
e tanto batisado... dois agonizantes...
o sermão da manhã, aulas de catecismo,
reunião do conselho e, depois, de aspirantes...

O pobre Vigário
só agora consegue abrir seu breviário.
Mal se recolhe e ora, vem lhe anunciar
uma visita – “Ést’hora! Meu Deus,
Quem há de ser?
- É dona Maria – Não a vou receber...
Mas, logo volta atrás: Tão piedosa e boa
Não a posso mandar, assim, embora.
Diga que desço já, e suspirando,
fecha o pobre padre o seu livro de ... orações.
- Sr. Vigário ouço dizer que o Zequinha, que é pobre,
Quer ser padre? – Sim Senhora.
- Venho aqui lhe pedir, como um favor,
que encaminhe o menino sem demora,
pois, seus estudos, roupa e tudo o mais, quero dá-los eu.
- Minha Senhora!
- Só uma condição: que nunca saiba qual a mão que o socorre e o vem
ajudar, na senda afanosa que o levará ao altar!

- Mas, deve agradecer...
- Não, Sr. Padre: “Ignore a mão direita o que a esquerda faz”... Que ele agradeça a Deus.
Radiante o Vigário, tomado de emoção,
ao Senhor recomenda aquele coração.

Os anos correm. O Zequinha celebra sua missa primeira.
No banco, entre os demais, dona Maria chora,
na emoção sagrada daquela santa hora...
e o Zequinha, elevando a Hóstia consagrada:
“Ó Deus, abençoai a mão desconhecida
que fez do pobre órfão um Padre do Senhor!

E os anos correm mais. Um dia, chega ao céu
Uma alma e, á porta, espera o julgamento seu
Pergunta-lhe o Senhor: - Que fizeste da vida que te dei?
Ela, humilde e suplicante:
- Senhor! Te dei um padre! E ante os olhos seus
a balança se inclina pra sentença do amor.
Abre-se o Céu e um bando de almas santas
que a unção e o zelo do que fizera padre
alcançaram, de Deus, graça e redenção,
mostram a dona Maria, bem perto do Senhor,
um lugar resplandecente, cheio de claridade,
para louvar a Deus por toda a eternidade.

. Ano XXVII, 29/10/1953, n° 1417, página 03

Méditation

RAMOS DE OLIVEIRA

Tâche, mon âme! Ensemble et la nature
Proclame tes louanges au Seigneur.
Dis a vec l'univers la chanson pure,
Qui germe de l'amour ou Créateur.

Lis partout. Dans CE livre merveilleux,
Le magnifique et éternel poème,
Qu'écrit jadis Le doigt mystérieux
Du divin Artisan, l'Être-Suprême.

Contemple le soleil, qui naît brillant,
Plein de belle lumière ET de victoire.
Et dis au Roi dès rois, Le Tout-puissant:
Immense est la splendeur de votre gloire!

Tremble, mon ame, tremble de frayeur
À la furer horrible de l'ourage.
ET humble ET abattue dis au Seigneur:
Vous êtes la Justice trois fois sage.

Écoute la rumeur sourde ET profonde
De la terrible voix de l'océan.
ET dis á Dieu devant la mer, qui gronde:
Vous êtes Le Pouvoir. Moi – Le néant.

. Ano XXVII, 26/11/1953, nº 1421, página 04

Consagração Suprema
Ramos de Oliveira

Não te bastara o insigne privilégio
De opostos sentimentos traduzir
Em *saudade* e de ser o florilégio
Dois povos mui distantes a cingir.

Foi, certo, alviçareiro reflorir
Em teus versos o vate mais egrégio
De sua gente as máculas carpir
E os feitos exalçar num canto régio.

Maior, porém, que a glória de um poema
Tiveste tu consagração suprema
Na mensagem, que, em Fátima, dos céus

Trouxe a Virgem à pobre humanidade.
Glorificada, então, foste em verdade,
Ó língua em que falou a Mãe de Deus!

. *Ano XXVIII, 10/06/1954, n.º 1447, página 03*

POEMA DO MINHO

O Minho que eu vi, que poema encantador!
Tudo claro! luminoso! branco!
Do princípio ao fim uma só flor
desabrochada em coração tão franco!
Povo amigo hospitaleiro
acolhendo ao irmão brasileiro
como se fora irmão de sangue verdadeiro.

Cantam no ar pelas lindas madrugadas
deste maio em campo de maduros trigais,
os sinos, os fados, gargalhadas
entre trinar de alegres pardais,
e as papoulas, bocas avermelhadas.

Minho, sonho feito realidade
que nem descrever poderemos!
Tudo parece indiscreto no encanto que vemos
correndo pelas floridas estradas.
Há tantas rosas! tanta alacridade
entre os choupos e o verde parreiral,
Que realmente é o Minho um jardim de verdade
perfumando o sonho deste lindo Portugal!

ABIGAIL HORTA GONÇALVES

Hino da 13ª. Semana Mariana

I

Como o lírio que brota do prado,
E se veste de raro esplendor;
O teu corpo nasceu consagrado,
Templo Vivo de NOSSO SENHOR!

CORO

Ave, cheia de graça, Maria,
Concebida sem ter um labéu;
Cante, o povo, com nobre ufania,
Exaltando a Rainha do Céu!

II

És a Virgem de eterna candura,
Na humildade da Escrava Fiel;
O teu Rosto reflete a doçura,
A beleza da Paz de Israel!

III

Casto seio Materno e Divino,
Onde o Verbo de Deus se incarnou;
Da Mãe Virgem nasceu o Menino,
Que a Virtude do Céu fecundou!

IV

Filha Eterna do Pai, Mãe de Cristo,
A Esposa do Espírito Santo;
O milagre do Amor nunca visto,
O Poema de Deus num só Canto!

V

Do teu Povo, recebe, Senhora,
Os louvores de fé mariana;
Abençoa os teus filhos, agora,
O pastor, toda a Grei Diocesana!

. *Ano XXVIII, 16/09/1954, n.º 1461, página 02*

GRAÇA

MARIA DE LOURDES COSTA

Ah! Se eu pudesse agora, ir andando,
por esse mundo cheio de falsidade,
Bater de porta em porta implorando!
Que tenham mais amor e lealdade”

E bem ligeiro o tempo vai passando
Não encontrando então sinceridade,
Os borbulhões na rua mendingando!
Pobres de Amor, de paz e de Amizade.

Vivendo assim, pior fica esse mundo!
O mal por sua vez, bem mais profundo!
Não encontrando certo, um novo trilho.

E é fácil ir à redenção
é só ter mais amor no coração.
Tratar o alheio como fosse um filho!...

Juiz de Fora, 24/8/54

. Ano XXVIII, 07/10/1954, n° 1464, página 02

Bodas de Diamante

Alberto da Cunha Horta – Cândida Alves Horta

Agradecimento a Deus

Vós que destes aos meus Pais ventura radiante,
ventura que não puderam ter reis e portentosos,
ventura que só destes aos privilegiados
de fazerem BODAS DE DIAMANTE!...

Eu agradeço a Vós meu Deus neste instante
pelo júbilo que aos filhos pode dar
de terem Pais até a esta idade,
e termos todos saúde, sermos unidos.

Que FELICIDADE!

Há bens que o dinheiro não pode comprar.
Este é um deles mais importante;
poderem os casais se compreenderem e amar
até a idade avançada,
até a estrada por outros alcançada

BODAS DE DIAMANTE!...

É lindo, maravilhoso, comovente!
e eu Vos suplico oh! DEUS
clemente, justo, piedoso
que ouve agora as minhas preces agradecida,
que dê aos meus pais mais tempo de vida.

É súplica que fazem os filhos no maior almejo;
pois sei que irmãos oram comigo
com o mesmo fervor neste pedido

A Vossa Bênção, Divino SENHOR
para esta felicidade ter continuação
será o nosso maior desejo;
e agradecidos ficaremos de todo coração,
confiantes e crentes no Vosso amor.

Agradecidos, agradecidos, muitas e muitas vezes a vós SENHOR!...

ABGAIL HORTA GONÇALVES

Santos – S. Paulo

. *Ano XXVIII, 04/11/1954, n.º 1468, página 05*

**Na poesia o Jubileu Áureo de D. Justino
Saudação a D. Justino José de Sant'Ana**

Aleluia! aleluia! uma criança nascia!
nascia para a vida do bem e caridade,
nascia para a bandeira gloriosa do Senhor.

Foram aprimorando as suas vocações,
de menino e rapaz sempre no mesmo esforço estudando,
sempre na mesma ansiedade
de ser na vida aquilo, que em berço se previa;
e assim decorreu toda a sua mocidade.

Até que um dia!
A grande festa Sacerdotal!
mais um padre se fazia,
Mais um padre brasileiro
mais alguém culto para na terra lutar com o bem contra o mal.

E este Padre! – o Padre Justino como então era chamado,
continuou sempre um esforçado.
Com carinho, com dedicação
ia guiando o grande rebanho cristão,
cumprindo assim a sua sagrada missão.

Tempos passaram, trabalhando sempre com o mesmo amor
foi que um dia D. Justino
Que nascera lá nas terras do Salvador
veio em Juiz de Fora continuar o seu destino
e ser mais uma palavra evangélica do Cristo Redentor.

A luz que lá no alto do morro traz a claridade
é a palavra de D. Justino na dedicação e na caridade,
no esforço, no engrandecimento da religião,
procurando sempre os seus diocesanos,
incentivando n'eles o amor de Deus e de Maria.

Agora em 1ro de Novembro de 1954, na alvorada deste dia,
hão de badalarem os sinos na festa de seu Jubileu!
e todo o povo de Juiz de Fora em contrição,
os que lhe conhecem e sabem orar,
para o seu mister ter continuação,
para Deus muitos anos de vida lhe dar.

D. Justino. Vós que tanto bem soube fazer
e dar a tantos a consolação,
vai também aqui a minha prece verdadeira,
suplicando a Deus que lhe prolongue a vida
que tão bem soube ser vivida,
para o bem do cristão e da terra brasileira.

Abigail Horta Gonçalves

A D. JUSTINO JOSÉ DE SANT'ANA, por sua primeira visita, há vinte
nove anos passados ao Colégio Stella Matutina.
Versos declamados pela Senhorita ZELY DA SILVA REIS – aluna do
Colégio.

São as humildes filhas de Maria
Que a vossa benção pedem com humildade,
Agradecendo a Deus, com alegria,
Porque Ele vos mandou a esta Cidade.

Viestes do grande Estado da BAHIA
Que certamente chora, com saudade,
A despedida Vossa, desde o dia,
Que vistes nos trazer felicidade.

A Deus fazemos súplicas ardentes
De venturosos dias nesta terra,
Já tão feliz porque tem muitos crentes;

E todos vos recebem satisfeitos,
Pois o vosso coração encerra,
À pérola sublime dos perfeitos.

ERNANI A. SANTOS

APOTEOSE

(A D. Justino, nosso bispo e pastor)

A alvorada vai trazer pássaros e gorjeios
Que se juntarão ao canto dos corações.

As brisas trarão aromas e pétalas multicores
Para esparzir sobre a lã alva e macia do rebanho.

As flores soltarão no ar o pólen de ouro
Como estrelinhas semeadas do céu.

O sol puro provocará claridades e cintilações
No arco-iris dos vitrais.

De verde folhagem recenderá incenso
Para perfumar os círios dos altares.

Violinos virão acompanhar o coro dos anjos
Em celestiais melodias.
Os santos sorrirão de seus tronos, felizes,
Distribuindo puras alegrias.
E em meio da apoteóse,
Com o cajado coberto de lírios,
Perfumado de lírios como o de São José,
Vai surgir o pastor... o pastor triunfal!

Ele contará passagens da longa jornada,
Dirá verdades divinas e palavras eternas,
Sua mão, mais uma vez, indicará o caminho
Que as ovelhas fiéis devem trilhar...

E depois, no final glorioso,
Ao receber de Deus as meritórias bênçãos,
Badalarão os sinos de bronze das igrejas
E os sinos de ouro dos corações repicarão
Para cantar a alegria
Para festejar a vitória
Do áureo jubileu
Que o pastor venceu!

CLEONICE RAINHO

HINO JUBILAR
MÚSICA E LETRA de Irmã Joana d'Arc O. C. D. P.

CORO

D. Justino, Juiz de Fora vos proclama
Seu amado, fervoroso e Bom Pastor,
E, feliz, agradecida, vos aclama
Neste dia triunfal, todo esplendor!

Bodas de Ouro de labor todo empregado

Só por Deus, em prol do Bem, sem vacilar!
Sacerdócio tão fecundo, abençoado!
Salve, data gloriosa, jubilar!

Vossas obras, lembram lindo lampadário,
Projetando suavemente doce luz.
De esperança, um viveiro, o Seminário,
Vosso amor, alto, apregoa ao bom Jesus!

Vossa empresa de Pastor, árdua, penosa,
Ei-la quase concluída, ei-la de pé!
Catedral de nobres linhas, majestosa
Atestando vosso ardor e vossa fé!

Bodas de ouro no combate, de peleja,
De vitórias tão brilhantes contra o mal!
Sacerdócio de conquistas para a Igreja,
Sublimado pela cruz episcopal.

. *Ano XXVIII, 18/11/1954, nº 1470, página 02*

Canção da Vitória

(Dedicado a D. Justinino José de Sant'Ana, pelo Jubileu Áureo Sacerdotal)

Ouvi, ó caminheiro da cristandade,
A voz que vos fala o coração
Desta grei, pelna de felicidade
Pela vossa imensa dedicação.

A natureza com alacridade,
Alegra-se em completa profusão...
A sorrir, cantar... e quem não há de
Louvar esta festa com gratidão?

Até Roma, a cidade santa e eterna,

E o Vaticano em mensagem fraterna
Ao Bispo abençoa, e assim, tudo ufana...

Todos pedem a Deus sem cessar
Que dê sempre vida, saúde e bem estar,
A Dom Justino José de Sant'Ana.

Menestrel Agreste

. Ano XIX, 26/05/1955, n° 1495, página 02

8 de Maio

“Sou FITA AZUL, e quanto tempo dura
Este viver ao lado de MARIA!
E creio mesmo que maior ventura
Um coração jamais conheceria...

É que MARIA, em cujo olhar fulgura
Um sol de amor que as trevas alumia,
Cobre-se com seu manto e, toda ternura,
Porque sou fraco, ela meus passos guia!

Há quanto te acompanho, ó MÃE querida!
E juro te que nesta minha vida,
Outra coisa nenhuma busquei ser,

Senão servo fiel do teu reinado,
Até que um dia, trôpego e extenuado
Em teus braços, feliz, possa morrer!

Marinho Giovannini

. Ano XXVIII, 26/05/1955, n° 1495, página 03

BENEDICITE REGINAE MUNDI
(Paraphrasis Cantici trium Puerorum)

Laete Reginae dominaeque mundi
Plaudite, cunctae, modulis canoris,
Vos, creaturae Domini superni
Et benedicti

Plaudite, cunctai seraphin nitentis,
Plaudite, coeli, vehementer, omnes,
Laude Reginae decorate bonaque
Totius orbis.

Filiam Patris docile potentis,
Liquor et nimbus, celebrate ovantes;
Milites omnes, aciesque sacra,
Magnificate;

Phoebeque, stellae, taciturna luna,
Imber et rores, boreales venti,
Ignis et aestus, rigor atque frigus,
Magnificate;

Fertile cunctae pluviae coortae
Et gelum torpens, glacies, pruinae
Et nives omnes alacres cadentes,
Magnificate;

Et dies almi, nigra nox silentia,
Luxque, caligo, benedicite illi.
Spiritus asponsam venerare ubique
Inviolatam;

Fulgur et nubes, per inane terra,
Collis et montes, viridiansque germen,
Aequor et flúmen, saliensque lympha,
Glorificate;

Et adhuc pisces rapidi ceteque
Intra aquas Nantes, volucresque coeli,
Totius mundi dominam benignam
Glorificate;

Bestiae cunctae, pecora atque cunctae
Vos, creature Domini supremi,
Canticis grátis, hílares et altae,
Glorificate;

Et Redemptoris supereminentem
Virginem matrem, magis atque semper,
Omnis Israel, hominumque nati,
Clarificate;

Vos, sacerdotes, famulique Patris,
Spiritus pacis, animaeque justae
Et viri mites humilesque corde,
Clarificate;

Filiam Patris benedicite, omnes;
Filií matrem benedicite, omnes;
Spiritus sponsam benedicite, omnes;
Clarificate;

Vos, creature Domini superni,
Laudibus summis celebrate, cunctae,
Totius mundi dominam benignam
Omne per aevum.

RAMOS DE OLIVEIRA

Paraphrasis

Vos simul nostrae dominae supernae
Praedicate omnes modulis canoris,
O creature Domini supremi,
 Splendicam honorem.

Tollite et cuncti seraphim nitentes
Atque vos coeli vehementer omnes
Laude reginam decorem bonamque
 Totius orbis

Filiam Patris docilem nitentis,
Liquor et nimbus, celebrate ovantes;
Milites omnes, aciesque sacra,
 Magnificate;

Phoebe, vos stellae, taciturna luna,
Imber et rores, boreales venti,
Ignis et fervor, rigor atque frigus,
 Magnificate;
Fertiles cunctae pluviae coortae
Et gelu totum, glacies, pruinae
Et nives omnes alacres cadentes,
 Magnificate;

Et dies almi, nigra nox silentia,
Luxque, caligo, benedicite illi.
Spiritus asponsam venerare ubique
 Inviolatam;

Fulgur et nubes, per inane terra,
Collis et montes, viridiansque germen,

Aequor et flúmen, saliensque lympha,
Glorificate;

Vos adhuc cete, rapidique places
Intra aquas nantes, volucresque coeli,
Totius mundi dominam benignam
Glorificate;

Bestiae cunctae, pecora atque cunctae
Vos, creature Domini supremi,
Canticis grátis, hílares laeté,
Glorificate;

Et Redemptoris supereminentem
Virginem matrem, magis atque semper,
Omnis Israel, hominumque nati,
Clarificate;

Vos, sacerdotes, famulique Patris,
Spiritus pacis, animaeque justae
Et viri mites humilesque corde,
Clarificate;

Filiam Patris benedicite, omnes;
Filií matrem benedicite, omnes;
Spiritus sponsam benedicite, omnes;
Clarificate;

O creature Domini supremi,
Laudibus summis celebrate, cunctae,
Totius mundi dominam benignam
Omne per aevum.

. Ano XXIX, 12/01/1956, nº 1528, página 01

Mães

RAMOS DE OLIVEIRA

A bruta soldadesca irrompe na cidade
Cumprindo a lei infame – o édito herodiano.
Toda Belém transborda em sangue e crueldade.
Imola-se a inocência ao ódio de um tirano.

As mães, para fugir ao gládio deshumano,
Abalam, apertando em férvida ansiedade
Ao peito os filhos seus, como a tentar, no arcano
Do coração, guardar o fruto da amisade.

Raquel lutára heroica. Ao fim desfalecera.
Arrancam-lhe o filhinho e o partem pelo meio.
A pobre, ao despertar, tão lívida qual cera.
Sofregamente leva os despojos à boca
E corre, em disparada, unindo-os ao seio,
A rir convulsivamente, a rir... Estava louca.

. Ano XXX, 08/03/1956, nº 1536, página 02

Dia feliz! Aniversário precioso de Sua Santidade Pio XII
2 de março de 1956

Composição de uma Religiosa Carmelita da D. Providência

Pio Doze, Pontífice imortal,
Que o mundo inteiro aclama com calor!
Pio Doze, Figura universal!
“Doce Cristo na terra”, bom Pastor!

O nosso Santo Padre hoje faz anos!

O peito nosso vibra em gozo tanto!
Nossa'alma exulta, Divinais arcanos
Existem em seu viver de asceta e santo!

Oito decênios Pio Doze faz
De vida toda luz, vida-poema,
Singelo e lindo, de doçura e paz,
Que tem no Amor sua razão, seu tema!

É grato recordar-lhe a infância arminho.
Tímido, sério, um Anjo de candor,
Brincava *Eugênio*, armando um altarzinho
E “celebrando Missa”, com fervor...

Que gosto vê-lo, ainda pequenino,
A receber o santo escapulário!
O amor à Virgem e ao Filho Seu divino
Fez do seu peito um vivo relicário!
O dois de abril do secl' o a despedir-se,
Lhe traz adita imensa, inestimável,
De, enfim, cantando hosanas, revestir-se
Do ‘carater sagrado”, inigualável!
No próprio Vaticano é colocado
E Leão Treze, o fino diplomata,
E o humilde Pio (já glorificado)
Descobrem-lhe a virtude rara, intacta!

Da Santa Igreja, eleito Cardeal
Por Pio Onze, o Papa das Missões,
Sua carreira, agora, é triunfal:
Seu Nome ecoa além, entre as nações!

A 2 de março, enfim, de trinta e nove
 (“Miserere, meu Deus!” Eugênio exclama...
Pastor Supremo, ei-lo! (Isto comove!)

Pacelli é Pio Doze! O mundo o aclama!

Faz anos hoje Pio Doze amado
O Pai comum de toda cristandade!
Faz anos hoje o Papa abençoado,
Que do outro *Pio* herdou a santidade!

Faz anos hoje Pio Doze invicto,
Representante augusto de Deus Filho,
Bispo de Roma, o sucessor bendito
De Pedro, o Pescador de estranho brilho!

Que ao *Pequeno Romano* bem nascido
Quem pensaára coubesse a glória, um dia,
De ser por toda a terra conhecido
Como o Papa das *glórias de Maria*?

Sereno e manso, amigo do dever,
Viveu tal qual o Infante de Belém:
“Crescendo sempre na graça no saber,”
Honrando os pais no lar-templo do Bem!

Depois, o Seminário! Que ventura!
A chama do ideal crepta forte;
Subir ao Altar de Deus alma bem pura!
Por Ele se imolar até à morte!

Todo de Deus, eis o levita ardente,
Olhos no Céu, disposto a trabalhar
Pela causa do *Mestre*, em luta ingente,
Cheio de fé, sem nunca vacilar!

Bento Quinze, da paz o mensageiro,
O enleva ao episcopado e a sagração
Vem coincidir com o dia derradeiro

Da, em Fátima, celeste aparição!

E ao meu Brasil a honra coube, imensa,
De hospedá-Lo, feliz, em trinta e seis,
E de escutá-Lo, com emoção intensa,
Falando-lhe (meu Deus) em português!

Oh! salve, Pai amável, Pai querido!
Que a todos apertais ao coração!
Nosso Carmelo, em prece, comovido,
Vos oscula, com ternura, a doce Mão!

. Ano XXX, 10/05/1956, n° 1544, página 02

MÃE

(Dedicado a todas as mães, pelo dia 13 de maio; dia que lhes fora sublimemente consagrado)

Tu que sonegas num sorriso a dor
E em tudo és o perfume que se esvai:
- É bem diverso no teu sagrado amor
De todo amor que por ai se vai...
 Noites a fio, em rígido estertor,
 Teu pensamento ao longe se contrai
 E algures num sigilo de amargor
 Retens o choro que de um filho sai!...

De teus filhos os mórbidos tormentos.
Os doridos queixumes e escarmentos,
- Qual ser na vida resisti-los há-de?

 És a razão e a vibração da vida,
 Musicação sublime, entermecida...
 E às vezes nos matando de saudade!...

JOSÉ DE CARVALHO

JUIZ DE FORA

Juiz de Fora, a estátua de Cristo
Lá do cimo de tua montanha
Neste dia, por certo e bem visto,
Nos concede alegria tamanha.

Juiz de Fora que tens por divisa:
Muita fé, muita crença e labor;
Com teus filhos, também, fraternisa
Neste dia de grande esplendor.

Esse Cristo, que lá da colina,
Noite e dia nos fica a espreitar;
Paz, amor, crença e fé nos ensina
E nos convida ao labor enfrentar.

Prosigamos, sinceros, portanto,
Nesta fé e nesta crença a Jesus
Da cidade façamos o encanto
Cheio de fé, de labor e de luz.

Que com fé e labor os teus filhos,
Que já sentem a fé e o labor;
Cantarão com louvor estribilhos
Às hosanas de glória ao Senhor!

Teu comércio, indústria e cultura
E de teu povo essa crença, a razão,
De afirmarmos com frase segura:
Juiz de Fora é a cidade padrão!

És Manchester, também és princeza

Desta Minas Gerais varonil!
A abundância de tua riqueza
Já se ecoa por todo o Brasil!

Eu bendigo, feliz, a ventura
Com teus filhos, assim, partilhar,
Quer na dor, alegria ou tortura,
E neste dia, alegria cantar!

M. EMERENCIANO PEREIRA

. Ano XXX, 28/06/1956, n° 1551, página 02

Hino da X Concentração Mariana

MÚSICA DE Vera Weissmann Soares – Letra de Autor desconhecido

A CIDADE FLORIDA se ufana,
Por Maria, feliz exaltar.
E, às vozes, em coro se irmana,
Para a Virgem do céu festejar.

Estrilho

Glória, Glória para sempre a Maria,
Pelos anjos ao Céu elevada;
Vos saudamos com grande alegria,
Ao raiar dessa rósea alvorada.

Toda cheia de graça e de luz,
Sois do povo cristão Mãe Querida,
No caminho que leva à Jesus,
A Estrela brilhante da vida.

Ostentamos, garbosos, no peito,
Esta fita de azul celestial;
Que trazida com amor e respeito,
Nos Liberta do inferno e do mal.

Recebi entre preces e cantos,
DE MATIAS BARBOSA o louvor;
Sede Mãe nos momentos de prantos,
Conduzi-nos a Cristo Senhor.

. *Ano XXX, 25/10/1956, nº 1568, página 02*

Hino Oficial do Jubileu de Prata da Federação das CC. MM. - Rio

*Adaptado pelo Congregado Luiz Gonzaga de Oliveira, para a
nossa Semana Mariana Diocesana.*

Juiz de Fora, prestai a Maria
Vosso preito de amor soberano.
Eis no peito este céu – vossa Fita!
Sois a pátria de todo Mariano (bis).

Estrilho:

Fita azul! Fita azul! Vencedora
Das batalhas de Deus, força e vida!
És a nossa mais doce esperança
Salvarás nossa pátria querida (bis).

Nosso escudo é um grito de guerra,
Um brasão glorioso, triunfante.
“Por Maria a Jesus”! Venceremos!
Deus o quer! Marianos, avante (bis)!

A fitar nossa linda bandeira,
Nós cantamos em meio às metralhas,
Se tombamos feridos na luta,
As feridas são nossas medalhas (bis)!

Hóstia Santa, imortal do Congresso
Nós soldados da Virgem, Te amamos,

Por teu reino de amor te daremos
Sangue e vida. Ó Jesus Te juramos! (bis).

Ó fileiras serradas da Virgem,
Aclamai nossa mãe à porfia,
Que o inimigo, de longe, estremeça,
Ao ouvir nossa “Salve Maria” (bis)!

Desta nossa cidade tão linda,
Juiz de Fora, tão cheia de encanto
Nós faremos um templo sagrado
Revestido do azul do teu manto (bis).

. Ano XXX, 08/11/1956, n° 1570, página 04

O amor aos mestres

Paciência e carinho,
Inteligência, amor e bondade:
São fatores, os mais belos,
Da nossa felicidade!

Tudo isso, e ainda mais,
Em quem se pode encontrar?
Em minha PROFESSORA, garanto
A quem sempre hei de amar.

Amar com amor filial,
Com carinhos, os mais ternos,
Pois os braços da MESTRA LEAL,
São como os braços maternos.

Thérez Mariano

CABANGÚ

Ramos de Oliveira

Na fralda da Mantiqueira,
Num recôncavo da serra,
Modesta e humilde vicenda,
Vestígio de uma fazenda
Cercada de altos pinheiros.
Brincam patinhos brejeiros
Num pequeno açude ao lado.
E surge uma branca ermida
Sobre o píncaro do monte,
Que circunda o horizonte.
Pois este valo de paz,
Este hiato da montanha,
É o ninho de uma águia,
Que aqui nasceu e voou
Alcandorou-se às alturas,
Dirigiu-se ao infinito,
Foi colocar-se entre os astros.
Brilhou como um aerólito.

Qual uma nova deidade,
Que ascendeste para o Olimpo,
Rompendo do espaço os véus,
Devendou à humanidade
Novo caminho entre as nuvens,
Novas rotas, nos céus.

O mundo inteiro aplaudiu
Seu feitio heróico. Estrugiu,
De um polo ao outro da terra,
A mais vibrante ovação
Ao novo Icaro do empíreo

A librar-se, na amplidão.
Depois, cansado de glórias,
Conquistadas com denodo
As mais fulgentes vitórias,
Voltou ao ninho e poisou,
Tem que, como o pelicano,
Que à prole transfunde a vida,
Para sempre se quedou.

E esse condor do invento,
Albatroz do pensamento,
Foi um sábio, justo e um bom.
Seu nome já o sabeis:
Alberto Santos Dumont.

. *Ano XXX, 13/12/1956, n° 1575, página 05*

NOITE MATERNAL

Enfim, já sei, Senhor, qual era o dia
Da primeira alvorada,
Que em pequenino, quando adormecia,
Ao longe entre-sonhava...

Quando acordava, logo, me sorria;
E se dormia, logo me embalava;
Que brisa sossegada, que alegria
Num hálito de amor me bafejava.

Agora sei, Senhor, que aquele instante
De saudosa luz,
Que brilhava fundo, em alvor distante,
Era só teu, Jesus...

Oh! noite secular, só tu me deste,
Quando em ti me embalava a mão de Deus,
A túnica da fé, nocturna veste,

Que vinha resguardar destinos meus.

E veio a noite, Mãe universal,
Com seus olhos de luz;
De mãos rasgadas, apagando o mal
Com a sombra da cruz...

A rosa aberta em pétalas de amor,
Túnica suavíssima e sagrada,
Que revestiste a divindade em flor,
No horizonte dos dias revelada.

Esplendor infinito derramado
Um bálsamo de luar,
Abriga-me em teu seio leve e brando
E deixe-me sonhar...

ARTUR DE CARVALHO, S. J.

. *Ano XXX, 03/01/1957, n° 1577, página 04*

Anunciação

(Silvério V. de M. Fonseca, aspirante salesiano)

Em fresco dia de primavera
Em um casebre de Nazaré,
U'a Virgem ora e orando espera
Que do Céu desça a luz de javé.

Mas de repente se abre a porta
E entra sorrindo um jovem belo.
E na penunbra da luz já morta
Liga do céu à terra um elo.

Foi esta a hora das mais solenes
Até então vista na terra aflita:
Já vem o Empíreo os dias perenes!
E o coração humano palpita.

A Virgem pura, muito assustada,
Escuta o anjo que lhe dizia
As doces novas, a nova data
Que marcariam, no mundo, um dia.

Serás a mão de lindo Menino,
Que chamarás de Emanuel.
Nascerá pobre, o pequenino,
Mas é o Rei do Céu e da Terra.

A Virgem turba o seu semblante
Antes pasmado com tal dizer.
Mas serei Mãe?! diz Ela hesitante,
Se eu sou Virgem, como há de ser?

Nenhum temor, o anjo lhe diz,
Poder de Deus limites não tem!
Tudo far-se-á porque Ele o quis;
É seu Espírito que do Céu vem.

E ela responde com humildade:
Faça-se em mim como Deus quer!
Desça o Verbo, Luz de Bondade,
Aqui estou, para formar seu ser!

São João Del'Rey 6/11/56

. Ano XXXI, 24/11/1957, n° 1620, página 01

Um ramo de flores para D. Corrêa

Estou num jardim
Que flores
 mimosas
 colher deverei?

As rosas?
Perfeitos amores?

Escolherei?

Primeiro, estas rosas formosas;
depois, os encantos destes agapantos...

Depois, as mimosas
cor de ouro, cheirosas...

Que ramo admirável!

Mas devo acrescentar de mais outras flores...
Os cravos, vermelhos escravos de tanto fulgor!
E as tímidas, quietas violetas
eu devo esquecer?

Mas, não! Que alegria
Darei a esta festa!

Estamos saudando o nosso D. Corrêa!

Estas flores gentis,
colhidas com unção,
por uma pequenina do seu Santos Anjos

São suas.... Excia. Revma...

E ao ramo acrescento,

Querido D. Corrêa,

O CORAÇÃO DOS SANTOS ANJOS.

A Nossa Senhora da Conceição Imaculada
Geraldo A. A. Rocha SJ.

Ó minha Mãe, senhora Aparecida
tão brasileira como os filhos teus!
 como é feliz o povo desta terra,
 cujas maior riqueza em Ti se encerra,
 pois tem em Ti por Mãe, a Mãe de Deus!

Eu te amo sim, mas brasileiramente...
e sem complicações, sem ritual!
 sem liturgia austera, simplesmente,
 com o amor sincero desta pobre gente,
 que vai à Missa sem levar missal!

Com esta crença humilde e confiante,
embala em sonhos toda a vida minha!
 e digam que esta crença é de ignorância,
 porém me encanta a devoção tocante,
 que a Virgem Santa trata de “madrinha”!

O que simplesmente desta gente,
que espreita na folinha o “grande dia”
 que guarda no baú, pacientemente,
 o terno novo, o brinco reluzente,
 sonhando procissões e romarias!

Santa das Graças, ou da Conceição!
Sim, por autonomasia Ela é a “Santa”!
 E como lhe dá o nome a **devoção!**
 Tornou-se até seu nome exclamação,
 brado sincero que o infeliz levanta.

Senhora! Eu creio nesta fé gigante
que pelos dedos passa o teu rosário!
e nesta penitência suplicante
a se arrastar no chão dilacerante,
galgando escadas dos teus santuários!

Ó minha Mãe, Senhora Aparecida,
Mãe do Brasil menino e secular!
eu quero simplesmente nesta vida
sentir esta paixão desconhecida,
que o povo do Brasil tem de Te amar!

. Ano XXXI, 22/12/1957, n° 1624, página 01
PARA O NATAL

Parabéns a Jesus
Que nasceu pobrezinho
Dou-lhe o meu coração
Para ser seu bercinho

Parabéns a Jesus
Que nasceu neste dia
Para ser nossa luz
Nossa paz e alegria

O Menino Jesus
Nossa prece escutou
As crianças do mundo,
Um presente mandou

Parabéns a nós todos
Nesta data querida
Em que nasceu Jesus
Para nos dar a vida.

(Melodia de "parabéns a você")

Homenagem da Escola Normal Santa Catarina à D. José Corrêa

Omnibus omnia. “Este é o seu lema,
Em belo escudo, de traços marcantes.
O coração do Bispo, pela graça
Gerando multidão de corações.
Coração inflamado pela chama,
No fogo da Fé, esperança e Amor,
É outro cálice de ofertório vivo
Em holocausto a Deus pela humanidade.
E o vínculo da união estável
Que congrega a todos num só rebanho.
O Bispo e o centro da comunidade
Que, realizando o nome de todos,
A todos eleva abençoando.
Confere a todos o penhor da paz.
Um outro Cristo no meio dos homens,
É a base da estrutura do reinado
Que Nosso Senhor conquistou com o sangue
No Calvário e na glória da Cruz.
Sacerdócio na sua plenitude,
Por Ele os mártires se confirmaram
Por Ele confirmam os cristãos
Que enriquecem o reino do Senhor!
A família toda se reúne hoje
Diante de um novo Bispo, nosso amigo,
Desta Diocese zeloso filho.
Com que alegria todos nós sentimos
A ascensão gloriosa do nosso Irmão
No desempenho do ministério
A que deu tudo, tudo de si mesmo:
Sua inteligência, seu coração,
Sua capacidade, sua vida,

A seus benditos pés depositamos,
Na humildade de nossos corações,
Nossa singela mensagem de Fé,
Com os votos que fazemos ao bom Deus,
Por uma luminosa trajetória,
Percorrida profícua e santamente
Pelo querido Filho da Diocese,
Uma das glórias, Bispo do Senhor!
São votos de uma outra comunidade
Que está vibrando na expressão da Fé,
Congregação de Santa Catarina
Professores, alunas, enfim todos
No seu amplexo sua saudação.

Ghisene Ribeiro – 2º. Formação

. *Ano XXXII, 15/06/1958, n° 1647, página 01*

O Bom Pastor

Eu sou o “Bom Pastor”. O meu Rebanho
Me conhece quando entro nos Redis;
Eu dou a Minha Vida pelo Amanho
Das ovelhas queridas e gentis!

Eu sou o “Bom Pastor”. Eu arrebanho
As ovelhas perdidas nos ardis;
Meu Bordão é suave – sempre ganho
Esses lobos que vivem nos covis!

Não faz assim o Homem Mercenário
Que trabalha por força do Salário
E deixa as ovelhinhas no estertor...

Que será do Rebanho mais mimoso,
Se o Lobo, que é voraz e criminoso,

Penetrar nos apriscos do Pastos?!...

Este soneto, da autoria do Revmo. Pe. Isnard da Gama, composto, por ocasião do Jubileu Áureo de Sua Excia. retrata fielmente os sentimentos as atitudes e as preocupações de D. Justino, com o rebanho.

D. Justino foi o Bom Pastor. Morreu como Bom Pastor. Deu a sua vida pelas suas ovelhas.

. Ano XXXII, 20/07/1958, n° 1652, página 04

IDEIAS DO TIO PADRE

16 – Mãe não “faz gosto”

SOBRINHA: Olha, eu gosto de um rapaz,
Mãe pegou interferiu
E, por cúmulo exigiu
Consulte um velho sagas,
Padre assim de experiência,
Como Vossa Reverência.

TIO: Quais são os motivos dela?
Nos conselhos, uma mãe
Acerta como ninguém,
Seja sempre tua estrela
O sorriso do seu rosto.
Mas, se mamãe não “faz gosto”...

SOBRINHA: Não se impõe o casamento
Só a minha simpatia
Que incoersível irradia
Conhece o seu complemento,
Não se entrometam os velhos;
São de mais os seus conselhos.

TIO: Não brinques de cabra-cega
Junto a precipícios certos.
A mulher de olhos abertos
É que a boa sorte se entrega
Este teu varão perfeito
Não terá talvez defeito?

SOBRINHA: Mãe a chama de farrista.
Desempregado, vadio
Malandro mais que bugio,
Altercador, chantagista.
Para este meu coração
Ele é a suma peefeição

TIO: Virgem Mãe! Nossa Senhora!
E com tanto documento
O queres em casamento?
Estou demais, vou-me embora.
Mas, menina escuta a mãe,
Que acerta como ninguém.

. *Ano XXXII, 27/07/1958, n.º 1653, página 04*

CENÁCULO ABERTO

PADRE ISNARD DA GAMA

Foi ao cair da tarde, em hora memorável
Do Mistério da Fé, da Bondade Inefável,
Que Cristo se fez Carne em espécie de pão,
Quis assim renovar Sua Morte e Paixão!
Naquela hora divina e de alegria santa,
Nenhum amor humano, o de Jesus suplanta!
O Cenáculo se encheu de imensa majestade,
A Sala do Festim ardeu em Caridade!
Foi ao cair da tarde, em hora vespéral
Que Cristo celebrou o Seu Pontifical!
A Cidade dos Reis cobriu-se de esplendor,
A fim de receber Jesus, o Bom Pastor,
Que vinha alimentar, na Ceia, a Sua Grei,
Dar novo Mandamento, a perfeição da Lei!
Foi ao cair da tarde, eu creio, foi assim,
Fazei isto, Ele disse, em memória de Mim!
A sala estava ornada, o ambiente aberto

Falava da promessa ardente do deserto
De dar o próprio Corpo e qual Vivo Alimento,
Ficar sempre entre nós, de momento a momento!
Foi ao cair da tarde, antes da noite escura,
Que o Cristo se entregou qual Hóstia Santa e Pura!
O Cenáculo sentiu a paternal riqueza
Do Amor sacramentado em extrema fineza,
A Santa Eucaristia exposta em oblação,
A Dádiva perfeita, Herança do Cristão!
Foi ao cair da tarde, à sombra do Calvário,
Quando Jerusalém foi vivo relicário
Do Trigo feito carne e Vinho feito Sangue,
Memorial de Amor de Jesus Cristo exangue,
Que permanece inteiro na Hóstia consagrada,
Presença gloriosa e nunca abandonada!
Foi ao cair da tarde, em nobre despedida,
Que Cristo confirmou ser nosso Pão da Vida!
O Sacramento Força e Centro de Unidade,
A seiva do Cristão e de Fraternidade,
Que aumenta e robustece a graça soberana
De possuir a Deus, no fundo da alma humana!
Foi ao cair da tarde, em vista da orfandade,
Que Cristo nos amou com mais Paternidade!
O Salvador à mesa, em pleno sacrifício,
Amando a cada Filho em doloroso ofício
De Vítima total que é Santa e Sofredora
O Cordeiro Pascal feito Hóstia Redentora!
Quem terá, do discípulo, o fervoroso peito,
Pureza Virginal, amor sempre perfeito?!
Quem cantará, no mundo, aquela hora suprema
De Bondade infinita e Caridade extrema?!
Somente os Servos Bons, fiéis ao Teu Sacrário
Vigiam, noite e dia, aos pés do Santuário,
Adoram, de Jesus, o Santo Sacramento,
Presença de Deus Vivo, Eterno Testamento,

Maná celestial desta Aliança Nova,
Do Manso Pelicano, a soberana prova
Do Amor sacrificado em tortura desfeito,
Rasgando a própria Carne, o Sangue de Seu peito!
Somente os Servos bons, na vida do Cenáculo,
São lâmpadas de luz ardendo em Tabernáculo,
Serena e rubra chama, viva sentinela,
A cera que se esgota em círios da Capela!
Eu te adoro, Senhor, no ostensório doirado,
Na pequenês do pão, assim, sacramentado!
Divindade escondida, és Sangue Glorioso
Derramado na Cruz, qual licor precioso!
Nenhum pincel de artista e nem palheta pura,
Conseguiu expressar a doce iluminura
Dos quadros do Evangelho e das linhas gentis,
Que marcam para sempre os serenos perfis,
Dos Santos do Senhor tocados pela Graça,
Os Heróis da Virtude, a mais lídima Raça
Do Sangue Redentor de Jesus imolado,
Que lavou, no Madeiro, a mancha do pecado!
Que esse mundo receba a graça soberana
Do Mestre que falou à vil Samaritana,
No Poço de Jacó, na Fonte de Sicar,
Mostrando o Dom de Deus, em forma singular!
Ó Bondade dos Céus, Ó Verbo Onipotente,
Transformas o Altar em Sarça reluzente,
És Presença de Luz e Verdade na Fonte,
Como outrora a Moisés, nas alturas do Monte,
Na ardência luminosa e santa do Sinai,
Ao clarão dos trovões, na Voz de Deus Pai!
Fizeste de Maria, a pobre Madalena,
A santa penitente, apálida açucena,
Arrependida a tempo em sua dor-martírio,
Puzeste naquela alma o esplendor do lírio,
A cor imaculada, a túnica de escol,

Translúcida qual neve e brilhante qual sol!
Outrora percorreste o Mar da Galiléia,
A Palestina inteira, os campos da Judéia,
Vestendo, em cada peito, a extremosa unção
De Teu Divino Olhar por entre a multidão
Que tocava, chorando, a orla do Teu Manto,
E sentia que a Fé curava o triste pranto!
Não me esqueço, Senhor, daquela criatura,
O famoso Zaqueu, de pequena estatura,
Querendo a custo ver a Divinal Presença
Do Mestre que passava irradiando crença!
Nicodemos, Senhor, o príncipe judeu
Ouviu a Tua Voz e logo conheceu,
O sentido divino das Santas Escrituras,
A Verdade Cristã em suas fontes puras!
Quem me dera que eu fosse aquele jovem Saulo,
Caído em dura estrada e convertido em Paulo,
Perfume do Evangelho, em Vaso de eleição,
Pregador ardoroso, estando na prisão!
Quisera ser também o Anjo Gabriel,
Mensageiro do Cèu ao Povo de Israel,
Anunciando o Verbo, em plena Incarnação,
Saudando a Virgem Mãe prostrada em oração!
Juiz de Fora, Senhor, é vibrante cenário,
Que recorda, com Fé, aquele centenário
De beleza cristã em glória secular,
Fidelidade augusta aos pés do Teu Altar!
A “Princesa de Minas” é nobre Vestal,
Ostentando, nas mãos, o Teu Círio Pascal,
O colar da Virtude e rico diadema,
Que merece, por certo, um imenso poema,
Capaz de traduzir deste Povo escolhido,
A ventura de ser, a Jesus, sempre unido!
Ò corações fiéis, em piedosa lira,
Sois sincera expressão desta lama que me inspira

O Canto Jubilar da inesquecível hora,
Quando a Cidade interior, a Jesus Hóstia adora
Quanta coisa, Senhor, Juiz de Fora agradece,
De frente recolhida e mergulhada em prece?!
Honesto no trabalho e firme no progresso,
Este Povo revive o Segundo Congresso,
Louvando, com ardor, a Santa Eucaristia,
O Corpo de Jesus nascido de Maria!
A Indústria fabril, as suas Oficinas,
Estes montes amemos, as verdes campinas,
Jubilam ao Senhor e desdobram cantares,
E consagram os dons, na Mesa dos Altares!
As Fábricas, Comércio, e Centros de trabalho,
Confiam mais em Ti que és Força e Agasalho!
As ruas e jardins, as chaminés esguias,
As máquinas vibrando em trabalhosos dias,
Proclamam o valor das mãos que ali trabalham,
A riqueza cristã das obras que se espalham!
Protege-nos, ó Deus, nas horas de perigos,
Precisamos vencer os nossos inimigos,
A fraqueza dos maus e dos indiferentes,
Aqueles infieis, cristãos inconscientes!
Que neste mundo incrêdo, vivamos o Batismo,
Com generosidade, até com heroísmo!
Obedientes, bons, humildes, serviçais,
Vivendo como irmãos sinceros e leais,
Na prática do Amor de que nos deste exemplo,
Erguendo para os Céus maravilhoso Templo
Do Espírito de Deus que em nosso corpo habita
E dá, ao ser cristão, a luz que em nós palpita!
Sigamos a Justiça, amemos a Verdade,
Lutemos contra o erro, a dura iniquidade,
Sejamos mais fiéis em conservar a Paz,
Fujamos da desgraça que o pecado traz!
Concede-nos, Jesus, estarmos hoje unidos,

Quais ramos de oliveira e frutos escolhidos
Da messe que loureja, ao longe, promissora,
E brota da raiz desta Cruz Redentora!
Que tenhamos em Ti, a glória do Tabor,
A santidade plena em face do Senhor,
Aquele doce Paz das horas de ventura,
Em que vemos em nós a Tua criatura,
A imagem perfeita e viva semelhança
De Ti que és nosso Deus, Eterna Segurança!
Abençoa, Senhor, os Grupos Escolares,
As casas da Cidade e os humildes lares,
O Centro de Saúde e nossos escritórios,
Todos os Hospitais, também, os Sanatórios!
Abençoa, Jesus, os Pais, Educadores,
As Famílias Cristãs e nossos Professores,
Os Colégios formando o Ciclo secundário,
Cursos de faculdade e nosso Seminário!
Enfim, todo Governo, aqui, desta Cidade,
Que exerce, com proveito, a própria Autoridade!
O Chefe do Rebanho, Aquele que é Pastor,
O Bispo Diocesano e seu coadjutor!
O Clero Secular, também os Congregados,
De coração e alma em Ti sempre irmanados!
Abençoa, Senhor, a nossa Prefeitura,
A Lei Municipal, a sã Magistratura,
O Forum da Justiça, os Juizes Togados,
Promotores também, os nossos Advogados!
O General que ocupa a Quarta Região,
Os Seus oficiais, soldados da nação!
O nosso Delegado e Seus Auxiliares,
A Polícia, Senhor, as Leis Disciplinares!
Numa palavra, enfim, todas as Vocações,
Que servem à Cidade em suas Profissões!
Louvado seja sempre o Deus da Eucaristia,
Que está neste Cenáculo, em trono, noite e dia!

Adoremos, com fé, a Cristo Salvador,
Que fez desta Capela esplêndido Tabor!

. *Ano XXXII, 20/07/1958, n.º 1652, página 06*

Hino Eucarístico

Letra do
Padre Isnard da Gama

Música do Maestro
Reynaldo Teixeira de Andrade

Jesus-Hóstia, alimento perfeito,
Pão Divino que aumenta o vigor;
Sacramento do Amor todo feito,
Corpo e Sangue de Nosso Senhor!

Coro:
Eis a Mensagem
(Bis) Deste Cenáculo;
Todos à Mesa
Do tabernáculo!

É do Mestre a Palavra sagrada,
“Fazei isto em memória de Mim”;
Quando a Missa é no Altar Celebrada,
Faz lembrar o Calvário sem fim!

Noite e dia, nos Templos do mundo,
Jesus Cristo se imola no Altar;
Sacrifício perene e profundo,
O Mistério de Fé singular!

Dons eternos são postos à Mesa,
Demos graças, ergamos a voz;

Meditemos na extrema fineza,
Da Presença Real entre nós!

Em Ti cremos, nossa alma Te adora,
Divindade escondida sob véus;
Imploramos favores agora,
Reparando as injúrias aos Céus!

Como outrora os discípulos da Aldeia,
Nossos lábios murmuram em prece;
Tua face revela na Ceia,
Fica sempre conosco – anoitece!

. *Ano XXXII, 05/10/1958, n° 1663, página 01*

RUÍNAS DE POMPÉIA

Visitei as ruínas de Pompéia,
Vi colunas de templos destruídos;
Vultos nobres, também, gente plebeia,
No silêncio das tumbas, esquecidos.

Impossível fazer-se justa ideia,
Dos tesouros que foram consumidos;
O Vesúvio gravou a epopeia,
Só existes espectros doloridos.

Sobre as cinzas daquele paganismo,
Vergastando o pecado, o vil cinismo,
Ergueu-se um majestoso Santuário.

É da Virgem que esmaga as heresias
A “Madonna” das puras alegrias:
A Rainha das graças do Rosário.

. *Ano XXXII, 26/10/1958, n° 1666, página 01*

TRANQUILIDADE

Quando as ondas se estendem qual esteira,
Na brancura das praias escaldantes;
Aos afagos da brisa lisonjeira,
Os coqueiros boloiçam soluçanntes.

Cada palma, nos ares, é faceira,
E reflete nas águas murmurantes;
Cada brisa que passa é mensageira,
De novas esperanças confortantes.

Assim vivem, garbosos, os coqueiros,
Recurvados no dorso dos outeiros,
Sombras vivas nas horas estivais.

Pouco imporá o gemido das procelas,
Suas palmas abertas são umbrelas,
Doce abrigo dos climas tropicais.

. Ano XXXII, 23/11/1958, nº 1652, página 01

“AGRADEÇAMOS AO SENHOR NOSSO DEUS”

(Em preparação do DIA NACIONAL D AÇÃO DE GRAÇAS, 27 de novembro, oferecemos aos nossos leitores, em tradução de Augusto de Lima, o poema de São Francisco de Assis:)

Cântico do Sol

Excelso, onipotente, bom Senhor,
a Ti todo o louvor;
somente a Ti pertençam
toda a honra, toda a glória, toda a benção.
Nenhum mortal, ainda que o orgulho dome,
nenhum é digno de dizer Teu Nome.
Louvado sejas meu Senhor,

com todos estes seres que criaste,
a começar pelo irmão sol, engaste
da luz que gera o dia, e do esplendor
da tua glória – imagem, meu Senhor!
Louvado sejas, meu Senhor,
pela irmã lua, irmãs estrelas
que formaste no céu com tanto amor,
tão claras e tão belas.
Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento,
pelo ar, nuvem, orvalho... firmamento;
pelas quatro estações, com que asseguras
nutrição e saúde às criaturas.
Louvado sejas, meu Senhor,
pela irmã água, que se arrasta,
útil, humilde, preciosa e casta.
Louvado sejas, meu Senhor,
pelo irmão fogo, fonte de calor,
que aclara a noite, e afasta a morte,
belo, jocundo; varonil e forte.
Louvado sejas,
por nossa irmã, a terra maternal,
cujas entranhas benfazejas,
produzem o tesouro vegetal
de árvores, ervas, frutas de ouro e flores,
cheias de aroma e tintas de mil cores.
Louvado sejas, meu Senhor,
porque por vosso amor,
há quem perdoa e sente
todos os males pacientemente.
Feliz o que na paz perseverar,
porque no céu Deus o há de coroar.
Louvado sejas, meu Senhor,
a Ti todo o louvor,
porque nos deste a nossa irmã a Morte,
a inevitável morte corporal.

Infeliz o que morre na má sorte
do pecado mortal.
Ao que morre feliz em Tua graça,
Nunca a outra morte há de causar desgraça.
Louvai e bendizei, todos, o meu Senhor,
louvai-O e agradecei-Lhe com amor
a infinita bondade,
e, cheios de humildade,
louvai e bendizei o meu Senhor!

. *Ano XXXII, 23/11/1958, n° 1652, página 02*

Sofrer?

Dizem que a Cruz é toda de martírio,
Que ser cristão não passa de quimera;
O mundo vive louco em vão delírio
Do pecado que a carne dilacera!

Dizem que a formosura em casto lírio,
Não traduz a Pureza que é sincera;
Tudo morre qual luz de nobre Círio,
Desprende-se da Vida, em qualquer era.

Dizem que a santidade é fantasia,
Que a Virtude é tremenda hipocrisia,
Impossível viver sem o pecado...

Mas, quem fala tudo isso, meu amigo,
É, por certo, de Deus, o inimigo:
Não conhece Jesus Crucificado...

. Ano XXXII, 07/12/1958, n° 1672, página 02

Virgem Eleita

Rebento de Israel – Flor peregrina,
Pura rosa sem mancha e sem espinho;
Tens mais graça que o lírio da campina,
És aroma dos Céus no meu caminho.

Filha eleita de Deus, desde menina,
Mais nobre do que a cor do puro arminho;
A Virgem toda humilde e pequenina,
A Mãe de meu Jesus – toda carinho.

Mãe bendita que as filhas da Judéia,
Não existe por toda a Galiléia,
Outra Virgem que seja Mãe de Deus...

Tu que vives na glória da Trindade,
Estende o doce manto por bondade,
Volve a nós, compassiva, os olhos Teus!

. Ano XXXII, 14/12/1958, n° 1673, página 04

Lâmpada do Santuário

Tenho inveja de ti, ó luz suave,
Sentinela da Fé, em noite escura;
Derramas, mansamente, pela nave,
A unção em mil formas de ternura.

Tenho inveja de ti, centelha grave,
Confidente do céu, singela e pura;
Simbolizas, também, a fina clave,
De beleza da pás e da ventura.

Tenho inveja de Ti, ó pira ardente,
És fulgor de uma luz incandescente,
A banhar de clarão aquela Porta...

Tu me falas da Santa Eucaristia,
Da Presença de Cristo – cada dia,
Testemunha de Deus, na noite morta.

. Ano XXXII, 21/12/1958, n° 1674, página 04

Confidência

Conheço um coração que é doce alento,
Da graça de Jesus, a fonte pura;
Ardente como o sol no firmamento,
Serenos qual luar em noite escura.

Conheço um coração que é portento
De paz que se desdobra em formosura;
A Virgem do mais terno encantamento,
A Mãe do Salvador e da criatura.

Conheço um coração, de mim, tão perto,
Capaz de me acolher, de peito aberto,
Nas horas de tristeza ou d'alegria.

Sou feliz, quando penso, cada instante,
Que tenho meu oásis confortante,
No regaço materno de Maria.

. Ano XXXII, 28/12/1958, n° 1675, página 04

Floração

Tomba a gota de orvalho em verde prado,
E serena disfila pela flor;
Pouco a pouco, derrama no gramado,
Um sorriso de sonho multicolor.

O vergel já desperta alcandorado,
Revestido de mágico fulgor;
A vida se renova, lado a lado,
Rebenta a floração – toda vigor.

As rosas, miosótis e verbenas,
Os cravos, margaridas, açucenas,
Cheiram tanto, talvez, quanto o jasmim...

Nenhuma flor parece mais mimosa,
Que a simples violeta perfumosa,
Escondida entre as flores do jardim...

. Ano XXXII, 04/01/1959, n° 1676, página 04

“Assim seja”

“Assim seja” – na dor e na alegria,
Que se faça a vontade de Deus-Pai;
Na vida que nos traz a luz do dia,
Na morte, quando a vida se retrai.

“Assim seja”, nas horas de agonia,
No estertor de uma vida que se esvai;
Sempre existe na morte poesia,
Se a vida do cristão jamais se trai.

“Assim seja” – porque tanto lamento,
É mais forte que a morte o testamento,
A herança de exemplos imortais...

Não se morre de todo, aqui, na terra,
A virtude, na morte, sempre encerra,
A vida que fecunda os ideais...

. Ano XXXII, 11/01/1959, n.º 1677, página 04

O Dom Perfeito

Ser bom é esquecer qualquer maldade,
A vingança das horas de tormenta;
Ser bom é praticar a caridade,
Dominar toda mágoa violenta.

Ser bom é derramar com humildade,
O bálsamo que estanca a dor sangrenta;
Ser bom é desdobrar em cada idade.
Muito amor que, de Cristo, se alimenta.

Ser bom é perdoar a vil injúria,
Viver em paz com todos, sem lamúria,
Transformar muito pranto em alegria...

A bondade é qual dádiva perfeita,
Tudo sofre, perdoa, ainda aceita:
Os espinhos da cruz de cada dia...

. Ano XXXII, 18/01/1959, nº 1678, página 04

A Messe

Certa vez, Jesus Cristo contemplava,
Um trigal lourejante que sorria;
Vendo a falta de obreiros se queixava,
O grãozinho de trigo se perdia.

Quem irá pelos campos, exclamava,
A colher a espiga luzidia;
O trigo, madurinho, se curvava,
Os celeiros vazios – noite e dia.

Ó meu Deus, destes campos, és o Dono,
Que não deixes o trigo em abandono,
Manda obreiros à Messe do Senhor...

A colheita é penosa e muito vasta,
Um pouquinho, somente, já não basta,
Manda muitos – o trigo é promissor...

. Ano XXXII, 25/01/1959, nº 1679, página 04

Prece do Peregrino

SENHOR,
UM DIA, Tu passaste, de mansinho,
Irradiando a Paz pelo caminho
 Da estrada de Emaús;
Foi tão grande o ardor de Tua Glória,
Que os Discípulos sentiram a Tua Vitória,
 Na Face de Jesus!
Foi, outrora, ao cair daquele dia,
Quando a noite tristonha já descia,
 Trazendo escuridão;

Não se viu mais espinho, nem martelo,
Apenas, reluziam no Castelo,
As Chagas da paixão!

Abençoaste o Pão em plena mesa,
Os Discípulos tomados de surpresa,
Sentiram o Senhor;
Firmaram muito mais a sua crença,
Viveram gloriosos na Presença
Da Luz do Salvador!

Eu não tenho, meu Deus, Tua Virtude,
O caminho da cruz é muito rude,
Escuta a minha prece;
Se não fores a Luz da minha casa,
A Presença de Cristo não me abrasa,
É noite – entenebrece!

Sei que muitos deixaram seus haveres,
As vaidades do mundo, os vis prazeres,
Seguiram-Te de perto;
Descobriram tesoiros em Teu Peito
Ternuras de um Amor nunca desfeito,
Oasis no deserto!

Serás o meu arrimo na jornada,
Irei peregrinando pela estrada,
Sob a sombra da Cruz;
Confio na Palavra da Escritura,
É Caminho, Verdade e Vida Pura,
A Verdadeira Luz!

. Ano XXXII, 01/02/1959, n° 1680, página 04

Meditando...

Por que lamentas? Não sabes que a Paz
É tesoiro das almas recolhidas?!
Porque segues a sombra tão fulgaz,
Sem que penses nas horas já perdiidas?!

Porque vives de orgulho, verme audaz,
À procura de palmas ressequidas?!
Não sabes que a vaidade se desfaz,
Na frieza das cinzas esquecidas?!

Não te apegues, do mundo, à fantasia,
Tudo passa na vida, cada dia,
Só não morrem os grandes ideais.

Procura, meu amigo, na Virtude,
O segredo de eterna juventude:
Os santos são iguais imortais!

. Ano XXXII, 08/02/1959, n° 1681, página 04

Cinzas de Momo

Ser palhaço de máscara e pandeiro,
Ao sabor das paixões mais humilhantes;
Tamborilar, sambando, o dia inteiro,
Pelas ruas e praças fervilhantes.

Ser palhaço – esbanjar tanto dinheiro,
Em prazeres ardentes, excitantes;
Vestir-se de alerquim, sem paradeiro,
Nestes blocos de gonzos enervantes.

Ser palhaço e fazer das fantasias,
Os recalques que explodem nas orgias,
Em tremendas e torpes bacanais...

Não é ressuscitar o paganismo,
Trair a Jesus Cristo, com cinismo:
Negar os compromissos batismais?!

. Ano XXXII, 15/02/1959, n° 1682, página 04

Rosa Mística

Ser a Virgem singela e sem vaidade,
Toda plena de graça e formosura;
Ser qual rosa de imensa claridade,
Rosa aberta, corola sempre pura.

Ser a Virgem Eleita por bondade,
Refletindo, nos olhos, a doçura;
Ser a Mãe de Deus Filho em Virgindade,
A mais bela e perfeita criatura.

Ser o Templo de Deus, o Tabernáculo,
Do cristão. O mais nobre sustentáculo,
No momentos de fortes tentações.

Só Maria é de graça toda cheia,
É sorriso de Deus que nos enleia,
Arrebatando aos céus os corações!

REGRESSO

Voltaste, filho? Estás arrependido,
Lembrado de que fui o ofendido,
 Na noite do pecado?!

Eu não guardo de ti ressentimento,
Sou o Pai mais feliz, neste momento,
 Foste recuperado!

Onde está a pureza de teus olhos,
Eu sinto a chaga aberta por abrolhos,
 No teu corpo ferido...

Percebi a loucura de teus passos,
Não te alcançavam mais meus pobres braços,
 Só meu pranto e gemido!

Filho, porque fizeste assim comigo,
Toda a vida não fui o teu amigo,
 Pai e Benfeitor?!

Não sentavas, tranquilo, à minha mesa,
Não tinhas o conforto e a riqueza,
 De meu Paterno Amor?!

Porque pediste, outrora, a tua herança,
Viveste longo tempo na bastança,
 Pobre, queres voltar?!

Não achaste a ventura em outra estância,
Amigo mais fiel de tua infância,
 Senão, dentro do lar?!

Minha alegria, agora, é tão perfeita,
Que minh'alma repousa satisfeita,
 Por achar-te, de novo!

Que das rugas de dor, em tua fronte,
Nova seiva de vida já desponte,
 Regresso e renovo!

. Ano XXXIII, 01/03/1959, n° 1684, página 06

HOLOCAUSTO

Quando vejo as videiras carregadas,
Orgulhosas dos galhos madurantes;
Tenho pena das uvas esmagadas,
No lagar destas vinhas tão distantes.

A cor tinta das uvas trituradas,
É qual sangue das veias borbulhantes;
Morrem todas, juntinhas, irmanadas,
Não se queixam das prensas torturantes.

Sofre tanto a videira que não chora,
Quando as uvas colhidas de hora em hora,
Transformadas em vinho no lagar...

É assim a nobreza de uma vida,
Ser vítima, talvez, desconhecida,
Mas, viver para Deus, aos pés do Altar!

. Ano XXXIII, 08/03/1959, n° 1685, página 04

Fraternidade

Somos todos irmãos. A nossa vida
É sincera e cristã fraternidade;
Nossa força é bastante conhecida,
Neste amor que voltamos à Verdade.

Somos todos irmãos. Em qualquer lida,
Nos labores do campo ou da cidade;
Nas escolas, no lar ou na avenida,
Somos fortes por causa da unidade.
Conservemos, cristãos, a vida honesta,
Nos deveres de estado, em qualquer festa,
Nas horas de amargura ou de alegria...

A riqueza se encontra no trabalho,
Deus é Luz, nossa Força e Agasalho,
Manda a todos o pão de cada dia!

. Ano XXXIII, 15/03/1959, n° 1686, página 04

Pobreza

Ser pobre, não ter veste, nem guarida,
Perambulando assim o dia inteiro;
Bater, de porta em porta, toda a vida,
A mendigar o pão, algum cruzeiro.

Ser pobre, com a mão sempre estendida,
À procura de alguém, de algum dinheiro;
Rodar sempre na rua, nesta lida,
Sem ter, para dormir, um paradeiro.

É triste, dolorosa, lamentável,
A sorte da pobreza miserável,
Trensida de vergonha pra viver...

Eu conheço, porém, maior pobreza,
A do rico que vive de avareza,
Sem pensar que também há de morrer!

. Ano XXXIII, 22/03/1959, n° 1687, página 04

Iniquidade

Não sei porque, no mundo, ainda impera,
O mistério feroz da iniquidade;
Há homens semelhantes à pantera,
Felinos e mordazes na maldade.

Pouco existe virtude e fé sincera,
Amor puro despido de vaidade;
Há homens de emboscada como fera,
Traindo, com mentiras, a verdade.

Não se vê reação, mas, conformismo,
São cegos que rodeiam o abismo,
Criminosos gritando liberdade.

A nobreza cristã desaparece,
Ninguém faz maior esforço e se oferece:
Onde está, neste mundo, a Caridade?!

. Ano XXXIII, 29/03/1959, n° 1688, página 04

“Eu Ressuscitei e ainda estou Convosco”

Vitória Pascal

Senhor,
Na manhã da Tua Ressurreição,
Quando a pedra rolou de Teu sepulcro,
Eu visitei o Teu sepulcro aberto.
Não vi pregos, espinhos, nem martelo,
Apenas, um vestígio de Tua Morte:
A mortalha gloriosa de Teu Corpo!
Na manhã da Tua Ressurreição,

Quando a dor inundava a região do crime,
Houve almas generosas que vieram,
Derramar perfumes no Teu Corpo,
Ungi-lo com aromas da Judéia!

Naquele instante, Senhor,
O silêncio envolvia a espessa lage,
Onde os discípulos fiéis Te colocaram,
E a Guarda-Sentinela adormecida,
Esquecera-se da Verdade prometida:

“Ressuscitei ao terceiro dia”!

Naquela manhã pascal,
Quando os apóstolos no Cenáculo,
Temiam a maldade dos judeus,
Somente um Anjo solitário,
Sentado à direita de Teu túmulo,
Testemunhou, de perto, a Tua glória,
E me afirmou que não estavas no sepulcro,
Mas tinhas ressuscitado para sempre!

Naquela manhã pascal,
Quando aprouve à Vontade de Teu Pai,
Irradiar no mundo a Tua glória,
Reconstruíste o Templo de Teu Corpo,
Rompeste o “Aleluia” da Vitória!

Agora, Senhor,
Ninguém maculará a Tua Fronte,
No escárnio humilhante da Paixão!
Somente Tu, Vencedor Silencioso,
Transformas os brados de maldade,
Na vitória humilde do perdão!
Agora, sim, finalmente, compreendo,
Porque Jerusalém anoiteceu no crime

E amanheceu na glória!

Agora, sim, cristãmente medito
A razão de ser de Teu martírio!
De nada vale o Teu sepulcro aberto,

E a mortalha gloriosa de Teu Corpo,
Se eu não morrer para o pecado,
 Não ressuscitar Contigo!
De nada valem os espinhos e os pregos,
Transfigurando as chagas de Teu Corpo,
Se a minha Túnica Batismal,
Não marcar durante a minha vida,
A Tua Presença em mim!
“Ressuscitei e ainda estou convosco”,
 É o que me dizes, agora,
Na hora da tua glorificação!
Nenhum Triunfador foi mais perfeito,
Nem mais perfeita poderia ser
 A Tua Ressurreição!
 Faze, meu Deus,
Que no Corpo da Tua Igreja,
Realidade Viva de Tua glória,
Tudo se opere na Unidade,
À luz de Teu Círio Pascal!
Que todos se conservem na Verdade
Unidos ao Báculo Pastoral!
Que os Homens, os Jovens, as Crianças,
Na manhã de Tua Ressurreição,
Participem, Senhor, da Tua Vitória,
Vivam, na Igreja, como Irmãos!

. Ano XXXIII, 05/04/1959, n° 1689, página 04

MENSAGEM DE PAZ

SENHOR,

Nesta Dominga Branca,
Da Tua Vitória Pascal,
Os Teus lábios divinos,
Plenos de nova unção,

Trazem ao Povo remido,
A Tua Mensagem de Paz,
Na glória da Ressurreição!

Felizes os que vivem unidos,
À pedra de Teu Altar;
E participam da Paz,
Que o mundo não pode dar!

SENHOR,
Quando a Paz, em Tua Igreja,
Expandiu-se à Luz Pascal,
Ela marcou, eternamente,
A Tua Presença entre nós!
Foi tão grande Aquela Luz,
Comunicando ao mundo a Tua Paz,
Que os apóstolos a receberam,
 No Cenáculo,
 De portas fechadas!
A Tua Paz, SENHOR,
É expressão ardente, delicada,
Da Tua Lei de Caridade Universal!
A Tua Paz, Senhor, não é guerreira,
 Nem anda armada.
A Tua Paz é feita de Bondade,
De paciência e Sinceridade,
De Amor e de Misericórdia,
 Na espera humilde,
Das promessas que a nós fizeste!
A Tua Paz, SENHOR,
É força doce e tão suave,
Que se realiza, plenamente,
Quando o Amor e a Justiça,
 Unem os cristãos!

. Ano XXXIII, 12/04/1959, n° 1690, página 04

“Surrexit”

Cristo ressuscitou: A grande lousa
Está vazia, ostenta uma mortanha;
A guarda de Pilatos já repousa,
Um frêmito de amor, ali, se espalha.

Cristo ressuscitou. É grande cousa,
Entre a Vida e a morte haver batalha;
Diante do sepulcro, ninguém ousa,
Negar a Divindade que não falha.

Cristo ressuscitou. A Galiléia,
Situada pertinho da Judéia,
Conheceu o Amor Ressuscitado...

Todos viram a chaga de Seu Peito,
Era um vivo rubi todo perfeito,
Corpo e Sangue de Deus Glorificado...

. Ano XXXIII, 12/04/1959, n° 1690, página 04

Elevação

Senhor, Tu és a Vida consagrada,
A perfeição divina em plenitude;
Sustentas a fraqueza de meu nada,
Eu renovo, no Altar, a juventude.

A minh'alma, sozinha, angustiada,
Receia baquear na estrada rude;
Se não fores a luz desta jornada,
Jamais conseguirei qualquer virtude.

Pouco importa, Senhor, que eu seja pobre,
A pobreza cristã é sempre nobre,
Majestosa, nas palhas de Belém.

Nascestes ao abandono de uma noite,
Sofreste, sem queixar, tremendo açoite:
Cobriu-se, de esplendor, Jerusalém.

. Ano XXXIII, 03/05/1959, nº 1693, página 04

Paternidade

Tua ascensão, Senhor, alegre a terra,
Pois não deixas os filhos na orfandade;
Esta festa da Igreja sempre encerra,
A expressão do Amor-Paternidade.

A Presença Divina jamais erra,
Não falha o Evangelho da Verdade;
O cristão, que é sincero, não se aterra,
Quando ruge a feroz iniquidade.

Jesus, a cada instante, testifica,
Que parte para o céu e ainda fica,
Glorioso no augusto Tabernáculo...

Somos filhos, herdeiros de uma mesa,
Vassalos de uma Eterna Realeza,
Cujo trono de luz é o Cenáculo...

. Ano XXXIII, 10/05/1959, nº 1694, página 04

Voz Filial

Minha mãe, minha mãe, meu doce alento,
Nestas chagas que sangram pela dor;
Tu me deixas, sorrindo, em testamento,
A lição do mais puro e santo amor.

O teu rosto enrugado e macilento,
Recorda-me os teus dias de labor;
Sofreste, minha mãe, cada momento,
Eu senti, no meu berço, o teu calor.

Quantas vezes, fui causa de teu pranto,
Não soube aproveitar de teu encanto,
Fiz chorar tua face lirial...

Perdoa, mamãezinha, esta loucura,
Não previ, nos meus passos, desventura,
Não me negues a benção maternal.

. Ano XXXIII, 17/05/1959, nº 1695, página 04

Línguas de Fogo

MEU DEUS,
Aqui, estou, sinceramente confiado,
Na fecundidade do Teu Verbo
 Imenso e Criador;
Darás, certamente, à minha língua,
 Harmonia bastante,
Para cantar o Teu Louvor!
 Um dia,
O Cenáculo ardeu em rubras chamas
 De fogo abrasador;
Eram brasas do Céu, Centelhas Vivas,

Línguas do Espírito Consolador!
Os Apóstolos que eram ignorantes,
Receberam os dons transfigurantes,
Pregaram com sabedoria,
O nome do Senhor!
Ó DEUS,
Eu não mereço, mas sempre espero,
Da Luz de Pentecostes – Nova Unção;
Tu darás aos meus lábios, a Virtude,
A força de expressão!
A exemplo dos jovens na fornalha,
Eu cantarei, no fogo, o Teu Louvor,
Sentirei que o Teu Verbo se espalha,
Todo pleno de amor!
Nada tenho, nada posso, nem desejo,
Apenas, de Tua Graça, um lampejo,
Para mim pecador;
A minha oferta é pequena, pouco vale,
Senhor, que a Tua Palavra se propale,
Sem temor!
Eu renovarei a minha juventude,
Ao contato de Tua Plenitude,
Sempre singular;
Destruirei, em mim, o homem velho,
Serei o homem novo do Evangelho,
Para pregar!
Deste modo, o meu cântico será novo,
As vozes serão de Teu Povo,
Ele o quer cantar;
A Igreja é a Harpa preferida,
Cada fiel – uma corda oferecida,
Na unidade do Altar!

. Ano XXXIII, 24/05/1959, n° 1696, página 04

Mensagem

Eu sou a Filha do Rei, doce nobreza,
Integridade augusta e virginal;
Eu reparto tesoiros de riqueza,
Sou mais bela que a forma lirial.

Eu sou Filha de Deus, a Fortaleza,
A Fonte da Verdade perenal;
Sou extremos de amor feito fineza,
A ternura do seio maternal.

Eu nasci nas alturas do Calvário,
O meu manto real é o Sudário,
Estou sempre presente às gerações.

Sou o Templo das Almas redimidas,
Muitas graças por mim são repartidas,
A Igreja de Deus entre as Nações.

. Ano XXXIII, 31/05/1959, n° 1697, página 04

Louvores à Virgem-Mãe (Saudação à Imagem de Nossa Senhora de Fátima de passagem para Brasília)

Entre vultos sagrados da Escritura,
Nenhum outro é maior que a Virgem Pura,
Na perfeição da Paz;
Existe na Sua Alma de Clemência,
Muita Graça Divina, a Inocência,
Que o mundo não desfaz.

És a jovem mais bela da Judéia,
O sorriso de Deus da Galiléia,
 A Flor de Nazaré;
Da Raça de Davi, Sua Nobreza,
O portento da própria natureza,
 Esposa de José.

Foi sempre pelos Céus a mais eleita,
A donzela fiel – mais perfeita
 Da Tribu de Israel;
A mensagem celeste das Alturas,
Fê-la cheia de graças e venturas,
 Na voz de Gabriel.

Mais bendita que todas as mulheres,
Foi chamada por Deus a seus misteres
 Da Mãe do Salvador;
Desdobrou-se em vigília permanente,
É a Virgem de Deus, toda prudente,
 Escrava do Senhor.

Quem não sente a ternura deste seio,
Que arrebatava a nossa alma em doce enleio,
 Eleva os corações?!

Quem não vê a magia perfumosa,
A bondade da Mãe sempre extremosa,
 Por entre as gerações?!

Ela mesma predisse a Sua Glória,
O penhor eternal desta vitória,
 Esmagando a Serpente;
Concebida sem mancha de pecado
O Seu Corpo é um Templo imaculado
 De Luz sempre esplendente.
Elevada por Deus, de Corpo e Alma,

Da Montanha do Hebron e nobre Palma,
A Rainha do Mundo;
Venerada entre todas as Nações,
A Seu trono se prostram multidões,
Em louvor profundo.

Existe, no seu colo, muito encanto,
O socorro nas dobras de Seu manto,
Capaz de nos valer;
Os Filhos se debruçam nos Seus braços,
Formam, juntos, os mais suaves laços
De amor e de prazer.

Guadalupe, Lujan, Aparecida,
São luzeiros de fé sempre vivida,
À sombra de Seu manto;
São, da Virgem, famosos santuários,
E guardam preciosos relicários
Do sorriso e do pranto.

Nas horas de temor e de perigo,
Os cristãos acham n'Eles forte abrigo
Contra as hostes do mal;
Templos vivos de invicta fortaleza.
E refletem, no mundo, esta Beleza,
Da mãe Celestial.

Aumentemos, em nós, a confiança,
Conservemos, nas almas, a lembrança
Dos favores Seus;
Que não haja um só filho renitente,
Que morra no pecado – impenitente,
Sem a Graça de Deus!

. Ano XXXIII, 14/06/1959, n° 1699, página 04

Paisagem

Estes quadros pintados com nobreza,
São rebentos de rósea madrugada;
Em seus traços, ternura e singeleza,
O sorriso da brisa perfumada.

Estes quadros de mágica beleza,
Doces cromos que estão em alvorada;
São reflexos de sã delicadeza,
Cores vivas, talvez, por mãos de fada.

Estes quadros que exaltam a virtude,
Não perdem o vigor da juventude,
Mesmo quando o artista já morreu.

Estes quadros despertam sentimento,
São gotinhas de sangue em testamento,
Testemunho daquele que sofreu.

. Ano XXXIII, 21/06/1959, n° 1700, página 04

Lamento

Garoa impertinente, muito fria,
Mais fina que a neve glacial;
Garoa caprichosa, luzidia,
Mais pura do que a face do cristal.

Garoa toda cheia de magia,
Mais doce do que o sonho oriental;
Garoa que desperta nostalgia,
Mais lenta que o cortejo funeral.
Garoa que humedece o verde prado,
E derrama gotinhas no gramado,

Pranto-virgem do céu banhando as flores.

Garoa fustigada pelo vento,
Chuveiro lacrimal do firmamento,
Que chora, de mansinho, tantas dores.

. *Ano XXXIII, 28/06/1959, n° 1701, página 04*

Filho Pródigo

Percorri muitas tréguas sem destino,
Tornei-me, por prazer, judeu errante;
Fui longe, muito longe em desatino,
Fui boêmio de vida delirante!

Alguém me aconselhou, quando menino,
Não fizesse aventura extravagante;
Agi descontrolado e repentino,
Não pensei, na desgraça, um só instante!

Agora sinto em mim a consequência,
O torpor desta pobre consciência,
Que se bate em tremendos desenganos...

Quero, apenas, achar outro roteiro,
E dizer ao meu padre conselheiro,
Que perdi, no pecado, a flor dos anos...

. *Ano XXXIII, 05/07/1959, n° 1702, página 01*

Hino do Oficial do Congresso Catequético Diocesano

“A Palavra de Deus é semente”,
Trigo em flor – as espigas em palmas;
É o Pão deste Povo que sente

Toda a Vida de Cristo nas Almas.

CORO:

Ide, por toda a parte, pregai
As Verdades da Santa Doutrina;
Os Preceitos do Monte Sinai,
A Moral de Jesus que ilumina!

Catequistas, vós sois viva Chama,
Mensageiros da Luz de Belém;
Espalhei este fogo que inflama,
Nas Cidades, nos Morros além.

Quem recebe o Sagrado Batismo,
Ser cristão nesta vida deseja;
É preciso saber Catecismo,
Pela causa de Deus e da Igreja.

. Ano XXXIII, 19/07/1959, n° 1704, página 04

Tempestade

Sopra o vento em rajada friorenta,
Sacudindo a poeira das estradas;
A bruma pelo espaço se arrebenta,
E desfere tremendas trovoadas.
Corre o povo com medo da tormenta,
E se aloja em marquises apertadas;
A chuva tomba forte e violenta,
Enche esgotos, as ruas e calçadas.

Quando a noite, porém, garbosa e pura,
Desdobra, do luar, a formosura,
Ninguém mais se recorda do escarcéu...

A bonança brotou da tempestade,
Há colóquios de sã tranquilidade:
As estrelas sorriem, lá, no Céu!

. *Ano XXXIII, 26/07/1959, n° 1705, página 03*

**Hino Oficial para as Concentrações Marianas da
Diocese de Juiz de Fora
Música do Maestro Reinaldo Teixeira de Andrade**

Como o lírio que brota do prado,
E se veste de raro esplendor;
O Teu Corpo nasceu consagrado,
Templo Vivo de Nosso Senhor!

Coro

Ave, cheia de graça, Maria,
Concebida sem ter um labéu;
Cante o povo, com nobre ufania,
Exaltando a Rainha do Céu!

És a Virgem de eterna candura,
Na humildade da Escrava Fiel;
O Teu Rosto reflete a doçura,
A Beleza da Paz de Israel.

Casto Seio Materno e Divino,
Onde o Verbo de Deus se encarnou;
Da Mãe-Virgem nasceu o Menino,
Que a Virtude do Céu fecundou!

Filha Eterna do Pai, Mãe de Cristo,
A Esposa do Espírito Santo;
O Milagre do Amor nunca visto,
O Poema de Deus num só Canto!

Do Teu Povo, recebe, Senhora,
Os louvores de fé mariana;
Abençoa os teus filhos agora,
O Pastor, toda a Grei Diocesana!

. *Ano XXXIII, 26/07/1959, n° 1705, página 04*

Vozes do Trigal

Senhor, o campo é vasto, os Teus obreiros
Já não podem correr a grande vinha;
Manda padres, apóstolos verdadeiros,
Que a seara, jamais, fique sozinha.

Quais serão, de Jesus, os pregoeiros
Da mensagem do Amor que não definha?
Quem irá pelos campos brasileiros,
A lançar, do Evangelho, a sementinha?

Certa vez, em jornada Tu partiste,
E na tristeza d'alma logo viste,
O campo friamente abandonado...

Choraste a escassez dos operários,
Fatam padres, Senhor, Missionários,
Que falem de Jesus Crucificado!

. *Ano XXXIII, 02/08/1959, n° 1704, página 04*

Peregrinando...

Fui criança, sou homem, não aceito
Atitudes de falso conformismo;
Muita gente se julga com direito
De lesar a Verdade com cinismo.

Quem quiser ter valor – algum respeito,
Lute sempre com fé e heroísmo;
Não abafe a Verdade no seu peito,
Pratique a Lei de Deus, o Catecismo.

É assim que se vence a vil fraqueza,
A trama dos que vivem de esperteza,
“Figurinhas” que buscam só cartaz.

Se houvesse reação e energia,
Muita máscara, por certo, cairia:
- O mundo gozaria de mais Paz!...

. Ano XXXIII, 09/08/1959, nº 1707, página 0

Tragédia

Morreste, em plena rua, atropelado,
Pelo choque de um carro enfurecido;
O teu corpo ficou aniquilado,
Não soltaste, sequer, um só gemido.
Quem te viu, no caixão, amortalhado,
Na placidez de um anjo adormecido;
Recordou muitas cenas do passado,
Sentiu muito por teres já partido.
A morte num desastre é pavorosa,
Tem lances de rancor, é invejosa,
Não respeita o vigor da juventude.

Quando a vida se acaba tão depressa,
Resta ainda a verdade da promessa:
São não morre o exemplo da Virtude.

. Ano XXXIII, 16/08/1959, n° 1708, página 02

Ação de graças

Deus criou este mundo na harmonia,
Tudo fez, por bondade, o Criador;
Os seres anunciam, cada dia,
Toda a Glória de Deus, Nosso Senhor.

Os astros, no seu curso, em sinfonia,
Cantam salmos de luz e de calor;
Céus e terra palpitam de alegria,
O homem, obra-prima, é o Cantor.

Tudo é vida marcada de beleza,
Há tesouros em toda a natureza,
Para quem sabe, vivendo, meditar.

Não se deve perder um só momento,
Levantemos a Deus o pensamento:
- O cristão jamais deixe de O louvar!

. Ano XXXIII, 23/08/1959, n° 1709, página 04

Exaltação

“Viva Nossa Senhora”, o Povo exclama,
Este brado tão terno e incontido,
Traduz, em vários gestos, o sentido
Da benção maternal que Ela derrama.

“Viva Nossa Senhora”, o Povo a chama,
Em protestos de fé – de peito erguido;
O louvor sobe ao céu tão comovido,
Que espalha, de Maria, a nobre fama.

“Viva Nossa Senhora”, a Peregrina,
Estrela radiante e matutina,
“Eleita como o sol” no firmamento...

Não existe beleza igual à Sua,
Mais bele do que a luz da ardente lua:
- Sorriso de Jesus em testamento...

. *Ano XXXIII, 30/08/1959, n° 1710, página 02*

Salve Rainha

Dr. Eugênio de Lucena

(À minha santa irmã, Mére Marie-Aimée)

SALVE, Rainha, Eleita do Rei dos reis,
Mãe de Misericórdia, que a todos nós acolheis,
Vida e Doçura, daí-nos a nós que morremos,
Esperança Nossa nos desesperos supremos,
SALVE!
A Vós bradamos, dos mais profundos desertos,
Os Degredados que inda não foram libertos,
Filhos de Eva, mas também vossos, Maria,
A Vós suspiramos, divina Mãe, nosso guia,
Gemendo e chorando, como sem rota, perdidos,
Neste Vale de Lágrimas, d’angustiados gemidos,
Eia, Pois, do vosso alto trono, no céu,
Advogada Nossa, amparo de todo réu,
Esses Vossos Olhos, nosso refúgio na dor,
Misericordiosos, cheios de paz e de amor,
A Nós Volvei, cobri de luz nossa treva,
E Depois, quando Deus, Pai, nos revela,
Deste Desterro, que nos é duro castigo,
Nos Mostrai, ao nosso e ao maior amigo,
A Jesus, vosso sol de um dia infinito,
Bendito Fruto, pão, vida, Filho bendito

Do Vosso Ventre que redimiu o pecado;
Ó Clemência Rainha – amar é vosso reinado,
Ó Piedosa, Ó Doce Mãe, nosso arrimo,
Sempre Virgem, imaculada neve do cimo,
Maria, tão pura, translúcida, orvalho nas flores!
Rogai Por Nós, por todos nós pecadores,
Santa Mãe de Deus, com vosso poder e humildade,
Para Que Sejamos, da vida, na extremidade,
Digno Das Promessas que, semeando Jesus,
De Cristo, Para Sempre, floriram em sangue na Cruz!
AMÉM!

. Ano XXXIII, 06/09/1959, n° 1711, página 04

Guerreiras de Deus

Na raiz da granítica montanha,
Sob a luz das estrelas altaneiras;
Vivem monjas – de voz suave, estranha,
Imersas na oração, noites inteiras.
Muita gente não sabe da campanha,
Que travam, no silêncio, essas freiras;
Heroínas de intrépida façanha,
As monjas do Carmelo são guerreiras.

Mergulhadas em Deus, cada momento,
Suas preces se elevam do convento
E sobem como flechas para os céus...

Pouco a pouco, desarmam pecadores,
Dos espinhos já brotam muitas flores,
De joelhos, recolhem os troféus.

. Ano XXXIII, 13/09/1959, nº 1712, página 04

DOM ELISEU, Bispo de Paracatu

No dia 29 de agosto último, o povo de Paracatu prestou solenes homenagens ao seu querido bispo, D. Eliseu, por duas datas coincidentes: sessenta anos de sua ordenação sacerdotal e trinta anos de sua chegada àquela cidade, como prelado. O presente acróstico é da autoria do Dr. Paulo Japyassu Coelho.

Paracatu, Cidade Benditosa
Recebeu um dia, já faz trinta anos,
Esse verão de vida virtuosa,
Louvemos, pois, a Deus, em seus arcanos,

A Dádiva altamente generosa,
Dádiva excelsa que os diocesanos
Orgulham-se de ter, por muito honrosa,
D. Eliseu, até mesmo dos profanos,

É Querido Pastor, é respeitado.
Lembra hoje esse bom D. Eliseu,
Inda agora bem rijo e conservado,

Sessenta anos de sua ordenação.
- É vosso diamantino jubileu,
Ungido do Senhor, santo verão. -

. Ano XXXIII, 27/09/1959, nº 1714, página 04

Elegia

Mãe, não sofras assim, não chores tanto,
O teu filho morreu, mas é feliz;
No soluço materno de teu pranto,
A lágrima cristã a Deus bendiz.

A tristeza que mora em cada canto,
Renova, no meu lar, a cicatriz;
Morri cedo, mamãe, teu peito santo
Guardará os carinhos que te fiz.

Fui criança, vivi no teu regaço,
Senti perto o calor do teu abraço,
Nos momentos de dor e de ventura...

Quando Deus chama alguém, eis a verdade,
Morre o filho, na flor da mocidade;
- A mãe sofre os espinhos da tortura!

. Ano XXXIII, 04/10/1959, n° 1715, página 04

Assis

Das cidades da Itália, a primeira,
Envolta no burel dos franciscanos;
Situada bem alto – sobranceira,
Mergulhada na paz, drante o ano.
Foi ali que Francisco a vida inteira,
Tornou-se, na humildade, soberano;
Lançou, do Evangelho, a sementeira,
Cantou mais que Virgílio, Mantuano.

Com palavras refertas de carinhos,
São Francisco pregava aos passarinhos,
Amava a natureza qual irmã...

O seu leito era pobre e penitente,
Corpo esguio, de chagas, resplendente;
- Bendizia, sorrindo, a dor cristã!

. Ano XXXIII, 15/11/1959, n° 1721, página 02

Florença

Cidade dos painéis e das pinturas,
Das Obras Imortais de seus Artistas;
Corredores imensos de molduras,
A beleza das formas nunca vistas!

Cidade edificada nas alturas,
Panorama de luz para os turistas;
Fada nobre de tantas formosuras,
Doce enlevo de sonhos e conquistas!
Tens mosaicos rendados, coloridos,
Arabescos ligeiros, retorcidos,
Campanários crivados de lavor...

És Florença daquele jovem Dante,
Conservas de arpejo delirante
Da Lira de quem foi o Teu Cantor...

. *Ano XXXIII, 22/11/1959, n.º 1722, página 04*

Em troca do que te dei

Pe. Altivo Pacheco Ribeiro

Senhor,
Tu me despojaste de tudo.
Eu não tinha barco, eu não tinha rede,
nem o conforto do moço triste.
Eu não tinha nada.
E tu me tiraste esse nada.
Silenciosamente eu me deixei despir
como um cordeiro.
Tu me estendeste sobre a cruz da renúncia.
Não houve um gemido de desespero,
Um grito de revolta,
um protesto, Senhor.

Aproveitaste da entrega.
Gravaste em minha pobre inteligência,
a riqueza de teus pensamentos,
A minha boca está cheia do teu verbo.
A tua é a minha vontade.
Tu me despojaste de tudo, Senhor.
Não exigi recompensa,
em troca do que te dei.
O que tenho pedido é para os meus amigos,
para os teus inimigos;
nada para mim.
Senhor, nunca abusei de tua amizade.
Nem a casa onde moro eu pude escolher.
A tua amizade é que gerou a incompreensão
do meu pequeno mundo.
Mas hoje, tu exigiste muito.
Tu me tiraste o que eu tinha de melhor.
Quando chego ao meu lar,
(O meu lar é a casa materna)
não vejo mais aquela velhinha
cansada, cansada, cansada.
Cansada do trabalho,
cansada de sofrer,
cansada de amar:
“Amou demais esses filhos.”
A saudade assentou-se na poltrona vazia...
Senhor,
Tu conheces o meu desalento,
a ternura da minha afeição.
Tu me despojaste de tudo,
mas, deixaste-me o coração
para sofrer,
para amar.
Tu já me experimentaste na tua carne, Senhor,
a angústia da ausência,

tu sabes como dói...
Senhor, eu te peço,
em recompensa ao meu amor profundo,
em troca de tudo que te dei:
abre a porta da tua casa,
como fizeste à tua Mãe,
e oferece à Mãe do teu sacerdote
o lugar do descanso
que não lhe demos no mundo.

. *Ano XXXIII, 29/11/1959, n° 1723, página 03*

Vesperal sagrado

Nas Bodas de Prata Sacerdotais do Exmo. e Revmo. Mons. José Ferrer da Fonseca, Prelado Doméstico de Sua Santidade, Vigário Geral da Diocese de Juiz de Fora.

(No palco sobre um pedestal, uma lâmpada de azeite acesa)

Coro falado

Uma só voz:

Na sala das Bodas, arde, silenciosamente, a humilde lâmpada. Neste vesperal sagrado, ela comunica toda a ardência da Palavra de Jesus

Todos:

“Vós sois a luz do mundo”. “Não se acende uma lâmpada para ficar sobre o alqueire, mas sobre o candelabro”...

Uma só voz:

Esta lâmpada, símbolo real do Sacerdócio Católico, contém Óleo, Pavio, Luz, Três elementos distintos que formam um óleo de beleza única. O Óleo não se queima atoa; o Pavio não se mede sacrifícios; a Luz jamais se extingue!

Todos:

“Vós sois a luz do mundo”... “Assim brilha a vossa luz”.

Uma só voz:

O sacerdote há de ser tudo isto: Óleo, Pavio, Luz.

Óleo de unção pastoral.

Pavio de sacrifício cotidiano, extremado.

A Luz de Cristo que arde como chama.

Todos:

“Vós sois a luz do mundo”... “Não fostes vós que me escolhestes, mas Eu vos escolhi”. “Assim brilhe a vossa luz”.

Uma só voz:

Acostumados à luz que o mundo envolve, nem sempre meditamos sobre o dom da luz!

Ela, diariamente encerra, na vastidão da terra, uma glória profunda!

Nela – o poder de Deus em toda a criação!

Todos:

Também no Corpo da Santa Igreja,
por mais modesta que seja.

No simples pavio de uma vela,

Na trêmula mecha de azeite,

Ardendo – de noite ou de dia,

eternamente anuncia.

- A Presença do Senhor!

Uma só voz:

Outrora,

A Voz do Pai Onipotente,

Firme, majestosa, clemente,

falou assim:

“Que a luz se faça e a luz foi feita

íntegra, brilhante, perfeita,

No esplendor do sol – na claridade da lua,

nas pontas sempre esguias

de estrelas luzidias.

Dali por diante,

À Voz Suprema de Seu Verbo fecundo,
Que derramou tanta luz no mundo,
Ela se tornou a portadora fiel
Da mais pura mensagem do céu!
Assim,
No espaço sideral, em cada planeta,
A luz sempre avança e revela
a sinfonia bela
Das Obras do Senhor!

Todos:

Ó luz do sol, da lua, das estrelas,
Narrai aos povos do mundo inteiro,
As glórias do Criador!

Uma só voz:

Nobre, tranquila, sempre ardente,
Ninguém pode impedir a sua marcha,
Não se pode esconder o seu fulgor!
A luz penetra, serena, em toda parte,
No palácio das grandes majestades,
Na cabana do pobre lavrador!
Ele desce do alto das colinas,
Doira a crista dos montes, as campinas,
Lourejando as espigas do trigal,
Desperta de mansinho, a passarada,
Que saúda, na quentura de seu ninho,
O esplendor da luz universal!

Todos:

Ó luz radiosa – de pureza emblema,
Ó força nobre – de energia extrema!

Uma só voz:

Na plenitude dos tempos – na Encarnação,
Jesus Cristo é a Verdadeira Luz!
“Luz de Luz”, Deus Verdadeiro,

Esplendor da Glória de Seu Pai!
Foi para iluminar que Ele veio,
A primeira credencial de Sua Missão.

Todos:

“Eu sou a Luz do mundo”...
Luz “cheia de graça e de verdade”.

Uma só voz:

Com a Sua vinda no Oriente,
João Batista, penitente,
Revestido de pele de camelo,
Estuando na luz daquele zelo,
Pregou nas areias do deserto,
Que o Advento da Luz estava perto!
A Vida em plenitude sempre n’Ele,
Copiosa, equilibrada e santa!
E quando a noite seguia o seu curso,
Ele rompeu o silêncio dessa noite,
Nasceu na cidade de Belém,
Cumpriu-se a palavra do profeta:
Vestiu-se de glória – Jerusalém!

Todos:

- “Luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo”.
“Todos andarão à Sua Luz”.

Uma só voz:

Jesus Cristo é a Verdadeira Luz,
Realizando a vontade de Deus-Pai,
Na missão redentora do Filho!
Luz eterna, divina, comunicante,
Sacerdotalmente operante,
No Corpo da Sua Igreja!
Luz que se divide para todos,
E pela unidade do Amor do Pai,
Permanece inteira para cada um!

Todos:

Cristo, Sacerdote Eterno, é a Luz por excelência,
O padre, Seu Embaixador, é a Luz participada!
“Eu sou a Luz do mundo”...
“Vós sois a Luz do mundo”...
“Assim brilhe a vossa Luz”...

Uma só voz:

Que faremos, então, com esta lâmpada?

Todos:

Permanecerá “sobre o candelabro para brilhar para todos os que estão em casa”

Visto e aprovado
+ GERALDO
Bispo Diocesano
21 – XI - 59

. Ano XXXIII, 06/12/1959, n° 1724, página 04

Lourdes

Cidade pequenina, mas formosa,
Na moldura dos Montes Pirineus;
Há murmúrios de prece fervorosa,
Junto à gruta da Virgem Mãe de Deus.

A vertente do Gave, preciosa,
Desafia a descrença dos ateus;
Buscam todos a fonte milagrosa,
Lá se encontram os nobres, os plebeus.

Feliz foi Bernadete, a camponeza,
Que recebeu, da Virgem, a fineza
De poder esta face contemplar...
Há cem anos, aquele Santuário,
Tornou-se, de Maria, o relicário,

Todos rezam aos pés daquele altar!

. *Ano XXXIII, 20/12/1959, n° 1726, página 01*

Mãos Virginais

Estas mãos virginais com que seguras
O fruto generoso de Teu Peito:
Suas conchas redondinhas de ternuras
São graças de fulgor nunca desfeito.

Estas mãos transparentes e tão puras,
Como benção do céu sobre o meu leito;
São mimos que desfazem as torturas,
São glórias de Maria ao Povo Eleito.

Estas mãos feito conchas inclinadas,
São mais nobres que as pérolas achadas,
Nas costas de Ceilão – em pleno mar...

Não existem nas plagas do Oriente,
Conchas vivas de tom mais reluzente:
Mais belas que estas mãos a contemplar...

. *Ano XXXIII, 27/12/1959, n° 1727, página 01*

“HOSANNA IN EXCELSIS”!

Em todo lar cristão, de mísera choupana
Ao palácio dos reis, que a velho glória ostenta,
No seu berço de palha um Deus-Menino irmana
Gente de toda cor, que ao Seu olhar se alenta.

Em coro universal desperta a raça humana,
Nesta Noite Feliz, de graças opulenta,

Soergue aos amplos céus seu repetido Hosana!
Que, além da Láctea Via, a despertá-los, tenta.
Preces floresçam, pois, em tão festivo dia,
Destorcendo-se dos maus os ímpetos ferozes,
Reunidos os bons na santa paz da grei;

E, assim, por toda parte, em dor ou na alegria,
Se ergam de cada peito as eloquentes vozes
- Dos que tem um só Deus e cumprem sua Lei.

. *Ano XXXIII, 24/01/1960, n° 1731, página 04*

O Resignado Idumeu

F. Fernandes Sobral

- “Et dixit: Nudus egressus sum de útero matris meae, et nudus revertar illuc: Dominus dedit, Dominus abstulit; sicut Domino placuit, ita factum est: sit nomen Domini benedictum”.

(Job, Cap. I, v.2)

Grande era Jó. Às leis sãs de Moisés, temente,
Seus rebanhos guardava e os frutos mil colhia;
E, nos ócios da festa, à mesa reunia
Da boa terra de Hus a respeitosa gente.

Por mais pobre, ninguém voltara descontente,
Que à porta lhe bateu, se a precisãourgia;
A uns dava o remédio, a outros, a alegria,
Na qual se torna o pão, dado de boa mente.

Satã, porém, um dia, em fúria, levantou-se,
E destruiu-lhe os bens, e os filhos, e os amigos,
Com o fito de turbar aquela paz tão doce.

E, para lhe arrancar ao desespero um grito,
Deu-lhe a lepra... Jamais! Dos cães aos vis abrigos,
Ei-lo a clamar: - Teu nome, ó Deus, seja bendito!

Os Lamentos do Profeta

F. Fernades Sobral

- O vos omnes, qui transitis per viam,
attendite et videte si est dolor sicut
dolor meus, quoniam vindemiavit me
locutus est Dominus in die furoris sui”.
(Jeremiae, Cap. I, v. 12)

Da pátria nas ruínas assentado,
Da dor acerba a lágrima pungente
A lhe escorrer na face, em alto brado,
Da lira, exclama o sábio, ao tom plangente;
- A que te reduziram, minha amada
Sião, de escombros só e de lamentos
Cheia, e de brava gente abandonada,
Que se sumiu, cativa, entre tormentos!
Fonte perene e pura de beleza,
De que se abeberaram teus poetas,
Foste aclamada a mágica princesa,
Inspiração de reis e de profetas,
Pois, das irmãs formosas, perseguidas,
Eras cabeça altiva, e mais potente
Que estas muralhas pétreas, abatidas
Pelo furor sacrílego e inclemente.
Agora o teu passado soberano,
Digno de ser cantado dia e noite,
Pagas, sob jugo férreo, desumano,
Menos com a vida que com o vil açoite.
Ao chão, jazendo o teu augusto templo,
As aras sacras, presas dos incêndios,
De que não há memória e antigo exemplo;
Teu sacerdócio entregue aos vilipêndios
De força bruta; as tuas virgens puras,

Em prêmio oferecido a malfeitores,
E, em meio a tantas penas e torturas,
A te elevar ao cúmulo das dores,
As espinhosas vias caminhando,
Mortas de susto, pálidas, chorasas,
- As criancinhas órfãs, evocando
De galho decepado as tristes rosas...
Eis a que extremo incrível de desgraças
Chegaste, e em que, sequer a lamentar-te,
Ninguém ficou das tribos e das raças
Do reino de Judá, por toda a parte
Unidas contra o mando de estrangeiros.
A fonte dos meus olhos, rasos d'água,
Jamais há de secar, entre salgueiros
Desfiando os longos fios desta mágoa;
E os pássaros, cantando, na garganta
Os trenós levarão dos meus queixumes;
É da montanha verde, que levanta
Aos leves ares d'úlcidos perfumes
Das flores de mil cores que extasiam,
Se espalharão meus cânticos doloridos
Até os astros, longe, que irradiam
Seus raios, na distância amortecidos...
Ó vós, que transitais por estas vias
Que, outrora, nossas hostes palmilharam,
Parai e ouvi meu estro, em harmonias
Dolentes como nunca ressoaram,
E me dizei quem sofre sobre a terra,
Se imprecação mais alta sobe aos céus,
Ou dor maior que em minha dor se encerra!
Jerusalém, por que magoaste a Deus?!

. *Ano XXXIII, 14/02/1960, n.º 1734, página 04*

“DIES IRAE, DIES ILLA”...

Tempo das iras, dias de vingança
Serão estes que o Eterno prometeu:
- Em quem só fez o Bem, quanta esperança!
- Que dor aguarda a quem no mal viveu!
De nada hão de valer sexos e idades:
Todos, rompendo as tubas, surgirão,
E, - bocas indiscretas -, as verdades
Temíveis os sepulcros falarão.
Na palidez das faces contraídas,
O pranto, como fonte, há de jorrar,
Sem que se possam faltas cometidas
Na escritura da vida rasurar.
Mediando a cada qual a sua sorte,
Deus, com rigor sem termos, julgará:
E, pelo não poupar a própria Morte,
De horror, a Natureza transirá
Como seixos rolando na torrente,
Os astros pelo céu hão de correr;
Os sóis se apagarão no esforço ingente
De as órbitas incertas percorrer,
E o mundo voltará sem embaraço
Ao primitivo caos de que surgiu,
Quando à matéria informe, pelo espaço,
Mão poderosa as forças imprimiu,
E, no lugar das massas estelares,
Desfeitas no densíssimo negror,
Há de surgir, terrível, pelos ares,
Todo o imenso poder do Vingador...
Mas, para além do Cosmos apagado,
Em destino contrário e desigual,
A Luz, - terá o Bem recompensado;
Noite haverá somente para o Mal!

. Ano XXXIII, 21/02/1960, n° 1735, página 02

Ante a Cruz

F. Fernandes Sobral

Ao contemplar-te, ó Cristo, a macilenta face,
As sanguinosas mãos, os maltratados pés,
E, ainda, na garganta, a voz que aos infieis
Perdoou, naquele instante amargo do trepasse;

Ao ver teu coração qual se ainda jorrasse,
Não mais o rubro sangue, estancado de vez,
Mas torrentes de amor, que inundaram fiéis
Ao clarão desse olhar, que, à nossa fé, renasce,

Não me constrange mais, ó Cristo, o sofrimento,
Que, em conseguir os céus, é de homens o sofrer,
E muitos hão passado o atroz experimento.

O que, porém, é mais que estranho ao humano ser,
Porque próprio de um Deus, é ter, no vil tormento,
A força de perdoar e a graça de esquecer.

. Ano XXXIII, 06/03/1960, n° 1736, página 04

Criação de Artista Ao Cônego Isnard da Gama

F. Fernandes Sobral

Batendo aquele bloco informe de Carrara,
- Que ao seu olhar splende, e a mente transfigura -,
O Gênio que ao pincel a gloria conquistara,
Tenta arrancar da pedra a imagem que o tortura.

Da noite desça o véu ou surja amanhã clara,

Nada detem aquela esquelida figura,
Que, de martelo e escipio em suas mão, não para,
Dando mais do que forma à pétrea criatura.

Ao encarar, enfim, essa obra concluída,
- O corpo exausto, o pulso em febre, a voz incerta -,
Eis algo a fornecer-lhe um impressão de vida;

E, ao ver na sua face um brilho, a iluminá-la,
E os lábios a tremer na sua boca aberta,
Alucinado, grita aos pés da estátua: Fala!

. Ano XXXIII, 13/03/1960, n° 1738, página 04

Madalena

F. Fernandes Sobral

Ei-la aos pés de Jesus. Ao seio lhe entumece
O coração, pulsando essa hora tão sonhada,
E da caçoila de ouro a essência perfumada,
Soluçando, derrama, em comovente prece.

Sonhos e ilusões do seu passado esquece,
Que tudo fora vão na vida malograda;
Mas, no instante do amor que, ali, a tem prostrada,
A tudo desprezara, inda que mais valesse.

Não mais, na noite escura, estranhos pesadelos;
Nem, ao cair da tarde, as ânsias singulares;
Nem, nas manhãs de sol, a lida insatisfeita.

Nos ombros derramada a auréola dos cabelos,
Ao reluzir do peito às pedras dos colares,
Achara, enfim, a Luz naquele olhar que a espreita.

. Ano XXXIII, 20/03/1960, n° 1739, página 06

Cena Campestre

F. Fernandes Sobral

Desse homem no trabalho, o suor da fronte escorre,
- Curvada para o chão, onde a semente medra,
E ei-lo a lutar, do sol que nasce ao sol que morre,
Venha feri-lo a urze ou machucá-lo a pedra.

Acende-se o fogão à luz da lua cheia,
No terreiro da casa onde a família vela,
E alonga-se a labuta em torno da candeia,
Em se apagando ao céu a derradeira estrela.

Já manhã, do apetite a face em vivos traços,
Vem o grupo assentar-se à mesa, no arruído
Da gente sã, viril, que em seus possantes braços
Há colhido da terra o fruto permitido.

E o pão do trigo puro e o vinho que a toalha
Tinge, num dia alegre e em frente à gente rude,
São dons que a mão do Pai, por toda parte, espalha
Aos que trilham a sacra estrada da virtude.

Caiam a chuva, o raio e a neve, a qualquer hora,
- Como um castigo prova a Deus, no pensamento,
E aquele que agradece o seu prazer de agora,
Há de louvá-lo, então, nas garras do tormento.

. Ano XXXIII, 10/04/1960, n° 1742, página 04

No momento extremo

F. Fernandes Sobral

*- Inter quas erat Maria Magdalene, et
Maria Jacobi, et Joseph Mater, et
mater filiorum Zabedaei”
(Matthaei, cap XXVII, v. 56)*

Daquele dia magno na hora mesta,
Conformemente às santas profecias,
Do alto da Cruz inclina o Mestre a testa,
E expira na mais cruel das agonias.
Rasgam-se os véus do Templo, o raio cresta,
No céu escuro, as nuvens fugidias;
Fendem-se o próprio solo, que protesta
Contra o deicídio infame do Messias...

Fogem as turbas mas, precipitadas,
Antevendo a dureza dos castigos,
Que receiam consciências alarmadas,

Mas, firmes, as mulheres piedosas,
Sem o menos receio dos perigos,
Junto ao madeiro ficam, lacrimosas.

..Ano XXXIII, 17/04/1960, n° 1743, página 02

**Pastoral e Liturgia
PARA O REVMO. CLERO
A voz do Sacerdote Eterno
Aos Seus sacerdotes no Tempo**

Com paternal ternura, um dia, o Mestre,
Falou, serenamente, a Seus Discípulos,
Da Grandeza Real do Sacerdócio!
- Sois Herdeiros d’Aquela Voz Divina,
Que começou, outrora, pelo Verbo,
E findará em Deus no Fim do Tempo!

Pregai, o mundo inteiro, o Evangelho,
Convertei as Ovelhas a Meu Pai.
Sois o Sal que preserva toda a Terra,
Sois a Luz que ilumina todo o Mundo;
Arautos da Mensagem eterna e Nova,
 Levando às Almas o meu Verbo Fecundo.
 Não fostes Vós que me escolhesteis,
 Mas, da Eternidade, eu Vos escolhi.
 Não se esconde uma Luz sob o alqueire,
 Mas, derrama-se a Luz a Vida Inteira,
 Iluminando os que em Casa estão.
 A Vossa Luz, assim brilhe no Altar:
 - Que a Oferta do Santo sacrificio,
 Da Paixão, renove o Benefício,
 E Todo o Mundo, queira me amar.
 Não Vos chamarei Servos, sim, Amigos,
 Pois, fundi, em vossa Alma, toda inteira,
 A Missão que do Pai tenho comigo!
 A Vossa Santidade que redime,
 Com a Divina Assistência em tudo imprime,
 A Aliança Eterna de Jesus!
 Eternamente, Unidos, sempre, a Mim
 Espalhareis o Bem por toda a parte:
 Eis que estou Convosco até o Fim!...

..Ano XXXIII, 24/04/1960, n° 1744, página 04

Remédio aos Desvarios

F. Fernandes Sobral

Como o sóbrio Muzlim, no alto do miradouro
As mãos aos céus erguendo e entoando a sua prece,
Nossa alma, assim também nos crepúsculos de ouro,
A alçar a musa triste ao firmamento vê-se.

Um pede do Nirvana a paz, que ao sorvedouro
Do nada o ser lhe torne, e o sofrimento cesse;
Dispersa do imo peito a outra o seu tesouro,
- Que tudo que é da terra em pó desaparece...
É nesse repassar de sonhos e de ensejos,
Que, mal roçando o chão, espíritos enleva,
Mas que esfria o calor que aviva os bons desejos,

Que se impõe a razão à estulta fantasia,
Vendo na Luz divina o desfazer se a treva,
E a noite se tornar no mais radioso dia.

..Ano XXXIII, 08/05/1960, n° 1746, página 04

Da Montanha Sagrada

F. Fernandes Sobral

Deixando a Aarão cuidar das tendas, no deserto
Que até ao Mar Vermelho a desdobrar-se vai,
Moisés, mais uma vez, lhes lança o olhar, de perto,
E, arrebatado, ascende às grimpas do Sinai.

Rimbombam os trovões, em trágico concerto.
E a espessura da treva ante os seu olhos cai,
Que o reio que fulgura, o cega; e o passo incerto
A robustez do corpo agora, então, lhe trai.

Já no alto, a repousar, ao duro chão se atira,
Mas soa-lhe no ouvido a mesma voz que ouvira,
Em meio à sarça ardente, o Horebe a crepitar...

Era o Verbo de Deus ditando os Mandamentos
Que iriam, noutras Leis, e aos mesmos fundamentos,
Da humana convivência a força estruturar.

.Ano XXXIII, 14/08/1960, n° 1760, página 04

Senhor

no silêncio do dia que amanhece, venho pedir-Te a paz, a sabedoria, a força.

Quero olhar hoje o mundo com os olhos cheios de amor;
Ser paciente; compreensivo,
manso e prudente;
ver além das aparências teus filhos
como Tu mesmo os vês,
e assim não ver sinão o bem
em cada um.

Cerra meus ouvidos a toda calúnia. Guarda minha língua de toda maldade. Que só de bênçãos se encha meu espírito. Que eu seja tão bondoso e alegre. Que todos quantos se achegarem a mim sintam Tua presença. Reveste-me de Tua beleza, Senhor, e que no decurso deste dia, eu Te revele a todos.

.Ano XXXIII, 04/09/1960, n° 1763, página 04

À Memória do Irmão Davi

(Da Congregação dos Irmãos Oblatos de Cristo Sacerdote)

...”Nós sempre devemos dar graças a Deus por vós, ó irmãos queridos de Deus, porque Deus vos escolheu como primícias para a salvação”...

(S. Paulo aos Tessalonicenses)

Morreu em pleno asfalto, triturado,

Qual espiga de milho já moído;
O corpo de Davi sacrificado,
É o pão que por Deus foi escolhido!

Quem o viu docemente amortalhado,
Em sorriso de paz – adormecido;
Sentiu que foi ao céu arrebatado,
Sem dar nenhum suspiro – um só gemido!

Não me fuge também ao pensamento,
Que a morte deste irmão é testamento,
Exemplo da mais pura juventude...

Quando a vida se extingue tão depressa,
Resta ainda o consolo da promessa:
- Só não morre o perfume da virtude!

.Ano XXXIII, 25/09/1960, nº 1766, página 03

Palavras que o vento não leva

Carbe Sampaio

Em Natal todos se alegram,
O olhar voltado a Jesus,
Que é bom e que é justo,
Que por nós morreu na cruz.

Órfão de mãe nesse dia,
Não tive o carinho seu.
Nada ganhando em Natal,
Deus tomou-me o que me deu.
Levando minha mãezinha,
Deus feriu meu coração,
Embora a tenha alojado
Na sua rósea mansão.
Perdi, quando ela se foi,
A graça da mocidade,

Gravando-se no meu peito
Eterna e triste saudade.

Às vezes parece um sonho,
P'ra magoar meu coração,
Que eu vi – meu Deus! mamãezinha
Imóvel no seu caixão.

Suportar, como é penoso,
Tua ausência, mamãezinha,
Tão meiga, que sempre foste,
Tão santa, tão boazinha.

Se eu soubesse, mamãezinha,
Que tão cedo ias embora,
Dar-te-ia, quando viva,
Milhões de beijos por hora.

Os teus cabelinhos brancos
Nunca hei de esquecer-los,
Sabendo, minha mãezinha,
Que ajudei a embranquecê-los.

Minha mãe, que foi tão boa,
Levou consigo, ao partir,
Toda a ventura que eu via
Na senda do meu porvir.

Procuro esconder comigo
Q dor que meu peito invade;
Quanto mais tento fazê-lo,
Mais me cresce esta saudade.

A todo momento escuto,
Seguindo da vida o trilho,

Mamãezinha perguntando;
- Como vai, querido filho?

Eu só tenho uma esperança
Que alivia o meu penar:
Unir-me um dia à mamãezinha,
P'ra nunca mais me apartar.

De mãe foi ela um modelo,
Como o foi também de esposa.
Santa, demais para a terra,
No céu é que hoje repousa.

Deus é bom e eu creio nele,
Deus é justo é bem verdade.
Bendita a cruz que me deu
De chorar nesta orfandade.

.Ano XXXIII, 09/10/1960, n° 1768, página 03

Palavras que o vento não leva

Carbe Sampaio

Curtindo a dor tão triste da saudade,
Mãe, eu te vejo me acenando a mão,
Do céu tão lindo, lá da eternidade,
Para consolo do meu coração.
Sabes tu que soluço na orfandade,
Penando nessa atroz separação,
Com que também se foi a mocidade,
A minha mocidade de ilusão.

Para tristeza e desventura minha,
Tu me deixaste em pranto pelo mundo,

Partindo, idolatrada mamãezinha.

Envolveste a minha alma em negro véu.
E aqui fiquei, neste penar profundo,
Esperançoso de união no céu.

.Ano XXXIII, 23/10/1960, n° 1770, página 04

Palavras que o vento não leva

Carbe Sampaio

Ao transpor os umbrais daquela igreja,
Munido dos melhores sentimentos,
Minha alma triste espaço a fora adeja
Nas asas brancas dos meus pensamentos.

Assisto à missa, à alma benfazeja,
Daquela que viveu de sofrimentos,
Por quem meu peito a todo instante arqueja,
De quem me lembro em todos os momentos.

Rezando por mamãe, eu peço a Deus,
Pois sei que ela me vela lá da altura,
Depressa me conduza aos braços seus.

E embora ela na terra não esteja,
A mim parece vê-la e que ternura!
Sorrindo-me do altar daquela igreja.

Ano XXXIII, 30/10/1960, n° 1771, página 02

À Virgem Maria!

A. Cascardo

De cândida fonte, de rara beleza,
Seria princesa, Rainha não fosse...

A Virgem Maria, tão casta e tão pura
É toda ternura no olhar que é tão doce!

Tentaram pintores fazer-lhe o retrato,
O doce recato e os encantos sem par...
Pincéis estupendos pousaram na tela
E à Virgem tão bela quiseram traçar!

E quantos poetas, em versos formosos,
Cantaram, graciosos, louvores sem fim
À Virgem querida, que é toda doçura,
Que é toda candura, qual lindo jasmim!

Quantos escultores na pedra talharam
E as formas buscaram em vão perpetuar...
Madonas formosas surgiram, por certo,
Mas nunca, de perto, o modelo igualar!

Seus olhos tão meigos, refletem bondade
Para a cristandade que quer amparar...
E nós, os seus filhos, sinceros, devotos,
Fazendo mil votos de não abandonar!

Ó Virgem dileta, rainha do Céu,
Descei vosso véu em maternal proteção...
Levantai-nos, ó Virgem, na estrada segura
De quem só procura encontrar salvação!

Bicas, 11-10-960

Fazenda “Bom Jardim”

Cônego Lauro Neves

Fazenda Bom Jardim!

Tu prolongaste a mensagem do Cenáculo.

Velha Fazenda “Bom Jardim”,

Ilha cor de cinza na mata verde!

(Alguém está vigilante no meio da noite!)

Siriemas, em gritos, saúdam a madrugada

Que nasce, luminosa, nas úmidas montanhas.

A luz trêmula nos lábios das rosas,

Imensas flores rubras tingem de sangue,

O verde humilde e macio.

Vacas sonolentas, de olhos doces,

Gemem, túmidas de leite e de orvalho.

Alguém está vigilante no meio da noite!

Tentando dialogar com os escolhidos do Seu Coração.

Vieram de longe. Ninguém sabe.

Ouviram, no vento, o lamento do Mestre,

Silêncio e mistério precedem sempre Sua Face.

Fazenda Bom Jardim!

Do teu velho tronco, renascerão ramos verdes,

Pois, na penumbra de tuas arcadas, germinaram palavras ricas.

Foste a doce Betânia,

Das tardes azuis e famintas.

Foste no bojo da mata verde,

A tenda onde Ele repousou, por instantes, o coração cansado.

Martas e Marias, de aventais alados,

Povoam teus longos salões,

Saboreando em silêncio,

A infinita doçura do hóspede Divino.

Fazenda “Bom Jardim”!

A coroa viva das rubras “sempre lustrosas”,

Recorda Pentecostes na paisagem verde.

Tuas janelas de sabor colonial,
Contemplam longamente a montanha!
Um vento impetuoso, que ninguém sabe de onde vem,
Impele os corações na aventura plena e definitiva do espírito de conquista.
Eternamente viverás no coração dos que, entre lágrimas,
Aqui choram um passado morto;
E ressuscitaram, aqui, o ideal esquecido para o triunfo do Reino!
Fazenda “Bom Jardim”!
O doce Hóspede partirá,
Mas tu serás o Cenáculo
Da nova aurora que não tarda em nascer...

.Ano XXXIII, 04/12/1960, n° 1776, página 04

“Ação de Graças”

Um dia, Senhor,
A Mensagem feliz de Tua Vinda,
Brotou dos lábios de Gabriel,
Encheu a região da Palestina
De uma Esperança Nova:
- A Redenção de Israel!

Naquele instante,
Quando a Virgem Fiel de Nasaré,
Recebeu, do Arcanjo, a Embaixada,
Para ser a Mãe de Cristo, Homem-Deus;
Quando Ela, na humildade, feito Escrava,
Pronunciou o “SIM” da Encarnação:
O Verbo se fez carne, habitou entre nós,
Nasceste, Senhor, Sacerdote e Pontífice,
Sacrificador e Vítima
Da Nova Aliança!
Também, um dia,

Sem mérito algum da minha parte,
A Tua Vontade Soberana,
Na humildade dum berço me escolheu!
E quando a Força do Altíssimo
Baixou, serena, sobre mim;
Quando as mãos sagradas do Pontífice
Tocaram minha cabeça, sagraram minhas mãos,
Tornei-me um sacerdote da Tua Igreja,
Ministro de Teu Povo,
Embaixador de Tua Palavra,
Testemunho da Tua Missão!

Naquele dia memorável,
Eu era pequenino qual um grão de areia,
Esmagado aos pés do Teu Altar!
E quando terminou a cerimônia,
Fiquei tão confundido,
Extremamente humilhado,
Com a grandeza incomparável que me deste;
Que não sabia como agradecer-Te,
Por me teres, assim, feito:
Partilha da Tua Herança – Servo de Tua Gente!

Hoje, vinte anos são passados,
Não Te servi, Senhor, como devia!
Quero, apenas, pedir-Te novo alento,
Prolongar meu louvor – cada momento,
Dar-Te Graças, na dor e na alegria

Ser sacerdote

Ser Sacerdote, estar revestido
De iguais poderes de Jesus;
É ter a mesma missão divina
De sal da terra, do mundo luz.

Ser sacerdote, ouvir um dia,
Nas horas calmas da reflexão
Uma celeste, doce harmonia
Que diz baixinho ao coração:

“Segue-me, filho.”

Ser Sacerdote, abrir as portas
Que as almas grandes seduz e encanta,
Consagra a Deus por toda a existência
Uma vida tão feliz e santa,

Para Jesus.

Ser Sacerdote, abrir as portas
Das felizes almas dos pecados
Pelo batismo das almas mortas
Fazer a vida do santo Amor

De Jesus Cristo

Ser Sacerdote, felicidade
Pátria, família, lauréis do estado,
Dos róseos sonhos da mocidade
Que sem reserva tudo consagra,

Tudo a Jesus.

Ó sim! ser Padre, dita suprema
Duma inefável glória sem par
Depois sorrindo, na hora extrema,
Em doce lance d'alma, voar

São céu, ao céu.

(DE O MENSAGEIRO DA FÉ)

Esta poesia, Sebastiana Araújo de Souza, de Bicas, dedica ao Exmo. e Revmo. Sr. Cônego Francisco Maximiano de Oliveira, pelo 30º Aniversário de Ordenação sacerdotal, ocorrido no Dia de Natal

+Ano XXXIII, 15/01/1961, nº 1782, página 04

Deus!

J. Gastão Machado

(A Sua Excia. Revma. D. Geraldo Maria de Moraes
Penido, como lembrança de sua sagração, em Pará
de Minas, no dia 11 de maio de 1956)

Por que, na terra, quando o Sol clareia,
Só quer nossa alma se banhar em luz?!
Nossa alma é linfa – pelo mar anseia!
Nossa alma é chama – no clarão se induz

Por que, no estudo, com fervor de loucos,
Rebuscam homens os imensos céus,
E querem eles ir subindo aos poucos,
Nesse roteiro que conduz a Deus!

Por que esta vida, no rodar dos anos,
Procura a gente compreender assim?!
Se a vida é flor desse jardim de arcanos!
Se a vida é fruto do mistério enfim?!

Por que com sondas perfurando a terra,
Quer a ciência a verdade achar?!
Se surge areia – que rolou da terra!
Se surge argila – que pousou no mar!

Por que na selva sussurrante e bela,
Se escondem feras de manhoso ardil,
E filtra o sol pela remosa umbrela?!
Levando raios lá no seu covil?!

Por que, no pântano horroroso, impuro,
Há pirilampo... vagalume... escol...?!
E surgem seres de infernal monturo
Com asas de ouro, sob a luz do sol?!

Por que no vale nasce a flor mimosa,
Por entre espinhos, suspirando amor?!
Se o colibri, enamorando a rosa,
Pode ferir-se, no espinhal da flor?!

Por que tão alto, no infinito espaço,
Se movem astros pela Lei de Alguém?!
Quem os impulsiona? Qual a Mão, o Braço,
E a força imensa que essa Lei contém?!

Por que, na vida, quando sofre a gente,
De alguém se espera dadivosa Mãe,
Que ao rico estanque – seu penar ingeste
Que ao pobre dê o suspirado pão?!

Por que... nem sei... mas sei de Alguém oculto
Que exala astros, prende luz aos céus,
E dá fragrância à flor e à noite luto,
Da vida às coisas! Esse alguém é Deus!

+Ano XXXIII, 05/02/1961, n° 1785, página 08

Perfil Pastoral

Ser Pastor de um Rebanho tão querido,
E viver, a seu lado, cada dia:
Conhecer as Ovelhas, o balido,
Partilhar de uma dor ou alegria.

Ser pastor e viver sempre envolvido,
Na missão que a Igreja lhe confia;
Ser o Guarda fiel e destemido,
Sob o sol e a chuva – em noite fria.

Ser pastor e amar o seu rebanho,
Entregar toda a vida pelo amanhã
Das Ovelhas tranquilas em redis...

É missão divinal, reconfortante,
Mas dói-lhe o coração, a cada instante:
- Reconduzir Ovelhas dos covis...

+Ano XXXV, 12/03/1961, n° 1790, página 01

Quando vejo o Teu peito assim aberto,
Pelo golpe da lança do soldado;
Quero estar junto de Ti e ver, de perto,
Sangue e água saindo de Teu lado.

Quando vejo o teu peito tão referto,

Deste Amor que Te fez crucificado;
Penso em mim e nas almas no deserto,
Tão distantes do AMOR pelo pecado.

Quando toco esta chaga de Teu peito,
Sinto nela o Amor todo perfeito,
Cruz e pregos, espinhos, muitas dores...

Fico, às vezes, pensando, solitário,
Que a lança do soldado, no Calvário:
- Abriu Teu Coração aos pecadores...

+Ano XXXV, 23/04/1961, n° 1796, página 03

Minha terra

Eu gosto de minha terra,
E das quebradas da serra
Que tem lá no meu sertão!
Dos belos carnaubais,
Das fazendas e currais
E das noites de São João!
Na minha terra mimosa
Só se vê perfume e rosa
Sofrimento lá não tem:
Dos passarinhos de lá
Quem mais canta é o sabiá
Pintor, Graúna e o Vem-Vem...

Nas matas canta a cigarra,
Com a música de fanfarra,
A toda hora, o dia inteiro;
No terreiro canta o galo,
Que faz do bico badalo,
Num som todo alvissareiro.
Na minha terra tem rios,
Onde navegam navios,

Como o grande Solimões;
Tem panorama e beleza
Feito pela natureza
Poetas como Camões!...

Areia, na Borborema,
É verdadeiro poema
De melodias gentis;
Falando, faço barulho
Eu sou teu filho e me orgulho
Do meu querido país!...
Pouso Alegre, março de 1961
Luiz Máximo de Araújo

+Ano XXXV, 02/07/1961, n° 1806, página 03

Ronda Noturna

Tenho pena do pobre – do indigente,
Que sofre, noite e dia, sem roteiro;
Tenho pena do rico que não sente
Avareza em reter tanto dinheiro.

Tenho pena, repito, dessa gente
Sem ter uma choupana, um paradeiro;
Tenho pena do rico indiferente,
Que pensa em ajuntar mais um cruzeiro.

Tenho pena de quem dorme na rua,
Pobre gente rasgada – quase nua,
Aos rigores do inverno e da chuva...

Se pudesse daria a todo pobre,
Agasalho, comida e algum cobre,
Muita roupa, sapato e mesmo luva...

+Ano XXXV, 27/08/1961, n° 1814, página 04

**Hino da Concentração Mariana
de Além Paraíba**

Côro

Além Paraíba, avante!
Aos pés da Virgem Santa,
Felizes, triunfantes,
Cantaremos com todo o amor,
A graça e beleza tanta
Da Virgem Mãe do Senhor.

A Senhora Aparecida,
Desta Pátria Padroeira,
Para guiar nossa vida
Se fez de Deus pioneira.

Fita Azul, eis a divisa,
Dos seus filhos dedicados,
Escute, ó Virgem, as preces
De seus fiéis congregados.

Com seu manto de bondade,
Símbolo deste céu de anil.
Cobre, Mãe, esta cidade
E também nosso Brasil.

+Ano XXXV, 03/09/1961, n° 1815, página 02

Jornada

Ludgero Caravini Nogueira

Minha jornada está quase vencida,
Que alegria em vê-la terminar;
Sentindo minha carne dolorida,

Vontade tenho de ao final chegar.

A estrada que corro é bem comprida,
Mas não posso, nem devo fracassar;
Existe uma casinha colorida,
Onde quero, em breve, descansar.

Por isso, vou seguindo confiante,
É minha sina ser perseverante,
Quando surge outra coisa que seduz...

A estrada, por certo, é minha vida,
A singela casinha apetecida,
São os braços abertos de Jesus...

(Este soneto, composto por um jovem há quatorze anos, paralítico, cego há seis anos, numa só posição na cama, contando atualmente 32 anos de idade, morador no Bairro São Benedito do Arado – Juiz de Fora, é rico da mensagem cristã, Fé, Esperança e Amor de Deus, resignação no sofrimento, desejo ardente de triunfar em Cristo).

+Ano XXXV, 24/09/1961, n° 1818, página 04

Memorare

Lembraí-vos, doce Mãe, terna Maria,
Que nunca foi por vós desamparado
Quem vosso auxílio e maternal cuidado
Com fé vos implorou, como devia.

Nesta esperança que me alenta e guia
Venho buscar, de culpas carregado,
Auxílio e proteção contra o pecado
Em vosso brando seio, Virgem pia.

Não aparteis a luz benigna e pura
Dos vossos meigos olhos protetores
De quem tão confiado vos procura,

Pois essa luz de irradiações serenas
Não somente dissipa os meus temores
Mas em gozo converte as minhas penas.
P. Antônio Thomaz

+Ano XXXV, 08/10/1961, nº 1820, página 02

Senhor

no silêncio deste dia que amanhece, venho pedir-te a paz, a sabedoria, a força.

Quero olhar hoje o mundo com olhos cheios de amor, ser paciente, compreensivo, manso e prudente; ver além das aparências teus filhos como Tu mesmo os vês, e assim não ver sinão o bem em cada um.

Cerra meus ouvidos a toda calúnia. Guarda minha língua de toda maldade. Que só de bênçãos se encha meu espírito. Que eu seja tão bondoso e alegre, que todos quantos se achegarem a mim sintam a Tua presença. Reveste-me de Tua beleza, Senhor, e que no decurso deste dia, eu te revele a todos.

+Ano XXXV, 05/11/1961, nº 1824, página 04

Recordando

(Ao tenor Zacarias Marques)

Esse artista que canta, com nobreza,
Melodias em palcos teatrais;
Essa voz transparente de pureza,
Clarinda do céu em vesperais.

Esse artista de esbelta singeleza,
Que interpreta os autores imortais;
Essa voz toda unvida de beleza,

Onde vibram as notas musicais.

Esse artista de voz em doce clave,
Cujo canto tranquilo e tão suave,
Vale mais, muito mais, do que troféu...

Merece a gratidão – nossa lembrança,
Com votos de quem vive a esperança
- De ouvi-lo no concerto lá no céu.

+Ano XXXV, 24/12/1961, n° 1831, página 08

Rondó para o Deus Menino

Cônego Lauro Neves

Sei que Tu chegaste, porque Tu o disseste.
Tua palavra é espírito e Vida,
Tocha resplandecente para meus pés.
Os sinos acendem gritos no ventre da noite!
Mãos torturadas tentam pendurar bolas de vidro
Na grande árvore apodrecida.
Apodrecida, porque ignorou as fecundas raízes,
Que lhe injetavam as seivas de Deus.
Mais um pouco, e a grande árvore erguida por mãos malignas,
Cairá por terra, com fragor, destruindo as bolas de vidro,
Sepultando os últimos frutos secos!

SOMENTE TU SERÁS!

O rumor é grande, mas ainda se ouvem os salmos dos que Te invocam.

O clarão do mal é fascinante, mas não impede que rostos tristes,
Abram de chagas a noite dolorosa e aflita.

Sei que Tu chegaste, porque o Rio da Esperança

Cava passagem entre os que coroados de rosas,
Colhem com os dentes fartos de espinhos,
Os últimos frutos do paraíso!

No vale vermelho, bocas morrem ressequidas;
Flancos nus sangram vergastados pela injustiça;
O pão e o vinho que Tu consagraste para o supremo mistério,
Gemem de dor sob os pés dos ingratos vinhateiros.
Enquanto bocas famintas suplicam Pão e Vinho,
Mãos ociosas blandem a espada e a taça!

“Ó chave de Davi e cetro da Casa de Israel,
Que abres e ninguém fecha, fechas e ninguém abre:
Vem e arranca do cárcere o prisioneiro,
Imerso nas trevas e na sombra da Morte”!

+Ano XXXV, 24/12/1961, n° 1831, página 08

“Senhor, eis-me aqui:

Eis meu corpo,

Eis meu coração,

Eis minha alma.

Faz-me bastante grande para atingir o mundo,

Bastante forte para carregá-lo.

Faze que eu seja um terreno de encontro, sim, mas terreno de passagem.

Caminho que não prende para si próprio, por que nele não há nada de humano a encontrar, nada que não conduza a Ti.

Esta tarde, Senhor, enquanto tudo em volta faz silêncio, eu meu coração eu sinto duramente morder a solidão.

Enquanto meu coração uiva longamente sua fome de prazer,

Enquanto os homens devoram-me a alma e eu me sinto impotente para saciá-los,

Enquanto sobre meu ombro pesa o Mundo inteiro, com todo o seu peso de miséria e de pecado,

Eu te repito o meu SIM,

Não às gargalhadas, mas lentamente, lucidamente, humildemente,

Sozinho, Senhor, sob teu olhar,

Na paz da tarde...

Ano XXXVI, 03/03/1963, n° 1885, página 03

Cônego José Maria Dias da Assunção

Com tal simplicidade ele passou
Os seus melhores dias, trabalhando
No campo do Senhor, onde encontrou
Espinhos entre rosas, mas orando
Guardou no coração, com mui carinho,
O perfume da flor, deixando o espinho.

Jovem, chegou à imensa catedral,
Ouvindo de Jesus a voz querida:
Semeia tu o Bem, teu ideal!
É grande tua tarefa nesta vida!

Medicou muitas almas. Com doçura
Aproximou de Deus os pecadores.
Reanimou corações. Com que brandura
Indicou-lhes o céu, final de dores!
A ele nosso adeus! Muita ventura!

M. A. C. Silva

Ano XXXVII, 27/10/1963, n° 1911, página 02

Meus 50 anos de Padre

Dou-te graças, Altíssimo Senhor!
Por dez lustros passados nos altares,
Na difusão da lei do santo amor,
Na santificação de homens e lares.

De Tabor alvoradas vislumbrei;
Não me faltaram cruzes ao Calvário;
A fé no Salvador eu conservei;
De vista não perdi o Santuário.
Agora, sob a luz crepuscular,
T'ó a vida a se extinguir, humilde imploro
A graça de, sem véu, Te contemplar

E face a face ver teu esplendor
E agradecer-Te o bem que comemoro:
A graça de imolar-me em teu louvor.

Mons. Salgado
Roma 1913 – Rio de Janeiro de 1963

Ano XXXVII, 10/11/1963, n.º 1913, página 02

Mãos vazias

Tudo me deste, Senhor!
A vida que me fizeste nascer,
O meio que me auxilias a viver,
Passado, presente que fazes renascer.
Horas tristes, tristes horas,
Aqueles que costumam voltar.
Choro amargo no coração inquieto.
Também alegria, na minha vida,
No meu passado, no meu viver.
Rosto belo, aquele rosto
De criança pequenina,

Que na rua está.
Às vezes penso, rio, choro...
Não sei viver!
Algumas coisas me faltam,
Falta amor, alegria,

Falta eu nascer.
Não contente, mas, não é descontente,
Vejo passar o meu viver.
Flor bela que se mostra,
Naquele jardim que soubeste florir.
São carícias do Teu Amor,
Do Teu olhar, da Tua Vida, meu Senhor.
- Se ao menos soubesse te amar...
Se soubesse contemplar...
Tudo passa-se nos meus olhos,
Olhos úmidos de chorar.
Janelas são do meu olhar.
Nesse diálogo tão triste,
Lábios meus só podem pronunciar,
Aquele desejo tão esperado,
De saber algum dia, minha vida Te ofertar.

Seminarista – Emanuel Lopes de Oliveira S. V. M.

Ano XXXVII, 16/02/1964, n° 1926, página 03

Poemas para Meditar

de Albiluz L. Ziller

Sua vida de prazeres não passou
de falsa paz que o mundo ofereceu.
De Cristo o ensinamento recusou:
Viveu da carne e o espírito morreu.

Você fugiu; a luta está perdida
e vai chorando seu destino agora:
quando julgava conquistar a vida
Você jogava a sua vida fora.

Ano XXXVIII, 08/03/1964, n° 1929, página 02

“Virtudes Teologais”

AQUELE QUE FOR DESCRENTE
DEDICO, DE CORAÇÃO,
ESTAS QUADRAS, SIMPLEMENTE
PARA CHAMA-LO À RAZÃO:

Quem na vida possuir
Fé, Esperança, Caridade
Tem seguro o seu porvir.

Quem cumpriu o seu dever
Nesta vida junto a Deus
Não virá nunca a incorrer
Em erros nos dias seus.

Feliz de quem elvado
A Deus tem seu pensamento,
Pois, assim, sempre ao teu lado
Senti-lo-á a todo momento.

Do mundo de erros repleto
Se quiser logo fugir,
Basta só com todo afeto
Amar a Deus e o servir

A oração, com fé, ardente,
Faz escapar do pecado
Para o qual frequentemente
É você muito tentado.

Que grande felicidade
Para você não seria,
Se procurasse a verdade
Pura, cheia de valia!...

Basta, leitos, na vida
Fé, esperança, Caridade,
Que você feliz guarida

Topará na eternidade

Marcílio Ferreira de Castro

Ano XXXVIII, 05/04/1964, n° 1933, página 01

Mensagem do Cenáculo

G. I. P.

SENHOR

Nesta domingo Branca
De Tua Vitória Pascal,
Ouço uma voz estranha,
Trazendo a Mensagem da Paz,
Na Oitava da Ressurreição!

Felizes os que vivem unidos
À pedra de Teu Altar,
E gosam daquela PAZ,
Que o mundo não pode dar!

Quando a Paz se expandiu na Igreja
À Luz do Teu Círio Pascal,
Ela ficou eternamente VIVA
Com Sinal permanente
De Tua Presença entre nós!
Foi tão grande o fulgor da Luz,
Comunicando, no Cenáculo, a Tua Paz,
Que os Apóstolos a receberam em plenitude,
Apesar das portas fechadas.
A Tua Paz, Senhor,
É expressão humilde, delicada,
Do Amor de Deus que trouxeste à terra.
A Tua PAZ não é guerreira nem anda armada,
É toda feita do amor cristão,

Do Amor que sofre, mas não perde a calma,
Espera, silencioso, a vitória que cantaste!

Ano XXXVIII, 23/08/1964, n° 1952, página 04

Súplica

De José Albano

Senhor, assim pregado ao duro lenho,
Não negas a ninguém o teu socorro;
A mim pois que de Mágoa Vivo e Morro
Dá-me o brando sossego que não tenho.

Em te amar sempre ponho todo empenho
Vendo do puro sangue o frio jorro
E com suspiros aos seus braços corro
E aos pés da Santa Cruz deitar-me venho

Olha como foi triste o meu destino,
Sem esperanças quase e sem Venturas,
Apenas com os sonhos que imagino

Lembra-te destas dores tão escuras
De qui tu és Meu Pastor Divino
E de que eu sou a Ovelha que procuras

*Retiro Anual Recluso em Belo Horizonte Partida de Juiz de Fora
– 21-10-64*

Ano XXXVIII, 25/10/1964, n° 1961, página 04

Oração

de Antônio Nélcio de Abreu

Que Deus me ajude a encaminhar meus filhos

Na perfeição que o mundo não consente;
Se sou errado em educar sem brilhos
Jamais errei deliberadamente.

Eu sei da grave obrigação dos pais
Em educar num censurar prudente.
Eu sei também que já falhei demais,
Porém jamais deliberadamente.

Eu sinto pena em castigar um filho,
Dói-me por dentro a punição severa;
Mas quero crer que sigo um reto trilho.

Que Deus jamais de nosso lar se ausente,
Se foi frustrada esta intenção sincera
Pois nunca errei deliberadamente.

Ano XXXVIII, 01/11/1964, n° 1962, página 04

ASA

Brasil nação que vivra
No mundo da invenção
De Minas surgiu com fibra
O pai da aviação

No céu brilha o astro
Que refulge com esplendor
Será Dumont no espaço
Que nos ouve com ardor?
 Alberto Santos Dumont
 Você que dorme no além
 O sono da paz e vitória

Peça a Deus lá do aquém

Para abençoar esta Terra
Que foi seu berço de glória.

Maria Therezinha Mourão de Paiva
Aluna do 5º ano da escola primária
ALFREDO LAGE

Ano XXXVIII, 29/11/1964, n.º 1966, página 04

Meditação

Lívia Maria Duarte Ribeiro do Amaral

Noite fria, sem luar.
Onde está a lua?!
Onde está o céu que agora não vejo?!
Tudo está entristecido.

Sinto falta de minha estrela.
Sinto saudades do luar!

Eu oro
e medito.

Minha vida tem vontade de dormir.

Está tão frio!
Por que essa chuva que não para?
E esse vento que não cessa?!
Meu coração me chama...
Ouço suas batidas que me fazem viver.

Eu queria fazer uma prece.
Uma prece que levasse para o Além.
as minhas mágoas,
as minhas dores,
as minhas tristezas.

Eu queria cantar um Salmo
que me trouxesse do Além
a felicidade,
a Glória,
o Bem!

Minha vida tem vontade de acordar.

Vejo minha estrela.
O temporal cessou.

Que Luz é aquela que brilha lá no céu?!
Serão os Anjos?!
Será o Profeta?!
Ou será Ele?

Eu oro
e medito.

Bendito seja o mundo!
Bendito seja o céu!
Bendita seja a Glória!

Ano XXXVIII, 25/12/1964, n° 1969, página 03

A alegria do Natal

Jesus Cristo nasceu!... alegre canta
De um sino a voz metálica e sonora;
E este clangor feliz, que nos encanta,
Alegra os corações do mundo em fora...

A terra toda exulta de alegria
E a natureza freme de contente;
O universo num Hosana se extasia

Cantando ao grande Deus onipotente.

Jesus Cristo nasceu! O Verbo Eterno
Tornou-se a criancinha de Belém
De Maria ao regaço tão materno
Desceu o Salvador, o Sumo Bem!

Riem os prados, saltam as campinas
Esmaltados de flores e perfumes
Garbosas e altaneiras, as colinas
Vestem de gala os portentosos cumes.

E um hino esplendido e formoso
Vai ecoando em tom mais cristalino
Respondendo ao convite melodioso
Da metálica vos do humilde sino.

Jesus já veio... veio o Salvador!
Eis a mensagem rútila do mundo!
Fez-se criança o nosso redentor,
Num mistério de júbilo profundo!

Cantai, ó sino, linda melodia,
Conclamando o universo à gratidão!
Nasceu Jesus, o Filho de Maria,
Nasceu também em nosso coração!

PADRE JOSÉ TARCÍSIO, S. V. D.

Ano XXXVIII, 25/12/1964, n.º 1969, página 09

Imagem

Lívia Maria Duarte Ribeiro do Amaral

Eu nunca Te vi
E sei quem Tu és
e sei que Tu existes,

Eu não Te vejo
E só Te falo

Em preces.

E no silêncio das noites profundas
em que minha alma
é chama inquieta
eu clamo por Ti
e Te espero.

Ouçõ Tua voz
recebo Tua luz.

Vejo Teu esplendor
fulgurar na terra,
no céu,
no mar.

És o sol,
a chuva,
o Vento.

És a essência do Bem,
a relva que descansa,
a fonte que canta.

És Tu que acendes
as estrelas lá no Alto
e faz nos campos
nascer as flores.

Tu és a Vida
e o Amor.

Eu sou Tua filha
e hoje a Ti rezei.
A poesia que lançaste

em minha alma
se erguerá em versos
até a plenitude.
Volveste os olhos para mim
e eu sou feliz.

Ouve o meu canto
de alegria
e gratidão
que se ergue
para na Glória
Te louvar.

E no dia
em que Contigo
eu estiver
ouvirás o meu grito
de fé
e de esperança
por que Contigo está
a Salvação Eterna.

E minha alma será
um Templo de bondade,
risos
e quimeras.

Bendito sejas Tu
que perdoas,
consolas
e abençoaas.

Eu sei quem Tu és!

Exceção e Privilégio

Passado o inverno,
o cipreste, alegre e jovial,
abriu os olhos,
sacudiu de sua verde roupagem,
os últimos flocos de neve,
deixou-se embalar
pelas asas do vento,
e... continuou a viver.

Passado o inverno
de amarga provação,
a alma, forte e generosa,
abriu os olhos,
sacudiu de seu coração,
os últimos estilhaços
da própria natureza,
sorriu à dor que passou,
e... continuou a viver.

Sofreu o cipreste.
Sofreu a alma.
E ambos
continuaram a viver,
porque ambos
resistiram à dor;
- ele,
por exceção da natureza;
- ela,
por privilégio do Amor!

Ano XXXIX, 04/04/1965, n° 1982, página 02

A poesia

Lívia Maria

Para viver
o poeta
não precisa de nada

Para viver
o poeta
tem que sonhar,
cantar,
realizar.

Tem que sentir,
chorar
e andar.

O poeta
para viver
não precisa de nada.

O poeta
para viver
tem que amar,
sofrer,
sacrificar.

Para viver
o poeta
tem que ter:
saudade.
amor
e ciúme.

O poeta

não precisa de nada.
Ele vive,
 morre
 e fica.

Ano XXXIX, 18/04/1965, n° 1984, página 04

Nave Ultra Espacial

Admiro profundamente,
os cosmonautas.
Invejá-los? Por que?
Ainda que flutuem
no espaço sideral,
aportem na Lua,
com suas naves espaciais,
ou atinjam outros planetas,
estão condicionados
ao planeta Terra,
e a ele,
forçosamente,
hão de voltar.

 Dentro de minha nave
 ultra espacial
 - a Igreja de Cristo,
 mais do que um cosmonauta,
 sou um “Cristonauta”!
 Vivendo
 a cada instante,
 em órbita celeste,
 é meu objetivo, o Céu!
 E no Céu,
 AQUELE que criou e rege
 nos espaços siderais,
 os planetas,
 e... sonhando com eles,

noutro planeta,
o Homem.

Ir Judith J. Villela – M. J. Cr

Ano XXXIX, 09/05/1965, n° 1987, página 04

Páscoa

Foi sim, na divina ceia
Que falou Nosso Senhor:
Infeliz é quem Odeia
Quem guarda raiva ou rancor.

Há entre nós um incréu
Que breve me trairá
Mas, meu Pai que está no céu
Muito cedo o julgará.

Não estando ainda exangue
Disse o Mestre sem receio
Eis o meu corpo e meu sangue
Comei-o todos, bebei-o.

Aquele que a fê trazer
Pelos séculos sem fim
Toda vez que o fizer
Fazei-o pensando em mim.

Assim, pela comunhão
Ao receber-mos Jesus,
Saímos da escuridão
E penetramos na luz.

Comungue sempre a sorrir

Saudando a ressurreição
Se deseja possuir
A paz em seu coração.

Sudgero Cararini Nogueira

Ano XXXIX, 13/06/1965, n° 1991, página 02

Mal de amor

ANA AMÉLIA

Toda pena de amor, por mais que doa,
no próprio amor encontra recompensa.
As lágrimas que causa a indiferença,
seca as depressa uma palavra boa.

A mão que fere, o ferro que agrilhoa
obstáculos não são que o amor não vença.
O amor transforma em luz a treva densa;
por um sorriso, o amor tudo perdoa.

Ai de quem muito amar, não sendo amado,
e, depois de sofrer tanta amargura,
pela mão, que o feriu, não for curado!

Noutra parte há de, em vão, buscar ventura.
Fica-lhe o coração despedaçado,
que o mal de amor só nesse amor tem cura.

Ano XXXIX, 11/07/1965, n° 1995, página 02

A poesia da semana

Alberto de Oliveira

Era um hábito que ele tinha:
entrar dando com a porta nos batentes.
- Que te fez esta porta? – a mulher vinha

e interrogava. Ele cerrando os dentes.

Nada! Traze o jantar! Mas à noitinha,
calmava-se. Feliz os inocentes
olhos revê da filha e a cabecinha
lhe afaga, a rir, com ambas as mãos trementes.

Uma vez ao tornar a casa, quando
erguia aldabra, o coração lhe fala.
- Entra, mas devagar! Para hesitando...

Nisto, nos gonzos range a velha porta,
ri-se, escancara-se. E ele vê na sala
a mulher como doida e a filha morta!

Ano XXXIX, 18/07/1965, nº 1996, página 02

Elogio do Silêncio

Raul Machado

Pensa em silêncio! É no silêncio apenas
que esplende o pensamento criador!
Destina as tuas horas mais serenas
para o milagre de uma ideia em flor!
Ama, em silêncio! Seu desejo acalma!
Vive em renúncia. Se preciso for,
Sacrifica os anseios da tua alma
em holocausto pelo teu Amor!

Sofre em silêncio! Guarda no teu seio,
num gesto heroico ou divinizador,
a queixa e o pranto de que vives cheio,
Como um repeito pela tua dor.!

Morre, em silêncio! Sê grandioso e forte,

no último lance desesperador,
tendo um sorriso para a tua morte
e um pensamento para o teu amor!

Ano XXXIX, 25/07/1965, n° 1997, página 02

Ato de Caridade

Que eu faça o bem e de tal modo o faça
que ninguém saiba o quanto me custou.

- Mãe, espero de Ti mais esta graça:

- Que eu seja bom, sem parecer que o sou.

Que o pouco que me dês, me satisfaça, se de pouco mesmo, algum sobrou,

que eu leve esta migalha aonde a desgraça
inesperadamente penetrou.

Que a minha mesa, a mais, tenha um talher,
que será, Minha Mãe, Senhora Nossa,
para o pobre faminto que vier.

Que eu transponha tropeços e embaraços:

- que eu não coma, sozinho, o pão que possa
ser partido, por mim, em dois pedaços.

Ano XXXIX, 08/08/1965, n° 1999, página 01

AO PAPAI

Radiante de alegria,
Na saudação que aqui vai,
Vem teu filho, neste dia,
Pedir-te a benção, Papai.

Numa rogativa a mais
No dia de tantos brilhos
Que Deus ilumine os Pais

Para a ventura dos filhos

Cândido P. de Almeida

Ano XXXIX, 08/08/1965, n° 1999, página 02

A um Poeta

G. B.

Li seus sonetos, padre... Infelizmente,
Não posso dar-lhe o louro a que faz jus.
Sou como apobre chama inconsistente...
Que posso dar ao sol, pleno de luz?

Se algo vale, no entanto, humildemente,
Peço ao céu, nestas frases que compus,
Manter fecundo, Padre, eternamente,
O alento desses versos que produz!

Que eles brilhem na treva das estradas,
Como o clarão de rubras alvoradas,
Como estrelas de paz e redenção...

Que vibrem de amor, na fé constante
De que a ventura mais tranquilisante,
É ter a Deus entregue o coração...

Ano XXXIX, 05/09/1965, n° 2003, página 02

Despedida de N. S. Aparecida

Adeus! Senhora Aparecida
Segui vosso itinerário
Confrontando vossos filhos
Com as contas do Rosário.

Boa viagem, Senhora!
Viemos nos despedir

De vós Mãezinha querida
Que tão cedo ides partir.
Deixastes em nossa cidade
Eterna recordação
Adeus, Mãe de bondade
Senhora da Conceição.

Vossos filhos confortados
Com a paz no coração,
Alegres Vos agradecem
A Santa visitação.

Lima Duarte, 28 de julho de 1965
Maria Aparecida de Oliveira

Ano XXXIX, 19/09/1965, n° 2005, página 02

Pingos do Coração

Noite fria – Sem Luar
Onde está a lua?!
Onde está o céu que eu agora não vejo?!
Tudo está entristecido.

Sinto falta da minha estrela.
Sinto saudades do luar.

Eu oro
E medito.

Minha vida tem vontade de dormir.

Está tão frio.
Por que essa chuva que não para?
E esse vento que não cessa?

Meu coração me chama.
Ouço suas batidas que me fazem viver.

Eu queria fazer uma prece.

Uma prece que levasse para o além
as minhas mágoas,
as minhas dores,
as minhas tristezas.

Eu queria cantar um salmo
que me trouxesse do Além
a felicidade,
a glória,
o bem.

Minha vida tem vontade de acordar.
Vejo minha estrela.
O temporal cessou.

Que luz é aquela que brilha lá no céu?
Serão os Anjos?
Será o Profeta?
Ou será ele?

Eu oro
e medito.

Bendito seja o mundo.
Bendito seja o céu.
Bendita seja a glória.

Ano XXXIX, 24/10/1965, nº 2010, página 03

Santos Dumont

Dileto filho deste solo amado,
Desta bendita terra do Cruzeiro,
Há de, seu nome ser sempre lembrado
Santos Dumont, o grande brasileiro!

O povo todo ouviu, maravilhado
E percorreu a nova o mundo inteiro
O desejo de voar tão cobiçado,
Santos Dumont venceu! Foi o pioneiro!

Lutou com desassombro e persistência
Pelo ideal deu toda uma existência,
Tendo a vencer dificuldades mil.

Ao conquistar, porém esta vitória,
Fez muito mais: Aos páramos da glória
Soube elevar o nome do Brasil!...

Cassiano Rodrigues Freire

Ano XXXIX, 24/10/1965, n° 2010, página 04

A Juventude fala

Sérgio Costa de Paula

Saudades:
Nas mãos do destino tu vens,
Morando ficas no coração que bate,
Que sempe a bater continua
P'ra que de saudades não venha morrer.
Relembrar o passado
É viver de saudades:
Separações que cerram a garganta cada manha,
E fazem morrer de saudade cada tarde.
Saudades é chorar

Quem nos disseram adeus;
Saudades é esperar
Quem nunca mais se verá com os olhos mortais.
Esperança e desespero: choros de saudades.
Amores longínquos,
Gente longínqua
Pátria longínqua,
Tristes e saudosas separações
Que o destino presenteia o coração.
Saudades:
Música que sopra em flores,
Que entre risos e luzes,
Em surtos incontidos de alegria,
Faz sorrir ao presente
Mesmo tendo chorado o passado.

Ano XXXIX, 07/11/1965, n° 2012, página 02

**Recordando-Te
(epicédio)**

Geraldo Piscioti

Foi numa destas tardes de outono,
Sem sol, cinzenta, esquálida, sem vida,
Que minha mãe, com lânguido abandono,
Se preparava para a terna ida.

Nunca olvidei sequer um só momento
As horas tristes desse amargo dia...
Horas que lembram todo sofrimento
Daquela santa, às portas da agonia.

Eu de joelhos aflito contemplava
Aquele rosto amado tão desfeito,
Que sorridente, outrora, palpitava

Transbordante d'amor contra meu peito.

As lágrimas, então, que despertaram
Aos gritos lacerantes da saudade,
Num frenético impulso começaram
A correr meus olhos, sem piedade.

Mamãe, porém, que havia claramente,
O meu tormento imane compreendido
Com um olhar patético e pungente,
Gemeu baixinho um débil: "Meu Querido"

Depois num gesto quase suplicante,
No extremo momento da agonia,
Sem força, murmurou-me tremulante:
"Recorda-te de mim somente um dia".
Foi neste instante amargo, ó mãe querida,
Que com o coração angustiado,
Senti que o sofrimento de tua vida
Para o meu peito havia transmigrado.

Eu tentei mostrar-te o meu tormento,
Em vão tentei dizer-te, soluçante,
Que nunca afastaria do pensamento
Aquele olhar tão mesto e suplicante.

Tu que alcançado, finalmente havias
O derradeiro fim de nossa vida,
Não mais de aqui e sim de lá ouvias
Os gritos de minh'alma dolorida.

Quantas vezes tentei bater à porta
Do teu quarto, como fazer soia
Quando tu inda não estavas morta,
Para ficar em tua companhia.

Os anos se passaram e minha vida
Atormentada ainda continua;
Olho para o teu quarto, ó mãe querida,
E, inutilmente, choro a ausência tua.

E de joelho sempre que anoitece,
Onde sofreste as penas da agonia,
Rezo por ti, ó mãe, u'a doce prece,
Rezo, com todo o amor, "AVE MARIA".

Ano XXXIX, 21/11/1965, nº 2014, página 02

Visão

Sérgio Costa de Paula

Tantos e tantos mistérios
enchem o mundo de tanta beleza.
As plantas e as flores
vestem-se por mãos invisíveis
de artista sem igual.
Os riachos e os rios
cantam a harmonia das cores
dos montes e vales por onde correm.
Os pássaros com suas plumas multicores
em suaves e rasantes vôos
desafiam a consagrada lei da gravidade.

Na terra:
o átomo desafia a argúcia científica.
No firmamento:
os astros são pontos de interrogação,
são pingos de mistérios.
E os sonhos evocam
no emaranhado subconsciente
a visão resplandescete da natureza,

querendo sua beleza compreender.
Sonho ao ver a majestade do universo criado;
E sonho é o meu pensar na razão do meu existir.
Meus pensamentos são ecos distantes
no profundo silêncio da noite,
e de pensar tenho medo
de que tantas e todas essas coisas
terminem como terminam
os sonhos dos meus dias.

Ano XXXIX, 19/12/1965, n° 2018, página 01

Senhor, hoje estou triste

Wilma Veiga Ribeiro

Senhor, hoje estou triste,
triste da vida, revoltada,
pois fui visitar um hospital
onde encontrei tanto sofrimento,
tanta tristeza,
que meus olhos chocaram.
Chocaram porque não puderam
compreender este mistério,
que é o sofrimento.
Caminhando pelo corredor,
ouvia gritos e choros,
sentia-me desajustada!
Porém, por trás das paredes,
Eu não ouvia, via perfeitamente,
O câncer, a tuberculose
e até mesmo a morte,
debaixo dos lençóis alvos!
Jovens, crianças, homens trabalhadores,
senhoras, todas faziam parte deste sofrimento!
Que tristeza!

Senhor!
Senhor! porque existe este momento?
Por que ele não morre?
Por que ele não cansa de viver?
Estou triste, estou revoltada, Senhor!
Fato, porque, eu queria ser
o bálsamo, a fonte de alegria,
a fim de arrancar dos doentes,
o sofrimento misterioso.
Estou triste, porque tenho
uma ânsia louca
de “matar” a dor
de exterminá-la do mundo,
de fazer sorrir uma criança doente,
de fazer andar um paraplégico,
porem não posso,
não posso fazê-lo
e é por isso,
Senhor, que hoje estou triste!

Ano XXXIX, 19/12/1965, nº 2018, página 04

1965

(para o álbum de Guilherme Nunes e
Agenor Nogueira)

Trezentos e sessenta e cinco dias...
Lá se vai o sessenta e cinco embora...
- Ano que deixa novas profecias
E vai singrando pelo tempo afora...
Vai tudo – tristezas e alegrias
E o pretérito sempre rememora
O clangor de misérias e porfias
Vencidas pela espreita doutra aurora!
E vão-se assim os anos, vão passando

E os encantamentos vezes mais calcando
Pelo egoísmo dos homens desumanos.

- Ah! se uns aos outros fossemos amar,
Teria a vida o ritmo do mar
E a suave música através dos anos!...

José de Carvalho

Ano XXXIX, 20/02/1966, n° 2025, página 01

Ilusão de ótica

Alguém me dissera
jamais ter visto
horizontes tão belos
como es de Belo Horizonte
e es de Brasília.

Ilusão de ótica pensei
Horizonte
infinitamente mais belo
vislumbro cada dia,
quando o SOL EUCARÍSTICO
se ergue silencioso,
e onipotente,
por entre as nuvens
alvas e rubras
das Sagradas Espécies
no momento augusto
da Elevação!

*Ir. Judith J. Villela
M. J. Cr.*

Ano XXXIX, 06/03/1966, n° 2027, página 02

Mãos anônimas

Mão polida, sedosa, dedicada mão de veludo, com unhas coloridas, multicores;

Mão pobre, mão rica, mão limpa, mão suja;

Mão que acaricia, que embala, que consola, que pune, que perdoa;

Mão que agarra ao colo, que oferece o seio para o rebento saciar a fome;

Mão que afaga, mão que abençoa, mão de Esposa, mão de Mãe, e mão de mulher.

Mão rude, gasta, calosa, mão de obreiro, mão que empunha ferramenta, que semeia, planta, colhe; que rasga a terra, que penetra nas suas Profundidades, estronda, arrebenta a mais dura pedra, o ferro, o fogo, mão que abre a via na rocha viva a poder de suor e sangue.

Mão mal fadada a sofrer agruras do sol e chuva;

Mão criminosa, mão sedenta de Sangue, mão que engana, enforca, mão que empunhala e mata, mão que rouba, mão que desgraça.

Mão benfazeja, mão que socorre e cura, mão que benze, consagra Cristo a nós;

Mão que segura o leme, que transporta, que acautela embarcações em terra, mar, e ar, ligando os povos.

Mão firme que projeta e risca, que traça rumo no horizonte, mão que rasga a estrada, que serpenteia por vales e montes espalhando progresso;

Mão que empunha arma por nós, que mata e morre por um ideal, em defesa da Pátria, da Família, das Instituições: É mão do homem.

Mão que proporcionou a grandeza Universal, mão que poderá destroçar o Mundo.

Mão anônima, por tudo que fizeste e continua fazendo, pelo seu arrojo, perícia e coragem, bem mereces um monumento assinalando os teus feitos.

Edison Vaz de Mello

Ano XL, 08/05/1966, n° 2036, página 04

Saudação Cristã – Dia das Mães

Francisco Marcelino

Mãezinha – razão de minha vida,
Na alegria e na amargura
À imagem da Mãe querida
Deus fez a tua, rica e pura:

porém, se não está mais entre você, mas na mansão eterna, então diga conosco:

Tu, que jazes na campa fria,
De ti, saudosa recordação,
Por ti oro noite e dia,
Em prece de saudação.

Ano XL, 15/05/1966, n.º 2037, página 01

“Alma das Coisas”

XIII

CONEGO ISNARD DA GAMA

Na Europa viajei muitas vezes, de trem.

Os “electricos” percorriam extensões imensas e gostava de contemplar a vastidão dos campos, as árvores desnudas pela riqueza do inverno.

Aquela morte aparente, de árvores sem folhas, encerrava muita VIDA!

Em pleno inverno, quando tudo se cobria de neve, eu pensava na floração da primavera, na seiva latente no coração da terra...

Gosto de ver a pequena semente, confiada ao segredo da terra fecunda.

Gosto de sentir a sua expansão, as flores que nascem, os frutos que rebentam.

Gosto de contemplar tudo isto, mesmo em hortas pequeninas, onde palpita, risonha, a alma das coisas!

Deus é o grande Agricultor.

Ele dá força à pequenina semente e cobre de pomes as copas das árvores.

Ele se desdobra pela erva dos caminhos e veste de esplendor a pureza dos lírios. Ele, primeiro, fez morrer a semente, para que brote, da

MORTE, prodigiosa VIDA.

Ano XL, 11/09/1966, nº 2053, página 01

Perfil Materno

(À Memória de D. Maria Cândida Morais Penido)

Eu a conheci de perto,
Dou testemunho, estou certo,
Que foi a MãE extremosa,
Simples, humilde, piedosa,
No silêncio de seu lar,
Soube viver e rezar.
Mulher forte da Escritura,
Sua nobre formosura
Se encontra nos filhos seus,
Criados no amor de Deus.
Não teve prata nem ouro,
O seu mais rico tesouro,
Foi a partilha do pão
Aos filhos de seu coração.
Velhinha – muito doente,
Inda mesmo inconsciente,
Tinha no rosto um sorriso,
Reflexo do Paraíso,
A beleza de sua alma,
Na expectativa da palma,
A morte que é vitória,
A posse de Deus na glória!

Na tarde daquele dia,
Ela não teve agonia
Deu um gemido profundo,
Deixou, de repente, o mundo,
E como prêmio-troféu:

- Foi logo viver no céu!

Ano XL, 13/11/1966, n.º 2061, página 02

Salmo Mariano

TORI

Ó Maria! a tua alma engrandece continuamente ao Senhor
E ao Deus Onipotente abrilhanta eternamente o teu espírito!
Porque sois a Bendita entre todas as mulheres!

Maravilhosa se formou a fecunda inspiração de Javeh
E a mão artista de Jeová cincelou-te prodigiosa!
Porque sois a tenda escolhida do Verbo!

Sois a Imaculada Conceição desabrochada na mente divina
E do coração do Criador, lírio florescido sem mancha
Porque sois o tabernáculo do Espírito Santo!

Cheia de graça proclamou-te abertamente o mensageiro do céu
E o Arcanjo celeste declarou te de vida divina. A plena!
Porque sois nascente da Fonte de águas vivas!

O Criador incriado aninhou-se humildemente no teu ventre
E o Espírito Santo desceu sobre ti, fazendo-te mãe do Verbo!
Porque sois a nova Eva, Mãe do novo Adão!

Caminho certo que leva sempre ao verdadeiro Caminho
E das vias que conduzem à única via, sois trilhos verdadeiro!
Porque sois Mãe do que é Caminho, a Verdade e a Vida!
Pastora carinhosa do rebanho do Bom Pastor
E da grei amada, diligentíssima zagala!
Porque sois a geradora do que dá a vida pelas ovelhas!

Mãe do Cordeiro, ovelha predileta do único rebanho
Do redil divino, membro escolhido e genitora do Crucificado!
Porque sois a Mãe do Cordeiro que tira os pecados do mundo!

Ó Maria! como é certo que a tua alma engrandece ao Senhor
E ao Onipotente, é visível, que exalta o teu espírito!

Porque sois sempre a Virgem Imaculada da gruta de Belém!

Ano XL, 20/11/1966, nº 2062, página 03

Foi assim que aconteceu

Carmen Sylvia Bastos Barbosa

Ela subira uma ladeira imensa.
Cansativa...
Quase interminável.
Foi dar numa porta de bronze,
Pesada...
Muito grande!

Na porta uma chave de ouro,
Também muito grande...
Com uma coroa de espinhos
Toda florescida de rosas vermelhas.
Ela parou diante da porta imensa.
Pousou o olhar demoradamente na chave de ouro.
Tocou de leve os dedos
Nos espinhos ponteagudos
Ainda tintos de sangue;
E aspirou o suave perfume
Das rosas que nasceram
Do sangue que tingiu os espinhos.
Ela sentiu uma sensação
De medo e indecisão.

Aquela porta de bronze,
Com a chave de ouro,
Com uma coroa de espinhos,
Toda de rosas florescida
Se abriria para ela?

E sem sentir,

De leve, muito de leve...

Bateu à porta.

- Quem bate à minha? porta?

Ela se curvou pesada

Sobre os degraus de pedra cintilante.

- Senhor! Quisera ser inocente como uma criança

Para vos dizer com alma pura:

“Amo a beleza de Vossa Casa

E o lugar onde reside a Vossa glória”.

- Porque chegaste humilde,

Lembrando a alma da criança;

Porque feriste nos espinhos que me feriram,

Mas não tocaste nas rosas que aspiraste;

Porque amas a beleza de minha Casa,

No calor da tua fé,

A porta se abrirá!

Ela sentiu junto da porta que se abria

Uma suave claridade

Nunca imaginada.

- Senhor! Eu não sou digna

De compartilhar da Vossa glória.

- Levanta-te, minha filha, e entra!

Deixa na soleira da porta

Todo o cansaço dessa grande trajetória

Lá dentro, te espera

Uma festa eterna de flores e estrelas

E ela entrou,

Tímida e humilde pela mão de Deus

Ao som de um “Aleluia” distante,
Que somente os anjos sabem cantar.
Atrás dela,
Pesada...
Muito grande...
Fechou-se a porta de bronze
Que só se abre para as humildes e puros de coração.

A Dom Geraldo e suas queridas irmãs, uma homenagem de admiração e respeito à memória de Dona Cândida.

Ano XL, 11/12/1966, n° 2065, página 04

Salmo Eucarístico TORI

Senhor Jesus! Porque te escondes na branca hóstia,
E no pão acima ocultas aos nossos olhos!
Como a chama late no fósforo, assim tu no Sacrário
E como na semente está a planta, assim Tu no Tabernáculo!

Quantas vezes meus olhos curiosos desejam descobrir-te,
E contemplar teu rosto almejam diariamente minhas pupilas!

Ouvir a música do teu retiro é o alvo do meu tímpano,
E o sonho do meu ouvido é captar a vibração do teu silêncio!

Mas, o radar da minha fé descobre-te nos acidentes,
E nas espécies te localizo com as antenas da minha crença!

Quando aflito venho falar-te das minhas penas,
E das próprias dores trato contigo quando apenado!

Porque estás aderido na hóstia como as dores no coração,
E como a aflição vive no peito, assim tu na Eucaristia!

Se alguma vez estou contente, gosto narrar-te as alegrias,
E meus gozos te narro quando optimista!

Pois, Tu invades o santuário, como a alegria meu espírito,
E como o júbilo minha alma, assim tu inundas o altar santo!

Senhor Jesus, Nevada branca hóstia cubra o leito da alma,
E o cobertor do meu espírito seja tecido com flocos do pão do céu!

Absorva-me o pão do céu, como a fonte fria à branca neve,
E como os flocos o manso córrego, assim tu me assimilas!

Ano XL, 01/01/1967, n° 2068, página 04

Salmo de Natal

TORI

Uma grande Notícia ecoa no céu estrelado de Belém,
E na cidade de Davi brilha a estrala fulgurante de Jacó!
Glória a Deus na gruta de Belém e paz no presépio ao Recém-Nascido!
Nasceu o Messias, o esperando dos santos Patriarcas,
e a Promessa dos misteriosos Profetas, apareceu numa gruta!
Glória a Deus na gruta de Belém e paz no presépio ao Filho de Davi!

As nuvens do céu orvalharam o Justo,
e a terra sedenta germinou o Salvador!
Glória a Deus na gruta de Belém e paz no presépio ao Redentor do Mundo.

Uma Virgem Imaculada enfaixa o Filho do Altíssimo,
e o Verbo, imagem do Pai, é envolto em panos por uma nazarena!
Glória a Deus na gruta de Belém e paz no presépio ao Filho de Deus!

O Criador do universo treme de frio numa mangedoura,
e nas palhas de um presépio geme o Fazedor de todas as coisas!
Glória a Deus na gruta de Belém e paz no presépio a Cristo-Deus!

A Plenitude da graça aninhou-se num menino,
e na tenda duma criança encerrou-se a Fonte de águas vivas!
Glória a Deus na gruta de Belém e paz no presépio ao Cristo-Água viva.

O braço poderoso do Pai dorme nos débeis braços de uma nazarena,
e no seio de uma filha de Davi se aconchega o Deus Onipotente!

Glória a Deus na gruta de Belém e paz no presépio ao Filho de Maria!

Uma alegre notícia ecoa no céu estrelado de Belém,
e na cidade de Davi brilha a Estrela fulgurante de Jacó!
Glória a Deus na gruta de Belém e paz no presépio ao Menino-Deus!

Ano XLI, 14/05/1967, nº 2086, página 02

A Sagrada Família

Em oficina modesta,
Na pequena Nazaré,
Viviam em santa paz
Jesus, Maria e José.

Enquanto o pai trabalhava,
No mister do carpinteiro,
O Filho se preparava
P'ra salvar o mundo inteiro.

Dirigindo o santo lar,
No labor de cada dia,
Era exemplo de bondade
A Santa Virgem Maria.

Esta trindade santíssima,
José, Maria e Jesus,
Por toda a face da terra
Espalhou divina luz.

Paulo Japyassú

Ano XLI, 11/06/1967, n° 2090, página 02

Traição

Con. Isnard da Gama

Nenhuma vilania é mais impura,
Nem mais negro o cinismo perpetrado,
Que perder, do cristão, a compostura,
E ser Judas na noite do pecado.

A miséria tramada em noite escura,
É mais grave que em dia iluminado;
A noite se reveste de ternura,
Traz conselhos ao pobre tresloucado.

Sendo assim, eu afirmo com certeza,
Ser maior atentado à natureza,
Aproveitar das trevas contra a Luz!

A traição é um crime inominável,
Mistério hediondo, indecifrável,
- Que a palavra cristã jamais traduz!

Ano XLI, 08/10/1967, n° 2107, página 04

Orquídea

Inspirada por Deus a Natureza
De tanta maravilha criadora,
Quis algo arquitetar em que a beleza
Ressaltasse de forma encantadora.

Tomando da mulher toda a esbelteza,
Da criança a candura sedutora,
Deste céu do Brasil toda pureza,
O cismar de uma virgem sonhadora.

Tudo isso misturou no seu crisol
As cores cambidantes do arrebol.

Da alquimia da pródiga Natura

Ficara no cadinho linda flor.
Sob as bênçãos de Deus, o Criador,
Uma orquídea surgira da mistura.

Ano XLI, 15/10/1967, n° 2108, página 03

Santa Teresinha de Jesus

Flôr divina do amor que a França eterna
Fez repontar à sombra do Carmelo,
O teu poder de santa é que governa
A minha alma que sonha um sonho belo.

Toda bondosa e gentil, tão pura o terna,
Nas minhas noites em que sofro e velo,
Vens me falar que existe a vida eterna,
E eu creio na esperança que revelo.

Freira do amor, flor da humildade santa,
Minha alma que chorava agora canta
E manda aos céus um hino em teu louvor.

Dedicada e gentil, rosa das rosas,
Nas veredas que trilho tormentosas
Derrama as rosas do divino amor.

João Ribeiro de Oliveira

Ano XLI, 29/10/1967, n° 2109, página 03

Grupo Escolar

“José Rangel”

50 Aniversários
Mui queridas professoras,
Vós que sois construtoras,
Com vosso contínuo afan,
Desse Brasil de amanhã
Deveis estar prasenteiras,
Como boas brasileiras,

Por ver passar esta data
A todos nós muito grata.
Cinquenta anos são contados
Que nossos antepassados
Erigiram este altar
Que é o nosso Grupo Escolar.
Quanto fruto sazonado
Ao Brasil tem ele dado!...
Meninos que aqui passaram
Grandes homens se tornaram,
A farda, a toga, o burel,
No Grupo “José Rangel”,
Toparam sempre aspirantes
Que se tornando importantes
Exaltam, hora por hora,
Nossa bela Juiz de Fora.
E fostes vós, professoras,
As exímias plasmadoras
Do nobre material
Tornado em homem integral.
Que sempre as bênçãos divinas,
Coroando as heroínas,
Desçam em chuvas de rosas
Sobre vós, almas formosas.

Paulo Japyassú

Ano XLI, 05/11/1967, n° 2110, página 01

Cena Campestre

F. FERNANDES SOBRAL F.

Desse homem no trabalho, o suor da frente escorre,
- Curvada para o chão, onde a semente medra -,
E ei-lo a lutar, do sol que nasce ao sol que morre,
Venha feri-lo a urze ou machucá-lo a pedra.

Acende-se o fogão à luz da lua cheia,

No terreno da casa onde a família vela,
E alonga-se a labuta em torno da candeia,
Em se apagando ao céu a derradeira estrela.
Já manhã, do apetite à face em vivos traços,
Vem o grupo assentar-se à mesa, no arruído
Da gente sã, viril, que em seus possantes braços
Recolhera da terra o fruto apetecido.

E o pão do trigo puro e o vinho que a toalha
Tange, num dia alegre e em frente à gente rude,
São dons que a mão do Pai, por toda parte, espalha
Aos que trilham a sacra estrada da virtude.

Caiam a chuva, o raio e a neve, a qualquer hora,
- Quais castigos de Deus, em duro experimento –
E aquele que agradece o seu prazer de agora
Há de louvá-lo, então, nas garras do tormento.

Ano XLI, 26/11/1967, n.º 2112, página 02

Dia na Roça

F. Fernandes Sobral

Chegou a primavera e, com ela, alguns barlumes
De esperança nutrida em sonhos vãos de inverno:
- há rosas nos jardins e dos sopés aos cumes,
Ostenta a verde serra o seu aprumo eterno.

Do vale o seio enfeita a fita azul do rio,
Que, desdobrada, vai perder-se além, no mar;
De aves sonoro bando, em longo desafio,
Canta, na construção dos ninhos, sem parar.
Distante, nas rechãs que ondulam no horizonte,
O bravo camponês empunha seu arado,
E, no sulco que deixa, abrindo o ventre ao monte,
Lhe atira uma criança o grão abençoado.

Surdo ruído se ouve ao longe, pela mata,

De golpes de machado uma árvore a abater;
Chia um carro e bois na estrada cor de prata,
Estrídula cigarra exalta o amanhecer.

A medida que o sol os raios seus decerra
E ao zênite caminha, em hálitos nefastos,
Todo o trabalho cessa e apenas, sobre a terra,
Se escuta o ruminar do gado pelos pastos.

Do mormaço que sobe e invade o espaço enorme
Nos toma e deixa inerte incrível lassidão
E de moita à sombra, em que o lagarto dorme,
Se deita o lavrador, cansado, em pleno chão.

Tudo é luz e calor que chegam, que fulminam,
Fazendo arder o sangue ao homem que trabalha,
E efervescer a seiva aos brotos, que calcinam,
Da comburência extrema à lúrida mortalha.

Nesse arriscar da vida, a que a ardentia arrasta,
Por pouco não se tem desventurado fim,
Que a Natureza, mão que se tornou madrastra,
A morte há de trazer, tão rudemente assim.

Mas, dentro em pouco, o sol, que, dantes, acendia
O campo e atormentava, à sede, o ser e a planta,
Se estende atrás do serro, enquanto a mataria
Desperta à fresca brisa e aos ninhos acalanta.

A tarde cai, um sino, em doce voz de monge,
A Ave-Maria lembra ao povo que anda ao léu;
Estrelas há no céu, mas piscam de tão longe...
Faz frio... Onde é que o sol agora se escondeu?!

Ano XLI, 17/12/1967, nº 2115, página 01

A “Rosa de Ouro”

Botões de rosas, na terra
são do jardim, o tesouro.

Riqueza maior encerra
esta bela “Rosa de Ouro”.

O Papa, benzendo a “Rosa”
neste Ano Jubilar,
quis à Virgem Gloriosa,
com muito amor, ofertar.

Que a benção desta “Rosa”
também cáia no seu lar,
os espinhos, transformando
nesta “Rosa singular”.

Rita de Cássia Santos Martins Ferreira

Poesias no Lampadário

Pe Luis Antônio Baldi Fávero

luisinhojf@ibest.com.br

Tel.: 32 9 9987-0376